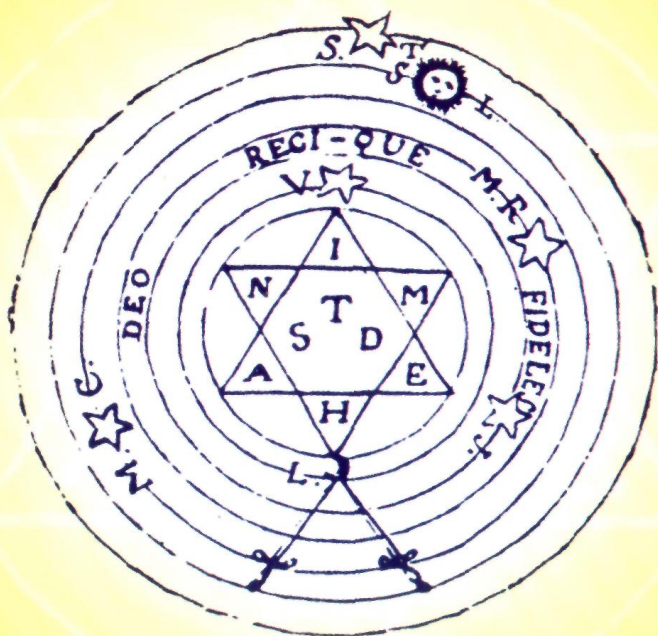


TRATADO DA REINTEGRAÇÃO DOS SERES

*em sua primeira propriedade, virtude
e potência espiritual divina*



MARTINES DE PASQUALLY

*Primeira edição autêntica segundo o
manuscrito de Louis-Claude de Saint-Martin*

organização e apresentação

ROBERT AMADOU

TRATADO DA REINTEGRAÇÃO DOS SERES

*em sua primeira propriedade, virtude
e potência espiritual divina*



MARTINES DE PASQUALLY

*Primeira edição autêntica segundo o
manuscrito de Louis-Claude de Saint-Martin*

organização e apresentação

ROBERT AMADOU

2ª Edição



ORDEM ROSACRUZ

Curitiba – PR

2008

Título original: TRAITÉ SUR LA RÉINTÉGRATION DES ÊTRES dans
leur première propriété, vertu et puissance spirituelle
divine.

Tradução: Rosana Macedo Pontes

COORDENAÇÃO E SUPERVISÃO

Charles Vega Parucker, F. R. C.

Grande Mestre

BIBLIOTECA ROSACRUZ

ORDEM ROSACRUZ, AMORC

GRANDE LOJA DA JURISDIÇÃO DE

LÍNGUA PORTUGUESA

Edição autorizada por:



Château d'Omonville

27110 Le Tremblay

France

2ª Edição em Língua Portuguesa
outubro 2008

ISBN-978-85-317-0188-7

Todos os direitos reservados pela
ORDEM ROSACRUZ, AMORC
GRANDE LOJA DA JURISDIÇÃO
DE LÍNGUA PORTUGUESA

Proibida a reprodução em parte ou no todo

Composto, revisado e impresso na
Grande Loja da Jurisdição de Língua Portuguesa
Rua Nicarágua, 2620 - CEP 82515-260
Caixa Postal 4450 - CEP 82501-970
Curitiba / PR
Tel.: (0**41) 3351-3000
Fax: (0**41) 3351-3065 ou 3351-3020
www.amorc.org.br

TRATADO DA REINTEGRAÇÃO DOS SERES

em sua primeira propriedade,
virtude e potência espiritual

O manuscrito utilizado para compor esta edição está disponível em fac-símile na Diffusion Rosicrucienne, Le Tremblay, France. Esse volume, editado em tiragem limitada e numerada, reproduz em formato original o manuscrito autógrafo de Louis-Claude de Saint-Martin. Essa magnífica obra constitui um verdadeiro documento histórico.

*Aos homens de desejo,
cegos ou lúcidos,
todos.*

ÍNDICE GERAL

Capa - Contracapa

Introdução	7
Da presente edição	56
Sumário do <i>Tratado</i>	70
Tratado da Reintegração dos Seres	71
Concordância	367
Índice de pessoas	376
Índice de lugares	379
Índice de temas	380
Índice analítico	399
Quadro Universal... (estampa anexa ao presente volume)	

INTRODUÇÃO

A COISA, A HISTÓRIA E A URGÊNCIA

Tudo advém da coisa, pela história e na urgência. Tal é a fórmula da *reintegração* em curso. Uma ciência a desenvolve e aplica, em torno dessa palavra-chave. Ciência do homem, certamente, e é a única que satisfaz nosso mais alto desejo. Na verdade, ela é ciência divina, e o homem é homem-Deus. Onde estudar essa ciência de técnicas eficazes, antes de dominar seu objeto, senão no *Tratado da Reintegração*, assim denominado por Martines de Pasqually? Eis, portanto, esse tratado, em sua primeira edição autêntica e completa. Lançando-se a ele de mente e coração, o leitor acabará compreendendo seus desejos e vivendo seu desejo até usufruí-lo perenemente. Por receio de um excesso de mal-entendidos e de que, em consequência, nosso livro confunda ou, pior, desanime, em vez de estimular, tratemos logo de explicar um pouco o seu triplo tema: a coisa, a história e a urgência.

-I-

A COISA

A coisa *é* a presença, a palavra e o gesto do Eterno. A Sabedoria, a verdadeira ciência e o verdadeiro culto mesclam-se nela, a ponto de merecerem, sob vários aspectos, o mesmo nome. O *Tratado*, que a coisa inspira e fundamenta, não tem outra preocupação senão a de nos convocar para ela, a fim de que a evoquemos para nós. A coisa é a questão crucial do homem, porque é a questão de Deus. Cerquemos, pois, essa coisa cúmplice: em guarda! Ela nos ataca com um motivo supremo.

1 - RELANCE TEOSÓFICO

O *Tratado* de Martines de Pasqually é um *midrash* judaico-cristão. Judeus, samaritanos e cristãos praticaram, sob o nome *midrash*, ora um comentário da Bíblia, ora a arte da homília, mas é comum que o mesmo livro combine as duas práticas numa narrativa, aumentada e anotada com grande liberdade, de episódios escriturários. O mesmo acontece com o *Tratado*, que revive a tradição judaico-cristã do *midrash*.

Ao ler o *Tratado da Reintegração* o leitor não saberá recusar o auxílio da Figura Universal, também chamada de Quadro Universal. Esse desenho reproduz a imagem de nosso mundo em seu presente estado. Esse estado insere-se numa sequência e é dinâmico. A força em atuação ousamos qualificá-la de historiosófica, uma vez que a Sabedoria regrou o jogo em que participam Deus, os espíritos, o homem e o universo.

Atentemos para o fato de que, no momento da figura, os espíritos, humanos e outros, são repartidos de maneira accidental. A prevaricação de alguns espíritos inaugurou o tempo e o espaço que o Quadro Universal detalha. Deus baniu os anjos rebeldes de sua corte divina, de sua imensidade. O universo, que os espíritos do eixo fogo central cercam, é o seu lugar de exílio. Ele provém de uma criação feita pelos espíritos que continuaram fiéis. Por ordem do Eterno, esses espíritos criadores realizaram sua tarefa proferindo, diz Martines, a palavra do filho octonário (octonária será, por conseguinte, a potência confiada ao primeiro menor).

De que serve ao homem conhecer esse dispositivo cujo plano se entreabre para a complexidade? Para agir e vencer. Para operar a reintegração, meta suprema e missão do homem emanado para este fim. A reintegração fará todos os seres entrarem na eternidade do amor divino. Entretanto, a posteridade de Adão não está mais apta a cumprir sua missão imediatamente. A queda do pai tornou necessária sua prévia reconciliação. O caminho dessa reconciliação é a iniciação.

Adão é o primeiro homem, nós também o somos, e, ao mesmo tempo, o último. O antigo Adão se renova em Cristo, segundo Adão. O homem de um desejo assumido (traduziremos no âmbito de Martines) confia-se à sagrada Sofia, nossa Mãe, Jesus, que é o Cristo, e, possuindo assim a coisa, possuído por ela, o homem, ou homem-Deus, imita com perfeição relativa o homem-Deus absolutamente perfeito, ou o homem-Deus e divino. Emprestaremos a linguagem dos Patriarcas da Igreja, que sustentavam que o homem torna-se, pela graça, não aquilo que Deus é, mas aquilo que

o Cristo é por natureza: Deus? De fato; isso pode e, na verdade, até deve ser inferido do Tratado. Mas isso não está formulado nele, nem mesmo com outras palavras. As línguas semíticas não empregam o verbo ser para cópula; o pensamento semítico também não.

O *Tratado* de Martines exorta o discípulo à teurgia cerimonial, que efetua a necessária reconciliação do homem e a reintegração universal. Essa teurgia é o ritual graças ao qual o homem trabalha no mundo angélico e, conseqüentemente, no mundo material e se comunica com Deus; ou trabalha em si e para si. Uma *Nova Instrução Cohen* tira a prática da reconciliação num sentido ascético e místico, sem trair a doutrina, sem excluir e até franqueando uma via adjacente de exercício secreto, que Martines estimava ser a via principal, se não ideal. E, escreve o autor anônimo que se assemelha a Fournié, um "tratado de ressurreição".

2 - O SÉCULO E A ETERNIDADE

“Os homens, porque não puderam sanar a morte, a miséria, a ignorância, resolveram, para serem felizes, não pensar a respeito”. “Se o homem fosse feliz, sê-lo-ia ainda mais se se distraísse menos, como os santos e Deus”. Em suma, “a única coisa que nos consola das nossas misérias é a distração e, no entanto, esta é a maior das nossas misérias”. Pensamentos de Pascal — e Saint-Martin louvava Pascal como tendo sido o mais avançado entre os que não possuíram a chave, ou seja, o verdadeiro plenário da reintegração.

“Vedes toda sorte de gente caminhando nas ruas; pois bem, essas pessoas não sabem por que caminham, mas vós, vós sabereis”. Com

essas palavras, Martines convidou Pierre Fournié a entrar na Ordem dos Elus Cohens. Sabereis, disse-lhe, em suma, por que o homem caminha e por que deve caminhar, qual é seu desejo e qual é o objeto de seu desejo, que ele macula se distraindo, caminhando na rua, por exemplo.

“*Deveríeis vir nos ver*”, acrescentou Martines ao abade Fournié, “*somos pessoas de bem. Abrireis um livro, folheareis algumas páginas, no centro e no fim, lendo apenas algumas palavras, e sabereis tudo o que ele contém*”. E tereis o segredo dos caminhantes, que é o vosso segredo. O livro a ser folheado é, com efeito, o homem, o homem livro vivo e livro de vida. A ciência do *Tratado da Reintegração* analisa esse livro, pois Martines jamais trata de outra coisa senão da humanidade essencial; o sentido de minha vida, isto é, seu significado e sua direção, sua orientação ou sua condução para o Oriente. O *Tratado* dirige-se a todos os homens, sem exceção. Não há ninguém que Deus não deseje e que, por sua vez, não deseje, ao menos secretamente, satisfazer em Deus o seu desejo fundador. Não há quem não revele assim esse desejo. Todavia, conforme as palavras de Saint-Martin, não há nada mais banal que os desejos e nem mais raro que o Desejo. Em virtude do quê a escapatória é um impasse: sim, todos os homens são homens de Desejo e capazes, dignos em algum grau, do *Tratado da Reintegração*.

Martines procura levar os "homens do século da incerteza" das suas buscas para a verdadeira ciência. Ele introduz sua gnose na problemática das Luzes. Sua teosofia está em conflito radical com o filosofismo e o ateísmo de seu século. Sua ciência é “*certa e verdadeira porque não vem do homem*”. Se Martines expõe essa ciência em seu *Tratado*, manual da Ordem dos Elus Cohens, este texto não estava destinado à edição. Ele era

reservado aos titulares do grau superior da Ordem dos Elus Cohens, os réaux-croix. Seria somente em 1899 que esse texto conheceria uma primeira edição (com mil defeitos). A presente edição, realizada segundo o manuscrito autógrafo de Louis-Claude de Saint-Martin, procura render justiça e serviço, finalmente. Fato e direito se encontram.

3 - A REINTEGRAÇÃO

Na teurgia residem o verdadeiro culto e a verdadeira lei, fundamentados na verdadeira ciência, para a causa — a coisa -da reconciliação humana e da reintegração universal — de novo a coisa, fim e meio. A teurgia cerimonial é maneira complicada de invocar o Eterno. Como invocar o Eterno? Martines, em seu *Tratado* (§ 84), apresenta como grande ancestral o profeta Enoque. Esse santo homem escolheu dez sujeitos para assisti-lo em seus trabalhos teúrgicos "lísticos caóticos". Infelizmente, Martines não explica em nenhuma parte o sentido "*dessas duas palavras, que pertencem às ciências espirituais divinas*". (Ele as tinha em grande conta, no entanto). Uma outra versão do *Tratado* fornece a variante "lísticos católicos". Um lapso? "Lístico" não é vocábulo francês, nem português, nem italiano, mas pode-se ler aí um hispanismo, induzido por "*listo*", hábil e capaz, brilhante e magistral. Ou seria "lístico" uma forma abreviada, por erro ou por tática, de "cabalístico" ? A hipótese, como veremos mais adiante, não seria incongruente, desde que se tome a hipótese supostamente subjacente num sentido amplo. Mas, seguramente, os trabalhos de teurgia são lísticos e "caóticos", visto que trabalham para restabelecer a ordem no caos que ameaça desde a origem da matéria.

Restabelecer a ordem prescrita para a reintegração universal, tal é a grande questão do homem de desejo. A coisa é o seu

meio e o seu fim. Esse estranho termo, "a coisa", Martines o utiliza frequentemente e, ainda que ele não figure no *Tratado*, é importante delinear seu significado. Para Martines a coisa é a Ordem iniciática que ele fundou e os Elus Cohens são os eleitos da coisa. Essa Ordem não tem outro sentido senão o de servir à coisa, isto é, levar os seus membros à meta que é o motivo mesmo de sua existência. Assim, a coisa designa a ligação com a Ordem e o desejo que seus membros devem cultivar para "progredir na coisa". A coisa é também o troféu da Ordem, é a grande questão, a reintegração, o retorno de todos os seres ao Princípio.

Nas operações teúrgicas a coisa se manifesta por efeitos iluminativos, luminosos, ou auditivos e táteis, que asseguram e guiam os Cohens em suas operações. A coisa é o ser espiritual que se manifesta; é a sabedoria, não apenas como verdadeira ciência e verdadeiro culto, mas a Sabedoria como princípio da verdadeira ciência e do verdadeiro culto, a causa deles. Numa *Explicação Secreta*, Martines prima pela clareza: "*Noé foi justo diante do Eterno, que verteu sobre ele o espírito santo de Hely, também denominado Sabedoria, que caminhava diante do Eterno, enquanto ele manifestava sua potência criando o universo, e que, a cada ato de criação, exclamava: "Tudo é bom".*

Pressagiando uma teologia surpreendente para seu tempo e o nosso, uma teologia arcaica, Martines declara a personalidade complexa da coisa, à qual nos conduziram as abordagens precedentes: a coisa é a Sabedoria personificada. Melhor ainda, ela é a Sabedoria pessoal, a que Fílon já dera o nome de Logos, e tem relação especial com o Cristo. Martines, cristão primitivo e judaizante, hesita entre as pessoas e os atributos ou funções, e, para ele, Deus toma lugar, de determinado ponto de vista, entre os anjos, como fazem tantos

mensageiros humanos. Algumas vezes a mesma pessoa angélica se parece com um profeta ou com o Eterno especificado. Martines pensa e sente como um cristão de duzentos anos antes do concílio de Nicéia.

A coisa é o espírito santo (iniciais maiúsculas adulterariam o pensamento e o sentimento de Martines), o espírito santo de Hely é o espírito santo do Cristo, posto que Hely — profeta, anjo e Deus — é o Cristo. O Cristo, Anjo do Grande Conselho, de nome supereminente e tácito, como necessário, age pelo espírito santo com o nome misterioso de Hely (ou Rhely). E é a Sabedoria ou a sabedoria; a coisa que nos sentimos tentados a escrever "A Coisa". Resistiremos a isso, por receio do equívoco.

A coisa é um ser, este ser é uma pessoa e esta pessoa tem um nome entre os cristãos: Jesus, chamado de Jesus Cristo e, muitas vezes, o Cristo; porque ele é (mesma palavra, mas em hebraico) o Messias, Martines repete muito isto? Ora, não chamando a coisa de nenhum outro modo senão por esse substantivo de aparência tão vaga, chamando de coisa a causa de tudo, a coisa por excelência, delineia-se um dos outros sentidos da palavra "coisa", a saber, aquilo que não se pode ou não se quer nomear. O *Tratado* omite essa palavra, porque a substitui por sinônimos determinantes, em benefício dos iniciados, mas o fato de eles serem vários e intercambiáveis não prova que o nome da coisa permanece inefável, ou que o esoterismo de nenhum dos seus nomes escapa à palavra carnal? Saint-Martin, em seu primeiro livro, chama a coisa de "causa ativa e inteligente". A atividade da coisa começa com a Criação e não cessará com a grande reconciliação ou reintegração. Nesse intervalo, a coisa faz o Reparador e depois fará o constante Aperfeiçoador

A relação com a coisa em Jesus-Cristo-Sabedoria significa também a presença no mundo, mediadora em seu nível, de

outros anjos além do Anjo do Grande Conselho, e a ele subordinados. Sabedoria ou Glória, a coisa é a forma sob a qual Deus se faz presente e se comunica, e sob a qual ele quer que o homem o procure. Martines ensina que isso se dá por meio da teurgia cerimonial. Saint-Martin, após alguns anos de práticas teúrgicas, preconiza que se busque a coisa pelo interno. Embora não negue o valor da teurgia, ele denuncia seus perigos e insiste em seu caráter facultativo.

As teofanias anteriores à Encarnação são manifestações divinas do Filho, disto ganhamos consciência. A causa comum das teofanias, inclusive a da coisa — que é ser e pessoa — é, para Martines de Pasqually, o espírito santo de Hely, o Cristo em Sabedoria, o Cristo em Glória. A reintegração é o tema central do nosso *Tratado*; ela se faz na coisa, pela coisa e com a coisa. Ela é a coisa nesse sentido e, igualmente, no sentido da grande questão do homem, o final, cada vez mais urgente, da história universal.

Conhecer o Ser Supremo e também aquilo que faz parte da realidade e da aparência, tal é a verdadeira sabedoria. Conhecimento da matéria e de sua origem, de suas essências constitutivas e de sua fatal decomposição. Conhecimento do Ser Supremo e das vias que ele abriu para a reintegração da alma ativa no homem, por ele emanada, conhecimento do objetivo desta reintegração. Conhecimento, enfim, dos diferentes espíritos auxiliares, igualmente emanados de Deus, mas anteriores ao homem. O conhecimento útil ao homem diz respeito ao homem, obviamente; como não seria, então, conhecimento do homem em si? Portanto, conhecimento da matéria e do Ser Supremo, mas também, consequentemente, do espírito humano. Esse conhecimento visa a reintegração da matéria e da alma passiva do homem, que não lhe é essencial

nem exclusiva; visa ainda a alma espiritual ativa, cuja reintegração possui um outro sentido, positivo, em consonância com sua essência divina. Conhecimento, enfim, do espírito mau e da legião de fora e de dentro. O homem reintegrado reassumirá sua posição diante da Divindade; na expectativa e, desde que seja reconciliado, no final de uma ascensão através das esferas planetárias — muitas etapas psíquicas, morais e espirituais — ele repousará, junto de seu primeiro pai e dos eleitos de outrora, no círculo de Saturno.

-II-

A HISTÓRIA

No *Tratado*, Martines de Pasqually narra, do interior, uma história sagrada, branca e preta, cujo vetor é santo. É a hagiografia do judaico-cristianismo. É uma messialogia, uma cristografia. Ela tem como mola a causa ativa e inteligente, que é a coisa, na qual Deus e o homem se unem, tendo em vista a reintegração dos seres.

1 - DE ONDE VEIO O TRATADO?

Martines diz que nasceu em Grenoble, em 1727. Sua família paterna era, supõe-se, de origem judaico-espanhola marrana ou, mais exatamente, semimarrana, visto que crenças cristãs são parte integrante de sua fé e de seu conhecimento. Tudo parece indicar que a família de Martines conservara por trezentos anos uma tradição esotérica judaica. Mas o judaísmo em questão é um judaico-cristianismo que remonta a épocas anteriores à família de Martines. O judaísmo e a judeidade de Martines levantam o problema das fontes do *Tratado da Reintegração*.

A China, para Martines, não é uma fonte mas um tema simbólico. É no Oriente, no berço da história sagrada, que convém procurar a origem da filosofia de Martines. Ali nasceu a teosofia judaica e depois a cristã, ou seja, judaico-cristã, antes de emigrar: cabala (Provença, Espanha e Itália) e chassidismo (Polônia).

Segundo Willermoz, Martines sucedeu “*ao seu pai, homem culto, distinto e mais prudente que seu filho, de poucas posses e residente na Espanha*”. Martines fala de conhecimentos que “*seus predecessores lhe transmitiram*”, de “*papéis e instruções secretas*” que lhe foram confiados. Mas reconhece também que sua ciência é fruto de um trabalho de reflexão e ascese. A própria sabedoria me ensinou, escreve Martines no *Tratado*, a própria Sabedoria.

A sociedade dirigida por Martines é uma “sagrada ordem religiosa”, cujas formas externas são maçônicas. Uma patente — autêntica ou apócrifa, ou, ainda, arranjada — permitia a Martines trabalhar para a instalação dos Elus Cohens, prematuramente. Entretanto, as Lojas de Bordeaux e a Grande Loja da França não aceitavam isso, e o início maçônico de Martines foi difícil. Mas, enfim, ele constituiu a Ordem na França.

Martines a presidia como “*um dos sete chefes soberanos universais*”. Sua direção pessoal abrangia a Europa. Do chefe supremo da Ordem ele só tinha o direito de falar “alegoricamente”. A Ordem dos Elus Cohens repousou unicamente sobre Martines de Pasqually, ou o grande soberano do Ocidente era, em pessoa, “*um dos sete espíritos bons cuja verdadeira natureza só se pode compreender lendo o livro dos Macabeus, espíritos que são invisíveis como as tribos desaparecidas de Israel, mas que continuam agindo, de seu asilo invisível, sobre o mundo profano*”} A segunda hipótese é de Fournié; ele acreditava nisso.

O *Tratado da Reintegração* é um *midrash*. O que significa que Martines possui a Bíblia, isto é, neste caso, o Antigo e o Novo Testamento. Só a parte veterotestamentária desse *midrach* viu a luz do dia, e, mesmo assim, muito incompleta. Episódios

do Novo Testamento são citados com frequência. Martines não ignora os múltiplos *midrashim* anteriores, isentos de toda referência cristã, ainda que não se submeta a eles. Os complementos que enriquecem as narrativas do *Tratado* aparecem muitas vezes na literatura talmúdica, rabínica e cabalística. Não é temerário pensar que eles provenham dali, direta ou indiretamente. Muitos detalhes advêm do que se pode chamar de esoterismo cristão, no sentido mais tradicional, e, por conseguinte, do cristianismo primitivo, do judaico-cristianismo.

Martines de Pasqually é um filósofo religioso e um teurgo; seu sistema possui uma evidente afinidade com as bases gerais da cabala e, em particular, com alguns movimentos cabalísticos.

Na primeira metade do século XIX o historiador maçônico Claude-Antoine Thory aponta três fontes de Martines: o *Calendarium naturale magicum perpetuum*, de Tycho-Brahe, impresso em 1582; o *Umbra Idealis Sapientiae generalis*, de Esprit Sabbathier, em 1679; e a *Carta filosófica e matemática acompanhada do Calendário mágico e perpétuo*, do ocultista contemporâneo Touzay-Duchanteau. De fato, a similitude dessas três obras com alguns elementos da teurgia dos Elus Cohens é flagrante, ainda que essas tabelas combinatórias não sejam citadas nos textos Cohens. Do mesmo gênero são a *Virga Aurea*, a *Esteganografia* de Tritemo e a *Filosofia Oculta* de Cornélio Agrippa, mais bem redigido, e ainda que este último favoreça mais o aperfeiçoamento pessoal do que o cuidado do cosmo confiado aos Elus Cohens, com o cuidado de sua reconciliação individual e correlativa.

Com Alfonso, o Sábio, as práticas ocultas se fortalecem em Toledo; ele manda traduzir para o latim o *Sefer Raziel*, bem

como o *Ghayat al-Hakjmi*, o célebre *Picatrix*. A obra, muito lida e aplicada nos séculos XV e XVI, é, no fundo, mais mágica que teúrgica; mas, afinal, a teurgia não emprega os fatores mágicos e não é uma magia sublimada?

Após um século XIV cabalista, ocorre as perseguições do XV e a expulsão dos judeus da Espanha. Os judeus-espanhóis difundem a cabala ao redor da Bacia Mediterrânea. Alguns deles se dispersam em Portugal, nos Países Baixos, na Grã-Bretanha e na Itália. Com os espanhóis Cordovero e Issac Louriah esse misticismo judeu revive em Safed da Galiléia e na África do Norte.

Na Florença da Renascença a magia vai conhecer um desenvolvimento particular. Ficino desenvolve um amálgama mágico de neoplatonismo, hermetismo e cristianismo, mas sem nada de cabala. Picco delia Mirandola e Reuchlin forjam, no fim do século XV uma cabala cristã e praticam uma magia angélica. Agrippa e Tritemo seguirão nessa via. Picco delia, em paralelo com o judeu Yohanan Alemanno, ocupa-se dos anjos e das *sefirot*, que ele identifica umas com as outras, e de Deus. O papa Alexandre VI entra em acordo com Picco delia Mirandola para conciliar de maneira prática essa magia cabalística com o cristianismo. A cabala dita cristã é autorizada pelo hermetismo, que, por sua vez, é justificado por *uma prisca theologia* ecumênica em que se avizinham os profetas Pitágoras e o Trismegisto, Platão e Orfeu, Zoroastro e Moisés. O encontro, a interação ocorrera, todavia, na Espanha, na geração anterior à expulsão, cristianizadora (somos tentados a dizer) de um pré-martinesianismo.

Se a cabala italiana pende para a filosofia, a cabala espanhola é antes de tudo teosófica e teúrgica, trabalhando para restaurar

a unidade divina. Estamos mais perto do que parece da reintegração segundo Martines. A cabala mágica na Espanha, no século *XV*, antecipa a cabala de Louriah. Essa magia, onde a teurgia serve de messianismo, vai além da obediência aos mandamentos legais do judaísmo rabínico.

Após a Renascença as duas linhas, que tinham se cruzado, divergirão de novo: de um lado a magia ligada à cabala cristã e ao neoplatonismo; do outro, a magia e a teurgia judaica. Impossível situar Martines de Pasqually lá ou cá. Mas a identificação dessas duas linhas não poderia ser indiferente ao estudante do martinesianismo.

A particularidade mágico-teúrgica de Martines se explica em relação à cabala. Sua teurgia como sua teosofia não são especificamente cabalísticas, até por que elas se exprimem num contexto cristão inalienável. Uma influência, por ressonância, tia cabala não deve contudo ser excluída, tampouco a influência direta de algumas obras.

Na cabala como em Martines primam os temas teosóficos da descida e da subida; da queda, da dispersão e da restauração, da reintegração. O *gilgul* cabalístico das almas, isto é, sua circulação, desde a fragmentação da alma de Adão, estaria tão afastado assim da recorrência profética em Martines, se ele exemplifica com a passagem da alma de Seth para Moisés, antes de se manifestar no Messias? Enfim, as técnicas de meditação e de união estática e as visões sobrenaturais aproximam a cabala e o sistema dos Elus Cohens, a magia e a teurgia, que se frequentam muitas vezes.

No ponto de incerteza no qual a personalidade social de Martines nos imobiliza, vejamos, na esfera do fundador da

cabala cristã, Picco delia Mirandola, a nova interpretação das estranhas palavras com que o *Tratado* qualifica os trabalhos dos Elus Cohens e de seus predecessores: "lísticos caóticos". Uma variante, como vimos, lê "católicos" em vez de "caóticos". Se "lísticos" nada mais são que "cabalísticos", palavra amputada voluntariamente ou por descuido, o segundo adjetivo, "católicos", tomaria um sentido igual ao de Picco na "filosofia católica" (isto é, universal, dentro da Igreja Romana, cujo catolicismo, ou universalidade, seria assim realizado). A expressão martinesiana designaria, do mesmo modo, uma espécie de cabala especulativa. E Martines acrescentaria a ela uma teurgia, como Picco acrescentou uma magia à sua cabala, muito embora a cabala prática e seus análogos entrem na teurgia de Martines muito mais e muito melhor do que na magia de Picco.

2 - NA SINGULAR RAMIFICAÇÃO DE UM RAMO CONDENADO

Martines é ao mesmo tempo cristão e judeu, alguém da divisão. Ele realizou essa síntese por si mesmo ou ela já existia em sua família? É impossível responder, já que a unidade judaico-cristã preexistia na Espanha original de Martines (salvo engano). A teoria de Martines tem como resumo o *midrash* do século XVIII, que é o *Tratado da Reintegração*. O gênero a que pertence esse texto surpreenderá o leitor pouco conhecedor do judaísmo e do cristianismo do primeiro século, por duas razões: por ser um *midrash* e por ser judaico-cristão. Leia a epístola de Judas, o irmão do Senhor, e a de Tiago, o Justo, e você constatará que Martines não é nem aberrante nem isolado. A Igreja de Judas é a Igreja de Tiago, primeiro bispo de Jerusalém. Martines se coloca na continuidade dessa Igreja oficialmente desaparecida.

Martines era judeu? Essa pergunta inquietou os seus contemporâneos. Sua mãe, com quem seu pai se casara na igreja, não era judia. Ele foi batizado, casou-se na igreja e deu várias mostras de sua ligação com ela. No entanto, pode-se dizer que ele conservou uma sensibilidade judia. Se, por um lado, admirava as virtudes dos primeiros patriarcas, por outro, menosprezava os líderes do judaísmo moderno. Censurava os judeus por terem se recusado a reconhecer o Cristo. Martines é judeu ao mesmo tempo que cristão, e este traço essencial liga-o a uma forma de cristianismo e de judaísmo muito antigo, primitivo.

Que é o judaico-cristianismo? Os verdadeiros judeus são cristãos, deveríamos dizer verdadeiros cristãos, sem deixarem de ser judeus, e os primeiros cristãos eram judeus. Nos últimos cinquenta anos os avanços dos estudos relativos às origens do cristianismo foram sem precedente. Ficou claro que o panorama do judaísmo no século I é de uma riqueza e mesmo de uma variedade insuspeitadas; que o Novo Testamento, que pertence ao cristianismo primitivo, e o Antigo Testamento, em cuja história o Novo se insere, estão ambos inseridos no contexto da religião greco-romana da época; que a variedade das comunidades cristãs em nada fica a dever para a das escolas judaicas, com as quais verificam-se analogias. Há, portanto, uma espécie judaico-cristã tanto do gênero judeu como do gênero cristão, mas o próprio judaico-cristianismo não é um monolito. O judaico-cristianismo de Martines é, no século XVIII, uma dessas espécies. Essas espécies se distinguem por seu grau de judaísmo e de cristianismo, o qual se mede pela bitola da cristologia, a crença mínima sendo a da messianidade de Jesus, o Nazareno, e a máxima, a da admissão da deidade (ou a divindade indecisa?) do Cristo, de Jesus Cristo - seja

ela eterna, inata ou adquirida, por exemplo, com o batismo de João — a qual, em todo caso, não implica o dogma estrito e definitivo, definitivamente verídico, da Santíssima Trindade.

Os cristãos de origem judia constituíram, desde o início do cristianismo e durante vários séculos, grupos particulares dentro da Igreja, conservando a observância dos ritos judaicos. Foi o caso da comunidade de Jerusalém presidida por Tiago, o irmão do Senhor e de Judas.

O judaico-cristianismo ilustra a analogia entre a diversidade do judaísmo e a diversidade do cristianismo no século I, situando-se na linha dos escritos intertestamentários. Nessa linha: o Filho do Homem, que poderia não passar de um homem comum, mas que é o homem por excelência, esperança e paradigma do homem comum, segundo seu desejo essencial, saudoso do passado e do futuro, os céus, os bons e os maus anjos, o espírito e os profetas (estendendo-se este termo a personagens do Antigo Testamento que nem sempre o portaram), o combate das trevas contra a luz, a escatologia do perpétuo hoje e do amanhã sem amanhã.

Textos de Qumran anunciam o futuro *Sefer ha-Razim* e os textos mágico-teúrgicos do século I de nossa era, vinculando-se, por seu lado mágico, onde a carruagem se põe em marcha, à cabala e ao misticismo judaico dos tempos modernos. Mas é de mágico-teúrgico-místicos que devem ser qualificados todos esses textos e todos os textos congêneres, até mesmo o ritual Cohen, a despeito de seus respectivos alto-relevos e correndo o risco de que o qualificativo sofra um pleonasma ou um duplo pleonasma. Foi sublinhado que essa corrente do judaísmo tinha, aqui e ali, penetrado o cristianismo, mas, desde o início, ela tinha sido assimilada pelo judaico-cristianismo.

Ao judaico-cristianismo pertence o ebionismo, com sua cristologia baixa. Os ebionitas são próximos de Qumran, cultivam a angelologia e o adocionismo. Eles rejeitam a identidade ôntica entre Deus e o homem Jesus: nem o nascimento sobrenatural nem a preexistência ou a deidade. Jesus é um homem que se torna Cristo e Filho. O ebionismo é o ancestral do elcasaísmo, uma comunidade muito próxima dos essênios e dos terapeutas. Para os elcasaítas, o Cristo é Deus, mas num sentido restrito, e Jesus se reencarna perpetuamente. Os ebionitas e os elcasaítas são os herdeiros extraviados do grupo apostólico.

O judaico-cristianismo foi relegado pela Grande Igreja no século IV. Ele se metamorfoseia no maniqueísmo (no país dos partenos...) e no islã; todavia, alguns grupos subsistirão e é deste lado ainda pouco explorado que devemos buscar a ascendência religiosa, teosófica e teúrgica de Martines na história.

Entre os escritos judaico-cristãos, as obras do Pseudo-Clemente nos oferecem uma transição literária entre o judaico-cristianismo e o *Tratado* de Martines. *Homílias* e *Reconhecimentos* apresentam resquício de uma corrente da época apostólica hostil a Paulo. O dogma fundamental deles: Deus e seu profeta — profeta verídico e genuíno, *Verus Propheta* — repetem-se através dos tempos, de Adão a Jesus, passando por Moisés. Seus pilares fundamentais são os dois *Testamentos* e a lei; os anjos e os demônios e todas as almas, todos engajados na luta da luz contra as trevas. A morte e a ressurreição de Jesus Cristo não estão no centro, mas a Sabedoria reguladora é a alma e a mão de Deus. A Ordem de Martines floresce na singular ramificação de um ramo relegado, condenado.

3 - O BOM SENSO

Martines se escandaliza com as três pessoas em Deus. Para ele, Deus é um e sua essência é quaternária. Essa quaternidade, Deus a manifesta pela emanção dos primeiros seres em quatro classes. Martines denuncia o dogma da Trindade, mas vê em Deus três modalidades de expressão: o pensamento, a vontade e a ação. Essa trindade de operação se exerce por meio de espíritos, e será posteriormente também o apanágio do homem. Os anjos — que, em Martines, são e não são os espíritos — desempenham uma quantidade enorme de papéis para com Deus e o universo! Martines mostra em seu *Tratado* como esses seres emanados traíram e a história começou. Essa ruptura exigiu a criação material destinada a servir de casa de correção para os rebeldes. O homem é então emanado para dirigir o universo. Na companhia dos anjos que permaneceram fiéis, ele deve trabalhar para a reunificação de todos os seres. Os anjos bons são para o homem órgãos necessários. O trabalho imputado ao homem, o culto verdadeiro, consiste, portanto, em se relacionar com esses agentes intermediários. Os anjos são como pseudópodes do mediador supremo. Sua eficiência advém de sua subordinação ao Reparador ou Mediador Universal, Cristo, Messias, Sabedoria, a coisa.

Adão é o primeiro *elu*, ou eleito, chamado a operar a reintegração. Ele é o *reau*, o ruivo, feito de terra vermelha. Ele é o rei do universo, homem-Deus fortíssimo em sabedoria, virtude e potência. Adão é homem-Deus, emanado à imagem e semelhança de Deus. Imagem de Deus, ele porta o selo quaternário; Martines o chama de "menor quaternário". Semelhante a Deus, ele possui três faculdades de expressão: pensamento, vontade e ação.

Adão vive primeiro fora da dimensão temporal e espacial, na meta-história, embora sua missão o obrigue a fabricar para si um corpo glorioso, a fim de obrar no mundo criado. Sua própria queda o condenará ao exílio terrestre. Ele conserva, escondida nele, a imagem de Deus, mas da semelhança ele só guarda as faculdades de vontade e ação, porque ele se isolou do pensamento de Deus. O homem deve se reconciliar para reencontrar sua triplicidade de operação; como está, ele necessita dos outros espíritos para pensar. Por sua vontade, incumbe-lhe, contudo, escolher entre os pensamentos dos bons espíritos e os dos maus, que tentam desencaminhá-lo. Privado do Sol supremo, ele tem um guia como archote, um "bom companheiro": o seu anjo da guarda.

Mesmo exilado o homem conserva seu status e continua ocupando o centro do universo, onde sua missão deve ser exercida. Deus, entretanto, não deixa o homem sozinho em sua missão. Ele lhe envia ou escolhe entre a humanidade os eleitos, ou seja, homens que têm em si algo angélico ou divino. Muitos deles são profetas e são escolhidos para manter o verdadeiro culto entre os homens. Martines classifica esses eleitos em três categorias e fornece uma lista deles: Hely (não Elias), Enoque, Melquisedeque, Ur, Hiram, Elias e o Cristo (ou Messias). Uma outra lista compreende Abraão (algumas vezes Adão e Abel), Enoque, Noé, Melquisedeque, Josué, Moisés, Davi, Salomão, Zorobabel e o Messias.

Através de todos esses eleitos circula, em graus variados de presença, um só e mesmo espírito: o profeta recorrente, o Messias coexistente com e na humanidade em vias de reintegração. Um nome domina o desses eleitos: Hely. Ele é onipresente no *Tratado* e seu papel é essencial na salvação dos homens.

Martines diferencia Hely (que às vezes ele escreve Rhely) de Elias. Elias é, depois de Moisés, a maior figura do Antigo Testamento. Como Enoque e, mais tarde, o Cristo, na Ascensão, Elias sobe aos céus numa carruagem de fogo. Seu retorno é anunciado para os tempos messiânicos. Para alguns, Elias, como Melquisedeque, é um anjo encarnado. Outros supõem que, após sua elevação, ele se tornou o anjo Sandalfon, assim como Enoque se tornou o anjo Metatron. A tradição judaica faz de Elias o precursor do Messias, e o Pseudo-Clemente discerne nele o profeta recorrente. Martines fará o mesmo. Judeus, judaico-cristãos e cristãos da Grande Igreja concordam sobre a figura messiânica do profeta Elias. Os judeus sustentam que o Espírito não só inspira Elias, mas está associado a ele. No baixo-judaísmo o Espírito é dado ao Messias. A tradição judaico-cristã restaura essa última tradição sem negligenciar a primeira. Elias se torna um quase-Messias ou um Messias sacerdotal. Martines participa no mal-entendido, porque Hely tem a ver com o Espírito.

Na época de Jesus as pessoas se interrogavam para saber se ele era Elias. Os círculos judaico-cristãos ou gnósticos ensinavam que o espírito ou o Espírito que séculos antes estivera com Elias, o espírito de Hely, fez, durante o batismo no Jordão, sua junção com Jesus, que teria assim se tornado o Cristo, isto é, Messias (em grego). Martines foi educado ou recebeu essa concepção judaico-cristã que faz de Jesus o Hely, desde seu nascimento, ao que parece, ou desde bem cedo.

Tenhamos em mente, no que diz respeito ao *Tratado* e outros testemunhos do judaico-cristianismo, a recorrência de Elias, tipologia conjunta, em ligação com o messianismo, com o Messias, e, em razão da ligação com o Espírito, segundo a tradição rabínica e judaico-cristã, com Jesus Cristo e sua Sabedoria,

Jesus-Cristo-Sabedoria; o Espírito e Jesus-Cristo-Sabedoria associados ou conjuntos, segundo a tradição judaico-cristã. O Espírito que é também o Hely de Martines; Jesus-Cristo-Sabedoria que é a coisa. É preciso voltar incessantemente a esse ponto, e não deixaremos de fazer isto. Nem de admirar Rhely.

Hely é o Cristo, inseparável do espírito, um ser pensante, o novo Adão. Hely é o Cristo sempre presente nos profetas, por seu espírito e sua virtude. Esses profetas são o Profeta que retorna, o Messias sempre presente entre os homens, com diferentes nomes. Para Martines, repetimos, Hely é o Verbo e o Espírito, a Sabedoria que caminhava diante do Eterno quando da criação, o *Verus Propheta*, o líder dos anjos. A permanência divina não exclui a progressão profética. Hely é primordial, é o mais forte; o Cristo é o último, que arruma e fecha tudo. Martines passa, sem problema, de Hely, o espírito santo, para o Cristo, o Messias. Um e outro, quando os distinguimos, animam a corrente dos profetas, na qual eles estão, na qual ele está, com nomes próprios e respectivos, nas duas extremidades. Todos os profetas são figuras do Cristo e suportes de Hely, que chamamos de Cristo, eminentemente.

Mâchiah, o ungido, transcrito como Messias e traduzido para o grego como Christos, retorna umas quarenta vezes no Antigo Testamento. Ele se aplica a personagens consagrados por uma função sagrada: reis, sacerdotes ou profetas. O Cristo é o reconciliador universal, o reparador universal. O Cristo ou Messias não se limita à pessoa de Jesus, que apenas o contém, e sempre esteve com os filhos dos homens. Incógnito, é também uma tradição importante dos judeus e dos judaico-cristãos.

Ao Cristo pertencem três grandes atos. Pelo primeiro, com o nome de Hely, ele reconciliou Adão após a queda. Pelo

segundo, sua encarnação em Jesus, ele reconciliou todo o gênero humano. A hora do terceiro soará no fim dos tempos, na reintegração final. O Cristo deixou uma Igreja e uma liturgia que incorpora elementos de tradição muito antiga. Martines sustenta isso e identifica essa religião com o catolicismo romano que ele professa, mas à custa de alguns ajustes e de quantos mal-entendidos!

— III —

A URGÊNCIA

Com urgência, a coisa que é essencial e a história que é perpétua requerem o homem, a fim de que, em espírito e em verdade, ele solicite a coisa e feche a história: agir, sabendo, para vencer.

1 - TEURGIA NECESSÁRIA E DIVERSIFICADA

Perseguir os espíritos perversos e levá-los ao culto do Eterno, comunicar-se com o santo anjo da guarda em colaboração com todos os bons anjos, progredir tanto moral como iniciaticamente, em seu coração como no cosmo, para a reconciliação pessoal prévia à reintegração de todos os seres, tal é a teurgia segundo Martines — palavra que ele não emprega mas que é a certa. Ao conhecimento das ciências espirituais divinas, o homem de desejo, cuja perseverança lhe terá valido sua capacitação, somará os “*trabalhos listicos católicos*” ou “caóticos”. A teurgia dos Cohens e as ciências correlativas relacionam esses trabalhos a Deus, ao homem e ao universo.

A palavra *cohen* significa “incorporação do ser espiritual menor”, ou seja, o homem, e sua junção com o princípio corporal de sua forma. Ela faz alusão à alma espiritual incorporada em seu templo particular, pois o corpo é um templo. Isso, que era verdade quando Adão possuía um corpo de glória, continuou sendo verdade depois da queda que adensou o corpo de Adão. *Cohen* significa também os castigos

ou os sofrimentos devidos a uma união contrária à sua natureza. O homem só pode recuperar suas faculdades graças a outros seres. Nosso próprio ser deve, para tanto, ser purificado. Reconheçamos, então, em primeiro lugar, como verdadeiros Cohens, a nossa indignidade e cuidemos de tornar contínuo o desejo de nossa alma de se aproximar de seu princípio, pela oferta contínua de nossa vontade e de nosso livre-arbítrio, dentre todas as faculdades. Esse justo sacrifício obterá a junção do espírito bom que restabelece o homem. Então, ele poderá oferecer o culto sacrificial ou de proposições. Pela força de nossa vontade, de nosso desejo e de nossa prece, nossa junção com esses seres espirituais bons, na presença do princípio divino, nos comunica as influências e as bênçãos espirituais divinas que eles recebem e que nós não podemos mais receber diretamente, mas apenas por intermédio deles.

A teurgia Cohen adveio da alteração das leis cerimoniais de operação, que a queda de Adão tornou necessária. É *“um cerimonial e uma regra de vida para poder invocar o Eterno em santidade”*. Esse culto foi inspirado a Adão por nosso divino mestre Jesus Cristo, com o nome de Hely. Por sua vez, Abel, a quem Caim arremedou, e Seth também agiram. Mas, propriamente falando, Enoque está na origem do *“cerimonial e regra de vida”*. A teurgia, que é o culto dos Elus Cohens, começa, enquanto tal, com Enoque. Mas tudo, nesse caso, foi transmitido pelo espírito.

A teurgia, o ritual maçônico-teúrgico de Martines de Pasqually, empresta-se do culto judeu, ao mesmo tempo em que o declara pervertido e "obsoleto". Ele não se identifica com o culto católico romano, mas o tem como válido e quase óbvio, insubstituível mesmo. Martines seguiu os ritos do culto católico romano e os recomendou, se não os impôs, aos seus discípulos.

Na Ordem dos Elus Cohens somente os *reaux-croix* têm qualificação para receber em sua integralidade a teoria e a prática do culto teúrgico. Segundo Martines, *reau* designa o homem por excelência, porque esta palavra significa, nada mais nada menos, que o próprio Adão, Adão, o vermelho ou o ruivo, Adão com corpo de *adamah*, isto é, de terra argilosa.

O Cohen não deve satisfazer a nenhum critério étnico ou tribal. Ainda que pouco numerosas (mas os homens Cohens também não eram muitos), algumas mulheres foram admitidas ao grau de reau-croix.

O teurgo imporá uma rigorosa higiene de corpo, alma e espírito. “*Não vos alimentareis mais, pelo resto de vossa vida*”, prescrevia-lhes Martines, “*do sangue de nenhuma espécie animal [...] jejuar eis zelosamente pelo tempo que fordes ordenados*”. O Elu Cohen será piedoso. Por exemplo: “*Também não esqueceréis de dizer o Miserere mei, no centro de vosso quarto, à noite antes de dormir, com o rosto voltado para o ângulo que fica de frente para o levante do sol; em seguida, direis o De profundis, ajoelhados sobre ambos os joelhos e com o rosto no chão. [...] Durante os 3 dias de operações, cuidareis de dizer pela manhã o vosso ofício do Espírito Santo; de noite, no quarto, trabalhareis os sete salmos e as ladainhas dos santos*”.

Embora pareça que a teurgia Cohen remonte ao judaico-cristianismo primitivo, quando, na verdade, retoma uma teurgia judaico-helênica, tudo incita a crer que, daí até o século XVIII, aportes mágico-teúrgicos judeus e cristãos, isto é, de um helenismo e talvez de um judaísmo intensificados, aumentaram e reformaram uma tradição cujo corpo e coração consistem, pela mais alta probabilidade, em um esoterismo judaico-cristão, teórico e prático, e, por que não dizer, em uma cabala

judaico-cristã — nem cabala judaica, nem cabala cristã, salvo por todas as interações imagináveis — da qual a família de Martines teria tido a consignação, entres outras coisas; em suma, marrana antes do marranismo, depois duplamente marrana. A hipótese não faz nenhuma especulação sobre o pertencimento étnico ou comunitário de Martines. Isso repousa, com algum desconforto mas com mais certeza, em seu ramo singular.

A descrença, a imoralidade e a tepidez espiritual invalidam a teurgia. A magia de Martines reclama uma religião, e uma religião das mais espirituais. *A Nova Instrução Cohen* segura as duas extremidades da corrente, mas inverte a relação não hierárquica (pois Martines, sem dúvida, preferia ter em grande conta a mística) porém realmente aplicável: é o interno que é primeiro, um pouco por tática, muito por convicção; a teurgia, indispensável porém secundária. Aquilo de que Martines era nostálgico e que Saint-Martin insinuava parcialmente em suas lições, antes de proclamá-lo sem reserva, a *Nova Instrução Cohen* apresenta uma versão mitigada. A mística se acompanha de cerimônias teúrgicas, a teurgia é inerente à mística, que a ascese autoriza. A mística ensinada é uma mística cristã. Toda ela gira ao redor de Jesus Cristo. É mesmo uma mística catolizadora, ou mesmo católica romana conformista, num contexto doutrinai muito tranquilizante, guardando, porém, o vocabulário e as ideias de Martines.

Ora, se entre os trabalhos preparatórios a teurgia cerimonial não é evocada (está em outra parte no texto), parece que outras, igualmente misteriosas, estão contidas nele e hoje seriam chamadas de "vias internas", que visam instituir, desde esta vida, o corpo de glória, pela transmutação do corpo de matéria. O manuscrito desse texto, um exemplar do qual foi encontrado nos papéis de Saint-Martin (fundos Z), está incompleto. Ele

está interrompido, rasgado, e o resto, cujo tamanho nada permite avaliar, está perdido. Infelizmente, pois, se não há certeza de que a *Nova Instrução Cohen* concorde em todos os pontos com o que possa ter sido o *midrash* martinesiano do Novo Testamento, pode-se estimar que esse documento excepcional talvez revele um Martines autêntico e desconhecido, sempre se esforçando em conciliar, para além das particularidades católicas romanas, a liturgia Cohen e o cristianismo ortodoxo.

Que os aprendizes de feiticeiro tenham isto por dito: o ritual Cohen só tem sentido e força dentro da Ordem dos Elus Cohens; ele não serve para nada sem um trabalho interior; e, com o duplo título de ritual e de caminho de perfeição, agir na teurgia significa ser Cohen e isto é um estado que tem sua disciplina. Martines pensava, todavia, que o trabalho interior não era suficiente e que, depois da queda, a teurgia cerimonial tornou-se indispensável. “*É preciso*”, disse a Saint-Martin, “*contentar-se com o que se tem*”.

Jean-Baptiste Willermoz não a julgava indispensável e, uma vez desaparecida a Ordem dos Elus Cohens, decidiu confiar à Ordem dos Cavaleiros Beneficentes da Cidade Santa (1778/ 1782) a guarda da doutrina transmitida por Martines. Mas essa Ordem não diz nada sobre a teurgia cerimonial.

Louis-Claude de Saint-Martin rejeita os ritos teúrgicos e os ritos maçônicos como inúteis e perigosos. O Filósofo Desconhecido acredita ou, melhor, sabe que temos mais do que o que Martines deplorava: temos o interno que ensina tudo e protege de tudo, o coração onde tudo se passa entre Deus e o homem, pela meditação única do Cristo e as nupcias da Sabedoria. O encontro com a coisa torna-se místico.

Atenhamo-nos, exorta Saint-Martin, mais à marcha dos princípios e dos agentes superiores do que a dos princípios inferiores e elementares. Desconfiemos, portanto, do sidéreo, também chamado de astral, e sobretudo de seu ramo ativo. Quando escancaramos a porta não sabemos quem vai entrar e, ainda que tomássemos todas as precauções contra todas as possibilidades, as formas teúrgicas, como todas as formas, arriscariam mais a desviar do que a amparar o homem de desejo, que possui tudo dentro de si, contanto que Deus venha a ele e, por conseguinte, que ele tenha limpadado e adornado a sala do banquete e polido o espelho cuja pureza permite a assimilação do reflexo ao refletido. O pensamento de Saint-Martin chega mesmo a expulsar as formas religiosas, sobretudo os sacramentos da Igreja, exceto se privados de toda forma e até da própria Igreja. Mas nenhum discípulo do teósofo de Amboise acha que é obrigado a rejeitar a Igreja e seus sacramentos. Ele aprenderá, pelo contrário, aquilo que Martines e Saint-Martin ignoravam: o que é a Igreja e o que são os sacramentos.

2 - VERIFICAR O SISTEMA

Martines de Pasqually se diz, era várias ocasiões, católico romano. Nenhuma razão para pôr em dúvida a sinceridade da afirmação. Mas, e quanto à sua veracidade? O sistema de Martines sobre a reintegração seria, como pretende Le Forestier (que não entende nada do assunto), uma "doutrina cristã só de nome"? De fato, ela é cristã de nome e, excluindo-se com toda equidade a hipocrisia, o cristianismo ensinado por Martines não é comum. Não apenas ele parece pouco católico, no sentido romano do termo, não obstante o pertencimento confessional sinceramente reivindicado, mas ainda por cima

esse cristianismo se disseca em teses metafísicas e teológicas que surpreendem pela estranheza, estranheza que vai além das palavras, e mesmo pela patente heterodoxia. Teria ele consciência disso? Eis um homem, um cristão dos dois primeiros séculos, um judaico-cristão, mas que não sabe disto ou sabe mal. Judaico-cristão, ele tenta se harmonizar com a teologia pós-tridentina do Ocidente latino.

Martines não admite o dogma da Trindade, pois Deus é um e sua essência, quaternária. Quando ele nomeia o Pai, o Filho e o Espírito Santo, estes são para ele três funções em três faculdades — respectivamente, a intenção, o pensamento e a ação —, e não hipóstases (para usar o sinônimo técnico de Pessoas). Ele personifica as três funções da Divindade, mas em categorias e em termos de angelologia, processo que é típico do judaico-cristianismo.

O Cristo é Deus no *Tratado*; ele é homem divino e homem-Deus por excelência, a um só tempo humano e homem-Deus, a despeito do crime primitivo, e é o novo Adão. Ele é realmente Filho de Deus, mas ainda num contexto trinitário arcaico, que remete ao uso veterotestamentário do título: Filho de Deus como os anjos, Israel, o rei que reina no trono de Davi, um juiz, um justo. Martines vai mais longe no sentido da deidade, sem dúvida, mas continuamos no crepúsculo ou no umbral da aurora. O Cristo, para Martines, é eminentemente o Messias, e este se distingue mal ou não se distingue do Profeta. Que Jesus era um profeta, mesmo sem ser o Profeta dos judaico-cristãos, os judeus contemporâneos de Jesus estavam tão prontos a admitir isto (pois o retorno da profecia era mais um sinal da proximidade dos últimos tempos) quanto os pagãos a vê-lo como mago. Na Grande Igreja os outros títulos do Cristo baniram o de profeta, enquanto o Cristo de Martines possui

também o de mago (como o rabino do Talmude). Os pontos fracos do conceito martinesiano resultam da imaturidade de sua cristologia.

Do mesmo modo, a teologia martinesiana da Redenção é embrionária, mais verbal que real. Certamente, bem mais que a morte do Cristo, importa a sua vinda à carne e a sua Transfiguração. Martines se assemelha, quanto a isso, à ortodoxia; mas não seria, sobretudo, formalmente? A ambiguidade retorna. Assim, Martines aceita o nascimento virginal de Jesus, mas, privando Jesus dos sofrimentos físicos da Paixão, por exemplo, não estaria sucumbindo ao docetismo?*

Seria um engano recriminar o sistema da reintegração do líder do gnosticismo heterodoxo. Os gnósticos heterodoxos expulsam a história em favor da mitologia, enquanto a ortodoxia cristã é historicista e discerne na história uma tipologia. A escola de Alexandria caiu num gosto imoderado pela alegoria, enquanto Antióquia se atou firmemente à letra histórica. Martines está mais para a Antióquia e sua tipologia, bastante extensa, assemelha-se ao simbolismo sírio, do qual Santo Efraim, no século VI, foi o cantor inigualável. No coração da tipologia martinesiana, entretanto, o Profeta é recorrente. Martines afirma tanto a importância fundamental da realidade histórica quanto esta própria realidade. O Cristo não é um Messias como os outros e sua relação essencial, ou substancial, com Deus não é a mesma de nenhum outro profeta.

Quanto ao dogma da Santíssima Trindade, tal como os concílios ecumênicos o definiram, e ao da Encarnação, Martines não toma conhecimento deles. Não é que ele falhe em lançar sobre a pessoa e a história de Jesus Cristo luzes autênticas e estranhas, tampouco as palavras que as projetam, mas estas

luzes não preenchem nem compensam as zonas de sombras, que também pertencem ao espaço dogmático vital.

O docetismo na cristologia passa por um traço característico dos gnosticismos. A rejeição do comprometimento entre o espírito, o divino e a matéria pretende que o Cristo tivesse a aparência de um ser humano feito de uma outra substância. Assim, o Jesus que foi crucificado ou teria sido um duplo do Salvador — que teria rido dos espectadores enganados, segundo o Apocalipse de Pedro e também Basilido (cf Irénée) — ou o único Jesus teria sido impassível. Essa última tese é encontrada em Martines. Seria, todavia, excessivo qualificar Martines de gnóstico heterodoxo, pois o docetismo já existia antes da formação dos grandes gnosticismos, desde o século II. Como bem observou Harnack, não é o docetismo que caracteriza o gnosticismo cristão, mas uma doutrina entulhada de duas naturezas e que discrimina Jesus e o Cristo, de modo que o Redentor, enquanto Redentor, não se tornou homem. Essa doutrina não parece ter deixado Martines incólume, ainda que ele atribua ao Cristo um corpo de matéria. O Cristo espiritual desceu sobre Jesus no Batismo e o deixou, segundo Martines, na crucificação: desta tese de Valentim, alguns indícios transparecem em Martines.

Na doutrina do *Tratado* a emanção se entende no sentido mais vago, não forçosamente herético, e a irreabilidade essencial da matéria corrompida por acidente não se desfaz, graças às operações do Novo Adão, à ressurreição dos corpos e à metamorfose do mundo em novos céus e nova terra. Nenhum dualismo ontológico, nenhum demiurgo tolo ou perverso, nenhuma congenialidade do homem e de Deus, e a humanidade-divindade de Adão nada tem que extrapole a doutrina comum, nenhuma queda metafísica na Divindade nem da

Divindade; enfim, a gnose de Martines, que coroa a fé e as obras, não tem lugar nem função duvidosos, apenas suas aplicações teúrgicas podem inquietar a ortodoxia. Em suma, alguns elementos reclamam ser modificados e algumas tendências, invertidas ou desviadas. O desenvolvimento do dogma na Igreja fundada pelo Cristo e guiada pelo Espírito Santo tornou imperativo e inevitável uma correção do judaico-cristianismo de Martines de Pasqually. Mas não nos privemos dos recursos conservados pelo judaico-cristianismo, no caso particular dos ensinamentos judaico-cristãos especiais transmitidos por Martines de Pasqually, depois de tê-los elaborado em forma de esoterismo.

J. Harold Ellens, analisando *Alexandria, sua escola e sua biblioteca*, deduziu que a tradição teológica da Igreja cristã não é mais a tradição bíblica, mas consiste, de fato, numa mitologia filosófico-religiosa grega e, na realidade, mergulha suas raízes não nos escritos paulinos, mas no judaísmo helenístico de Filon e no neoplatonismo cristianizado dos séculos II e V. A tese peca por excesso e por simplismo. Mas é fato que o encontro providencial do cristianismo e do pensamento grego provocou o eclipse, parcial ou total, dos prolongamentos imediatos do judaísmo no cristianismo. Mesmo parcial, o eclipse de algumas noções, como as encontramos adaptadas por Martines, empobreceu a teologia cristã, ainda que a tradição da Grande Igreja não tenha ignorado todas elas inteiramente e ainda que essa tradição, por sua vez, enriqueça a outra.

Os chamados Pais da Igreja são nossos pais na fé. Na prática, é a eles que se deve recorrer para uma retificação, principalmente por complemento, do sistema da reintegração. Por exemplo: Orígenes, manipulado com precaução; São Máximo,

o Confessor, para a verdade sobre a dimensão cósmica da atividade humana em todos os seus aspectos, em particular religiosos, litúrgicos, místicos e sobre a transfiguração e a divinização.

Sem prejuízo de todos os Patriarcas, desde os tempos apostólicos até São Gregório Palamas, dois autores parecem do maior e mais imediato auxílio ao nosso propósito. Tanto um como o outro são frutos da Igreja herdeira da comunidade primitiva, tendo o primeiro deles assimilado o legado do helenismo. De São Dionísio, o Areopagita, a *Teologia Mística*, a *Hierarquia Celeste* e a *Hierarquia Eclesiástica* oferecem um tesouro ao estudante martinista: Unidade, Procissão, Retorno. A metafísica neoplatônica, Dionísio acrescenta a exegese bíblica e a interpretação literal para descrever a escala que vai do homem até Deus, como uma grande corrente de seres. Os seres humanos refletem a estrutura do mundo fenomênico e do mundo inteligível; o homem redimido e renovado em Cristo é um microcosmo. Além da alma do homem, que é uma verdadeira Igreja, existem duas outras: a Igreja celeste e a Igreja terrestre. Entre a vida pneumática e a vida institucional, assim como entre a vida metafísica e a vida histórica, a tensão não deve chegar à ruptura, mas à harmonia na reciprocidade. Não há iniciação nem ascensão espiritual sem mistagogia. A mistagogia, na qual os anjos e os sacerdotes intervêm, é o monopólio da Igreja terrestre. O mundo de Dionísio é a nova criação da Igreja. Muitas das hesitações do *Tratado* em matéria de filosofia religiosa e de filosofia oculta encontrarão seu equilíbrio estável graças à meditação sobre as obras de Dionísio, o Areopagita.

Graças à teologia poética de Santo Efraim, o Sírio, o leitor do *Tratado* encontrará um segundo apoio, e a especulação judaico-cristã ganhará o seu prumo. A Igreja Síria, cuja sede fica em Antioquia, não tem sua origem no cristianismo dos

gentios, mas no cristianismo palestino, o judaico-cristianismo. A Igreja síria é a igreja ideal de Martines de Pasqually e a Igreja normal dos adeptos do *Tratado da Reintegração*. Nela, o reino de Deus é também o reino dos céus: ele é individual e coletivo. A ascensão transfiguradora que leva até ele e nele se opera é assunto de Igreja, onde cada um recebe a energia incriada, e que é a humanidade e o cosmo. Ela tem o Cristo como grande sacerdote eterno.

Santo Efraim, o Sírio, um dos grandes Patriarcas da Igreja, é um dos maiores Patriarcas de sua Igreja e o maior poeta da era Patrística. Ele é teólogo poeta ou poeta teólogo, de genialidade duplamente igual. Efraim denuncia expressamente o perigo de um sistema teológico e acusa os arianos, que negavam a geração eterna do Filho, de usarem e abusarem do peixe dos gregos! Mas acolhe os cânones de Nicéia I. A teologia de Efraim é uma teologia simbólica. Os dois Testamentos e a Natureza são as três harpas que o divino músico toca para a felicidade dos homens. A tipologia e o simbolismo explicam a Torá e a Criação. Simbolismo e tipologia possuem duas dimensões: horizontal, pela qual os dois Testamentos se correspondem, e vertical, pela qual o céu e a terra se correspondem. Para Efraim, como para os Patriarcas gregos, a meta da vida espiritual, fim da Encarnação, é a divinização, a deificação. Para Efraim, como para Dionísio, os anjos ocupam um lugar imenso; ambos consideram a teurgia como indispensável, porém não a nomeiam, ao passo que a exaltam sob o disfarce da realização dos mistérios. O segredo da sabedoria e da Sabedoria está contido nos três reflexos principais da pérola: o Cristo, Maria e a Igreja. A Igreja no coração do cristianismo e coração do cristianismo: o judaico-cristianismo não escapa a isto. Mas o judaico-cristão Martines só tinha olhos para a Igreja Católica romana. Ela não podia satisfazê-lo e ele não podia passar sem a Igreja. Ele amava a Igreja do Cristo secretamente.

Resta questionar a compatibilidade entre o culto teúrgico e o culto litúrgico. Em Martines a teurgia parece predominar sobre a liturgia. Sua teurgia é um trabalho ritual que coloca no centro os espíritos não incorporados, destinados a agir, em sinergia, sobre Deus e sobre a criação, a qual, em sentido amplo, compreende o teurgo em primeiro lugar. Mas a liturgia é, por direito, primordial e a teurgia pode ser apenas sua auxiliar, com a condição de *conhecer* a liturgia, o que não era o caso de Martines (nem de Saint-Martin).

No que se refere ao apelo aos anjos, Jesus Cristo garante a sua licitude: Disse ele ao discípulo que empunhou seu gládio quando de sua prisão: *“Não sabes que posso rogar ao meu Pai e que ele imediatamente me forneceria mais de uma dúzia de legiões de anjos para me ajudar?”*. A liturgia nos ritos orientais comanda os anjos, se for da vontade de Deus, é claro, e, por sua ordem, o homem autorizado chama os serviços deles.

A realidade benéfica da intervenção dos anjos é artigo de fé. Um culto de respeito, e não de adoração, lhes é devido. Pela prece sem dúvida, individual e coletiva. Tomando cuidado com o desvio idólatra, com o espiritismo precoce e com o neo-espiritismo da Nova Era; proibindo-se de dizer aos maus espíritos outras palavras que não as de maldições e tomando todas as precauções, sobre as quais Deus e sua Igreja nos instruem, para que a finalidade da solicitação seja boa e bom o solicitante. E quanto à forma do pedido, do comando? Mantidas as reservas precedentes, às quais o Elu Cohen está sujeito no exercício de sua função, pode essa forma ser de teurgia, pode ser a teurgia ensinada por Martines?

Da Sofia divina, Salomão recebeu uma sabedoria na qual entra a magia ao mesmo tempo natural e angélica. O livro bíblico

intitulado *Sabedoria* atesta isso, no capítulo VII, no meio de uma longa tradição.

Raphael Patai qualifica de mago o judeu, o cristão ou o muçulmano que vive num universo religioso e acha que a magia tem um lugar legítimo no âmbito da religião, porque fórmulas e ritos seriam capazes de obrigar seres angélicos bons e maus a atenderem suas solicitações. No judaísmo essa magia é permanente desde os tempos bíblicos; as comunidades muçulmanas da África do Norte e do Oriente Próximo a conservam; e não foi apenas em seus primórdios, em Bizâncio e na idade média europeia, que o cristianismo foi acompanhado de magia.

A teurgia, segundo Dodds, é uma magia aplicada com fins religiosos e baseada numa revelação de caráter igualmente religioso. Esse especialista do irracional nos gregos antigos lembra que o filósofo era visto como um verdadeiro sacerdote por causa do contato que ele estabelecia com o divino, passível de recorrer, no caso típico de Jâmblico, a cerimônias teúrgicas, que Porfírio, fiel a Plotino, julgava supérfluas.

Com Patai, a teurgia é uma técnica do invisível, menor e complementar da técnica principal constituída pelos ritos especificamente religiosos. Com Dodds, na própria teurgia reside a forma litúrgica da religião.

No segundo caso, um só elemento, nenhum conflito. No primeiro, a legitimidade de uma coexistência, que só pode ser uma associação de fato, defende-se por direito sob condições e garantias simples.

Martines, porém, ostenta na teurgia dos Cohens uma ambição maior e menos exclusiva. Daí o problema. A teurgia

que remonta a Adão, aquém de Enoque, é culto divino para ele, como também a liturgia da Igreja cristã. O Messias, perfeito em Jesus Cristo, praticou à perfeição o duplo culto, e Martines impõe a observância da liturgia aos praticantes das dez espécies de sacramentos teúrgicos. Esses praticantes são Cohens, sem serem nem *kohanim* judeus nem sacerdotes ordenados pela Igreja, como aqueles que o Cristo ressuscitado ordenou na noite de Páscoa e cuja instituição foi codificada na Igreja de Jerusalém, pouco antes de enxamear na Antióquia.

No entanto, Jean-Baptiste Willermoz, fiel submisso à sua Igreja como à sua Ordem, encontrou nesta última um conhecimento superior *“que eleva à mais alta esfera, onde está o ministério sacerdotal verdadeiro, com o culto verdadeiro mediante o qual o ministro oferece seu culto ao Eterno, pela mediação de Nosso Senhor e Mestre Jesus Cristo, para a família e nação que ele representa”*. O culto submete os anjos, sem dúvida, mas estabelece também a comunicação do homem com Deus, do qual o homem é a imagem pela palavra e a semelhança pelo pensamento, a título pessoal e a título de suplente. Willermoz, entretanto, atribui demais à teurgia, porque minimiza, de boa-ré, o alcance da liturgia.

A ciência aplicável dos *arcana mundi*, ou segredos do mundo, engaja-se nas relações que unem Deus, o homem e o universo, em todas as combinações possíveis dos três fatores. Paradoxalmente, talvez seja essa própria ambição que torna compatíveis a teurgia cohen e a liturgia cristã, cada qual riquíssima de implicações e consequências: a concordância estaria num objetivo fundamental e comum, e a palavra "reintegração", definida sem rodeios, não lhe conviria.

Inaceitável, com efeito, uma teurgia que afastasse a Igreja e sua liturgia; inaceitável uma teurgia que se situasse, no mínimo

situando seus membros, fora da Igreja. Inaceitável e recusada por Martines.

Mas aceitável o culto Cohen, seja tal qual é, seja, de preferência, emendado, no sentido de que se impõe uma articulação mais sólida e mais flexível no culto divino que a Igreja celebra em seus mistérios.

Como conceber essa articulação e eventuais emendas que consistiriam antes em elucidações e precisões?

A Igreja ensina ao homem o que ele deve ser e lhe ensina a se tornar sacerdote e rei da criação, incumbido de devolvê-la ao Criador, dignamente. A religião cósmica, diz Eusébio, foi uma religião verdadeira, que não deve ser confundida com idolatria. Ela está abolida agora, mas a natureza guarda sua função reveladora para o cristão, reclamando sua atenção. Um paralelo ou, melhor dizendo, uma analogia concilia a liturgia cósmica e a liturgia eclesial. A liturgia cósmica que é, em primeiro lugar mas não exclusivamente, a teurgia.

Em reforço à gnose que coroa a fé na contemplação, Clemente de Alexandria e Orígenes falam de uma gnose de certo modo metódica, instrumental. As tradições secretas dos apóstolos, cuja existência é documentada nos séculos II e III, dizem respeito ao reino dos céus, onde ocorrem as descidas e as ascensões das almas e que os espíritos bons e maus povoam. Dessa liturgia cósmica, acessória da liturgia eclesial, participante em sua divindade sem ser necessária, mas de poderosíssimo auxílio, a teurgia Cohen fornece um exemplo privilegiado. A propósito, a franco-maçonaria, em sua generalidade, colabora cora a Igreja para o mesmo fim, porém mais modestamente. A despeito de uma teoria difícil sobre a questão, a *Nova Instrução Cohen* introduz no sistema, ou dele deduz, a transmutação, ao

menos parcial, realizável desde agora, do corpo material em corpo de glória.

Mais uma vez, é na perspectiva judaico-cristã que aparece melhor a compatibilidade entre a teurgia Cohen e um cristianismo para o qual o mundo é perigoso, belo e infeliz.

Os Patriarcas, dizem, souberam, a exemplo dos hebreus guiados por Moisés, levar consigo os tesouros do Egito, isto é, adaptar à cultura de seu tempo as categorias religiosas básicas, que eram semíticas. Nada mais urgente do que tomar ao pé da letra a metáfora "a Igreja de Alexandria é filha da Síria" e recobrar, como que em revanche sagrada, essas categorias religiosas básicas e os ritos correspondentes impostos ou aceitos pelas Igrejas semíticas e também coptas e armênias, esses tesouros do Egito e da Síria, literalmente.

No fim das contas, ninguém é obrigado a ser teurgo, na estrita acepção Cohen, nem para si nem para outrem. O leitor que aderir, no todo ou em parte, ao *Tratado da Reintegração*, ansioso por viver seu ensinamento sem trair sua Igreja, há de se lembrar de que, se a teurgia cerimonial é o mundo preconizado por Martines, sua doutrina desemboca em outros caminhos; ele deixa as portas abertas. Pode-se passar por elas, após interpretação ou retificação ortodoxa da doutrina, embora a ortodoxia, como acabamos de sugerir, possa aceitar a teurgia cerimonial após uma idêntica interpretação ou retificação doutrinai ou ritual. Jean-Baptiste Willermoz e Louis-Claude de Saint-Martin passaram por duas dessas portas, depois de lerem abandonado o culto exterior, divino e acessório, em uso entre os Elus Cohen.

Para Martines como para a Igreja, o axioma permanece, como disse Saint-Martin quando ainda era um Cohen praticante:

“*Temos em nós o altar, que é o nosso coração, o sacrificador, que é a nossa palavra, e o sacrifício, que é o nosso corpo*”. Mas o culto principal só se realiza segundo a liturgia eclesiástica, cujo fiel tem vocação de Cohen, no sentido amplo, conforme a nuance de seu desejo.

3 - FILHOS DA LUZ, IRMÃOS EM ABRAÃO

Um *midrash*, de acordo com a descrição mais clássica, se não a mais antiga e completa, apresenta quatro sentidos embutidos: o sentido literal, para a história; o sentido alegórico, para a tipologia; o sentido tropológico, para a moralidade; e o sentido anagógico, para a escatologia, isto é, o conhecimento dos fins últimos. O *Tratado da Reintegração*, *midrash* em regra, nos faz viver no Apocalipse, que é a um só tempo revelação, relativa sobretudo ao reino dos céus, e história, em que tudo conspira para realizar o desígnio da Providência. O mal está incluído aí, porém, mais vale ficar do lado do bem e apressar sua vitória.

Os habitantes de Qumran eram militantes religiosos que não excluía nenhuma forma de combate, nem mesmo militar. Os Cohens são combatentes, embora acantonem suas ações físicas no invisível. O invisível ou o fundamental. Tudo o que acontece na terra reflete em parte o que acontece nos céus. A queda circunscreve a luta dos humanos e lhes vale diretamente o sopro de uma força sobre-humana. Mesmo a elevação individual ao paraíso tem como eixo o combate das forças evolutivas contra as forças regressivas. Deus não chama tanto o homem contra seus inimigos quanto os homens recrutam Deus contra os deles, e que são os mesmos. Deus tem seu exército de espíritos ou anjos bons (sob reserva de inventário). O exército adversário concentra os espíritos ou anjos maus. O

homem escolhe o seu campo e se junta assim aos seus companheiros de armas: filhos da Luz contra filhos das trevas. O semitismo "filho de" significa "aquele que tem a qualidade de", e Saint-Martin expõe, depois de Martines, o elo, que ele extrai da etimologia, entre o filho e a bênção: "Deus vos abençoe" é igual a "o Filho de Deus fala". Medite.

A escatologia martinesiana é imanente. Ela se torna cada vez mais iminente. Essa imanência e essa iminência se fazem sentir mais em determinadas épocas, crescendo em intensidade de uma época para a seguinte. Segundo o *Tratado*, o tempo em que o (Visto se encarnou era catastrófico, o século de Martines também. Martines parece mesmo ter o seu como o pior. Ele não previa o nosso. Hoje a falência das Luzes e o fracasso do marxismo dão ensejo a que se perceba uma autêntica escatologia, mais imanente e mais iminente que nunca. A pós-modernidade desencantou a história. O desencantamento, no entanto, é o fruto multissecular e desconhecido dos três monoteísmos. O cientificismo tentou se aproveitar disso e fracassou. A pós-modernidade laicizou o resultado, esterilizando a operação. O mundo do judaísmo, do cristianismo e do islã só se desencantou a fim de poder ser santificado; de ser transformado, sem dúvida, mas é de uma transfiguração que se trata, de uma iluminação. Questão de esoterismo, exatamente.

A hora clama em gritos surdos e horríveis (como você os ouve?) por uma nova era, da qual a chamada Nova Era é uma caricatura diabólica, clama por uma nova efusão do Espírito que desceu era pessoa há dois mil anos. Por isso, o judaico-cristianismo e, singularmente, o martinismo que o reabilita e conduz a ele detêm a chave dessa nova era; eles trazem um antídoto para os venenos da pós-modernidade e os danos causados à Igreja pelo Ocidente.

Do martinismo em geral, façamos um levantamento sucinto de seu estado.

A Ordem dos Cavaleiros Maçons Cohens opera segundo a via externa, em virtude de uma filiação espiritual. Seu ofício continua, discreto, eficaz.

O Regime Escocês Retificado trabalha para a reintegração dos seres, como produto de uma Santa Ordem primitiva, à qual a ordem de Martines também não é alheia. Os ritos maçônicos servem-lhe de meio para a teoria e para a prática. A teoria se dá inteiramente na grande profissão e a beneficência, como sabemos, tem, neste sistema, uma virtude iniciática. O Regime Escocês Retificado leva ao extremo e à guisa de teurgia especial a proposição geral de Kirk MacNulty: *“O amor fraternal é, para o franco-maçon, mais que um objetivo desejável. Para nós, é uma exigência, uma necessidade técnica. Praticando-o, guardamo-nos de negar a divindade no outro e, conseqüentemente, em nós mesmos”*. O Rito Escocês Retificado elabora a metafísica e a teologia de uma beneficência teúrgica.

Saint-Martin, cujos discípulos podem tirar proveito de se associarem em ordens martinistas e para os quais também a iniciação consiste em se aproximar de seu princípio, afirma: *‘A única iniciação que prego e busco com todo o ardor de minha alma é aquela pela qual podemos entrar no coração de Deus e fazer o coração de Deus entrar em nós, para nele fazermos um casamento indissolúvel que nos torna amigo, irmão e esposo de nosso Divino Reparador. Não há outros meios para chegar a essa sagrada iniciação senão nos embrenharmos cada vez mais nas profundezas de nosso ser e não desistirmos até conseguir extrair a viva e vivificante raiz’*.”

Obviamente, o Martinismo de Saint-Martin requer ser consumado, aplicado pela compreensão e pelo uso dos sagrados mistérios, cujo valor litúrgico escapava ao Filósofo Desconhecido - mas ele soube exaltar sua espiritualidade; ore, portanto, as dez admiráveis preces que ele compôs. Do mesmo modo, o Regime Escocês Retificado advém do Templo tributário da Igreja. Não separemos o que Deus uniu.

Jean Bricaud, que se dedicou ao Martinismo, exprimiu isso muito bem e de forma muito simples: *“A meta a atingir é e sempre será a espiritualização dos indivíduos e das sociedades”*. De todas as coisas, na verdade, até a Reintegração.

Se não é permitido ser "anteniceno" (como o foi Martines, sem ser "antiniceno", e com razão), nada impede os cristãos ortodoxos de não serem bizantinos. Os tesouros do Egito...

O Ocidente, disse Jean Maxence num certo dia de 1930, repetindo Nicolas Roerich, acredita no presente; o Oriente se interessa apenas pelo duelo formidável entre a santidade e as potências demoníacas.

O drama presente é o dos três monoteísmos que nasceram no Oriente, posteridade de Abraão. O drama presente é o drama dessa posteridade; o drama do futuro exige o desfecho deste drama. Por volta de 1800, o hesicasmo e o hassidismo renascentes começaram a revivificar o cristianismo e o judaísmo; hoje estas duas religiões extraem daí um novo renascimento.

No coração do diálogo, da simbiose, ao mesmo tempo atual e esperada, do judaísmo e do cristianismo: a Santa Sofia e a humano-divindade. O judaico-cristianismo, aprofundando à sua maneira essas duas realidades teológicas, manifesta-as, na verdade. Como a harmonia disso não seria facilitada?

Elias é semente de unidade judaico-cristã, mas também de unidade (guardemo-nos do pesadelo demasiado humano da unificação) judaico-cristã-islâmica. El-Khidr, o Verdejante, ou o Elias do Corão, é o guardião e o intendente da Fonte de Vida; ele soluciona os paradoxos com o esoterismo; é também um personagem escatológico. Idriss, ou Enoque, e Melquisedeque ocupam um lugar e têm um papel no islã, o que não só proíbe de rejeitar a revelação corânica, irrecusável em si e relativamente, mas confirma a intuição de Saint-Martin sobre o islã reconciliador do judaísmo e do cristianismo. A fecundidade pertence a essa tríade, que está centrada na lei e no Messias. Ela será uma quando o judaico-cristianismo, sintetizando o judaísmo e o cristianismo separados, reconhecer a herança de Agar aos seus descendentes, que hão de somá-la à massa. Durante oito séculos a Espanha das três religiões (que há motivo para se acreditar ter sido a pátria de Martines de Pasqually) como que levantou uma ponta do véu.

O Rei veio, o Reino está por vir, o Rei retornará. O *Tratado da Reintegração* compara, § 166, a sorte da posteridade de Enoque à sorte das tribos ismaelitas, e comenta: “*Vede, por esse nexo, que todas as épocas e todas as eleições iniciais se repetem entre os homens e nos fazem reconhecer que elas se repetirão até o fim dos séculos [...] no fim, tudo voltará a ser como no começo*”. Não o começo de antes, que não deu certo, mas um começo aperfeiçoado: o fim interminável, a reintegração no estado primitivo, porém mais satisfatório ao desejo de unidade, que é o desejo do Eterno.

Não se termina um *midrash*, ele se interrompe. O mesmo vale para o *Tratado da Reintegração* (ele teria apenas se

interrompido, em todo caso); o mesmo também para esse pequeno *midrash* do *midrash* em que Martines de Pasqually nos convoca para a coisa, nos decifra a história e nos persuade da urgência¹.

BIBLIOGRAFIA

- Gerard Van Rijnberk, *Un thaumaturge au XVIII^e siècle, Martines de Pasqually. Sa vie, son œuvre, son ordre*, 2 vol., Paris, F. Alcan, 1935; Lyon, Derain-Raclet, 1938; fac-sim., com uma introdução sobre o autor, Hildesheim (RFA), G. Olms, 1982. (Ainda livro de referência.)
- Sobre o *Tratado*, vide infra "Da presente edição".
- “*Martinisme*”, 2^a ed. revista e ampliada, 1933. (Estado atual das pesquisas relativas a Martines de Pasqually e à Ordem dos Elus Cohens; von Hund e a Estrita Observância Templária; Jean-Baptiste Willermoz e o Regime Escocês Retificado; Louis-Claude de Saint-Martin, a Ordem Martinista. Bibliografia *de e sobre*.)
- "Introduction à Martines de Pasqually", *L'Initiation*, 1969, nº 1 a nº 3 (Exposição da doutrina).
- *Martines de Pasqually et la réintégration*, Le Tremblay, Diffusion Rosicrucienne. (Ensaio de uma síntese crítica.)

AGRADECIMENTO

Esta edição do *Tratado da Reintegração* foi realizada em plena e constante colaboração com Catherine, minha esposa, que prodigalizou como nunca seu indispensável auxílio; devo-lhe bem mais que minha gratidão.

Christian Rebisse não cessou de coadjuvar nosso trabalho, como irmão sapientíssimo, de muitas maneiras.

DA PRESENTE EDIÇÃO

I

1. O *Tratado da Reintegração* copiado por Louis-Claude de Saint-Martin pertence à família A dos manuscritos deste livro, que é a mais segura testemunha do mesmo, muito embora o copista vacile de vez em quando e falhe em retomar o passo¹.

2. Duas versões do *Tratado* chegaram até nós: uma versão curta (B) e uma versão longa (A). O excerto transmitido pelo manuscrito de Solesmes é, quanto a isso, um problema². A versão curta é a versão original. Ela se distingue da versão A não apenas por sua menor extensão, mas também por sua concisão e seu estilo caótico, parte de um modo de expressão ainda mais pessoal.

3. Do principal membro da família B, o primeiro localizado na coleção Kloss, alguns trechos foram citados em 1935 por G. Van Rijnberk, e o texto integral foi impresso em 1974, na edição bicentenária. É um texto incompleto. O texto de Solesmes, similar à família B (vide parágrafo anterior e sua nota), fornece um outro fragmento do *Tratado* (vide nota 2).

4. Com relação a B, a edição do bicentenário reproduz a versão longa (A), tal como René Philippon a editou em 1899, de acordo com uma cópia anônima, da qual dois autores precedentes, Jacques Matter e Adolphe Franck, haviam citado algumas páginas. A edição de Philippon foi reimpressa várias vezes e prestou um grande serviço, porque era a única e porque

faltavam os meios para aperfeiçoá-la. E, contudo, uma edição medíocre, sem que seja possível dividir a responsabilidade disto entre o estado do manuscrito que desapareceu e aquele que, em todo caso, teve o mérito de trazê-lo à luz em sua inteireza. Não há nenhuma dúvida, porém, de que René Philippon cometeu muitos erros de leitura e deixou passar muitas falhas de impressão, inclusive parágrafos trocados e frases partidas, em particular nos capítulos 55 a 60 (a não ser que se incrimine o manuscrito, o que me parece temerário), muitas vezes em detrimento do sentido.

5. A versão A, mais longa, e também de leitura mais fácil e agradável, é fruto de uma colaboração de Saint-Martin com Martines, quando o primeiro sucedeu, em 1771, ao excelente e incapaz abade Fournié como secretário do grande soberano, o autor. Ele e Saint-Martin revisaram juntos o manuscrito de Fournié, mas seguindo qual método?

6. A cópia do *Tratado* por Saint-Martin foi publicada em fac-símile em 1993, com os detalhamentos técnicos necessários³. Uma concordância que acompanha esta presente transcrição permitirá ao leitor minucioso reportar-se ao ponto do manuscrito que corresponde a uma passagem impressa.

7. O texto autógrafo do Filósofo Desconhecido contém muitas correções suas, enquanto outras mãos fizeram outras correções e o encheram de lacunas de várias linhas.

8. As circunstâncias obscuras em que o manuscrito foi redigido acarretaram enormes erros de composição tipográfica e mesmo erros grosseiros que deturpam o sentido e manifestam uma patente incompreensão do mesmo, ainda mais surpreendente tendo-se em conta que o próprio Saint-Martin estabelecera, em seu tempo, o texto do *Tratado* em seu estado

incompleto porém definitivo. Assim, o manuscrito do texto mais seguro é o mais defeituoso. Esses defeitos criam um enigma análogo à obscuridade das circunstâncias. (Talvez se possa cogitar num erro de audição. O texto teria sido ditado? Mas por quem mais senão o autor? Se foi por Martines, o motivo de alguns equívocos nos escapa. E, depois, Saint-Martin não disporia da primeira versão? No entanto, homeoteleutos* sugerem uma cópia ao menos parcial.)

9. Lembrete: as indicações de alíneas colocadas no texto do manuscrito parecem apontar um projeto de edição. Desse projeto ignoramos tudo, exceto que ele teve de ser abandonado muito rapidamente, visto que esse trabalho preparatório pára na página 69; depois, uma única alínea é marcada, página 83. Algumas raras indicações técnicas, observadas na nota de edição do manuscrito, visam provavelmente a um eventual impressor. Outro lembrete: uma cópia do manuscrito em questão foi oferecida por Joseph Gilbert, que o herdou de Saint-Martin, ao seu amigo C. Cunliffe Owen, por volta de 1839. Owen, por sua vez, ofertou ou essa cópia, ou uma cópia de segunda mão, ao Colégio Metropolitano dos Grandes Professores, em Genebra, onde ele subsiste numa forma incompleta. Tudo leva a crer que os grandes professores de Helvécia tenham considerado sua publicação como um sacrilégio. Portanto, esta nossa edição é sem precedente, tendo o texto conhecido apenas duas pré-publicações e muito ínfimas: a primeira página do texto, em fac-símile, na revista *Le Monde Inconnu*, nº 3, 1980; e o Quadro Universal, também em fac-símile, em *Instructions aux hommes de désir* (1979-1980).

10. Ao texto que é, de longe, o mais seguro, apesar de tudo (quanto às palavras, frases, passagens, em substituição ou em

* Figuras de estilo, que consistem em aproximar palavras cujas terminações são semelhantes.

acréscimo, como as vinte linhas novas do capítulo 15), é necessário fazer justiça e, para tanto, convém exercer uma crítica sobre os diversos acidentes da cópia, escorando-a com os paralelos da versão e, no caso em questão, também com as lições de manuscritos irmãos, a despeito da superioridade geral e evidente do texto de Saint-Martin, cuidadosamente aprimorado em se tratando da última versão.

11. Como de costume, foi constante a nossa preocupação, ao preparar esta edição, de pôr as receitas dos instituidores a serviço de um fim oposto ao deles, já que este fim consiste em dar lugar ao Espírito. Em poucas palavras, o texto pretende ser o mais decifrável possível e ao mesmo tempo o mais exato, destinado que é a edificar e a instruir. Seguem-se as regras segundo as quais o manuscrito foi disposto, de acordo com um desejo inteiramente martinista.

II

1. O texto transcrito em tipografia é integralmente o do manuscrito, com as reservas que se seguem. Ele leva em conta as correções e os acréscimos, sem reproduzir os sinais de atenção e de referencial. As indicações para o impressor, entre as quais as de alíneas, também não são reproduzidas, nem a dupla paginação de Saint-Martin e de um dos sucessivos proprietários do manuscrito. As indicações de Saint-Martin relativas aos cinco cadernos de que o manuscrito é composto seriam, assim nos pareceu, mais inoportunas do que úteis.

2. Exceto pela divisão puramente material em cinco cadernos, o texto não tem solução de continuidade. Lembrete: Matter declara que seu manuscrito, mais tarde o manuscrito de Philipon, era “*composto de várias partes*”, em dois volumes.

Suponho que essa divisão era, igualmente, de ordem material. Nada disso transparece na edição de Philippon. Do mesmo modo, também nenhuma prova guarda traço de uma divisão em duas partes, que Matter atribui ao segundo manuscrito de que teve conhecimento e que também creio ser de mesma ordem. Nós, pela primeira vez, dividimos logicamente o texto em onze seções, em concordância com a arquitetura do *midrash* que trata, sequencialmente, de Adão (e antes dele, da corte divina) e dos personagens principais da história sagrada, até e inclusive Saul.

3. O conjunto das 11 seções, por sua vez, está dividido em capítulos numerados e intitulados; número, paginação e títulos de criação nossa. Lembrete: Jean de Türkheim alega uma divisão do *Tratado* em 732 parágrafos e Jean Baptiste de Willermoz o remete explicitamente aos parágrafos 17, 18 e 19. Essa numeração não se acha em nenhum dos manuscritos conhecidos. Türkheim e Willermoz teriam contado e numerado eles próprios os parágrafos de suas duas cópias, divididas em igual número de alíneas (o que não é o caso de todos os manuscritos)? Ou o mesmo número de alíneas teria sido, aqui e ali, numerado segundo uma testemunha comum ? *Non liquet*.

4. A ortografia, que compreende a acentuação, foi sistematicamente modernizada. Cedilhas e hífens foram acrescentados ou suprimidos, segundo o uso atual. Algumas vezes, números escritos por extenso foram transformados em algarismos, e vice-versa, para reduzir a extravagância.

5. A pontuação, que também depende da ortografia, foi igualmente modernizada. Todavia, a fim de facilitar a compreensão de frases frequentemente embaraçadas e embaraçosas, as vírgulas e os pontos-e-vírgulas foram multiplicados. Quando a pontuação original dá um sentido ambíguo, mantivemos assim.

6. Os grifos e as disposições de letras não significativos nem coerentes no uso não foram conservados.

7. As abreviações foram desenvolvidas quando o sentido era óbvio.

8. Os lapsos evidentes foram corrigidos: repetições supérfluas e palavras faltantes, erros de gramática e de ortografia. No caso, porém, de concordância em gênero e número de verbos e adjetivos, a originalidade da linguagem de Martines, mesmo revisada por Saint-Martin, impunha a prudência. Assim, em expressões do vocabulário técnico de Martines, um ou mais epítetos que antecedem ou seguem vários substantivos no singular, justapostos ou coordenados, estão também no singular. Ora, a busca do sentido nos autoriza a questionar se esses epítetos não estariam qualificando de modo igual todas as palavras anteriores, ou duas delas, e se não deveriam, consequentemente, assumir a forma plural. Na certeza, corrigimos; na dúvida, que começa pelo título completo da obra e foi frequente, abstivemo-nos.

9. A maior parte das correções feitas por Saint-Martin foram mantidas; a maior parte das correções alheias (uma, talvez duas mãos que nem sempre se distinguem claramente da de Saint-Martin) foram mantidas; nossa própria preparação do texto seguiu as regras enunciadas acima. Em cada uma das três categorias, casos controversos se apresentaram. Abaixo, a lista desses casos, com uma referência ao começo, ao meio ou ao fim do capítulo (cap. c, m ou f).

Um caso merece destaque. Para designar a mesma e sublime entidade, Saint-Martin escreve *Rhely* em três ocasiões (duas vezes no cap. 96, uma vez no cap. 103), uma vez *Heli* (cap. 33) e uma vez *Hely* (cap. 41). Nos três primeiros casos, uma

mão alheia riscou o "R" inicial. Ora, uma e outra forma são empregadas em outros textos de uso dos Elus Cohens. (A variante final "y" ou "i" é insignificante). No nosso caso, escrevemos sempre *Hely*.

- Cap. 3c: "menor 4" (SM), corrigido para "menor 3" (RA).
- Cap. 15f: "por tipos" (SM), corrigido para "por esses tipos" (RA).
- Cap. 22m: "pela criação de seu templo" (SM), corrigido para "para a criação de seu templo" (RA).
- Cap. 31c: "passivo" (SM?), corrigindo "pensativo" (SM), não foi mantido.
- Cap. 37f: "Reconciliação" (A), escrito acima de "ressurreição", (SM), não riscado, não foi mantido.
- Cap. 43c: "servir" (A), corrigindo "sobrevir" (SM), não foi mantido.
- Cap. 46f: "em toda parte ele" (SM), corrigido para "em toda parte em que ele" (RA).
- Cap. 77m: Uma repetição marginal de SM foi ignorada.
- Cap. 102f: "potência" (SM), corrigindo "essência" (SM), não foi mantido. Cap. 132f: "nesse" (A?), escrito acima de "do tempo" (SM), riscado, não foi mantido.
- Cap. 140c: "homens-Deuses" (SM), corrigido para "homens-Deus" (RA).

- Cap. 144m: mesma correção acima.
- Cap. 151 m: Uma frase repete (com diferença de uma conjunção coordenativa) uma outra do cap. 157, onde ela aparece como um acréscimo marginal. Essa repetição foi mantida, pois sua qualidade de repetição não é certa e temos de admitir que não saberíamos em qual dos dois capítulos manter a frase.
- Cap. 157c: Ver a nota anterior. A hipotética repetição foi colocada entre parênteses.
- Cap. 159m: No acréscimo de A (ou A?), "descer" foi corrigido para "falecer" (RA).
- Cap. 159f: "depois que as iníquas operações de Nembrod" (SM), corrigido (RA) a fim de dar um sentido à frase.
- Cap. 164f: "duas primeiras tribos" (SM), corrigido para "doze primeiras tribos" (RA).
- Cap. 177c: "coisas" (A), escrito acima de "riquezas" (SM), não riscado, não foi mantido.
- Cap. 230d: "vem te falar" (SM), corrigido para "vem de te falar" (RA).
- Cap. 238m: "maiores, 2" (SM), corrigido para "maiores, 7" (RA).
- Cap. 250c: "inatas o ser" (SM), corrigido para "inatas no ser" (RA).
- Cap. 272c: "além do mais que no recenseamento" (SM), corrigido para "além do mais, no recenseamento" (RA).
- Passim:* Muitas vezes, a grafia não permite escolher entre as iniciais "l" e "t", "c" e "l". Quando o sentido não impunha uma opção, escolhemos de acordo com o sentido mais provável, em nossa opinião.

10. Extravagâncias de vocabulário, de morfologia e de sintaxe foram conservadas, quando tinham uma extrema probabilidade de pertencerem à linguagem específica de Martines, que Saint-Martin teve o cuidado de eliminar, polindo-a.

11. Quanto às iniciais maiúsculas, fizemos um uso clássico, isto é, parcimonioso. Além disso, a ambiguidade do teológico e do divino em Martines levou-nos a começar com letra minúscula palavras como pai, filho e espírito, por receio de que estas palavras pudessem ser confundidas com as pessoas da Santíssima Trindade.

12. Quando nomes próprios variam na ortografia, sem que seu sentido seja afetado, optamos pela forma habitual em Martines ou pela mais reconhecível. Uma exceção: Bethsaleel, no qual sintetizamos duas variantes, uma das quais sofreu a atração do nome de Bethsabéia, que não figura no *Tratado*.

13. Aspas foram sistematicamente colocadas no início e no fim de frases e discursos de estilo direto.

14. Alguns parênteses foram acrescentados, com fim de clareza.

15. Diversos artifícios de apresentação foram suprimidos (ponto depois de um número, disposição de operações aritméticas, números com traços em cima e em baixo etc); assim também, o enquadramento de cifras, palavras e frases por uma moldura, que não tem significação e que, aliás, talvez não tenha sido feito por Saint-Martin.

16. Observação: indicações acidentais e sinais indicativos não foram transcritos.

III

1. A *Figura Universal*, também chamada de Quadro Universal, cuja presença ou ausência em outros manuscritos das duas famílias é indicada na edição do bicentenário, está reproduzida duas vezes no presente volume. Primeiro, dentro do texto, o Quadro Universal, obra autógrafa de Saint-Martin, é reproduzido fielmente, em fac-símile, aproximadamente no mesmo lugar que ele ocupa no manuscrito. (Compare-se o desenho de Saint-Martin com o do copista do ms. LT: eles diferem ligeiramente um do outro). Segundo, o mesmo Quadro foi reproduzido em folha solta, anexa ao presente volume, com várias correções que pareceram melhorar sua fidelidade ao texto do *Tratado*. Além disso, no verso do Quadro corrigido foi redesenhada uma outra versão manuscrita, proveniente do fundo Willermoz-L.A.

2. Após o texto do *Tratado* e antes do *explicit* vem uma *Nota*. Há razão para atribuí-la a Saint-Martin, inclusive uma correção digna de nota: “*segundo o que ele próprio me disse*” (leitura difícil, influenciada pelo ms. LT), corrigido para “*segundo o que ele próprio disse a amigos seus*”. (O texto corrigido encontra-se, com pequena diferença, em outros manuscritos da família A, que a edição do bicentenário analisa).

3. O manuscrito de Saint-Martin termina com o protocolo de uma *Experiência*, cuja presença em outros manuscritos, de mesma família, do *Tratado* é observada pela edição do bicentenário. Trata-se de Martines quanto ao fundo, numa forma regularizada. Esse texto está riscado. É provável que isso não tenha sido feito por Saint-Martin, mas sim pelo projetista pouco feliz ou desejoso de uma impressão do *Tratado* segundo esse manuscrito. A *Experiência* é aqui fornecida como

anexo, numa transcrição modernizada, mas as alíneas do original foram conservadas.

4. Ao manuscrito de Saint-Martin foi acrescentada uma *nota de leitura*, muito posterior, banal e anônima. A versão fac-similada reproduziu-a por escrúpulo, mas nossa edição a ignora.

IV

Os seguintes acessórios completam o preparo da presente edição:

1. *Introdução*, principalmente da ordem teosófica, isto é, que não separa a filosofia e a teologia, a exemplo de Martines, e considera, igualmente, mais o sentido da história que o detalhe material dos acontecimentos que a compõem.

2. *Sumário do Tratado*, ou lista das seções.

3. *Concordância*: a edição de Philippon, nossa edição e o texto autógrafa de Saint-Martin; depois da transcrição deste texto autógrafa. (Embora a primeira edição do *Tratado* tenha prescrito, muitos trabalhos anteriores à presente edição referem-se a ela. A edição do bicentenário a reproduz com a paginação de 1899 e com referência à versão B do *Tratado*. Assim, o leitor que queira comparar A, em edição autêntica, com B, numa dada passagem, poderá facilmente encontrá-la, usando a concordância da presente edição com a de Philippon.)

4. *Índice*: de pessoas, lugares, temas.

5. *Índice analítico*, ou lista dos capítulos.

6. *Índice geral*, ou lista geral do volume.

NOTAS

1. A história do *Tratado* — redação, manuscritos, edições - é traçada no estudo que abre a edição do bicentenário, provida de uma ampla bibliografia e de documentos inéditos: Martines de Pasqually, *Tratado da Reintegração*, Paris, R. Dumas, pp. 11-109. Ao inventário dos 5 manuscritos localizados (pp. 17-25), acrescentar o chamado manuscrito de Solesmes (vide *infra*, nota 2) e o presente manuscrito de Saint-Martin que está contido nos fundos Z dos manuscritos reservados do Filósofo Desconhecido (vide *infra*, nota 3), ambos descobertos em 1978 e anunciados nas "Errata e addenda" (1984) da edição do bicentenário, sem que disto se tenham extraído, todavia, as consequências para a história do texto. Sobre essas consequências, vide a presente *edição, passim* (manuscrito de Saint-Martin), e *infra*, nota 2 (manuscrito de Solesmes).
2. Eis os dados do problema. No dossiê denominado manuscrito de Solesmes, que vem de Etienne Cartier, copista principal do manuscrito Watkins (vide nosso estudo sobre o ms. Watkins em *Cahiers de la Tour Saint-Jacques*, II-III-IV, 1960, e nossos dois estudos sobre o manuscrito de Solesmes e os Cartier em *Le Courier d'Amboise*, junho e julho/agosto de 1979), dezesseis páginas (58-73), da mão de Tournier, fornecem o texto de um fragmento do *Tratado*, desde "Deixei que ignorásseis, Israel, até o presente, o verdadeiro nome do operário construtor deste temível tabernáculo [...]", até o fim do livro: "a predição dos acontecimentos passados, presentes e futuros que sobrevirão no universo inteiro". Essa passagem é paralela à passagem contida entre os §§ 259 e 284 de nossa edição. Paralela e não idêntica. O estilo, com efeito, lembra o da versão B do *Tratado*, a partir do qual se poderia crer, com base no único manuscrito conhecido dessa versão original, a cópia Kloss, que o texto não vai além do § 229. Ora, é extremamente pouco provável que a única passagem agora faltante da versão B, a saber, os §§ 230 a 258, tenha sido a única que não foi redigida; até por que, analisando a paginação do volume, parece que este devia conter, em sua versão similar a B, a totalidade do texto concebido por Martines. A versão B do *Tratado* abarca, portanto, o mesmo campo que a versão A. Isso é um fato novo. A relação de B com Fournié parece confirmada pelo endereçamento do título copiado por Tournier. 'A Sr. Fournier, secretário de Pasqually* [chamada para uma nota marginal da mesma mão, vide *infra*, seguida destas duas palavras, acrescentadas pela mesma mão] famoso teurgo. Cópia de um manuscrito de Martin, tendo por título Sequência do grande tratado, começando na página 233 e terminando na 250 do manuscrito." Um novo ponto de interrogação, embora o estilo do fragmento de Solesmes tenha sofrido uma primeira correção: "Solesmes" interpela o ouvinte-leitor na segunda pessoa do singular e o chama

de "meu caro amigo", "meu caro discípulo", "meu caro rival" e "minha cara criança", ao passo que "Kloss" emprega "vós" ou, então, passa para o estilo indireto, usando os recursos de indeterminação do sujeito. Página 67, um subtítulo na margem interna: "Da eleição de Saul", mas a quem pertence? Se é certo que a cópia é de Tournyer, de quem era o original proveniente, sem dúvida, do primo Saint-Martin? De quem são o título e o endereçamento, ao qual uma nota está ligada: "*Esse Pasqualis foi o primeiro mestre do Sr. St. Martin [...]*", nota de Tournyer, penso eu, do tempo em que a partícula nobiliária era malvista? Qual é o valor da preposição em "*A Sr. Fourmer*"? O título "*Sequência (etc.)*" abre a página 233 do ms. original de "Solesmes" ou toda a parte do tratado que falta a Kloss? Sobretudo, uma primeira versão completa, isto é, tão extensiva quanto a versão definitiva, um original completo foi, como parece, escrito por Fournié, ditado por Martines, ou a partir de um rascunho deste, e o trabalho de Saint-Martin consistiu apenas na revisão do manuscrito original, em colaboração oral com Martines. O manuscrito de Solesmes é um problema, com efeito, e torna a levantar o problema das circunstâncias em que foi composto esse *Tratado da ou sobre a Reintegração*, cujo início de criação foi anunciado duas vezes, com um ano de intervalo: em 1770, pelo próprio autor, e em 1771, por Saint-Martin em nome dele. (O texto da versão B, manuscrito de Kloss, será reeditado em breve, ampliado pelo texto do manuscrito de Solesmes; este último foi publicado em primeira mão em *Renaissance traditionnelle*, nº101, 1995. Isso será considerado adiante).

3. Le Tremblay, Diffusion Rosicrucienne, com uma introdução e uma nota de edição.

Martines de Pasqually

TRATADO DA
REINTEGRAÇÃO DOS SERES

em sua primeira propriedade, virtude
e potência espiritual divina

*Primeira edição autêntica segundo o manuscrito
autógrafo de Louis-Claude de Saint-Martin*

SUMÁRIO DO TRATADO

I ADÃO: n ^{os} 1 a 50	71
II CAIM: n ^{os} 51 a 53	113
III ABEL: n ^{os} 54 a 82	116
IV ENOQUE: n ^{os} 83 a 112	144
V NOÉ: n ^{os} 113 a 138	174
VI OS SÁBIOS NOÁQUIDAS: n ^{os} 139 a 161	201
VII ABRAÃO: n ^{os} 162 a 167.....	227
VIII ISAAC: n ^{os} 168 a 172	231
IX JACÓ: n ^{os} 173 a 183	237
X MOISÉS: n ^{os} 184 a 276.....	248
XI SAUL: n ^{os} 277 a 284	356

I

ADÃO

1 — Antes do tempo, a imensidade divina.

Antes do tempo Deus emanou seres espirituais para sua própria glória, em sua imensidade divina. Esses seres tinham a exercer um culto que a Divindade lhes fixara por leis, preceitos e mandamentos eternos. Eles eram, portanto, livres e distintos do Criador, e não se pode negar o livre-arbítrio com que foram emanados sem destruir a faculdade, a propriedade e a virtude espiritual e pessoal que lhes eram necessárias para operarem com exatidão dentro dos limites em que deviam exercer sua potência. Era, positivamente, dentro desses limites que esses primeiros seres espirituais deviam render o culto para que foram emanados. Esses primeiros seres não podiam negar nem ignorar as convenções que o Criador fizera com eles, dando-lhes leis, preceitos e mandamentos, posto que era unicamente sobre essas convenções que estava fundamentada sua emanação.

2 — Deus, criador de tudo.

Perguntareis o que esses primeiros seres eram antes de sua emanação divina, se existiam ou se não existiam. Eles existiam no seio da Divindade, mas sem distinção de ação, de pensamento e de entendimento específico. Eles podiam agir ou sentir unicamente pela vontade do Ser superior que os continha e no qual tudo era movido; o que, verdadeiramente, não se pode chamar de existir. Entretanto, essa existência em Deus é de absoluta necessidade; é ela que constitui a imensidade da potência divina. Deus não seria o pai e o senhor de todas as coisas, se não tivesse inata em si uma fonte inesgotável de seres

que ele emana por sua vontade e quando lhe apraz. É por essa multidão infinita de emanações de seres espirituais para fora de si que ele tem o nome de Criador e as suas obras, o de criação divina espiritual e animal espiritual temporal.

3 — Uma quátripla essência divina, quatro classes de primeiros espíritos emanados.

Os primeiros espíritos emanados do seio da Divindade distinguiam-se entre si por suas virtudes, suas potências e seus nomes. Eles ocupavam a imensa circunferência divina chamada vulgarmente Dominação e que tem seu número denário conforme a seguinte figura: — (figura, p. 78, 2º §) —, e é aí que todo espírito superior 10, maior 8, inferior 7 e menor 3 devia agir e operar para a grande glória do Criador. Sua denominação, ou o seu número, prova que a emanação deles vem realmente da quátripla essência divina. Os nomes dessas quatro classes de espíritos eram mais fortes do que os que damos vulgarmente aos querubins, serafins, arcanjos e anjos, que só foram emancipados depois. Ademais, esses quatro primeiros princípios de seres espirituais tinham em si, como dissemos, uma parcela da Dominação divina, uma potência superior, maior, inferior e menor, pela qual conheciam tudo o que podia existir ou estar contido nos seres espirituais que ainda não haviam saído do seio da Divindade. Como, direis, podiam eles ter conhecimento de coisas que ainda não existiam distintamente e fora do seio do Criador? Porque esses primeiros líderes emanados no primeiro círculo, chamado misteriosamente de círculo denário, liam claramente e com plena certeza o que se passava na Divindade, assim como tudo o que estava contido nela. Não deve haver dúvida sobre o que digo aqui, convencendo-se de que só ao espírito cabe ler, ver e conceber o espírito. Esses primeiros líderes tinham conhecimento perfeito de toda ação divina, uma vez que foram

emanados do seio do Criador apenas para serem testemunhas diretas de todas as suas operações divinas e da manifestação de sua glória.

4 - Consequências necessárias da prevaricação dos líderes espirituais divinos.

Esses líderes espirituais divinos conservaram o seu primeiro estado de virtude e potência divina depois de sua prevaricação? Sim, eles o conservaram, pela imutabilidade dos decretos do Eterno, pois se o Criador tivesse retirado todas as virtudes e potências que ele transmitiu aos primeiros espíritos, não teria havido mais nenhuma ação de vida boa ou má, nem nenhuma manifestação de glória, de justiça e de potência divina nesses espíritos prevaricadores. Dir-me-eis que o Criador deve ter previsto que esses primeiros espíritos emanados prevaricariam contra as leis, os preceitos e os mandamentos que lhes foram dados, e que, então, lhe cabia contê-los na justiça. Responderei a isso que, ainda que o Criador previsse a orgulhosa ambição desses espíritos, ele não podia, de modo algum, conter e parar o pensamento criminoso deles, sem privá-los de sua ação particular e inata, posto que foram emanados para agir segundo sua própria vontade e como causas segundas espirituais, consoante o plano que o Criador lhes traçara. O Criador não toma parte alguma nas causas segundas espirituais, boas e más, lendo, ele próprio, apoiado e fundamentado todo ser espiritual em leis imutáveis. Por esse meio, todo ser espiritual é livre para agir segundo sua vontade e sua determinação particular, como o próprio Criador disse à sua criatura, e vemos a confirmação disto todos os dias diante dos nossos olhos.

5 — Gênero da prevaricação dos primeiros espíritos e sua punição.

Se me perguntardes qual foi o gênero da prevaricação desses espíritos, para que o Criador tenha usado a força das

leis divinas contra eles, responderei que esses primeiros espíritos foram emanados apenas para agir como causas segundas e não para exercer sua potência sobre as causas primeiras, ou a ação própria da Divindade. Por serem apenas agentes segundos, eles deviam ser zelosos apenas de suas potências, virtudes e operações segundas, e não se ocupar em obstar o pensamento do Criador em todas as suas operações divinas, tanto passadas quanto presentes e futuras. O crime deles foi querer condenar a eternidade divina; em segundo lugar, querer limitar a onipotência divina em suas operações de criação; e, em terceiro lugar, levar seus pensamentos espirituais ao ponto de pretenderem ser criadores de causas terceiras e quartas que eles sabiam ser inatas na onipotência do Criador, a qual chamamos de quátripla essência divina. Como podiam eles condenar a eternidade divina? Querendo dar ao Eterno uma emanção igual a deles, vendo o Criador simplesmente como um ser semelhante a eles, e que, em consequência, devia nascer deles criaturas espirituais que dependeriam imediatamente deles, assim como eles dependiam Daquele que os emanara. Eis o que chamamos de princípio do mal espiritual, sendo certo que toda vontade má concebida pelo espírito é sempre criminosa perante o Criador, mesmo que o espírito não a realize em ação efetiva. Foi como punição dessa simples vontade criminosa que os primeiros espíritos foram precipitados, pela pura potência do Criador, em lugares de sujeição, de privação e de miséria impura e contrária aos seus seres espirituais, que eram puros e simples por sua emanção, o que vai ser explicado.

6 — *A criação material.*

Tendo esses espíritos concebido seu pensamento criminoso, o Criador deu força de lei à sua imutabilidade, criando este universo físico em aparência de forma material, para ser o lugar

fixo onde os espíritos perversos agiriam e exerceriam em privação toda a sua malícia. Não se deve incluir, nessa criação material, o homem, ou o menor, que hoje está no centro da superfície terrestre, porque o homem não devia fazer uso de nenhuma forma dessa matéria aparente, tendo sido emanado e emancipado pelo Criador tão-somente para dominar sobre todos os seres emanados e emancipados antes dele. Esse menor foi emanado somente depois que este universo foi formado pela onipotência divina para ser o asilo dos primeiros espíritos perversos e o limite de suas operações maldosas, que jamais se prevalecerão contra as leis de ordem que o Criador deu à sua criação universal. O homem tinha as mesmas virtudes e as mesmas potências que os primeiros espíritos, embora tenha sido emanado apenas depois deles. Ele se tornou o superior e o mais velho deles por seu estado de glória e pela força de comando que ele recebeu do Criador. Ele conhecia perfeitamente a necessidade da criação universal; conhecia também a utilidade e a santidade de sua própria emanção espiritual, bem como a forma gloriosa de que era revestido para agir, em todas as suas resoluções, sobre as formas corporais ativas e passivas. Era nesse estado que ele devia manifestar toda a sua potência, para a grande glória do Criador, era face da criação universal, geral e particular.

7 — Tripartição do universo.

Aqui distinguimos o universo em três partes, para fazer nossos pares concebê-lo com todas as suas faculdades espirituais: 1º, o universo, que é uma imensa circunferência onde estão contidos o geral e o particular; 2º, a terra, ou a parte geral de onde emanam todos os alimentos necessários para substanciar o particular, e 3º, o particular, que é composto de todos os habitantes dos corpos celestes e terrestres. Eis a divisão que fazemos da criação universal, para que nossos pares

possam conhecer e operar com distinção e conhecimento de causa em cada uma dessas três partes.

8 — *Adão opera sobre o particular.*

Adão, em seu primeiro estado de glória, era o verdadeiro par do Criador. Como puro espírito ele lia a nu os pensamentos e as operações divinas. O Criador fê-lo conceber os três princípios que compõem o universo e, para este fim, disse-lhe: "Comanda todos os animais ativos e passivos, eles te obedecerão". Adão executou o que o Criador lhe dissera e viu, com isto, que sua potência era grande e aprendeu a conhecer com plena certeza uma parte do todo que compõe o universo. Essa parte é aquilo que chamamos de particular, composto de todo ser ativo e passivo que habita desde a superfície da terra e seu centro até o centro celeste, chamado misteriosamente de Saturno.

9 — *Adão opera sobre o geral e o universal.*

Após essa operação, o Criador disse à sua criatura: "Comanda o geral, ou a terra; ela te obedecerá". Assim fez Adão. Ele viu, com isto, que sua potência era grande e conheceu com plena certeza o segundo todo que compõe o universo. Após essas duas operações, o Criador disse à sua criatura: "Comanda todo o universo criado, e todos os habitantes espirituais te obedecerão". Adão executou novamente a palavra do Eterno e foi por esta terceira operação que ele aprendeu a conhecer a criação universal.

10 — *Adão, homem-Deus da terra.*

Adão, tendo operado e manifestado sua vontade conforme a vontade do Criador, recebeu dele o nome augusto de *homem-Deus da terra universal*, porque dele deveria sair uma posteridade de Deus e não uma posteridade carnal. Deve-se observar que, na primeira operação, Adão recebeu a lei; na segunda,

recebeu o preceito e, na terceira, recebeu o mandamento. Por essas três espécies de operações, devemos ver claramente não somente quais eram os limites da potência, virtude e força que o Criador dera à sua criatura mas também as que ele prescrevera aos primeiros espíritos perversos.

11 — Adão, criatura livre.

Tendo o Criador visto sua criatura satisfeita com a virtude, a força e a potência inatas nela e pelas quais ela podia agir à sua vontade, abandonou-a ao seu livre-arbítrio, tendo-a emancipado numa forma distinta de sua imensidade divina com esta liberdade, a fim de que sua criatura tivesse a fruição particular e pessoal, presente e futura, por uma eternidade impassível, contanto, porém, que ela se conduzisse segundo a vontade do Criador.

12 — Tentação de Adão.

Adão, entregue ao seu livre-arbítrio, refletiu sobre sua grande potência, manifestada por suas três primeiras operações. Ele considerou seu trabalho como sendo quase tão grande quanto o do Criador, mas, não podendo por iniciativa própria aprofundar perfeitamente suas três primeiras operações e nem as do Criador, a inquietação começou a se apoderar dele no meio de suas reflexões sobre a onipotência divina, na qual ele só podia ler com o consentimento do Criador, segundo o que lhe fora ensinado pelas ordens que o próprio Criador lhe dera para exercer seus poderes sobre tudo que estava sob sua dominação, antes de deixá-lo livre de suas vontades. As reflexões de Adão, assim como o pensamento que ele teve de ler na potência divina, não tardaram um instante a ser conhecidos pelos primeiros espíritos perversos, uma vez que, tão logo ele concebeu este pensamento, um dos principais espíritos perversos, que chamamos de demônios maus,

apareceu para ele sob a mais bela forma aparente de corpo de glória e, aproximando-se de Adão, disse-lhe: "Que mais desejas saber sobre o onipotente Criador? Ele não te igualou a ele pela virtude e pela onipotência que colocou em ti? Age segundo tua vontade inata e opera na qualidade de ser livre, seja sobre a Divindade, seja sobre toda a criação universal que está submetida ao teu comando. Convencer-te-ás, então, que tua potência não difere em nada da do Criador. Aprenderás a saber que és não apenas criador de potência particular, mas também criador, pois te foi dito que devia nascer de ti uma posteridade de Deus. É do Criador que obtenho todas essas coisas e é por Ele e em seu nome que te falo".

13 — Adão sucumbe à tentação.

Com esse discurso do espírito demoníaco, Adão ficou como que na inação e sentiu nascer em si uma inquietação violenta, a partir da qual ele caiu em êxtase. Foi nesse estado que o espírito maligno insinuou-lhe sua potência demoníaca e Adão, voltando de seu êxtase espiritual animal, mas tendo retido impressão maldosa do demônio, resolveu operar a ciência demoníaca preferivelmente à ciência divina que o Criador lhe dera para sujeitar todo ser inferior a ele. Ele rejeitou inteiramente seu próprio pensamento espiritual divino para fazer uso apenas daquele que o espírito maligno lhe sugerira.

14 — Quarta e criminosa operação de Adão.

Adão operou, pois, o pensamento demoníaco, fazendo uma quarta operação, na qual usou de todas as palavras poderosas que o Criador lhe transmitira para suas três primeiras operações, embora tenha rejeitado inteiramente o cerimonial destas mesmas operações. Ele fez uso, por preferência, do cerimonial que o demônio lhe ensinou, bem como do plano que dele recebeu para atacar a imutabilidade do Criador. Adão

repetiu aquilo que os primeiros espíritos perversos haviam concebido operar para se tornar criadores, em detrimento das leis que o Eterno lhes prescrevera para lhes servir de limites em suas operações espirituais divinas. Esses primeiros espíritos não deviam conceber nem entender nada em matéria de criação, nada mais sendo que criaturas de potência. Adão não devia aspirar mais que eles a essa ambição de criação de seres espirituais que lhe foi sugerida pelo demônio.

15 — Origem do mal.

Vimos que tão logo esses demônios, ou espíritos perversos, conceberam operar sua vontade de emanção semelhante à que o Criador havia operado, eles foram precipitados em locais de trevas, por uma duração imensa de tempo, pela vontade imutável do Criador. Essa queda e esse castigo nos provam que o Criador não ignora o pensamento e a vontade de sua criatura. Esse pensamento e essa vontade, bons ou maus, são ouvidos diretamente pelo Criador, que os acolhe ou os rejeita. Seria, portanto, um erro dizer que o mal vem do Criador, a pretexto de que tudo emana dele. Do Criador saiu todo ser espiritual, bom, santo e perfeito; nenhum mal é e nem pode ser emanado dele. Mas se me perguntardes de onde, então, emanou o mal, direi que o mal é gerado pelo espírito e não criado. A criação pertence unicamente ao Criador e não à criatura. Os pensamentos maus são gerados pelo espírito mau, como os pensamentos bons são gerados pelo espírito bom; cabe ao homem rejeitar os primeiros e acolher os segundos, conforme seu livre-arbítrio, que lhe dá direito a pretender as recompensas de suas boas obras, mas que também pode fazê-lo ficar por um tempo infinito na privação de seu direito espiritual. O mal, repito, não tem sua origem nem no Criador nem em nenhuma de suas criaturas particulares. Ele vem unicamente do pensamento do espírito oposto às leis, aos

preceitos e mandamentos do Eterno, pensamento este que o Eterno não pode mudar nesse espírito sem destruir sua liberdade e sua existência, particular, como foi dito acima. Entretanto, não se deve pensar que o espírito que gerou o mal seja o próprio mal, porque se os demônios mudassem sua vontade má, sua ação mudaria também e, a partir desse instante, não haveria mais nenhum mal em toda a extensão deste universo. Direis que isso não pode acontecer, porque Deus, sendo imutável em seus decretos, condenou à privação eterna os que geraram o mal. Responderei que é verdade que o Criador condenou os adeptos do mal a uma privação e a punições infinitas. Mas farei ver que, no centro da manifestação da justiça do Criador sobre a criatura, ele chamou a si próprio de pai de misericórdia ilimitada desta mesma criatura. Falarei mais amplamente dessa misericórdia divina numa outra parte. Voltarei novamente à geração do mal, ocasionada pela vontade má do espírito, e direi que a geração má do espírito, sendo tão-somente o pensamento mau, é chamada espiritualmente de intelecto mau, do mesmo modo que a geração do pensamento bom é chamada de intelecto bom. É por essas espécies de intelectos que os espíritos bons e maus comunicam-se ao homem e o fazem reter uma determinada impressão, segundo ele use de seu livre-arbítrio para rejeitar ou admitir o mau ou o bom, à sua vontade.

16 — O homem e o demônio.

Denominamos intelecto a insinuação boa ou má dos espíritos, porque eles agem sobre os seres espirituais. Os espíritos perversos estão submetidos aos menores, tendo degenerado de sua potência superior por sua prevaricação. Os espíritos bons estão igualmente submetidos ao homem pela potência quaternária, 4, que ele recebeu com sua emanção. Essa potência universal do homem é anunciada pela palavra do

Criador, que lhe diz: "Tudo criei para ti, tens apenas que comandar para ser obedecido". Não há, portanto, nenhuma distinção a ser feita entre a sujeição em que o menor tem os espíritos bons e aquela em que ele tem os espíritos maus. Se o homem tivesse se mantido em estado de glória, teria servido de intelecto bom e verdadeiro aos demônios maus, assim como eles próprios fizeram sentir seu intelecto mau ao primeiro menor e como ainda o fazem, diariamente, ser sentido entre nós. Pela potência de comando que tinha sobre eles, o homem podia fechá-los ainda mais em sua privação, recusando-lhes toda comunicação consigo, o que nos é ilustrado pela desigualdade dos cinco dedos da mão, na qual o dedo médio representa a alma, o polegar, o espírito bom, e o indicador, o intelecto bom; os dois outros dedos ilustram o espírito e o intelecto demoníaco. Compreendemos facilmente, por essa representação, que o homem foi emanado apenas para estar sempre diante do demônio mau, para contê-lo e combatê-lo. A potência do homem era bem superior à do demônio, pois o homem unia à sua a de seu companheiro e de seu intelecto, e, por este meio, ele podia opor três potências espirituais boas contra duas potências demoníacas fracas; o que teria subjugado totalmente os adeptos do mal e, conseqüentemente, destruído o próprio mal.

17 — Deus é justo, sem mal possível nele.

Podeis ver, por tudo o que venho dizendo, que a origem do mal não veio de nenhuma outra causa senão o pensamento mau acompanhado da vontade má do espírito contra as leis divinas, e não que o próprio espírito emanado do Criador seja diretamente o mal, porque a possibilidade do mal nunca existiu no Criador. Ele nasce unicamente da disposição e vontade de sua criatura. Aqueles que falam de maneira diferente não falam com conhecimento de causa de coisas possíveis e impossíveis à

Divindade. Quando o Criador castiga sua criatura, dá-se a ele o nome de justo, e não de autor do flagelo que ele lança para preservar sua criatura da punição infinita.

18 — Explicação do crime do homem original.

Entrarei agora na explicação da prevaricação do primeiro homem. Essa prevaricação é uma repetição da dos espíritos perversos emanados primeiro. Embora ela parta da própria vontade de Adão, não vem imediatamente de seu pensamento, este pensamento lhe tendo sido sugerido pelos espíritos prevaricadores. Mas a prevaricação do primeiro homem é mais considerável que a dos primeiros espíritos, devido a que não somente Adão reteve impressão do conselho dos demônios, em favor dos quais ele contraiu uma vontade má, como também foi ao ponto de empregar toda sua virtude e potência divina contra o Criador, operando pela vontade dos demônios e de sua própria vontade um ato de criação, coisa que os espíritos perversos não tiveram tempo de fazer, seu pensamento e sua vontade má tendo sido lidos pelo Criador, que logo parou e impediu o ato da operação desta vontade. Perguntareis, talvez, por que o Criador não agiu contra a vontade má e a operação iníqua do primeiro homem, assim como o fez contra a dos espíritos perversos. Responderei a isso que o homem, sendo o instrumento predisposto pelo Criador para a punição dos primeiros espíritos, recebeu leis de ordem, em consequência. O Criador deixou subsistir as leis de ordem que ele dera ao homem, bem como as que eram inatas no espírito mau, a fim de que esses dois seres operassem segundo seu pensamento e sua vontade particular. O Criador, sendo um ser imutável em seus decretos e em seus dons espirituais, como também naquilo que ele promete e naquilo que ele recusa, e ainda nas penas e recompensas que ele envia à sua criatura conforme seu mérito, não podia, sem falhar à sua imutabilidade, parar

a força e a ação das leis de ordem que o espírito mau e o espírito menor, ou o homem, tinham neles. Ele deixou que agissem livremente esses dois seres emanados, não estando nele ler nas causas segundas temporais, nem impedir a ação, sem infringir sua própria existência de Ser necessário e sua potência divina.

19 — Justiça, pois, ao Criador.

Se o Criador tomasse alguma parte nas causas segundas, seria absolutamente necessário que ele próprio comunicasse não somente o pensamento, mas ainda a vontade boa e má à sua criatura, ou que o fizesse ser comunicado por agentes espirituais que emanariam imediatamente dele, o que daria no mesmo. Se o Criador agisse assim, ter-se-ia razão de dizer que o bem e o mal vêm de Deus, assim como o puro e o impuro. Não poderíamos mais, então, considerar-nos seres livres e sujeitos a um culto divino por nossa própria vontade. Rendamos toda a justiça que é devida ao Criador, ficando mais que convencidos de que nunca existiu nele, e que jamais pode existir, a mais ínfima suspeita do mal e que é só da vontade do espírito que o mal pode sair, o espírito estando revestido de inteira liberdade.

20 — Traição e punição de Adão.

O que prova demonstrativamente a verdade do que digo é que, se houvesse a possibilidade de o Criador parar a ação das causas segundas espirituais temporais, ele não teria permitido que seu menor sucumbisse à insinuação dos demônios, tendo-o emanado expressamente para ser o instrumento particular da manifestação de sua glória contra esses mesmos demônios. Farei mais uma pequena comparação com respeito a isso, embora isto não seja preciso. Dir-vos-ei, pois: se vós mesmos mandásseis um segundo para combater vossos inimigos e estivesse em vosso poder fazê-lo triunfar, poderíeis deixá-lo

sucumbir sem que vós mesmos sucumbísseis? Se, ao contrário, vosso emissário vai ao combate, observando ponto a ponto as leis de ordem que lhe destes, e volta triunfante, vós o recompensareis, com todo vosso poder, como um amigo fiel às vossas ordens. Mas, se, apartando-se de vossas leis, ele vem a sucumbir, vós o punireis, porque ele tinha a força em mão. Entretanto, estando esse emissário vencido, vós também estais? Não. Só ele é reprovável e só sobre ele deve cair toda vossa indignação, como sendo falso e perjuro, e o tereis em opróbrio. Ademais, se vosso emissário, tendo recebido vossas ordens para ir combater vossos inimigos, ao invés de atacá-los e abatê-los, se aliasse a eles, e todos juntos viessem vos combater e, por este meio, procurassem vos tornar subjugado a eles, ao invés de eles a vós, como consideraríeis este emissário? Vós o veríeis como um traidor e ficaríeis mais fortemente que nunca em guarda contra ele. Pois bem, eis, positivamente, qual é a prevaricação do primeiro homem para com o Criador. E por isso que o anjo do Senhor diz, conforme está relatado nas Escrituras: "Expulsemos daqui o homem que teve conhecimento do bem e do mal, pois ele poderia nos perturbar em nossas funções absolutamente espirituais, e cuidemos para que ele não toque a árvore da vida e, por este meio, que não viva para sempre". (A árvore da vida não é outra coisa senão o espírito do Criador, que o menor atacou injustamente com os seus aliados). "Que não viva para sempre" significa que não viva eternamente, como os primeiros espíritos demoníacos, numa virtude e numa potência malditas.

21 — *Adão arrependido e reconciliado.*

Sem essa punição, o primeiro homem não teria feito penitência de seu crime, não teria obtido sua reconciliação; teria tido posteridade e teria permanecido o menor dos menores demoníacos, dos quais ele se tornara escravo. Ao passo

que, por sua reconciliação, ele foi recolocado pelo Criador nas mesmas virtudes e nas mesmas potências que tinha antes contra os infieis à lei divina. Foi por essa reconciliação que ele obteve, uma segunda vez, poderes a favor e contra todo Ser Criador. Cabe-lhe fazer uso deles com sabedoria e moderação e não mais empregar seu livre-arbítrio pela vontade dos inimigos do Criador, por temor de se tornar para sempre a árvore da vida do mal.

22 — *Adão, no paraíso terrestre, fez mau uso de seu verbo de criação.*

Voltemos à prevaricação de Adão. Se conhecêsseis o gênero de prevaricação de Adão e o fruto que dela recebeu, não veríeis mais como injusta a pena que o Criador colocou sobre nós ao nascermos e que ele tornou transmissível à nossa posteridade até o fim dos séculos. Adão foi emanado por último que qualquer criatura; ele foi colocado no centro da criação universal, geral e particular. Ele estava revestido de uma potência superior a de todo ser emanado, relativamente ao emprego a que o Criador o destinava: os próprios anjos estavam submetidos à sua grande virtude e aos seus poderes. Foi refletindo sobre um estado tão glorioso que Adão concebeu e operou sua vontade má, no centro de seu primeiro leito glorioso, ao qual dá-se, vulgarmente, o nome de paraíso terrestre e que nós chamamos misteriosamente de terra *elevada acima de todo sentido*. Esse local é assim chamado pelos amigos da sabedoria, porque foi nesse lugar conhecido pelo nome de Mor-ia que o templo de Salomão foi depois construído. A construção desse templo representava realmente a emanção do primeiro homem. Para se convencer disso, basta notar que o templo de Salomão foi construído sem o auxílio de ferramentas feitas de metais; o que fazia com que todos os homens vissem que o Criador formara o primeiro homem sem o concurso de nenhuma operação física material. Esse leito espiritual, no qual

o Criador colocou seu primeiro menor, foi representado por seis e uma circunferência. Pelos seis círculos o Criador representava ao primeiro homem os seis imensos pensamentos que ele empregara para a criação de seu templo universal e particular. O sétimo círculo, unido aos seis primeiros, anunciava ao homem a junção que o espírito do Criador fazia com ele para ser sua força e seu apoio. Mas, apesar das poderosas precauções que o Criador empregou para prevenir e amparar o homem contra seus inimigos, esse homem não deixou de agir segundo sua própria vontade, pela qual ele se determinou a operar uma obra impura. Adão tinha em si um ato de criação de posteridade de forma espiritual, isto é, de forma gloriosa, semelhante a que ele tinha antes de sua prevaricação, forma impassiva e de natureza superior a de todas as formas elementares. Adão teria tido toda a glória dessas espécies de criações. A vontade do primeiro homem sendo a do Criador, tão logo o pensamento do homem houvesse operado, o pensamento espiritual divino teria igualmente agido, preenchendo imediatamente o fruto da operação do menor com um ser tão perfeito quanto ele. Deus e o homem teriam feito, ambos, uma só operação, e seria nessa grande obra que Adão teria se visto renascer com uma satisfação verdadeira, porque ele teria sido realmente o criador de uma posteridade de Deus. Mas, longe de cumprir os desígnios do Criador, o primeiro homem deixou-se seduzir pelas insinuações de seus inimigos e pelo falso plano de operação aparentemente divina que eles lhe traçaram. Os espíritos demoníacos diziam-lhe: "Adão, tens inato em ti o verbo de criação em todo gênero, és possuidor de todos os valores, pesos, números e medidas. Por que não operas a potência de criação divina que é inata em ti? Não ignoramos que todo ser criado te é submisso: opera, então, criaturas, pois és criador. Opera diante dos que estão fora de ti! Todos eles renderão justiça à glória que te é devida".

23 — *A forma de matéria criada por Adão torna-se sua própria prisão.*

Adão, cheio de orgulho, traçou seis circunferências, à semelhança das do Criador, isto é, operou os seis atos de pensamentos espirituais que ele tinha em seu poder para cooperar com sua vontade de criação. Ele executou fisicamente c na presença do espírito sedutor sua criminoso operação. Ele esperava ter o mesmo êxito que o Criador eterno, mas ficou muito surpreso, do mesmo modo que o demônio, quando, em lugar de uma forma gloriosa, extraiu de sua operação apenas uma forma tenebrosa e totalmente oposta à sua. Ele criou, de fato, apenas uma forma de matéria, em vez de criar uma pura e gloriosa, tal como estava em seu poder. Que fez Adão após sua operação? Ele refletiu sobre o fruto iníquo que dela resultou e viu que havia operado a criação de sua própria prisão, que o fecharia mais estreitamente, a ele e toda sua posteridade, em limites tenebrosos e na privação espiritual divina até o fim dos séculos. Essa prisão não era outra coisa senão a mudança da forma gloriosa em forma material e passiva. A forma corporal que Adão criou não era realmente a sua, mas era uma semelhante a que ele havia de tomar após sua prevaricação. Perguntar-me-eis, talvez, se a forma corporal gloriosa em que Adão foi colocado pelo Criador era semelhante a que temos agora. Responderei que ela não diferia em nada da que têm os homens hoje. Tudo o que a distingue é que a primeira era pura e inalterável, ao passo que a que temos presentemente é passiva e sujeita à corrupção. Foi por ter se maculado com uma criação tão impura que o Criador se irritou contra o homem. Mas, direis, de que serviu a Adão essa forma de matéria que ele criou? Ela lhe serviu para fazer nascer dele uma posteridade de homens, na medida em que o primeiro menor, Adão, por sua criação de forma passiva material, degradou sua própria forma impassiva, da qual deviam emanar formas

gloriosas como a sua, para servir de morada aos menores espirituais que o Criador teria enviado a elas. Essa posteridade de Deus teria sido sem limites e sem fim, a operação espiritual do primeiro menor teria sido a do Criador, as duas vontades de criação teriam sido uma só em duas substâncias. Mas por que o Criador deixou subsistir o fruto provindo da prevaricação de Adão, e por que ele não o aniquilou quando amaldiçoou o primeiro homem e toda a terra? O Criador deixou subsistir a obra impura do menor a fim de que este menor fosse molestado de geração em geração, por um tempo imemorial, tendo sempre diante dos olhos o horror de seu crime. O Criador não permitiu que o crime do primeiro homem se apagasse e sob os céus, a fim de que sua posteridade não pudesse alegar ignorância de sua prevaricação e aprendesse, com isto, que as penas e as misérias de que ela padece e padecerá até o fim dos séculos não vêm do Criador divino, mas de nosso primeiro pai, criador de matéria impura e passiva. (Sirvo-me aqui da expressão matéria impura porque Adão operou esta forma contra a vontade do Criador.)

24 — O homem abismado na terra.

Se me perguntardes como se fez a mudança da forma gloriosa de Adão em uma forma de matéria e se o próprio Criador deu a Adão o corpo de matéria que ele tomou logo após sua prevaricação, responderei que, tão logo Adão realizou sua vontade criminosa, o Criador, por sua onipotência, transmutou imediatamente a forma gloriosa do primeiro homem em uma forma de matéria passiva, semelhante a que era provinda de sua operação horrível. O Criador transmutou essa forma gloriosa precipitando o homem nos abismos da terra, de onde ele tirara o fruto de sua prevaricação. O homem veio então habitar sobre a terra como o resto dos animais, ao passo que, antes de seu crime, ele reinava sobre esta mesma terra como homem-Deus e sem ser confundido com ela nem com os seus habitantes.

25 — *Invocação de Adão para sua reconciliação.*

Foi após esse evento terrível que Adão reconheceu, ainda mais fortemente, a enormidade de seu crime. Logo ele foi gemer por sua falta e pedir o perdão por sua ofensa ao Criador. Ele entrou em recolhimento e, nele, em gemidos e lágrimas, invocou assim o Criador divino:

"Pai de caridade, de misericórdia; Pai vivificante e de vida eterna; Pai Deus dos deuses, dos céus e da terra; Deus forte e fortíssimo; Deus de justiça, de punição e de recompensa; Eterno onipotente; Deus vingador e retribuidor; Deus de paz, de clemência, de compaixão caridosa; Deus dos espíritos bons e maus; Deus forte do Sabbath; Deus de reconciliação de todo ser criado; Deus eterno e onipotente das regiões celestes e terrestres; Deus invencível, existente necessariamente, sem princípio nem fim; Deus de paz e de satisfação; Deus de toda dominação e potência de todo ser criado; Deus que deplora e recompensa quando lhe apraz; Deus quadruplicamente forte das revoluções e dos exércitos celestes e terrestres deste universo; Deus magnífico de toda contemplação, dos seres criados e das recompensas inalteráveis; Deus pai sem limite de misericórdia em favor de sua fraca criatura, ouve aquele que geme diante de Ti pela abominação de seu crime. Ele é tão-somente a causa segunda de sua prevaricação. Reconcilia teu homem em ti e subjuga-o para todo sempre. Abençoa-o para que no futuro ele permaneça inquebrantável em Tua Lei. Abençoa também a obra feita da mão de Teu primeiro homem, a fim de que ela não sucumba, assim como eu, às solicitações daqueles que são a causa de minha justa punição e a da obra de minha própria vontade. Amém".

26 — *Mudança do culto devido pelo homem.*

Farei notar, a respeito dessa invocação que Adão fez ao Criador para obter dele sua reconciliação, que foi positivamente

Adão quem primeiro deu um conhecimento exato à sua posteridade das diferentes virtudes, potências e propriedades que eram inatas no Criador, para que esta mesma posteridade aprendesse, por meio disto, que ela foi criada tão-somente para combater, para a grande glória de Deus, e para que lhe rendesse o culto pelo qual ela foi perpetuada em sua criação. Esse culto, que o Criador exige hoje de sua criatura temporal, não é o mesmo que ele exigiria de seu primeiro menor, se ele tivesse permanecido em seu estado de glória. O culto que o homem teria tido a cumprir em seu estado de glória, sendo estabelecido para um único fim, teria sido totalmente espiritual, ao passo que aquele que o Criador exige hoje de sua criatura temporal tem dois fins, um temporal e o outro espiritual. Eis o que produziu a prevaricação de nosso primeiro pai.

27 — *Pensamento e vontade.*

Depois de tudo o que foi dito sobre o gênero da prevaricação de Adão, esta verdade não pode escapar um só instante da vista física, animal, espiritual, passiva e eterna do homem, sem ferir frontalmente os sentimentos possantes e todas as virtudes imensas e infinitas que são aderentes e inatas nele. Vimos que seu crime teve seu princípio nas solicitações que os espíritos perversos fizeram ao primeiro homem, Deus emanado, que chamamos de Adão, ou primeiro pai temporal, ou homem ruivo, ou *Reaux*, que significa homem-Deus fortíssimo em sabedoria, virtude e potência, três coisas sacratíssimas e inatas no homem, com toda certeza, e que fazem nele o pensamento, a imagem e a semelhança do Criador. Vimos que o pensamento do crime não veio dele, mas apenas de sua vontade direta, em sua qualidade de homem livre. Com efeito, como disse antes, o pensamento vem ao homem de um ser distinto dele. Se o pensamento é santo, ele provém de um espírito divino; se é mau, provém de um demônio mau. Assim, todas as vontades

do homem são postas em operação e em ação tão-somente de acordo com a concepção de seu pensamento. Isso não se limita apenas a este mundo nem aos homens em geral, mas inclui aí também todos os outros mundos e todos os seres espirituais que os habitam, sejam aqueles de que o Eterno se serve para se comunicar com sua criatura menor, bem como para a manifestação de sua glória em toda a criação deste universo, sejam quaisquer outros por nós ignorados. Os próprios demônios, a despeito da condenação que receberam do Criador desde o instante de sua prevaricação, não mudaram de leis no tocante a isso; eles desfrutaram plena e inteiramente de suas ações, segundo sua vontade pensante, mas não podem esperar nenhuma comunicação de pensamento divino, exceto aquele a que eles se tornariam susceptíveis se mudassem sua vontade má. É assim nessa corte demoníaca, por consequência de lei e ordem, de horror e abominação, como é, sem comparação, na corte espiritual divina. O principal líder dos demônios, que fez juramento de atacar constantemente e com obstinação a lei do Criador, é a árvore da vida do mal por toda uma eternidade. Ele comunica seu pensamento mau aos anjos que lhe estão submetidos e estes, em conformidade com sua vontade má, põem esse pensamento em ação e em operação para a perseguição dos menores. Toda a tarefa desse líder de abominação é a de submeter os menores às suas leis obscuras e fazer com que pareçam tão nítidas e claras quanto as que o Criador colocou em sua criatura.

28 — *A comunicação do pensamento, ou intelecto.*

Não se deve esquecer que todo pensamento divino que vem até nós pela comunicação invisível de um espírito bom, ou de um intelecto bom, não deve ser visto como pensamento. É essa comunicação de pensamento que chamamos de intelecto e é em conformidade com esta comunicação do intelecto,

considerado como pensamento e não como vontade, que o homem opera à sua vontade. Pode-se dizer a mesma coisa sobre a comunicação do pensamento mau, ou do intelecto mau, nos menores.

29 — Adão, de pensante torna-se pensativo.

Foi tornando-se susceptível da comunicação dessas espécies de intelectos bons ou maus que o primeiro homem degenerou de sua faculdade de ser pensante. Quando Adão estava em seu primeiro estado de glória, ele não tinha necessidade da comunicação de intelectos bons nem maus para conhecer o pensamento do Criador e o do príncipe dos demônios. Ele lia igualmente num e noutro, sendo inteiramente pensante. Mas, quando foi deixado sozinho com suas próprias virtudes, potências e vontade livre, ele se tornou, por seu orgulho, susceptível de comunicação boa ou má e, com isto, tornou-se o que denominamos pensativo. O próprio Cristo nos provou a enfermidade do menor com relação a isso, pois o príncipe dos demônios tentou-o com objetos reais, em uma forma humana aparente, e operou visivelmente contra ele, na montanha de Tabor, a sua vontade demoníaca. Assim, é somente depois da insinuação do intelecto mau que o menor concebe sua vontade má, e foi por meio disto que foi concebida e operada a prevaricação do primeiro homem.

30 — Deus forçado a coroar a obra impura de Adão.

Ensinei-vos o gênero dessa prevaricação, com a mesma certeza com que me foi ensinado por um de meus fiéis amigos, amado da verdade e protegido da sabedoria. Vistes que esse primeiro homem-Deus de toda a terra fez realmente uma operação terrível, criando uma forma de matéria à imagem e semelhança de sua forma corporal gloriosa. Fiz entender que essa forma que Adão criou não era uma forma gloriosa, que

ela podia ser apenas uma forma de matéria aparente e mesmo muito imperfeita, porque era o fruto da operação de uma vontade má. Essa operação, com efeito, tinha realmente de ser punida pelo Criador, tendo Adão abusado injustamente de sua potência. Entretanto, o Eterno, tendo prometido a Adão, sob juramento, que agiria com ele em todas as operações que ele fizesse em seu nome, não pôde se impedir de cumprir a promessa imutável que fizera de apoiá-lo em todas as circunstâncias em que ele tivesse necessidade . Foi dessa promessa que Adão partiu para manifestar a potência que era inata nele sobre todo ser espiritual. Ele lembrou ao Criador a promessa imutável que ele fizera de vir coroar suas obras. Ele deu-lhe o comando, por sua imutabilidade divina, de que ele tinha de cumprir a palavra verbal que ele lhe pronunciara, por sua própria e pura vontade de Criador, em favor da sua criação de forma material. Deus, pego por Adão pela força de seu juramento e de sua imutabilidade, uniu, segundo sua promessa, sua operação espiritual à operação temporal de Adão, embora contrária à sua vontade. O Criador agiu com Adão tal como ele desejava e lhe concedeu o coroamento de sua obra, encerrando na forma de matéria criada por Adão um ser menor, que este infeliz Adão sujeitou a uma medonha prisão de trevas e que ele tornou, por este meio, susceptível de ser pensativo e pensante, precipitando-o numa privação eterna ou limitada.

31 — A posteridade de Adão pensativa e pensante.

A palavra pensativo vem de uma junção intelectual má ao ser menor que, por sua natureza de ser espiritual divino, era emanado como ser pensante, inteiramente na imensidade do Criador. Essa junção intelectual fez o menor degenerar-se desse primeiro estado e o sujeitou a ser pensativo, pelas noções intelectuais que ele recebe por parte do espírito mau; o que faz com que o menor seja pensante apenas por um tempo, por

junção inteira com o espírito bom. Não é mais surpreendente que Adão, após sua prevaricação, tenha se tornado um ser pensativo e pensante. Não é mais surpreendente que toda sua posteridade tenha se tornado assim pelas consequências dessa mesma prevaricação. Esse último fato é provado visivelmente pelas diferentes maneiras de pensar, de agir e de operar que observamos entre a posteridade de nosso primeiro pai temporal. Vemos, entre essa posteridade, diferentes nações, diferentes línguas, diferentes cultos divinos ou materiais, e uma variedade infinita de revoluções, tanto em geral quanto em particular. Ademais, vemos os homens terem entre si, em todos os tempos, uma íntima e ávida comunicação, a fim de passarem uns aos outros o pensamento que receberam, seja tendendo ao espiritual, seja tendendo ao material. Isso anuncia o quanto essa posteridade conta pouco consigo mesma e se edifica da inspiração boa ou má que recebe do bom ou do mau espírito, nos lugares de trevas em que ela habita. É por causa de sua chegada a esse estado contrário à sua natureza espiritual que chamamos a posteridade de Adão de pensativa e pensante, pela comunicação do ser intelectual bom e mau pelo qual o homem se tornou susceptível de ser cercado.

32 — *Os homens de exceção.*

Todavia, é necessário observar aqui que houve menores que receberam o nascimento e a vida temporal tão-somente pela vontade e pela operação divina. Esses menores estavam destinados à manifestação da glória do Eterno e, ainda que sua forma tenha sido emanada da posteridade de Adão, o menor que habitava essa forma era verdadeiramente um puro ser pensante, sem nunca ser pensativo. E por que isso? Porque o Eterno manifestava-lhe sua própria vontade pela visão de um de seus emissários, que lhe anunciava, sem nenhum mistério, aquilo que ele devia fazer para operar exatamente a vontade

divina. Uma coisa é a inspiração intelectual, outra coisa é o ato de operação visual do espírito; o que farei ser compreendido, talando dos menores que foram emanados após Adão tão-somente pela vontade do Criador e para manifestar sua glória.

33 — *Figuras aparentes do Cristo para a reconciliação das duas posteridades de Adão.*

Nos primeiros tempos da posteridade do primeiro homem, Hely, que denominamos Cristo e que reconhecemos, com plena certeza, como um ser pensante, reconciliou Adão com o Criador. Enoque reconciliou a primeira posteridade de Adão, sob a posteridade de Seth. Noé reconciliou a segunda posteridade de Adão, reconciliando a sua com o Criador, e, em seguida, reconciliou a terra com essa mesma segunda posteridade reconciliada e, por este meio, reconciliou a terra com Deus. Melquisedeque confirmou essas três primeiras reconciliações, abençoando as obras de Abraão e seus trezentos servidores. Essa bênção é uma repetição daquela que Deus deu aos três filhos de Noé, a saber, Sem, Cam e Jafé. Abraão e seus trezentos servidores formam o número perfeito 4 e lembram o mesmo quaternário que Noé formara com seus três filhos. E pelo número octonário, que resulta da junção desses dois números quaternários, que aprendemos que todas as reconciliações e confirmações de que vimos de falar foram feitas diretamente pelo Cristo. Pois, embora tenham sido operadas pela assistência dos menores emanados para esse fim, esses menores, entretanto, nada mais eram que figuras aparentes de que o Cristo se serviu para manifestar a glória e a misericórdia do Criador em favor dos reconciliados. Sabemos com plena certeza que o número 8 é o número inato de dupla potência, dado pelo Criador ao Cristo, e é ele que nos ensina que o Messias operou todas as coisas em favor dos homens temporais da primeira e da segunda posteridade de Adão.

Vemos como segunda posteridade de Adão a posteridade de Seth, porque ela se tornou susceptível de reconciliação, e não incluímos aí a de Caim, porque ela ainda está para ser reconciliada e ainda paga tributo à justiça do Criador. Devemos entender isso claramente pelo modelo que nos é representado pela maldição que Cam recebeu de seu pai, Noé, após o repouso da arca em terra. Seu exílio em morada fixa na parte do Sul serve de sinal imemorial aos homens, de geração em geração, de que a posteridade de Caim ainda não está reintegrada espiritualmente em todas as virtudes e potências pessoais, ainda que ela não mais seja permanente nesta superfície terrestre.

34 — *Cam profetizado pelo corvo de Noé.*

Não vos deixarei ignorar que aquilo que sobreveio a Cam fora profetizado por um sinal sensível aos filhos de Noé, os quais, todavia, não o compreenderam. Esse sinal foi a fuga do corvo, que evadiu da arca antes que a terra fosse descoberta. Ele dirigiu seu voo para o Sul e não voltou mais para retomar seu lugar na arca. Os que permaneceram na arca não mais voltaram a vê-lo depois que saíram dela. Essa fuga do corvo nos faz ver, por seu modelo, que nenhum acontecimento desagradável ou feliz acontece ao homem sem que lhe tenha sido possível prevê-lo e sem que lhe tenha sido anunciado de algum modo que seja. Por pouco que ele queira refletir sobre seu pensamento, ele logo verá o mal ou o bem que devem lhe resultar do mesmo, porque o intelecto bom não pode ver nada sobre a criatura que ele protege sem fazê-la entrever o que deverá lhe acontecer de bem ou de mal.

35 — *Quais homens o Cristo reconciliou?*

Podereis me perguntar por que a primeira posteridade de Adão em Caim não está ainda reconciliada com o Criador. O Cristo, dir-me-eis, não veio reconciliar os vivos e os mortos

com o Criador? Deus, o Filho, por sua paixão e pelo derramamento de seu sangue, não abriu as portas do reino dos céus a todos os que estavam mortos em privação divina? Assim, a posteridade de Adão em Caim tem de estar compreendida na reconciliação. Responderei a isso que o Cristo reconciliou com Deus, o pai, somente aqueles que a operação espiritual dos justos havia marcado pelo selo. Esse selo lhes foi enviado visivelmente, e sem nenhum mistério, no emprego que dele deviam fazer em favor daqueles que deviam recebê-lo para ficarem aptos a se fortificar cada vez mais na fé e na confiança na misericórdia do Criador e a fim de poderem amparar, com uma firmeza invencível, toda a poderosa manifestação da justiça divina que diante deles podia se operar espiritualmente pelo Cristo, em todos os habitantes da terra vivendo em privação divina. O que digo aqui foi de fato operado pelo Cristo, como vou fazê-lo ser entendido mais claramente.

36 — Primeira operação do Cristo morto: aos infernos.

Não podemos duvidar da virtude e da onipotência de Deus, o Filho, que é verdadeiramente a ação direta da vontade do Criador, pai de todas as coisas. Menos ainda podemos duvidar de que toda criação tenha sido operada pelo Criador na presença desse Filho divino, que a cada ato de operação de pensamento divino dizia: "Tudo é bom". Para que ele pudesse dizer semelhante coisa, era necessário que ele conhecesse a fundo o princípio do pensamento operante do Criador. Ele conhecia, com efeito, toda a bondade e toda a validade dos santos pensamentos operantes que o Criador operava diante dele e ele aplaudia isto, pela alegria e pelas delícias que sentia, dizendo: "Estou em Ti e em Tuas obras, Criador onipotente, como estás em mim e em minhas obras. Liguei em seus limites todas as coisas que criaste, assim como Tua vontade ordenou. Aquele que anda atrás de Ti e de mim verificará e confirmará

todas as Tuas obras e as minhas e ensinará a todos os seres espirituais divinos Tua vontade relativa às leis imutáveis nas quais todo ser criado se fundamenta". E em virtude dessas mesmas leis que todo ser emanado age em sua virtude e potência, boa ou má, e que toda operação espiritual temporal se faz, assim como seu produto, em favor daquele que opera a favor ou contra a glória do Criador e da criatura. E isso que serve para nos convencer de que foi o próprio Cristo que dirigiu as operações dos justos, das quais venho de falar, em favor dos menores que se tornaram escravos dos demônios e em favor daqueles que sofrem ainda hoje todas as perseguições dos espíritos demoníacos. Aprenderemos isso mais particularmente pelos três dias em que o Cristo ficou ignorado da terra e dos seus habitantes. No primeiro dia, ele desceu aos lugares da maior privação divina, vulgarmente chamados de infernos, para livrar da servidão horrenda os menores marcados pelo selo da reconciliação. Essa foi, verdadeiramente, a sua primeira operação, pois ele veio aos homens tão-somente para operar concretamente a Justiça Divina diretamente contra os inimigos do Criador.

37 — Segunda operação do Cristo morto: em favor dos santos patriarcas e dos escravos dos demônios.

A segunda operação do Cristo foi feita em favor dos justos, denominados santos patriarcas, que ainda pagam tributo à justiça do Criador, não por terem levado uma vida criminosa nem por terem se conduzido mal espiritualmente, mas apenas para purgarem a mácula que contraíram por sua estadia numa forma de matéria que eles tiveram e na qual desceram pela prevaricação de Adão, sendo que eles deviam habitar um corpo de glória incorruptível, conforme o Cristo nos mostrou fisicamente por sua ressurreição gloriosa. O Messias, que significa Regenerador espiritual divino, dispusera, por sua própria operação

duplamente poderosa e feita imediatamente por sua iniciativa, os menores patriarcas que deviam ser, durante sua vida temporal, um modelo real do seu advento e da sua onipotência para a manifestação da justiça divina que devia ser operada por ele sobre todos os seres emanados. Esses menores patriarcas receberam do Cristo, para esse fim, o caractere duplamente forte de sua operação, pela qual eles estavam prevenidos de tudo o que o Cristo fazia e havia de fazer no futuro, não apenas em favor deles, mas também em favor dos menores que estavam em privação divina mais considerável que a deles. Não é surpreendente que esse ser reconciliador tenha, por preferência, dado esse caractere aos menores que ele próprio dispusera para servir de instrumento para a manifestação da glória divina. Ele lhes deu, além disso, a potência de tornar esse caractere transmissível aos menores em privação, e isto pela própria operação espiritual divina deles sobre esses menores, em favor dos quais eles deviam operar para a grande glória do Criador e vergonha dos demônios. Foi por causa dessa disposição e preparação espiritual divina que o Regenerador foi primeiramente entre os menores mais oprimidos, por terem mais necessidade de seu socorro do que aqueles que já tinham notificação, pelo próprio Cristo, de tudo o que ele operava para a grande glória do Criador. Desejais saber, sem dúvida, qual era o caractere que esse Regenerador colocou sobre esses santos patriarcas: era um ser espiritual maior, mais poderoso do que esses menores gloriosos e que eles só podiam distinguir pelas diferentes ações espirituais que este ser por si mesmo operava no centro desses menores reconciliados e ainda não regenerados. A operação do Cristo sobre esses menores patriarcas produziu neles uma mudança incompreensível; eles ficaram, por este meio, mais fortemente convencidos do que jamais o foram em sua vida passageira da ternura inviolável que o Criador tinha e teria eternamente por sua criatura, não a tendo criado para perdê-la

se ela mesma não se perdesse. Em virtude do caractere possante que esses justos menores receberam, o Cristo (este nome significa receptáculo de operação divina) operou sobre esses menores uma ação totalmente oposta àquela que eles tiveram pelo passado, traçando para os menores reconciliados um trabalho totalmente diferente daquele que fizeram durante seu primeiro curso temporal, tal como se pode compreender, embora sem comparação, pelos diferentes usos que se praticam entre os habitantes desta superfície. Do mesmo modo, ele pusera nos escravos dos demônios um caractere semelhante, provindo da operação santa desses gloriosos patriarcas, que operaram a vontade do Cristo em concomitância com o ser espiritual maior, duplamente poderoso. Foi por esse meio que os escravos dos demônios receberam o selo da reconciliação divina, mas um selo de verdade ainda mais forte que aquele que fora colocado nos menores patriarcas, visto que este tinha de operar apenas coisas muito sucintas, ao passo que aquele que foi colocado nos escravos dos demônios tinha de operar efeitos mais fortes e mais consideráveis. Assim, a mudança que se fez sobre os menores patriarcas, embora muito forte, foi infinitamente menor que a que se fez sobre os escravos dos demônios, porque o espírito que operava na morada desses menores tinha duas ações a operar, a saber: a reconciliação dos menores e a punição dos maiores perversos. Eis quais foram a primeira e a segunda operação do Cristo, durante os dois primeiros dos três dias em que ele ficou ignorado dos homens, para nos dar o modelo de seu sepultamento e, em seguida, o de sua ressurreição espiritual aos olhos de toda a criação.

38 — Terceira e dupla operação do Cristo morto: sobre os menores presos em privação divina.

A terceira operação do Cristo faz alusão ao terceiro dia de seu sepultamento e foi feita sobre duas espécies de menores que estavam mais ou menos fechados em privação divina.

Assim, essa terceira operação foi dividida em duas substâncias, uma das quais visível aos mortais ordinários e a outra invisível a estes mesmos mortais, uma vez que nenhuma matéria pode ver e conceber o espírito sem morrer ou sem que o espírito dissolva e aniquile toda forma de matéria. A substância invisível da terceira operação do Cristo consiste em ter abreviado, ele próprio, o termo dos trabalhos e das operações penosas feitos pelos menores que satisfaziam à duração dos tempos durante seu curso universal, geral e particular, conforme fora prescrito pelo Criador.

39 — Os três círculos do curso do homem: sensível, intelectual e racional.

O curso universal a que o menor está submetido faz-se conhecer pelo estudo cuidadoso, que os homens de todos os tempos fizeram e que os do século presente fazem ainda, dos três principais círculos esféricos, a fim de se proporcionarem com mais plena certeza os diferentes meios de percorrer toda a superfície da terra. Os homens consideram esses três círculos apenas como sendo próprios para satisfazer suas paixões cúpidas de matéria, relativamente ao pouco de conhecimento que eles têm desses círculos em virtude do vício do motivo de suas pesquisas. Convenho que esses três círculos, chamados de círculo sensível, círculo visual e círculo racional, têm em si a propriedade de instruir o homem no conhecimento do espaço e dos limites da criação universal, geral e particular, mas é necessário que os homens estejam em grandes trevas se consideram esses três círculos apenas materialmente. Vinculamos espiritualmente o círculo menor ao sensível, o círculo intelectual ao visual e o círculo maior espiritual ao racional, e estes três círculos nada mais são que uma extensão distinta na qual os menores justos terminarão de operar sua ação temporal, invisível ao homem corporal. Essa operação

começa no círculo sensível. Os menores passam daí para o círculo visual, onde se realiza o forte de sua operação espiritual, que chamamos de reação de operação, uma vez que a extensão desse segundo círculo é infinitamente maior que a do primeiro, no qual os menores terminaram o curso da operação natural ao seu ser. Eles vão desfrutar o repouso à sombra de sua reconciliação no círculo que chamamos de racional. Todos os diferentes corpos planetários e elementares residem nos intervalos desses três principais círculos, que distinguimos ainda pelas três principais potências divinas que certamente se operam neles, como o farei ser entendido pelos três números que se seguem: o número 4 é dado ao menor, o número 7 é dado ao espírito e o número 8, ao duplo espírito que é o Cristo. O Cristo preside o espírito, o espírito preside o menor e o menor preside a forma terrestre. Portanto, como dissemos, é em abreviar o curso e as operações dos menores nesses três círculos que consiste a primeira substância da terceira operação do Cristo, a fim de que esses menores possam em seguida repousar à sombra de sua reconciliação.

40 - Plano traçado pelo Cristo para os homens.

A segunda substância visível aos homens corporais consiste no plano que ele próprio traçou para eles, seja por sua ressurreição, seja pela instrução que ele deixou aos seus fiéis eleitos por sua palavra espiritual divina. Eis sinceramente o que sei e que me foi dito com referência à reconciliação feita pelo Cristo, reconciliação verdadeiramente preparada pelos eleitos justos deste mesmo Cristo, ao qual ele próprio havia dado o primeiro exemplo, conforme o farei ser compreendido.

41 - As manifestações do Cristo antes do Cristo.

Hely reconciliou o primeiro homem com o Criador pela interposição de seu espírito, que fez junção com o primeiro

menor emanado. Enoque, por sua justiça, operou em favor da posteridade dos filhos de Seth, tanto vivos como mortos, aos quais ele fez passar o caractere ou o selo autêntico de sua operação. Foi com esse selo que ele marcou aqueles que foram dignos de acompanhar o Cristo quando foi prestar contas ao seu Pai Criador das operações que ele havia feito para a sua grande glória e a vergonha dos seus inimigos. Noé repetiu o mesmo modelo, assim como Melquisedeque, Elias, Zorobabel e o Cristo. Eis aqueles que foram encarregados, por ordem do Criador, de marcar os seres menores espirituais que deviam acompanhar o triunfo da manifestação da justiça divina operada pela potência do homem-Deus e divino, segundo sua imediata correspondência com o Criador.

42 — *Justos cooperaram na marca dos assinalados.*

Não entrarei no detalhamento das diferentes operações que esses justos fizeram para cooperar na marca desses assinalados que, definitivamente, haveriam de formar a corte do Cristo quando foi aparecer em espírito perante o Criador, pai de toda autoridade e potência divina imutável. Mas perguntar-me-eis como é possível que o que eu disse com referência à reconciliação dos menores tenha sido operado pelos justos de que venho de falar. Todo acontecimento, dir-me-eis, temporal ou espiritual, não estava impedido pelas leis imutáveis que o Criador dera à criação universal? Responderei que deveis sentir que Deus não podia impedir aquilo que ele não havia previsto, posto que ele só pode ler no pensamento, conforme já disse, quando este é concebido, e não pode destruir a liberdade dos seres espirituais. Sabe-se que, sem essa liberdade, Adão não poderia ter prevaricado, e sua prevaricação operou uma mudança tão considerável que o Criador foi forçado a mudar a operação da criação geral e particular. Pela criação geral, deve-se entender a terra, e pela criação particular, todos os menores

que habitam tanto no corpo terrestre como no celeste. Sim, é essa prevaricação que não podeis ignorar, embora não conheçais ainda perfeitamente o gênero dela, a qual obrigou o Criador a usar a força das leis divinas em toda a sua criação.

43 — Moisés, modelo da prevaricação e da reconciliação de Adão.

Sabeis que o Criador emanou Adão, homem-Deus justo da terra, e que este estava incorporado num corpo de glória incorruptível. Sabeis que quando ele prevaricou, o Criador o amaldiçoou, ele e sua obra impura, e amaldiçoou em seguida toda a terra. Sabeis ainda que, por essa prevaricação, Adão degenerou de sua forma de glória em uma forma de matéria terrestre. Sabereis, então, por mim, que todas essas coisas não poderiam ter sobrevivendo à natureza geral e particular, se o Criador não tivesse suspenso e retirado dela, por um tempo, os poderes que ele dera ao seu primeiro homem em seu estado de justiça. A mudança que se fez em Adão, de corpo de glória em corpo de matéria, anunciava as novas leis que o Criador lhe daria quando ele estivesse reconciliado. Foi por ocasião dessa reconciliação que o Criador o abençoou uma segunda vez, perdoou-lhe sua falta, mas lhe entregou apenas uma potência inferior a que ele possuía antes de seu crime, até sua perfeita reconciliação. Isso, aliás, nos é clara e fisicamente representado, em natureza sensível, pelas duas diferentes leis que Moisés trouxe do alto da montanha. Moisés não deu ao povo de Israel as primeiras Tábuas da Lei. A prevaricação desse povo fez com que Moisés quebrasse essas tábuas e, com isto, privasse os israelitas da lei divina que eles desejavam receber com tanto ardor. Moisés, depois desse acontecimento, reconciliou-se com o seu povo e lhe prometeu uma segunda lei por parte do Eterno, lei que o Eterno lhe deu quando ele rogou-Lhe que a concedesse em favor da reconciliação que ele fizera com o seu

povo eleito. Essa reconciliação não podia vir diretamente da mera vontade e faculdade de Moisés, mas unicamente da potência do Criador. A prova que se pode dar disso é que todos os poderes de um só homem não são capazes de reconciliar vinte pessoas à sua vontade; e, se Moisés tivesse operado apenas por iniciativa própria e sem o auxílio de um ser superior a ele, todas as suas palavras e todos os seus esforços teriam sido inúteis. Julguemos isso por comparação com os homens deste século, que chamam de grosseiros os homens daqueles primeiros séculos. Que ideia podemos ter, e como conciliar os homens do presente século, que nunca viram nenhuma manifestação física espiritual divina se operar diante deles, exceto aquelas que se operam pelas leis imutáveis que devem acionar e sustentar a criação universal durante a duração que o Criador lhe prescreveu? Desejaríeis saber, talvez, qual é o tempo dessa duração. Entretanto, não é aqui o lugar para vos falar disso. Decididamente, prosseguirei a explicação do gênero da prevaricação de Adão, porque é daí que saíram todas as épocas, todos os modelos e todos os diferentes acontecimentos que sobrevieram desde o começo do mundo até nós e que se perpetuarão até o fim dos séculos.

44 — *Huva, ou “Homaça”, fruto da prevaricação de Adão.* A tristeza que Adão sentiu de ter se tornado pensante e pensativo não foi outra coisa senão aquilo que seria manifestado pela primeira das épocas desagradáveis que haveriam de sobrevir à sua posteridade, e foi daí que Adão entendeu mais fortemente a grande consequência de sua prevaricação. Ele entendeu isso pelo desassossego, pela agitação e pelos diferentes combates que se passaram dentro dele quando ele foi fechado em seu segundo corpo, de matéria terrestre. Nesse estado, ele fez suas lamentações ao Criador, reclamou a clemência do Deus vivo, que é o Cristo, e do Deus vivificante. O espírito, então,

apresentou-lhe, num torpor, o fruto de sua prevaricação, o que acabou de consterná-lo e de aumentar a violência de seus remorsos, ao considerar sua obra. Ele entendeu aquilo que o Criador fazia com que ele pedisse. Esse infeliz homem sentiu que era preciso que ele reconhecesse sinceramente sua falta e que a confessasse, tal como a havia operado e como lhe era representada. Adão satisfaz a vontade divina, admitiu com grande sinceridade a obra de seu pensamento maldito e a operação de sua própria vontade, a qual devia ligá-lo com o fruto do seu trabalho por um tempo imemorial. Ele confirmou essa confissão dando a esse fruto de sua prevaricação o nome de Huva, ou Homaça, que significa carne de minha carne, osso de meu osso, e obra de minha operação, concebida e exercida pela obra de minhas mãos maculadas. Eis o que procuráveis conhecer com relação ao gênero da prevaricação de Adão.

45 — O decreto chamado de pecado original.

O que venho de vos dizer sobre a prevaricação de Adão e sobre o fruto que dele proveio prova bem claramente o que é a nossa natureza corporal e espiritual e o quanto uma e outra degeneraram, posto que a alma tornou-se sujeita ao castigo da privação e a forma tornou-se passiva, de impassiva que teria sido se Adão tivesse unido sua vontade a do Criador. É também nisso que podeis reconhecer de modo sensível aquilo que chamamos espiritualmente de decreto pronunciado pelo Eterno contra a posteridade de Adão até o fim dos séculos, e que é chamado vulgarmente de pecado original.

46 — Mudança das leis cerimoniais.

É preciso agora que eu vos faça, ainda melhor do que o fiz, entender a mudança das leis cerimoniais de operação da criação geral e particular, relativamente ao crime do primeiro homem.

Mostrei-vos quais eram o poder, a virtude, o comando e a autoridade do primeiro menor emancipado, em seu corpo de glória. Mostrei-vos como ele se transmutou, por seu crime, dessa forma gloriosa para uma forma de matéria terrestre. Mas esse segundo corpo feito de matéria terrestre tinha a mesma figura aparente que o corpo de glória em que Adão fora emanado. Portanto, houve mudança somente nas leis pelas quais Adão seria governado, se tivesse permanecido naquele primeiro princípio de justiça. Quando um ser criado temporal muda de natureza de ação, ele muda necessariamente de leis de operação. Quando o Criador reconciliou a criação geral, universal e particular, houve mudança nas leis que dirigiam essa criação antes de ser amaldiçoada e reconciliada. Foi o que aconteceu com o primeiro homem. Tendo mudado seu primeiro estado de glória, era absolutamente necessário que o Criador mudasse também as primeiras leis de operação que ele lhe dera, estas primeiras leis não sendo mais adequadas à ação e à direção de uma forma corporal tão pouco estendida quanto aquela de que Adão foi obrigado a se revestir por autoridade divina. As leis que governam as formas corporais de matéria aparente passiva não são, como deveis senti-lo, aquelas que governam todo espírito menor, agente e governante de uma forma de corpo glorioso, que não tem sua origem na matéria que vemos fisicamente condensada. A forma gloriosa não contém o espírito menor nem outro espírito em privação divina, visto que ela é conhecida pelo menor ou por espírito enviado pelo Eterno para manifestar, nos homens ou em toda parte em que apraza ao Criador, a glória deste Ser divino. Direi, além disso, que Adão e sua posteridade, estando detidos nessa forma de matéria terrestre, não deviam render ao Criador o mesmo culto que aquele para o qual o primeiro homem fora emanado. Se o primeiro homem

mudou de forma, é necessário, forçosamente, que ele tenha mudado de operação. Essa nova operação é infinitamente limitada por força das leis que o Criador exerceu contra Adão e que ele tornou transmissíveis a toda a sua posteridade até o fim dos tempos.

47 — O verbo de criação posto em Adão pelo Eterno, à sua imagem.

Essa operação limitada não deve vos surpreender, tendo em vista o emprego iníquo que Adão fez de seu primeiro verbo, que o Eterno colocara nele para que ele produzisse uma posteridade de Deus. Esse verbo, que talvez ignoreis e que considerais como algo incompreensível, nada mais era senão a intenção e a vontade que deviam operar pela poderosa palavra desse primeiro homem. Mas, para conhecer mais claramente o verbo de posteridade de Deus que Adão tinha inato em si, é necessário remontar ao conhecimento dos diferentes verbos que o Criador empregou para a sua criação universal, na qual consistem a geral e a particular, segundo sua intenção, sua vontade e sua palavra, da qual toda ação, forma e ser espiritual menor provieram. Será juntando essas três últimas coisas, a saber, a intenção, a vontade e a palavra, às três leis que as precedem, que vos farei compreender os três principais verbos de criação de que o Eterno se serviu para criar todas as coisas. A intenção se une à criação do universo, que é representado por um círculo imenso, no interior do qual o geral e o particular são postos em ação e movimento. A vontade se une à criação do geral, ou da terra, que é representada por um triângulo, tal como a figura que o Criador concebera em sua imaginação pensante devia ser representada; e a palavra se une à emanção particular dos menores espirituais que habitam na forma corporal particular terrestre, forma semelhante à

da terra e que foi igualmente produzida em conformidade com a imagem do pensamento divino. É por isso e pelo que se seguirá que ensinamos a conceber o verbo de criação que estava em poder de Adão. Se o Criador não tivesse tido intenção, não teria tido vontade; se não tivesse tido vontade, não teria tido palavra ou ação. Ora, uma vez que o ser espiritual menor é fruto da operação desses três princípios divinos, era necessário que o primeiro homem portasse as marcas de sua origem e que, conseqüentemente, tivesse inato em si estes três princípios, quando o Eterno o separou de sua imensidade divina para ser homem-Deus na terra. Vimos anteriormente que Deus não podia ser o autor do mal: assim, Adão foi emanado no bem e na justiça. Adão tinha em si, portanto, um verbo poderoso, posto que devia nascer de sua palavra de comando, segundo sua boa intenção e sua boa vontade espiritual divina, formas gloriosas impassivas e semelhantes à que surgiu na imaginação do Criador. Essas formas gloriosas não podiam ser da mesma natureza das formas de matéria terrestre, que eram destinadas, segundo a vontade do Criador, apenas a servir de prisão para os espíritos prevaricadores. Assim, a forma em que Adão foi colocado era puramente espiritual e gloriosa, a fim de que ele pudesse dominar sobre toda a criação e exercer livremente sobre ela a potência e o comando que lhe foram dados pelo Criador sobre todos os seres. Essa forma gloriosa não é outra coisa senão uma forma de figura aparente, que o espírito concebe e gera segundo sua necessidade e segundo as ordens que ele recebe do Criador. Essa forma é reintegrada tão prontamente quanto é gerada pelo espírito. Nós a chamamos de impassiva porque não é sujeita a nenhuma influência elementar, a não ser à influência pura e simples. Ela não é susceptível de nenhum alimento, a não ser daquele que seu espírito lhe fornece.

Nenhuma partícula do fogo central age sobre ela. Enfim, essa forma gloriosa teria sido perpetuada por Adão para a reprodução de sua posteridade espiritual, assim como nos figura sua posteridade carnal, porém, sem nenhum princípio de operação material, conforme o advento e a ressurreição do Cristo e a descida do espírito divino no templo de Salomão nos fazem ver concretamente.

48 — A intenção, a vontade e a palavra determinam o verbo de criação.

Por tudo o que foi dito, não devemos mais duvidar das mudanças consideráveis das leis de operação, sobrevindas pela prevaricação do primeiro homem, seja sobre o corpo geral e particular, seja sobre os menores e nas operações que estes mesmos menores têm a fazer hoje e que são totalmente opostas àquelas para as quais eles foram emanados. Vimos, ademais, um vislumbre desse famoso número ternário de criação de toda e qualquer forma, pela junção da intenção, da vontade e da palavra, que gera a ação divina e que, certamente, é verbo. Com efeito, para que serviria a intenção sem a vontade, a vontade sem a palavra, e a palavra sem efeito ou ação? Foram necessárias a intenção, a vontade e a palavra para operar cada uma das três partes da criação, mas foi a palavra que determinou a ação da intenção e da vontade divina. Foi por essa determinação que o verbo teve lugar; portanto, é certamente no verbo do Criador que o número ternário de criação universal, geral e particular, existe e não em outra parte, pois a intenção, a vontade e a palavra produzem um efeito espiritual, ou uma ação; o que faz ver que o verbo de criação não se produziu de si mesmo, posto que ele foi emanado da intenção, da vontade e da palavra do Criador. E também por esse verbo e por sua emanção que reconhecemos com plena certeza

que o primeiro número ternário de qualquer criação é co-eterno em Deus, conforme o que se segue: a intenção, 1, a vontade, 2, e a palavra, 3, donde provém a ação ou o verbo. Adicionai esses três números, encontrareis 6, assim: 1 mais 2 são 3 mais 3 são 6. Aí está o que completa os seis pensamentos de criação universal, geral e particular do Eterno, e este número está certamente na criação universal, geral e particular.

49 — Necessidade da reconciliação dos homens.

É por tudo o que venho de vos dizer que deveis entender de onde proveio todo ser criado, tanto espiritual quanto material, como também a grande potência que tinha outrora o primeiro homem e aquela que pode ter ainda hoje a sua posteridade. Essa potência, todavia, é bem pouca coisa se o homem não faz sua reconciliação com o seu Criador. Ouso mesmo dizer que ela não é nada sem isso e que, assim sendo, o animal tem mais virtude em seu mero instinto passivo do que a que passou a ter o menor espiritual divino quando se degenerou e se anulou na inação espiritual divina, ao ponto de se tornar o túmulo da morte. Pela expressão "túmulo da morte" de que me sirvo aqui, quero dizer que os infelizes menores que não forem reconciliados tornar-se-ão vítimas dos espíritos perversos e, pela junção que farão com eles, permanecerão em sua condenação por um tempo infinito.

50 — A tripla e a quátripla essência divina, em relação com o menor.

Eis qual será a sorte dos menores que não tiverem seguido a justiça do Criador. Vede o quanto devemos ficar vigilantes e nos esforçarmos em imitar Adão, que, depois de confessar seu crime com sinceridade e cora o mais amargo arrependimento, obteve do Criador sua reconciliação e foi recolocado

parcialmente em suas primeiras virtudes e potências sobre os três gêneros de criação temporal, com a condição, todavia, de que sua intenção e sua vontade estariam doravante em conformidade com as leis de seu reconciliador. Refleti sobre essa reconciliação, nela vereis sempre o número ternário, a saber, Adão, o Cristo e o Criador. Vereis que essa tripla essência divina forma bem claramente os três princípios de toda Criação, conforme se segue: a intenção do Pai, 1, a vontade do Cristo, 2, e a palavra do menor espiritual que provém da intenção e da vontade dos dois primeiros, 3. Coloco o menor entre as 3 primeiras essências divinas porque ele próprio é o produto da intenção do Pai, da vontade do Filho regenerador e da ação do Espírito divino; o que explicarei mais claramente quando falar da quátripla essência divina, que não pretendo deixar que a ignoreis, embora ainda não tenha feito menção a isto.

II

CAIM

57 — *Caim, nascido de uma paixão desordenada.*

Vou continuar falando da reconciliação perfeita do menor que foi o primeiro homem. Quando o Criador abençoou Adão e sua obra impura, disse-lhe: "Adão, eleva tua obra, a fim de que juntos reproduzais uma posteridade de formas particulares, na qual será contida a forma universal e geral, em figura certa e indubitável, assim como ela está contida na forma que diriges pelo tempo que te prescrevi". Estas são as palavras que a Escrita narra: "Crescei e multiplicai". Isto é, quando Adão e Eva foram expulsos de seu primeiro lugar operante, foi-lhes ordenado que reproduzissem formas semelhantes às deles. Adão e Eva executaram essa ordem com uma tão furiosa paixão dos sentidos de sua matéria que o primeiro homem retardou, com isto, sua completa reconciliação. Entretanto, eles engendraram a forma corporal de seu primeiro filho, que chamaram de Caim, que quer dizer filho da minha dor. Esse nome lhe foi dado por Adão porque ele sentia claramente que tinha processado nesse filho uma operação conduzida por uma paixão desordenada e contrária à moderação de que ele devia usar. (Diga-se de passagem que a ordem que foi endereçada pelo Criador diretamente a Adão quanto a sua reprodução, nos ensina que o Criador fizera de Adão o guardião de sua semente reprodutiva.) Adão tinha toda razão de chamar seu primogênito de filho da minha dor, já que foi por esta obra que sua reconciliação foi suspensa. Foi ainda por essa mesma operação, e pelo nome de Caim que ele deu ao seu primogênito, que ele

profetizou a grande dor que sentiria no futuro pela forte prevaricação de sua posteridade, que contraviria às leis, aos preceitos e aos mandamentos divinos, e é por isto que Adão foi reconhecido como o primeiro profeta por esta mesma posteridade. Entretanto, esse mesmo filho, gerado por uma paixão contrária às ordens do Criador, haveria de contribuir para a reconciliação do primeiro pai, pelas vivas dores que esse filho o faria sentir, repetindo para ele a negrura de sua primeira prevaricação, visto que Caim operou misteriosamente essa prevaricação na presença de Adão. Era esse o golpe mais cruel e o remorso mais amargo que ele podia fazer nascer no coração de seu pai. Assim, não se pode imaginar qual foi a dor e o abatimento de Adão quando ele viu o seu primeiro filho vítima das potências demoníacas. Ninguém mais poderia julgar, como esse primeiro pai, a sua própria dor e a que seu filho havia de experimentar, pois não havia muito tempo que o próprio Adão fora retirado, pela pura misericórdia do Criador, das mãos desses mesmos demônios que vinham de seduzir seu primeiro filho e de precipitá-lo por toda uma eternidade na privação divina.

52 — *Cani, irmã digna de Caim.*

Através dessa dupla tristeza Adão se fortaleceu em sua fé e em sua confiança no Criador. Ele gemeu mais do que nunca por ter cooperado na concepção desse infeliz filho, fora dos limites prescritos pelo Criador. Ele se submeteu voluntariamente, por um juramento autêntico, à vontade do Criador e prometeu nunca mais se afastar das leis, dos preceitos e dos mandamentos que o Criador traçasse para ele, a qualquer pretexto que fosse. Mas essa resignação do primeiro pai foi apenas aparente, ele não teve a perseverança que jurara; em vez disto, concebeu com sua companheira Homaça, ou Eva, uma posteridade fêmea, que eles

chamaram conjuntamente Cani 11, que quer dizer filha da confusão, porque esta concepção foi operada segundo as mesmas leis pelas quais Caim fora concebido.

53 — *Abac, irmã digna de Caim e Cani.*

Cinco anos depois, a ligação que ele via entre os seus dois primeiros filhos fê-lo crer que chegara o tempo em que todas as suas tristezas iam terminar. Entretanto, ele se cegou de novo e concebeu com Huva, ou Eva, uma terceira posteridade, que era fêmea e que ele chamou de Abac 9, que quer dizer filha da matéria ou filha da privação divina. Em seguida, Adão ficou, pelo espaço de seis anos, sem produzir posteridade, porque, durante este intervalo e a começar desde o nascimento de seu terceiro filho, ele caiu num enorme abatimento. Um tão forte desgosto se apoderou dele que ele não sabia o que fazer. Ele caiu numa inteira inação, tanto para o espiritual divino como para o espiritual demoníaco, não estando mais sensível a nenhuma impressão, nem boa nem má. Ele ficou, em suma, semelhante à criança que acaba de nascer. O que o tornou assim foi o forte conhecimento que ele teve de todos os seus passados crimes para com o Criador. O espírito bom forneceu-lhe esse conhecimento e fê-lo entender claramente que a terra, que ele cultivara até então contra as ordens do Criador, haveria de lhe produzir apenas dor e amargura e seria o veneno da discórdia para toda a sua posteridade.

III

ABEL

54 — *Abel e três outros filhos concebidos na pureza.*

Eis o sentido das ameaças que o Criador fez a Adão ao expulsá-lo do paraíso terrestre, conforme narra a Escritura: "Vá cultivar a terra; ela te produzirá apenas espinhos". Pergunto-vos se há espinhos mais agudos do que aqueles que uma posteridade criminosa pode trazer ao coração de um pai bom. São esses os males, que o Criador anunciara ao primeiro homem, que a obra de sua operação de matéria terrestre lhe produziria, mas era nesse desespero que o Criador se propunha a perdoar todas as fraquezas do primeiro homem, dispondo-o, ele e sua companheira, a cooperar para uma concepção pura e simples, sem participação de nenhum excesso dos sentidos de sua forma material. Assim, Adão não limitou sua posteridade aos três filhos de que venho de falar; ele teve mais quatro filhos, dois machos e duas fêmeas, e era o primeiro desses quatro que devia operar a reconciliação de seu pai. Adão, portanto, formou com sua companheira uma operação agradável ao Criador e Eva concebeu o seminal que Adão vertera em suas entranhas e que, felizmente, ela conservou até sua inteira maturidade.

55 — *Abel, filho da paz, ou ser elevado acima de todo sentido espiritual.*

Não era surpreendente que Eva tivesse um cuidado todo especial com esse novo fruto, uma vez que ela sentia nascer de si uma paz, uma felicidade e uma satisfação inexprimíveis, ao passo que ela sentira apenas vivas e cruéis dores durante todo

o tempo em que ela carregara seus três primeiros filhos. Essa diferença provinha dos dons que a graça do Eterno colocara na alma desse quarto filho, o que comunicava à dela sua inocência, sua candura e sua pureza. Também Adão voltou a ficar satisfeito e alegre, o que aumentou ainda mais o contentamento que Eva sentia. Eles consideraram sobretudo com prazer o tempo em que esse último fruto foi gerado: foi no sétimo ano do intervalo que se passou desde que Adão tivera os três primeiros. Adão não pôde deixar de louvar assim o Senhor, a respeito desse acontecimento: "O Eterno, criador dos céus e da terra e de seu servidor Adão, ou Reaux, seja para sempre bendito por tudo o que ele criou! É dele que tenho uma quarta posteridade, que fará toda minha satisfação neste curso e naquele por vir". Ele chamou esse filho de Abel 10, que quer dizer ser elevado acima de todo sentido espiritual.

56 — Como Adão e Eva, enfim, Elizabete e Zacarias, Maria e José.

Tudo o que venho de dizer foi repetido em natureza física, por volta do meio dos tempos, pela gravidez de Maria e de Elizabete, pelo estremecimento que Elizabete sentiu nascer em sua alma quando saudou a sua prima Maria, que fora visitá-la, e pela satisfação que os dois pais temporais sentiram, um pela própria operação física de suas obras e o outro pela única operação espiritual que o Eterno manifestara em favor de sua mulher adotiva. Ver-se-á em outra parte a explicação de todos esses modelos. Prossigamos aqui sobre a posteridade de Adão.

57 — Culto rendido por Abel, modelo do Cristo.

Adão e Eva tiveram um cuidado especial com esse quarto filho. Eles não o perderam nunca de vista, embora não conhecessem ainda perfeitamente todo o fruto que eles deveriam retirar dele depois, tanto um como o outro. Eles não

conseguiam se cansar de admirar sua conduta, seja para com suas duas irmãs e seu irmão Caim, seja para com seu pai e sua mãe. Ele procurou ganhar a amizade deles desde a mais tenra idade, tendo ainda apenas três anos, e continuou aumentando em bondade, em sabedoria, em virtude e em exemplo todo o tempo que ele ficou entre os homens como homem-Deus, justo da terra. Esse bem-aventurado filho esforçava-se incessantemente em dirigir ao Criador cultos espirituais que surpreendiam toda a sua família. Todas as suas operações tendiam apenas a acalmar a justiça de Deus para com sua primeira criatura menor e para com sua posteridade, sabendo, através de suas operações, o quanto essa posteridade iria ser fortemente golpeada pela justiça divina. Em suma, Abel comportou-se como Adão deveria ter se comportado em seu primeiro estado de glória para com o Eterno: o culto que Abel rendia ao Criador era o modelo real que o Criador esperava de seu primeiro menor. Abel era também um modelo muito impressionante da manifestação de glória divina que se operaria um dia pelo verdadeiro Adão, ou Reaux, ou o Cristo, para a reconciliação perfeita da posteridade passada, presente e futura desse primeiro homem, em troca de que essa posteridade fizesse bom uso do plano de operação que lhe seria traçado pela pura misericórdia divina, assim como o modelo de Abel já o tinha previsto, através de todas as suas operações, a Adão e aos seus três primeiros filhos.

58 — Rivalidade entre Abel e seus três irmãos mais velhos.

Os três primeiros filhos de Adão tinham uma conduta completamente oposta à de Abel. Assim, quanto mais Adão e Eva sentiam-se inclinados ao seu filho Abel, mais os seus três primeiros filhos tornavam-se inimigos de seu próprio irmão. Adão e Eva viam Abel como um intérprete espiritual divino e observavam com exatidão tudo o que ele lhes dizia e lhes

mandava fazer, com alegria e santidade. Os três primeiros filhos, pelo contrário, opunham-se a tudo o que Abel operava em favor deles próprios e em favor de seu pai e de sua mãe; iam mesmo ao ponto de fazer armadilhas de operações contrárias às dele, para destruí-lo e apagá-lo fisicamente da presença deles, o que eles fizeram, conforme veremos.

59 — Adão opera com Abel e Caim.

Adão decidiu um dia render ao Criador, junto com seus dois filhos, o culto de uma operação espiritual divina, mas como sua posteridade fêmea não podia participar dele, por causa da pouca virtude e potência espiritual inata nas mulheres e de sua pouca força e firmeza em sustentar semelhantes operações, ele afastou essa posteridade fêmea até uma distância de quarenta e cinco côvados do lugar que ele escolhera para seu trabalho. Quando tudo estava pronto, Adão ordenou e consagrou seu filho mais novo, Abel, para ser o primeiro a exercer as funções espirituais da operação que ele se propunha a fazer. Abel logo se pôs no dever de cumpri-las. Ele mesmo arrumou o altar, ou os círculos adequados, no centro dos quais ele ofereceu os primeiros perfumes. Esses perfumes eram a sua própria forma corporal, que ele ofereceu em holocausto ao Criador, prostrando-se humildemente. Ao mesmo tempo, ele submeteu o seu ser menor espiritual ao Eterno, para ser o receptáculo da justiça divina, sobre o qual o Eterno manifestaria sua grande glória de misericórdia em favor de Adão, sua primeira criatura menor. (Adão ocupava a ponta do altar, ou o lado dos círculos, voltado para o norte, e Caim aquele voltado para o Sul). Depois de cumprir suas funções espirituais, seguindo suas ordens, Abel saiu de sua prostração e foi prestar conta ao seu pai daquilo que ele ouvira do Criador em seu favor. Em seguida, Adão colocou Abel no lugar setentrional que ele ocupava e foi, todo trêmulo, fazer sua prostração, como

Abel havia feito. Quando terminou, ele chamou seus dois filhos até ele, colocando Abel à sua direita e Caim à sua esquerda e, nesta situação, Adão narrou-lhes o que ouvira do Criador. "Previno-vos," disse-lhes, "da parte do Eterno Criador, de que obtive graça perante ele, sua justiça cessou de recair sobre mim, pela interrupção e interposição do culto de meu filho Abel, de quem o Criador aceitou a santidade em meu favor. Vinde, meus dois filhos, que partilho minha felicidade convosco, comunicando-vos as duas sensações que venho de experimentar, a do mal e a do bem, que faz minha reconciliação perfeita com o Criador." Depois, dirigindo-se a Caim, disse-lhe: "Meu filho primogênito, que tuas obras no futuro sejam iguais às de teu irmão mais novo. Aprenda de mim que o Criador põe sua confiança, sem nenhuma distinção de origem temporal e espiritual, e que ele concede toda potência superior espiritual divina àquele ou àquela que saiba merecê-la, e a quem ela é devida. Que tua vontade, Caim, seja no futuro igual à de teu irmão Abel, do mesmo modo que a minha-será no futuro inviolavelmente igual à do Criador".

60 — Modelo do duplo ternário, no cerimonial precedente: o bem e o mal.

O cerimonial dessa operação começou na metade do dia solar e em sua totalidade durou apenas cerca de uma hora de tempo. Quando o trabalho terminou, os operantes retiraram-se cada qual para a sua destinação de costume, Caim do lado de suas duas irmãs e Abel do lado de seu pai e sua mãe. Essa divisão de três pessoas de um lado e três do outro nos oferece uma figura impressionante demais para que deixemos de observá-la. Ela é o verdadeiro modelo da separação do bem e do mal, representa-nos ainda as três essências espirituosas que compõem as diferentes formas corporais de matéria aparente, tanto as do ser racional quanto as do ser irracional. Juntai esses dois números

ternários e vereis, por seu produto senário, o número da criação divina, ou os seis pensamentos do Criador para a criação universal, geral e particular. Vede ainda se não encontrais aquilo que a Escritura vos ensina, que três, 3, são no alto como três, 3, são em baixo. Vede, ademais, qual desses dois números ternários e aquele que representa o mal. Enfim, refleti sobre essa questão e buscai por vós mesmos convicções e consequências satisfatórias.

61 — Caim, destituído, opera diabolicamente contra Abel.

Caim, tendo se retirado para o lugar que Adão lhe destinara, falou às suas duas irmãs sobre o pretense ultraje que seu pai lhe havia feito ao tirar seu direito de primogênito para dá-lo a Abel, seu irmão caçula, sujeitando-o à subordinação e à vontade deste mesmo irmão Abel, o caçula. As duas irmãs de Caim convenceram-no a usar de toda sua potência e de toda sua força contra as de seu pai e de seu irmão e mesmo contra o Criador, que permitira semelhante delito a pedido de um irmão caçula que havia enganado a boa-fé de seu pai e corrompido seu pensamento bom através da cerimônia de um culto falso e injusto. Em consequência, Caim arquitetou operar um culto aos falsos deuses ou aos príncipes dos demônios, para que eles lhe dessem uma potência superior àquela que o Criador havia dado ao seu irmão Abel, e isto para se vingar do pretense erro que ele recebera de seu pai pela interposição de seu irmão. Ele fez sua operação ser assistida por suas duas irmãs, assim como Abel e ele haviam assistido a operação de seu pai. Ele consagrou sua irmã caçula às mesmas funções que Abel havia desempenhado e seguiu com exatidão todo o primeiro cerimonial que ele vira ser feito. E quando foi sua vez de fazer a prosternação, ele colocou sua última irmã no lugar ocupado por ele no altar, ou nos círculos, e, depois de se pôr em prosternação, ofereceu como vítima a forma e a vida de Abel (a forma é o corpo e a vida é a alma) aos príncipes dos demônios.

62 — *Assassinato de Abel por Caim.*

Depois dessa cerimônia, Abel foi se apresentar ao seu irmão Caim, que lhe fez muitas censuras. Abel as recebeu com candura e humildade e, em seguida, respondeu a Caim: "Não é contra mim nem contra nosso Pai temporal que deves te voltar, é contra ti mesmo e contra aquele que te dirige neste momento que deves combater, pois te digo que vens de operar um culto falso e ímpio diante do Eterno. A força de teu crime suplanta a do crime de Adão: ofereceste ao teu deus de trevas um holocausto que não está nem à tua disposição nem à dele, procuraste erroneamente derramar o sangue do justo para a justificação dos culpados". Abel foi em seguida procurar Adão e lhe contou tudo o que se passara, o que muito afligiu este infeliz pai e o mergulhou em grande consternação. Abel tratou, então, de consolar Adão e lhe fez perguntas sobre sua tristeza e seu abatimento, mas Adão não lhe respondeu nada. Parecia que ele previa o que deveria acontecer ao seu filho amado e que ele não ousava dizer. Abel tranquilizou Adão com relação a todas as suas inquietações e lhe disse em tom firme: "Meu pai, o que é decretado pelo Criador em vosso favor e no de vossa posteridade deve ter sua ação, seja para bem, seja para mal, pois a criação geral que vedes não é outra coisa senão um lugar que o Eterno reservou para fazer operar a manifestação de sua onipotência, para sua grande glória. Portanto, meu pai, é em vossa posteridade corporal que o Criador há de colocar sujeitos convenientes, para serem os verdadeiros instrumentos de que ele se servirá para o triunfo de sua justiça, para benefício dos bons e vergonha dos maus. É inútil ao homem ir contra aquilo que é deliberado pelo Criador a favor ou contra a sua criatura espiritual". Adão pareceu acalmar-se e, dirigindo-se ao Criador, disse-lhe: "O Eterno! Que aquilo que é concebido por teu pensamento e por tua vontade seja cumprido por teu fiel servidor, pai das multidões de nações que habitarão e

operarão em teu círculo universal! Amém". Em seguida, Adão e Abel foram visitar Caim, que foi ao encontro deles com suas duas irmãs. Quando estavam juntos, essas filhas abraçaram o pai e Caim abraçou seu irmão Abel, mas, neste abraço, Caim desferiu em Abel três golpes de um instrumento de madeira leito em forma de punhal. O primeiro golpe perfurou sua garganta, o segundo perfurou seu coração e o último perfurou suas entranhas. Esse assassinato passou-se na presença de Adão, sem que este infeliz pai o percebesse. Mas, mal o assassinato acabara de ser cometido, Adão sentiu uma comoção terrível. As duas irmãs de Caim e de Abel sentiram uma comoção semelhante e todos três, abalados por essa comoção, caíram para trás, exclamando: "Nosso conciliador, Senhor, nos é roubado pela mão do ímpio; reclamamos vossa justiça e a ti somente entregamos nossa vingança!" (Vede com que artifício os sujeitos do demônio se dissimulam aos olhos da criatura, através de palavras espirituais e louváveis na aparência). Essa comoção, embora muito natural entre os três personagens acima e baseada na simpatia dos seus sentidos de matéria, provinha ainda de uma outra causa, assim como o abatimento que aconteceu a esses três personagens. Ela provinha da visão que eles tiveram, em natureza efetiva, do menor e do maior espiritual de Abel e que eles não puderam suportar sem cair em desfalecimento. Adão foi o primeiro a se levantar e ir, na companhia do menor e do maior espiritual de Abel, ao encontro de Eva, a quem ele contou tudo o que o Criador quis exigir dele para sua inteira reconciliação, que seus crimes vinham de ser expiados pelo sacrifício de seu filho Abel e que, assim, tudo estava consumado. Deixo-vos a meditar sobre qual deve ter sido a dor desse infeliz pai e a de sua companheira. Não são esses os famosos espinhos que transpassaram o coração de Adão? Não é esse o funesto espinho produzido pela primeira terra criada pela prevaricação de Adão? Foi, portanto, Eva

quem produziu em Caim o instrumento do flagelo do infeliz Adão, tendo concebido com Adão através de uma operação de confusão, de acordo com o que o número dois, 2, nos anuncia e que vou detalhar aqui com sinceridade.

63 — Dois, número de confusão.

O número de confusão é aquele que dirige o que chamamos de operação simples e particular, que se faz pela pura vontade do menor com o maior espiritual demoníaco. Esses dois sujeitos são um só, pela íntima ligação de seu pensamento, de sua intenção e de sua ação. Entretanto, eles são sempre dois sujeitos distintos um do outro, visto que são sempre susceptíveis de desunidade; o que acontece quando um mediador mais poderoso que eles coloca-se no meio deles e opera entre eles uma reação oposta à primeira. Por esse meio faz-se uma mudança considerável em favor do menor, contendo a ação do maior demoníaco. Assim, é a junção com esse ser demoníaco que chamamos de operação de confusão, e que distinguimos pelo número 2.

64 — Dois, três, quatro.

Poderíeis me perguntar se, quando o menor se junta ao maior espiritual bom, não se faz igualmente o número 2, ou número de confusão. Mas responderei que não, uma vez que o espírito bom que faz junção com um menor só pode se juntar com este menor se previamente tiver comunicado a este mesmo menor seu espírito intelecto, que chamamos de potência espiritual menor, que prepara e dispõe a alma particular menor para receber impressão do espírito maior bom, segundo a vontade e o desejo deste mesmo espírito maior e do menor particular. A alma, por essa junção, adquire o número 2, que, juntando-se ao espírito, forma primeiro um número ternário, ou seja, a potência inata do menor primeiro que é a alma, 1, a potência menor do intelecto, 2, e a potência direta do

espírito maior, 3. E desse modo que a alma menor faz o número ternário em seu primeiro princípio de junção espiritual. Não contamos desse mesmo modo a junção que se faz da alma com o intelecto demoníaco e, em seguida, com o espírito mau, porque, nesta junção, a alma abandona inteiramente sua potência espiritual boa para se tornar um intelecto do demônio, ao passo que, em sua junção com o espírito bom, ela conserva e fortifica a sua potência espiritual divina, merecendo, por conseguinte, ser contada na enumeração que fazemos. Porque o espírito maior bom tira sua ação imediata da Divindade, a alma tem, em consequência, sua correspondência regular com as quatro potências divinas, que chamamos de quátripla essência, como se segue: a alma menor, 1, está em correspondência espiritual com o intelecto, 2, o intelecto com o espírito, 3, e o espírito com a Divindade, 4. Aí está aquilo que prova a exata correspondência do coração do homem com todo ser espiritual. O corpo do homem é o órgão da alma, é por meio dele que o menor comunica a todos os seus semelhantes sua intenção e sua vontade de ação espiritual, através dos diferentes movimentos e das diferentes operações que ele faz sua forma executar. A alma menor é o órgão do intelecto, o intelecto é o órgão do espírito maior e o espírito maior é o órgão do Criador divino. Tal é a bela harmonia orgânica dos principais seres espirituais divinos, seja com a forma particular do homem, seja com a forma geral e universal, e é isto que nos faz conhecer com plena certeza que tudo é verdadeiramente emanado do primeiro Ser, necessário a todo e qualquer ser, seja espiritual, seja temporal. Com efeito, pelos números de que me sirvo, deveis aprender a conhecer a tripla e a quátripla essência divina. Esses números são aqueles de que o próprio Eterno se serviu para operar a criação universal, geral e particular, e a emanção dos espíritos, tanto aqueles que se tornaram maus quanto aqueles que conservaram a pureza de sua natureza espiritual divina. O número ternário ensinará a conhecer

a unidade ternária das essências espirituosas de que o Criador se serviu para a criação das diferentes formas materiais aparentes, e o número quaternário nos ensina a conhecer o número espiritual divino de que o Criador se serviu para a emanção espiritual de todo ser espiritual de vida, que são os espíritos maiores, vida que é dada ao Cristo e vida de privação que são os demônios e os menores que caíram em poder deles.

65 — *Virtude dos números.*

É essa virtude dos números que fez os sábios de todos os tempos dizerem que nenhum homem pode ser sábio, seja no espiritual divino, seja no celeste, terrestre, geral e particular, sem o conhecimento dos números. Uma coisa é o conhecimento das leis da natureza espiritual, outra coisa é o conhecimento das leis de ordem e de convenção dos homens materiais. As leis dos homens variam como a sombra, as da natureza espiritual, são imutáveis, tudo sendo inato nelas, desde sua primeira emanção. Sereis ainda mais amplamente instruídos acerca dessas verdades na continuidade deste tratado.

66 — *Números.*

- 1: Unidade, primeiro princípio de todo ser, tanto espiritual quanto temporal, pertencente ao Criador divino.
- 2: Número de confusão pertencente à mulher.
- 3: Número pertencente à terra ou ao homem.
- 4: Quátripla essência divina.
- 5: Espírito demoníaco.
- 6: Operações diárias.
- 7: Espírito Santo pertencente aos espíritos septenários.
- 8: Espírito duplamente forte pertencente ao Cristo.
- 9: Demoníaco pertencente à matéria.
- 10: Número divino.

67 — *Abel explicado pelo Eterno a Adão e Eva.*

Sigamos com a reconciliação de Adão e Eva. Adão e Eva, tendo experimentado a dor cruel de que falamos e não conhecendo nada de positivo sobre o modelo que esse evento anunciava, seja para eles, seja para a posteridade primeira e aquela por vir, prosternaram-se em imensa dor e grande fé diante do Criador, para lhe rogar graça e misericórdia pelo crime que Caim cometera sobre seu filho Abel, não tendo neles nem o poder nem a força de vingar com autoridade própria o sangue do justo pelo derramamento do sangue do culpado e sabendo perfeitamente que a vingança pertence somente ao Criador. O Eterno acolheu as preces e as lamentações de Adão e Eva sobre a morte de seu filho Abel; ele lhes enviou um intérprete espiritual que lhes apareceu e lhes explicou o modelo do crime cometido por Caim, dizendo-lhes: "Tendes toda razão em ver a morte de Abel como uma perda considerável e como uma marca da cólera de Deus, a qual deve recair sobre seus descendentes até o fim dos séculos. Deveis ainda considerá-la como um resto do flagelo da justiça divina para a inteira remissão de vosso primeiro crime e para vossa perfeita reconciliação; mas o Criador, que conhece vossa reviravolta sincera e vossa resignação, envia-me a vós para abrandar vossos sofrimentos e vossos alarmes sobre o infeliz evento que vedes como irreparável. O Criador vos diz, por minha palavra, que produzistes essa posteridade de Abel tão-somente para ser o verdadeiro modelo daquele que virá dentro de algum tempo para ser o verdadeiro e único reconciliador de toda a posteridade de Adão. Sabei ainda que Caim, que com razão vedes como criminoso, não o é tanto quanto Adão o foi para com o Criador. Caim atacou apenas a matéria e Adão tomou o trono de Deus pela força: vede se ele é mais criminoso que vós. Vosso filho Caim faz ainda o modelo da prevaricação dos primeiros espíritos que seduziram Adão e que lhe deram realmente a morte

espiritual, precipitando seu ser menor numa forma de matéria passiva, o que o tornou susceptível de privação divina e mudou sua forma gloriosa em uma forma material sujeita a ser aniquilada, sem poder ser recolocada em sua primeira natureza de forma aparente depois de sua reintegração no primeiro princípio das formas aparentes, que o eixo central dissipará tão prontamente quanto a formou. Sede firmes e perseverantes em vossa confiança no Eterno, o termo de vossa reconciliação está cumprido". Adão respondeu: "Que a vontade de meu Criador seja a minha!".

68 — Primeiro modelo dos eventos precedentes: os espíritos maiores.

Vou entrar agora na explicação dos modelos verdadeiros seguidos por todos os eventos que relatei. Adão, por sua posteridade temporal, segue o modelo do Criador e essa posteridade temporal de Adão segue o modelo dos espíritos que o Criador emanou de si para sua grande glória e para que lhe rendessem um culto espiritual. Vistes que esses espíritos podem ser considerados como irmãos mais velhos de Adão, tendo sido emanados antes dele. Sabeis também que, por terem prevaricado, o Eterno afastou esses espíritos de sua presença, e que ele emanou e emancipou de sua imensidade divina um ser espiritual menor para contê-los em privação. Esse menor, que chamamos de Adão ou Reaux, era portanto o segundo nascido espiritualmente em relação a esses primeiros espíritos e saiu, como eles, do Pai Divino, Criador de todas as coisas. Quero, então, vos fazer observar que Caim, filho primogênito de Adão, segue o modelo desses primeiros espíritos emanados pelo Criador e seu crime segue o modelo daquele que os primeiros espíritos cometeram contra o Eterno. Abel, segundo filho de Adão, segue, por sua inocência e sua santidade, o modelo de Adão, emanado depois dos

primeiros espíritos, em seu primeiro estado de justiça e de glória divina. E a destruição do corpo de Abel, operada por Caim, seu irmão mais velho, segue o modelo da operação que os primeiros espíritos fizeram para destruir a forma de glória de que o primeiro homem estava revestido e torná-lo, por este meio, susceptível de ficar, como eles, em privação divina. Eis a explicação correta do primeiro modelo que Adão, Caim e Abel seguiram, pelos desagradáveis acontecimentos que lhes sobrevieram.

69 — Segundo modelo dos eventos precedentes: a terra triangular.

O segundo modelo seguido por esses três menores não é menos considerável, seja pela relação que eles têm com todo ser corporal, celeste e geral terrestre, seja pelos eventos que eles anunciam que deverão sobrevir à posteridade do primeiro homem. Para se convencer disso deve-se observar que Adão, pelos três princípios espirituosos que compõem sua forma de matéria aparente e pelas proporções que nela reinam, é a exata figura do templo geral terrestre, que sabemos ser um triângulo equilátero, conforme veremos fisicamente adiante.

70 — O poder de vegetação corporal de Adão.

Adão tinha em seu poder uma vegetação corporal, assim como é da natureza da terra vegetar. Adão pôde vegetar somente duas espécies de vegetações, a masculina e a feminina. Do mesmo modo, a terra só pode produzir duas espécies de vegetações, seja nos animais passivos, seja nas plantas ou outros vegetais. Mas ensinar-vos-ei que, além do poder que tem o corpo do homem de se reproduzir corporalmente, ele tem ainda o de vegetar animais passivos, que, na realidade, são inatos na substância de sua forma material. Eis de onde aprendemos isso.

71 — *A putrefação das formas.*

Quando o ser agente espiritual deixa sua forma, esta forma entra em putrefação. Depois que essa putrefação está feita, saem dessa forma seres corporais que chamamos de répteis, os quais subsistem até que os três primeiros princípios espirituosos que cooperaram para a forma corporal do homem sejam reintegrados. Não se deve crer que essa putrefação venha de si mesma nem diretamente da forma corporal, mas deve-se saber que o seminal de todas as coisas sujeitas à vegetação é inato no invólucro, seja terrestre, seja aquático. Assim, posto que o corpo do homem provém da terra geral e tem inatos, em sua forma de matéria, os três princípios que cooperaram para formar seu invólucro, seja terrestre, seja aquático, não é duvidoso que continue residindo nessa forma particular um seminal de animais susceptíveis de vegetação. E através desse seminal que a putrefação acontece nos corpos, depois daquilo que vulgarmente se chama de morte. Os três princípios que chamamos de enxofre, sal e mercúrio, operando para sua reintegração, entrechocam, por sua reação, os ovários seminais que estão em toda a extensão do corpo. Com isso, esses ovários recebem ainda um novo calor elementar, que despoja a espécie animal de seu invólucro, e este invólucro, assim dissolvido, liga-se intimamente com o úmido grosseiro do cadáver. É a junção desse invólucro dos répteis com o úmido grosseiro do cadáver que opera a corrupção geral do corpo do homem e que o leva, em seguida, ao seu derradeiro fim de forma aparente. Portanto, é sempre pela reação dos três princípios operantes que sobrevém a putrefação e é esta putrefação que provoca a eclosão dos animais répteis, cujo seminal está disperso no corpo geral do homem. É absolutamente necessário que essa última operação seja feita por ele, e é a isto que se chama de pena ou trabalho do corpo. Faço-vos notar ainda que os animais répteis provindos desse corpo só têm sua ação no úmido radical e no

mais essencial que está contido no cadáver. A vida e a ação que os animais têm no fluido radical provêm unicamente da operação do eixo fogo central, que despoja, por sua operação derradeira, todas as impurezas que cercam as três essências espirituosas que ainda estão contidas na forma do cadáver. O fogo elementar, juntamente com o fogo central, mantém a forma da figura aparente desses animais répteis, através da operação de refração de seus raios de fogos espirituosos, que, na sequência, dobram-se sobre si mesmos, quando não encontram mais fluido a operar, isto é, quando tudo foi inteiramente consumido por eles. Pode-se verificar isso na forma de um cadáver, onde se verá operar a verdade do que digo acerca da putrefação. Ao vos explicar como esses animais répteis têm a vida, quero dizer que, de modo geral, o mesmo se dá com a vida e a forma corporal de todos os animais irracionais, cujo ser advém unicamente desses dois fogos. Basta sobre a putrefação. Seguirei com a explicação dos modelos dos filhos de Adão.

72 — *Caim e o modelo da sedução dos maus espíritos.*

Além do modelo da prevaricação dos primeiros espíritos e o de seu ataque vitorioso contra o primeiro homem, Caim repete ainda o modelo da sedução ímpia e funesta da qual esses maus espíritos farão uso para com as posteridades futuras de Adão, assim como vinham de fazê-lo em sua primeira posteridade. Vemos isso no primeiro crime que ele cometeu em seu irmão Abel e na sedução que ele usou para com suas duas irmãs, quando as levou a serem testemunhas daquilo que ele iria efetuar sobre a pessoa de seu irmão, conforme haviam planejado juntos. Caim, após sua prevaricação, foi obrigado a ir viver com suas duas irmãs na parte do Sul, para onde ele foi relegado em morada fixa, por ordem do Criador e pela autoridade de Adão. Eis o modelo do lugar para onde os demônios foram relegados, obrigados a operar ali sua vontade e sua intenção malévola, seja

contra o Criador, seja contra os menores dos dois sexos, o homem e a mulher sendo susceptíveis de reter impressão do intelecto demoníaco. Esse lugar do Sul é, ademais, o modelo da parte universal onde o Criador manifestará sua justiça e sua glória no fim dos tempos. E também nesse lugar que os justos manifestarão suas virtudes e potências, para vergonha dos espíritos perversos e dos menores reprovados. Uma vez que essa parte meridional foi amaldiçoada pelo Criador e indicada pela Escritura para ser o asilo dos maiores e dos menores que tiverem prevaricado, direi, em acréscimo, que esses três personagens, Caim e suas duas irmãs, por seu número ternário, anunciam a prevaricação da forma corporal terrestre do homem, que o intelecto demoníaco seduz pela junção que faz com os três princípios espirituosos que constituem toda forma corporal. É desses três sujeitos que tiramos o número nonário das matérias prevaricadoras, seja dos demônios, seja dos menores, conforme vos farei compreender.

73 — Os três princípios das formas: enxofre, sal e mercúrio.

Sabeis que o número ternário é dado à terra, ou à forma geral, e às formas corporais de seus habitantes, bem como às formas dos habitantes celestes. Esse número ternário provém das três substâncias que compõem todas as formas e que chamamos de princípios espirituosos, enxofre, sal e mercúrio, emanantes da imaginação e da intenção do Criador. Tendo sido esses três princípios produzidos num estado de indiferença, o eixo central os dispôs e os operou de modo a que tomassem uma forma e uma consistência mais consolidada, e é desta operação do eixo central que provêm todas as formas corporais, assim como aquelas de que os espíritos perversos se revestiram para sua grande sujeição. E também, consequentemente, dessas mesmas substâncias que eram compostas as formas corporais de Caim e suas duas irmãs, cujo modelo explicamos agora.

74 — *O número nonário.*

A respeito do número nonário, direi que não é espantoso que os espíritos maiores perversos e seus agentes se liguem, de preferência e de bom grado, à forma corporal do homem do que a qualquer outra, uma vez que esta forma humana fora destinada primeiramente para eles. Vemos, aliás, uma prova da íntima ligação dos espíritos malignos com o corpo do homem nas palavras que o Cristo dirigiu aos seus apóstolos, ao término de sua última operação temporal, no Horto das Oliveiras. Quando ele voltou para reencontrá-los, encontrou-os adormecidos e lhes disse então, acordando-os: "Não durmais, pois a carne é fraca mas o espírito é diligente". É por essa facilidade com que o espírito maligno se comunica com a forma corporal do homem que as três pessoas de que falamos deixaram que se corrompessem os princípios espirituosos que eles tinham inatos em suas formas. O intelecto demoníaco se insinuou e se uniu inteiramente com a forma desses três menores e, a partir daí, conseguiu seduzir o agente espiritual que nela estava encerrado e que devia dirigir e governar essa forma segundo a vontade do Criador. Essa insinuação produziu uma tal revolução nesses três menores que não estava mais em seu poder desligarem-se da íntima correspondência que reinava entre eles, pela perfeita simpatia que todos os três contraíram com o intelecto demoníaco. Havia entre eles uma única intenção, um único pensamento e uma única ação. Semelhante união jamais foi vista entre os homens de todos os séculos, e é impossível que três pessoas diferentes e livres ajam dessa maneira, se não estiverem conciliadas e conduzidas por um bom ou por um mau espírito. É, pois, dessas três pessoas possuídas pelo príncipe dos demônios que extraímos, como já o disse, o número nonário de matéria, ou seja, somando seus três princípios espirituosos ou essências primeiras, suas três virtudes e suas três potências demoníacas, como se segue:

princípios de Caim, 3 de sua segunda irmã e 3 de sua caçula, 9. Em segundo lugar, 3 virtudes de Caim, 3 de sua segunda irmã e 3 de sua irmã caçula, 9. Em terceiro lugar, 3 potências de Caim, 3 de sua segunda irmã e 3 de sua irmã caçula, 9. Mas para nos convencer de que o número nonário de matéria advém desses três menores, basta ver a primeira operação demoníaca que eles fizeram e como perpetuaram suas operações criminosas, até o justo castigo que o Criador exerceu sobre toda a posteridade deles, castigo que a Escritura nos faz conhecer ensinando-nos que o Eterno atacou toda a terra e seus habitantes pelo flagelo das águas e que, por este meio, a posteridade culposa desses três menores, bem como os homens que eles seduziram, foram aniquilados. E desde essa época que o número nonário chegou ao nosso conhecimento, do mesmo modo que sua adição misteriosa, como se segue:

3	Adicionai o produto de
3	todos esses números, que somam 27,
3	encontrareis 2 e 7 igual a 9.
3	Multiplicai 27 por 9,
3	isto vos
3	dará novamente 9.
3	Se quiserdes multiplicar
3	esse produto infinitas vezes,
3	ele vos
27	dará sempre 9.

75 — *Punição de Caim.*

Isso é tudo o que tenho a vos dizer sobre o número nonário, posto que quero vos fazer conhecer também os outros modelos consideráveis que Caim fez neste universo. Ensinar-vos-ei que Caim fez o modelo da eleição dos profetas que o Criador haveria

de enviar, com o tempo, entre a posteridade de Adão. Foi-vos ensinado que, depois que Caim destruiu o indivíduo de seu irmão Abel, ele se retirou para sua morada costumeira, onde, pondo-se a refletir sobre seu crime, sobreveio-lhe uma voz espiritual divina que lhe perguntou o que era feito de seu irmão. Caim respondeu bruscamente: 'Acaso fizeste-me guardião de meu irmão?'. Depois dessa resposta, o espírito exerceu sobre ele uma atração tão considerável, seja sobre sua forma corporal, seja sobre seu ser menor, que ele foi imediatamente vencido e, nesta situação, ele se lamentou ao Criador, dizendo: "Senhor, aqueles que me encontrarem matar-me-ão". A essa consideração, o Eterno, pai de misericórdia, vendo a consternação de Caim e querendo preservá-lo da reprovação e da vingança que sua posteridade pudesse praticar contra ele, fez com que ele fosse marcado com um selo preservativo e o espírito que o marcou disse: "Por ordem do Eterno, todo aquele que atacar Caim mortalmente será sete vezes punido com a morte". Caim se retirou, em seguida, com suas irmãs, ao lugar para onde ele fora relegado por ordem do Eterno. Nesse lugar, ele teve uma posteridade de dez machos e onze fêmeas. Ele construiu, nesse mesmo lugar, uma cidade a que deu o nome de Enoque. Ele imaginou, para cooperar em sua empreitada, explorar as entranhas da terra e preparou as matérias que retirou dali, a fim de lhes dar as formas adequadas aos usos que ele queria fazer delas. Ele fez essa operação junto com o seu primogênito, a quem chamara de Enoque. O seu segredo, seja para a descoberta das minas, seja para a fonte dos metais, deixou-o para o segundo filho, chamado Tubal-Caim. Foi disso que chegou até nós que Tubal foi o primeiro a descobrir a fonte dos metais.

76 — *Caim assassinado por seu filho Booz.*

Caim era um grande caçador e, do mesmo modo, educou seus filhos machos para a caça, sobretudo seu décimo filho, a quem ele dedicara toda sua afeição. Ele não deu a esse filho

nenhum outro talento além da caça; seus outros filhos eram mais inclinados aos trabalhos de imaginação e às obras manuais. Caim deu a esse décimo filho o nome de Boaz, ou Booz, que quer dizer filho do assassinato. Foi esse último filho que deu morte ao seu pai Caim, o que aconteceu da seguinte maneira. Tendo Caim decidido ir à caça de animais selvagens, acompanhado de dois filhos de Enoque, seus netos, não avisou seu filho Booz da caçada que planejava fazer no dia seguinte. Booz, por sua vez, planejou, com dois de seus sobrinhos, filhos de Tubal-Caim, ir à caça no mesmo dia que seu pai, mas, igualmente, sem preveni-lo de seu plano. Booz, não tendo filhos, depositara toda sua amizade nesses dois sobrinhos. Assim, partiram juntos para a caçada, mas Booz, sem o saber, tomou o mesmo caminho que seu pai Caim e, estando ambos num bosque que eles estavam acostumados a bater, Booz percebeu a sombra de uma figura através desse bosque chamado Onam, que quer dizer dor. Booz, então, desferiu uma flechada que foi transpassar o coração de seu pai, tendo-o tomado por um animal selvagem. Imaginai a surpresa e o estremecimento de Booz, quando ele foi até o lugar aonde havia atirado sua flecha e viu o seu pai morto por sua própria mão. A dor de Booz foi ainda maior, porque ele conhecia a punição e a ameaça que o Criador lançara contra todo aquele que atacasse a pessoa de Caim. Ele sabia que aquele que tivesse essa infelicidade seria golpeado sete vezes com pena mortal, isto é, seria punido sete vezes com a morte. (Mais adiante explicarei a punição de sete vezes com a morte). Booz chamou seus dois sobrinhos e lhes mostrou o cadáver. Assim que reconheceram a forma e a figura de Caim, lançaram um grande grito de surpresa e fizeram, ao mesmo tempo, um sinal de horror, o que aumentou ainda mais a desolação do infeliz Booz. Depois de lhes contar como ele fora a causa inocente da destruição da forma corporal de seu pai Caim, disse-lhes: "Meus amigos,

sois testemunhas de meu crime, ainda que involuntário; transgredi as ordens e a proibição do Criador, sou culpado diante do Eterno e diante dos homens. Sou o mais novo dos filhos de Caim, o último de toda sua posteridade, o mais culpado e o mais criminoso. Vingai na pessoa desse último nascido a morte de seu pai e o escândalo que venho de vos dar". O intelecto demoníaco, que conhecia a fraqueza dos homens na aflição, logo suscitou uma paixão exacerbada de vingança nos dois sobrinhos de Booz, por causa da morte de Caim. Eles armaram seus arcos com flechas para atirá-las em seu tio. Mas quando estavam prestes a lançá-las sobre ele, uma voz se fez ouvir e disse: "Quem matar aquele que matou Caim será punido setenta vezes sete vezes com a morte". (O que também explicarei mais adiante). A essa atemorizante voz espiritual divina, os dois sobrinhos de Booz caíram para trás, mas, voltando de seu desfalecimento, entregaram suas armas a Booz, dizendo: "O Criador te perdoou, Booz, pela morte que deste ao teu pai Caim. Somos agora os mais culpados diante do Eterno, porque voluntariamente concebemos executar era ti o nosso pensamento vingativo". Booz respondeu aos seus sobrinhos: "Que a vontade do Criador se cumpra!". Após essa resignação de Booz, dirigiram-se todos juntos para a cidade de Enoque. A tristeza e o abatimento com que se apresentaram na cidade puseram a posteridade de Caim em suprema consternação. Essa dor foi ainda redobrada quando essa posteridade ficou sabendo que a destruição da forma de seu pai Caim fora feita pelo último filho deste mesmo pai. O infeliz Booz, vendo-se reduzido a uma inimizade geral de toda a primeira posteridade de Caim e dos descendentes desta mesma posteridade, foi obrigado a se afastar desse bando de possuídos de intelecto demoníaco e foi ter seu recolhimento no deserto de Jezanias, que quer dizer escutar o Criador. Foi nesse lugar que Booz terminou seus dias em melancolia e penitência. Eis

como Caim foi o verdadeiro modelo de profecia quando disse, após o crime que cometeu em seu irmão Abel: "Aqueles que me encontrarem, Senhor, matar-me-ão". Não foi ele encontrado por seu filho num bosque? Não foi ele, efetivamente, morto por um homem, tal como dissera? O que forma realmente o modelo de profecia é que o encontro das duas pessoas, Caim e Booz, não foi premeditado e tanto um como o outro estavam, sem saberem um do outro, no lugar em que Caim recebeu o golpe da morte.

77 — *Erro dos homens do século sobre o parricídio precedente.* Quero vos fazer notar o quanto é ridícula e absurda a observação que os homens do século fizeram sobre o parricídio de Caim por seu filho Booz. Esse modelo, desconhecido da grande maioria dos homens de hoje, levou-os a crer e mesmo garantir que Adão não é o primeiro homem, porque, dizem eles, quando Caim matou seu irmão Abel disse ao Criador: "Senhor, que vai ser de mim? Aqueles que me encontrarem matar-me-ão". Se esses homens fossem instruídos sobre o modelo que essas palavras dirigidas ao Criador representam, veriam claramente que este era o modelo dos profetas por virem e das profecias, conforme vimos efetuar-se realmente entre os homens da terra e no próprio Caim. Mas, dir-me-eis, como podia o Criador enviar profetas aos homens, para contê-los em suas ações contrárias às leis que ele lhes dera, já que dizeis que o Criador não toma nenhuma parte nas causas segundas que se operam entre os homens? Responderei que o Criador não pode ignorar o ser pensante demoníaco que opera continuamente fatos sedutores e perniciosos para o menor espiritual, assim como já havia acontecido na sedução de Adão e de sua posteridade. O Criador, em consequência, julgou necessário, para o bem do homem, eleger espiritualmente seres menores e dotá-los do espírito profético, não apenas para

conter o homem nas leis, nos preceitos e nos mandamentos que ele lhe dera, mas também para o grande molestarmento dos espíritos malignos e para a manifestação de sua grande glória divina. O pensamento do ser espiritual bom ou mau comete a ação boa ou má perante o Criador, e eis como o Eterno toma conhecimento das causas segundas.

78 — Recolhimento de Booz no deserto de Jezanias.

Vejamos agora qual é o modelo que faz o retiro de Booz no deserto de Jezanias. Sendo Booz o último filho da posteridade direta de Caim e completando, por sua posição, o número denário, não é duvidoso que ele fosse dotado de alguns dons espirituais divinos, para ser uma figura e um exemplo real da grande misericórdia que o Criador concede, em qualquer circunstância que seja, para o bem do ser menor espiritual e maior perverso, quando os espíritos invocam-no sinceramente. Deveis compreender isso claramente pela graça que o Criador concedeu a Booz, que era duplamente criminoso: primeiro, por ter assistido ao culto dos demônios preferencialmente ao do Criador, tendo tido um conhecimento perfeito de um e do outro, e por se ter deixado arrastar pelo exemplo e o falso hábito contraído entre a posteridade de Caim, seja por medo das penas temporais que essa posteridade o faria sofrer, seja por sua própria satisfação pessoal. Em segundo lugar, Booz foi criminoso por ter matado seu pai Caim e ter, com isto, desobedecido as proibições que o Criador fizera de antemão à posteridade de Caim, após o crime cometido sobre a pessoa de Abel. Não é que o Criador tenha, com isso, previsto a conduta futura das causas segundas que operariam entre essa posteridade (sabeis o que já vos disse a este respeito), mas era para fazer os príncipes dos demônios sentirem, por esta proibição, que ele conhecia sua conduta atroz e que queria prevenir os homens das abominações que esses demônios

poderiam operar contra eles, como já haviam operado para a queda de Adão e para a de sua primeira posteridade. Os próprios homens não julgam sempre a conduta futura de seus semelhantes pela conduta passada, a despeito do falso provérbio que reina entre eles, de que um homem não pode responder por si nem por sua conduta futura? Não sabemos, aliás, que o Criador é mais forte e mais poderoso que os demônios e que seu mais forte furor demoníaco nada mais faz além de atrair para eles novas maldições, quando ele se eleva contra o Criador ou contra o justo menor, cujo edifício é inquebrantável quando construído sobre a mínima base espiritual divina? Não sabemos, enfim, que aquilo que o Senhor guarda está bem guardado? Era simplesmente sobre essa potência invencível e sobre a justiça imutável do Criador que estavam fundadas todas as proibições e todas as ameaças que ele fez à posteridade de Caim.

79 — Por que os demônios atacam o corpo dos homens em vez do dos animais.

Gostaria de vos fazer uma pequena dissertação sobre tudo o que venho de vos dizer, a fim de vos fazer compreender melhor a conduta atroz que os espíritos demoníacos têm, por preferência, contra a forma do menor e contra o próprio menor. Os espíritos demoníacos ligam-se à forma do menor preferivelmente à da fera, porque a forma do homem é a imagem e a repetição geral da grande obra do Criador. O homem porta em sua forma a figura real da forma aparente que apareceu na imaginação do Criador, a qual foi em seguida operada por obreiros espirituais divinos e posta em substância de matéria aparente, sólida, passiva, para a formação do templo universal, geral e particular. Esses espíritos ligam-se ainda mais espontaneamente à forma do homem, porque esta forma contém um ser menor espiritual mais poderoso que eles e que eles tratam continuamente de seduzir e desencaminhar do

Criador. Eis por que o príncipe dos demônios faz seus espíritos intelectos atacarem a forma corporal do homem em vez da dos animais, porque os animais não fazem nenhuma figura da grande obra do Criador e não contêm nenhum ser espiritual divino sobre o qual os espíritos demoníacos possam fazer qualquer impressão. Deveis saber que o espírito demoníaco, que procura sempre perseguir os menores, começa fazendo suas formas serem atacadas por seu intelecto mau. Esse intelecto torna a vida passiva do homem susceptível de servida espiritual demoníaca, quando ele faz plena junção com a forma. A partir disso, esse espírito intelecto ataca o menor espiritual divino, a fim de que ele possa receber impressão da vontade do príncipe dos demônios, por ordem do qual esse intelecto age, e que fez juramento de dar combate contra toda espécie de operação espiritual tendente à glória do Criador. É desse combate terrível que provém a boa ou a má reintegração da forma corporal e do ser menor. Tudo depende da firmeza desse menor em repelir esse ser estranho a ele e à sua forma, ou de sua fraqueza em consentir as insinuações do espírito mau. E fácil para nós nos convenceremos de que essas espécies de combates passam-se antes na forma do homem do que na dos animais. Observemos as ações, os movimentos e as operações dos animais. Têm elas combinações e reflexos para a destruição ou a conservação de sua forma corporal? Não vemos, pelo contrário, que tudo se opera nos animais pela pura natureza, que, sozinha, mantêm-nos durante toda a sua duração temporal? Mas as ações do menor, seus movimentos, suas operações, manifestam-se de maneira totalmente oposta à dos animais e a diferença de uma para a outra é tão considerável que é impossível negá-la. Sim, o que parte do animal racional está sempre acima daquilo que vem do irracional, e isto porque a forma corporal do homem é susceptível de conter três espécies de vida diferentes, o que vos farei entender.

80 — *Três espécies de vida no homem: passiva, demoníaca e divina.*

A primeira é a vida da matéria, que chamamos de instinto, ou vida passiva, e que é inata tanto na forma do animal racional como na do irracional. A segunda é a vida espiritual demoníaca que pode se incorporar na vida passiva, e a terceira é a vida espiritual divina que preside sobre as duas primeiras. Não encontrareis a mesma coisa entre os animais: há neles apenas um ser de vida passiva, provindo da operação espiritual divina do eixo fogo central, que diariamente dirige sua ação sobre todas as formas corporais de matéria aparente, consolidada por esta mesma operação. E por essa ação e operação que todas as formas de matéria aparente são conservadas no curso de sua duração temporal, fixada pela vontade do Criador. Tal é a diferença que subsiste entre os seres racionais e os seres irracionais e tal é a razão pela qual as operações demoníacas atacam preferencialmente a forma corporal do homem em vez da das feras. Os animais não precisam de um mediador para recolocá-los nos princípios de suas leis naturais, quando sua paixão pura e simples faz com que se apartem destas leis por seu próprio movimento. Eles não têm necessidade desse mediador, porque suas discórdias não vêm de um conselho estranho, porém daquele que sua natureza lhes dita. Eis a dissertação que me propus fazer. Queria vos explicar o modelo do recolhimento de Booz no deserto de Jezanias, e isto me forneceu a ocasião de vos instruir coisas muito essenciais e da maior consequência para o homem de desejo.

81 — *O homem é livre em face dos demônios.*

É pelo recolhimento de Booz que devemos compreender que está em poder do menor espiritual divino separar-se, quando bem quer, da possessão e da correspondência que ele contraiu com o príncipe dos demônios pelo órgão do intelecto

demoníaco. Não entrarei aqui no detalhamento dos diferentes modelos dados pela posteridade de Caim, devendo falar disto mais adiante. Devo, aliás, dar-vos ainda uma explicação sobre o modelo do nascimento de Abel, assim como poderei vos dar alguns outros sobre o mesmo modelo quando a ocasião se apresentar.

82 — *Modelos de Abel.*

Dir-vos-ei, portanto, que Adão e Eva cooperaram para a forma de seu filho Abel, por uma operação muito sucinta de matéria, isto é, sem excesso de seus sentidos materiais. Eles se submeteram inteiramente ao Criador por uma resignação perfeita e espiritual. O Criador não pôde se recusar, então, a corresponder à operação deles, constituindo na forma que eles operaram um ser menor dotado de toda virtude e sabedoria espiritual divina. Esse ser espiritual seria o modelo da manifestação da justiça divina, para o bem dos menores e vergonha dos demônios, assim como foi o principal instrumento da reconciliação de Adão e Eva. Esse modelo que Abel fez em favor de toda a posteridade de Adão até o fim dos séculos não foi a única figura espiritual que este ser menor nos representou; serviu também de modelo para o benefício geral e particular de todos os seres espirituais. Ademais, esse mesmo Abel foi um verdadeiro modelo dos menores dotados da graça divina, que o Criador faria nascer entre os homens para serem instrumentos espirituais da manifestação de sua justiça, para a recompensa ou para a punição das criaturas, conforme suas obras estivessem em concordância ou em discordância com a lei divina.

IV

ENOQUE

83 — Enoque, modelo do espírito divino e de sua ação.

Entre os menores destinados a essas espécies de operações espirituais, consideramos primeiramente Enoque, o sétimo da posteridade daquele que substituiu Abel, isto é, de Seth. Ele faz, pela posição de seu nascimento, o verdadeiro modelo do espírito divino, para o apoio, a condução e a defesa dos menores contra a perseguição dos demônios. Ademais, por sua missão, por suas obras, por suas operações e pelo culto que professou, ele faz o verdadeiro modelo da ação direta do espírito duplamente poderoso do Criador, que devia prescrever aos homens daquele tempo a conduta que deviam ter para se preservarem dos ataques de seus inimigos. Essa mesma conduta devia guiar os homens em suas operações naturais, temporais e espirituais, e lhes servir de base fundamental para se perpetuarem no cerimonial do seu culto de operação de correspondência divina.

84 — Exame do culto rendido por Enoque.

Vejamos qual foi o culto que Enoque professou entre os descendentes de Seth. Ele foi o primeiro que erigiu entre eles um altar de pedra branca, diferente daquilo que chamamos de mármore. Era no centro desse altar que Enoque recebia o fruto de seu culto e oferecia a si mesmo em sacrifício. Enoque foi o primeiro a ensinar os menores espirituais a construir edifícios divinos; foi ele que profetizou a justiça do Criador, que seria transmissível a toda a terra como punição dos crimes da

posteridade de Caim e do restante daquela de Seth que fizera junção com a de Caim; foi ele que regulou as alianças da posteridade de Seth, proibindo que os filhos do Criador divino se unissem com os filhos dos homens. (Por tudo o que eu disse da prevaricação de Adão e do fruto que ele recebeu de sua operação, deveis compreender o que são os filhos dos homens.) Foi Enoque que profetizou os verdadeiros eleitos do Criador que nasceriam por parte do Eterno, fazendo, ele próprio, a eleição de dez sujeitos para operar o culto divino entre a posteridade de Seth. Por conseguinte, Enoque era o grande modelo do cerimonial e do culto divino entre os homens passados, assim como ainda o é entre os homens de agora, o que podereis compreender pela explicação de suas operações espirituais divinas. Enoque, que não é outra coisa senão um espírito santo numa forma corporal de matéria aparente, levou uma assembleia espiritual divina para a região setentrional, em virtude do grande desejo e da vontade boa de seus discípulos, que ele escolhera entre a posteridade de Seth e de Enos. Ele deu a essa posteridade o nome de filhos do Criador, e essa posteridade de Seth e de Enos, tendo sido tocada pela força das santas operações de Enoque, não pôde se impedir de chamá-lo de santo homem Enoque, nome que significa dedicado ou devotado ao Criador. Ele se aplicou com grande sucesso a reformar a conduta dos menores que já o reconheciam como um homem poderoso sobre toda coisa criada. Ele os inquiriu sobre as diferentes operações e invocações diárias que eles praticavam contra a vontade do Criador e das quais tiravam intempestivamente a designação de filhos do Deus vivo. As representações que ele lhes fez a esse respeito, e mesmo as ameaças de acontecimentos terríveis que lhes sobreviriam dentro de pouco tempo, incitaram esses menores a se entregarem inteiramente à condução, à disciplina e às instruções do santo homem Enoque. Enoque os acalmou

e os fortaleceu na fé e na prática das santas operações, que eles só conheciam ainda pelos discursos que ele lhes fizera na primeira assembleia, feita no dia do Sabath. Para tanto, fez entre eles uma eleição de dez sujeitos, aos quais declarou a vontade do Criador e para os quais prescreveu uma cerimonia e uma regra de vida para que pudessem invocar o Eterno em santidade. Ele admitiu esses dez sujeitos ao conhecimento de seus trabalhos lísticos caóticos (no momento oportuno será dada a explicação precisa destas duas palavras, que pertencem às ciências espirituais divinas). Em seguida, ordenou que construíssem um edificio contendo um único cômodo, ou recinto, onde ficavam os dez sujeitos que Enoque escolhera para assisti-lo em suas santas operações. A cada um deles ele deu uma letra inicial dos santos nomes de Deus, o que formava ao todo dez letras, a fim de que seguissem com regularidade e precisão toda espécie de operações agradáveis ao Criador e vantajosas para os primeiros reconciliados. Depois dessa primeira operação ele os enviou cada qual para a sua tenda, ou área, que ele próprio lhes designara, tal como foi representado depois por Moisés pelo acampamento dos Levitas ao redor da arca. Enoque realizou essa assembleia de operações divinas com seus dez eleitos, de dez em dez semanas, e em cada assembleia transmitiu-lhes uma nova letra inicial do santo nome de Deus, de modo que, depois de sete assembleias, cada um deles teve em seu poder duas palavras poderosas, com as quais comandavam toda coisa criada, da superfície terrestre à superfície celeste. Essas duas palavras consistiam em sete letras, quatro das quais formavam o nome temível, poderoso e invencível do Eterno, nome que governava e subjugava todo ser criado no corpo celeste, e as outras três letras formavam um nome santo que governava e subjugava todo ser criado no corpo terrestre. Esses dez líderes, recolocados pelo auxílio de Enoque em suas primeiras virtudes e potências espirituais

divinas, fizeram, por suas operações santas, prodígios tão grandes que atraíram para si vários sujeitos de sua família, e instruíram os menores verdadeiramente chamados pelo espírito santo nas ciências que eles adquiriram pelo poder e pelo ministério de Enoque, modelo de reconciliação do gênero humano.

85 — *Revolta do sexto discípulo de Enoque.*

Em pouco tempo o número de prosélitos tornou-se bastante considerável, mas esses novos prosélitos não se mantiveram em suas virtudes e potências. O que perverteu muitos deles foi a conduta atroz de um dos dez líderes admitidos por Enoque à reconciliação divina, o qual suscitou a dissensão entre os pares e espalhou uma atmosfera de desprezo às instruções que haviam recebido de Enoque. Esse espírito de revolta aumentou tão fortemente entre os novos chamados que eles se entregaram inteiramente ao abandono do Criador e à fruição da matéria, sob a condução do líder prevaricador. Assim, restou somente o número de nove justos na terra. Esses nove justos se isolaram nas forças e nos conhecimentos que receberam do santo homem Enoque e suplicaram que ele se reunisse uma vez mais com eles, para substituir aquele de seus irmãos que o demônio lhes roubara. Enoque, sensível à sua súplica, fez com esses nove justos uma assembleia na qual lhes comunicou inteiramente o seu segredo. Foi nessa assembleia que ele fez a eleição especial para substituir o prevaricador, mas acrescentou que aquele que ele escolheu para esse fim entraria em virtude e potência divina somente depois que eles próprios tivessem terminado a expiação de seus pecados durante sua vida temporal e que a justiça divina tivesse sido executada contra os criminosos. O coração desses nove justos foi tão fortemente arrebatado que eles ficaram numa espécie de desfalecimento, ou de sonolência, que durou cerca de uma hora. Durante esse tempo, Enoque fez

sua invocação ao Criador em favor desses nove discípulos, que, no estado em que se encontravam, viram então todos os flagelos de que o Criador haveria de se servir para punir a terra e o resto de seus habitantes. O pavor que esses nove justos sentiram fez com que voltassem de seu desfalecimento e soltassem um grande grito; voltando-se para Enoque, disseram-lhe: "Como é possível, mestre, que tudo o que vimos de ver aconteça nesta terra? Não poderíeis acalmar, mediante vossas preces, a cólera daquele que vos enviou entre nós e deter os flagelos que ele decidiu lançar sobre a terra e seus habitantes? A visão que tivemos não é falsa, o Criador é justo e vós sois santo, forte e invencível". Enoque respondeu: "Quem vos instruiu a meu respeito? Sede todos um só homem e sereis santos. Ficai todos sob a mesma lei e sereis fortes. Ficai todos sob a mesma regra de vida que vos prescrevi e sereis eternamente menores espirituais invencíveis. Tal é a vontade do pai e de seu santo espírito para o seu filho. Sede sempre filhos do Onipotente aqui embaixo e sabereis que aquele que chamastes de Enoque é o espírito do pai que está no alto".

86 — Enoque transportado ao céu.

Assim que Enoque terminou de falar e abençoar os nove discípulos, uma névoa ardente desceu do céu e o arrebatou rapidamente, para transportar este espírito santo à sua destinação. Seus discípulos, ao perderem-no de vista, lamentaram-se e disseram: "Que será de nós, ó eterno, sem a assistência de nosso mestre Enoque? Por que o arrebatastes dos seus irmãos e dos seus discípulos? Se a terra é culpada pelo que nós, homens corporais, devemos ser responsáveis, senão pelo sangue material que recebemos dela e que entregamos à vossa santa justiça? Acolhei, Senhor, as nossas súplicas e tende piedade de vossos filhos e servidores".

87 — *Noé retomou a religião de Enoque.*

Enoque seria posteriormente um novo modelo, de acordo com a vontade do Criador, como vimos que houve sucessivamente vários modelos desde os tempos passados até hoje. O primeiro princípio de religião espiritual divina, que ele estabeleceu entre a posteridade de Seth, foi conservado e posto novamente em vigor pela potência de Noé, que também é um modelo de eleição espiritual para a reconciliação geral e particular; o que veremos claramente quando examinarmos sua entrada na arca, com as diferentes espécies de animais, o repouso e a segurança desta mesma arca durante o dilúvio, as instruções espirituais que Noé deu aos seus filhos legítimos, em suma, toda a sua conduta para preservar aqueles que lhe foram confiados do flagelo terrível de que Deus se serviu para exterminar a terra e todos os seus habitantes.

88 — *A permanência do Messias e os 70 anos de servidão.*

Sem entrar nos detalhes da conduta particular de Enoque para com seus discípulos e de sua eleição secreta, basta observar o que vem de ser dito para ver claramente que o verdadeiro Messias sempre esteve com os filhos de Deus, porém desconhecido. Encontra-se também nessa mesma explicação a interpretação daquilo que o profeta Daniel queria dizer ao falar emblematicamente, numa de suas profecias, do cativeiro de Israel pelo número de setenta semanas, que foram convertidas em setenta anos de servidão sob Nabucodonosor, profecia que foi confirmada pela escravidão dos israelitas, e da qual foram libertados pelas poderosas operações de Zorobabel, depois dos setenta anos de servidão a que o Criador os condenara devido às faltas que cometeram contra Deus e contra seus irmãos.

89 — *Os dez modelos do Messias.*

Mas não é somente pelo advento de Enoque, cujo modelo comecei a explicar, que encontramos provas da presença do Cristo entre os filhos de Deus. Abel, que fizera o modelo dos menores predestinados para a manifestação da justiça divina, fazia também o verdadeiro modelo do Messias. Reconhecemos essa verdade pelas operações de todos os menores eleitos, que exerceram suas potências e suas virtudes espirituais entre os homens dos séculos passados e que ainda as operam entre os homens de hoje. Esses menores eleitos desde Abel e Enoque são: Noé, Melquisedeque, José, Moisés, Davi, Salomão, Zorobabel e o Messias. Todos esses sujeitos predestinados para a manifestação da glória divina perfazem o número denário espiritual divino, do qual proveio toda coisa, tanto espiritual como material, conforme explicarei adiante ao falar dos modelos e das épocas sobrevindas ao corpo geral e particular, bem como aos menores a que venho de fazer menção. Com efeito, com essas explicações podereis vos convencer da verdade do que digo, pela igualdade, pela similitude e pela relação das operações desses menores com as operações de Abel; o que vos fará saber claramente que Abel fez a verdadeira representação das operações do Cristo, assim como vistes Caim representar verdadeiramente as operações do príncipe dos demônios.

90 — *Abominações representadas pelo crime de Caim.*

Caim, pelo assassinato de seu irmão Abel, nos representa claramente o ódio dos demônios, que juraram dissolver e destruir toda espécie de criação; e isto se servindo dos próprios homens, nos quais eles insinuam uma multidão de paixões materiais que eles sabem estar em conformidade com a fraqueza dos sentidos da vida material e espiritual, e, por meio dessas insinuações, eles operam nos menores ações opostas umas às outras e, deste modo, mantêm-nos na confusão. Assim, vemos

que não há, entre os homens de matéria, dois pensamentos, duas ações, duas operações que possam concordar entre si. A obstinação dos demônios em semear as dissensões entre os homens apenas tende a lhes fazer nascer pensamentos desmedidos de orgulho e de ambição, a fim de que esses homens vivam continuamente numa discórdia espiritual divina, que os mantém na ignorância de sua origem corporal e espiritual, para que não conheçam o motivo e a causa da inquietação e das penas a que estão condenados e para que percam inteiramente a ideia do culto que deveriam render ao Criador.

91 — A expulsão de Adão e a encarnação do Cristo.

Eis as abominações que nos foram representadas pelo crime de Caim. Abel era verdadeiramente seu irmão temporal, posto que ambos emanaram do mesmo homem, mas não havia nenhuma comparação entre as operações que cooperaram para a formação corporal de um e outro. A forma corporal de Caim foi concebida no excesso da volúpia dos sentidos da matéria e nos retraça visivelmente a prevaricação do primeiro homem. A de Abel, ao contrário, foi concebida sem excesso dos sentidos materiais e com toda a pureza das leis da natureza. Assim, essa forma era mais espiritual que material e é por esta concepção espiritual que vemos a forma de Abel como uma verdadeira figura da forma do Cristo, provinda espiritualmente de uma mulher comum, sem o auxílio de operação física material e sem a participação dos sentidos da matéria. Por outro lado, a formação corporal do Cristo nos retraça a incorporação material do primeiro homem, que, após sua prevaricação, foi despojado de seu corpo de glória e tomou um corpo de matéria grosseira, precipitando-se nas entranhas da terra. Pois, antes que esse espírito divino duplamente poderoso e superior a todo ser emanado viesse operar a justiça divina entre os homens, ele habitava o círculo puro e glorioso da imensidade divina. Mas

quando foi enviado pelo Criador, ele deixou essa morada espiritual para vir se confinar no ventre de uma jovem virgem. Ora, o abandono que esse menor Cristo faz de sua verdadeira morada não nos lembra a expulsão do primeiro homem do seu corpo de glória? A entrada desse maior espiritual, ou verbo do Criador, no corpo de uma jovem virgem não nos lembra claramente a entrada do primeiro menor nos abismos da terra para se revestir de um corpo de matéria? Os diversos incômodos e as revoluções por que passou o corpo dessa jovem virgem na gestação e no parto são a representação dos incômodos e das revoluções espirituais demoníacas que o corpo geral terrestre sofreu e é obrigado a sofrer, devido à prevaricação de Adão. Tendo Deus amaldiçoado e submetido a terra a rigorosos castigos, as perseguições que as diferentes nações fizeram ao corpo da virgem e ao seu fruto nos representam aquelas que os demônios das diferentes regiões fizeram ao corpo geral terrestre e particular, bem como aos menores que estão contidos nele. A derrota do corpo do Cristo, destruído pela mão dos homens, prova-nos que os demônios têm poder sobre as formas corporais de matéria aparente, mas deve-se saber que os demônios não podem impedir a reintegração das substâncias espirituosas que compõem as formas, uma vez que estas substâncias não provêm deles. Do mesmo modo, eles podem destruir a forma particular, mas não a forma geral terrestre, que deve acabar apenas no tempo prescrito e limitado pelo Criador. A derrota do indivíduo corporal do Cristo, operada pelos homens na presença das duas mulheres, Maria de Zbedeu e Maria Madalena, fora prefigurada pelo assassinato cometido por Caim sobre seu irmão Abel na presença de suas duas irmãs. As duas mulheres que venho de nomear seguiram o Cristo em todas as suas operações espirituais divinas, assim como as duas irmãs de Caim haviam seguido seu irmão em todas as suas operações demoníacas.

92 — *O sangue do Cristo prefigurado pelo de Abel e de Abraão.*

Essas não são as únicas correspondências que podemos reconhecer entre as operações do Cristo e as operações dos primeiros menores. Não podemos ignorar que o sangue que correu do corpo do justo Abel é o modelo e a semelhança certa daquele que o Cristo derramaria e que efetivamente derramou. O sangue derramado por Abel sobre a terra é o verdadeiro modelo e a realidade da ação da graça divina, que deu paz e misericórdia à terra e aos seus habitantes. É também o modelo da aliança que o Criador faz com sua criatura após sua reconciliação, assim como vimos o primeiro homem entrar novamente em graça com o Criador imediatamente após o sacrifício de Abel. Não foi isso repetido claramente pela circuncisão de Abraão, mediante a qual este pai de multidão obteve sua reconciliação perfeita com o Criador, e não foi pela efusão de seu sangue que este patriarca conheceu a aliança que o Eterno fazia com ele? Não é óbvio, portanto, que a efusão do sangue do Cristo é a confirmação de todos esses modelos precedentes, uma vez que a efusão deste sangue, fazendo tremer a terra, fez sentir a toda a natureza sua reconciliação e a aliança que o Criador fazia com ela e com seus habitantes?

93 — *O sol eclipsado na morte do Cristo, como o será no fim dos tempos.*

Posto que já comecei a vos falar dos acontecimentos que acompanharam as operações do Cristo, explicando-vos o tremor de terra que aconteceu nessa ocasião, poderíeis também me pedir a explicação do obscurecimento do sol que aconteceu no mesmo momento. Responderei que o eclipse que ocorreu na parte celeste é o modelo real do flagelo sobrevivendo aos espíritos demoníacos que o Cristo, por sua operação, subjugou mais fortemente do que o foram em sua prevaricação de potência contra a criação geral e particular. Esse eclipse lembra,

ademaís, as trevas da ignorância nas quais os hebreus se viram mergulhados quando eclipsaram de sua memória os santos nomes divinos que conduziam antigamente todas as suas operações naturais temporais e espirituais divinas. Representa ainda a cegueira dos incrédulos, que permanecem e permanecerão até o fim dos séculos na privação da Luz Divina. Esse eclipse faz, em suma, o verdadeiro modelo da matéria geral, que se eclipsará inteiramente no fim dos tempos e se apagará da presença do homem como um quadro se apaga da imaginação do pintor. Por essa comparação podeis entender que o princípio da matéria do corpo geral nada mais é para o Criador que um quadro -espiritual concebido em sua imaginação. Assim, nesse quadro espiritual estava compreendido todo ser corporal, mas sem substância de matéria. Esse quadro continha principalmente o menor espiritual, que contribuiria para a formação dos corpos.

94 — O véu do Templo rasgado, modelo do destino dos hebreus.

Se expliquei, dir-me-eis, o eclipse considerável ocorrido quando da morte do Cristo, posso perfeitamente explicar também qual é o modelo do rasgamento do véu, que aconteceu no mesmo instante. Consinto nisso, na esperança de que isso vos seja proveitoso, segundo vosso bom desejo. Dir-vos-ei, então, que o rasgamento do véu do Templo é um modelo considerável para o bem do menor espiritual que tenha a felicidade de estar compreendido na categoria daqueles que o Criador recompensará com sua grande glória espiritual divina. O véu rasgado é o verdadeiro modelo da libertação do menor privado da presença do Criador. Ele explica a reintegração da matéria aparente, que vela e separa todo ser menor do conhecimento perfeito de todas as obras consideráveis que o Criador opera a todo instante, para sua grande glória. Ele explica o rasgamento

e a descida dos sete céus planetários, que ocultam dos menores espirituais, por seu corpo de matéria, a grande Luz Divina que reina no supraceleste. Explica ainda a ruptura daquilo que oculta da maior parte dos menores o conhecimento das obras que o Criador opera, para sua grande justiça, em favor de sua criatura. Moisés nos fez compreender claramente essa última figura quando deu aos hebreus o conhecimento da Lei Divina, que ele recitou para eles com o rosto coberto por um véu vermelho. Esse véu vermelho, que ocultava do povo o rosto de Moisés e as tábuas em que estavam escritas a intenção e a vontade do Criador, representava muito perfeitamente os espíritos perversos, que servem de véu escandaloso a todos os menores' que fazem junção com eles. A cor vermelha desse véu representa a insinuação do intelecto demoníaco nos principais sentidos da forma do menor, que o priva de toda comunicação dos sentidos espirituais divinos e o torna incapaz de reter qualquer impressão espiritual, seja por modelo, seja por mistério, seja em natureza pura e simples espiritual. A face velada de Moisés anunciava o estado de privação dos conhecimentos divinos a que Israel ia ser reduzido pelas alianças que Moisés via que o povo ia fazer com o príncipe dos demônios, e a ignorância em que esse povo ia cair em relação ao modelo espiritual que Moisés operava diante dele. Foi por essas alianças criminosas que os hebreus foram chamados de filhos das trevas e filhos do sangue da matéria, e foram substituídos por aqueles que chamamos de filhos da graça divina. Mas esses novos filhos devem tomar o cuidado de não dormir sobre a graça que possuem em detrimento do povo hebreu, a condenação deste povo sendo tão-somente um modelo impressionante da realidade de um fato que deve sobrevir um dia à face do universo, e sobre o qual falarei na explicação das revoluções derradeiras que sobrevirão por volta do fim de toda duração.

95 — *Seth, herdeiro de Abel.*

Já me estendi bastante sobre a explicação dos modelos de Caim e de Abel, vou agora vos falar da posteridade subsequente de Adão. Mostrei como Adão foi perfeitamente reconciliado por intermédio de Abel. Compreendeis facilmente que, sem essa reconciliação, a natureza universal, geral e particular, não existiria da maneira como existe hoje, embora o tempo de sua duração fosse o mesmo. Mas como o Criador colocara em Abel todos os dons necessários para operar, em toda sua amplitude, a manifestação da glória divina, para benefício da criatura e vergonha dos demônios, era necessário, após a morte de Abel, que esses dons fossem transmissíveis a um outro menor. Os decretos do Criador se operam e se operarão sempre com uma imutabilidade irrevogável. Adão concebeu, portanto, pela vontade do Criador, uma terceira posteridade, que ele chamou de Seth, que quer dizer admitido à posteridade de Deus. Foi esse ser menor espiritual que herdou todos os dons poderosos que Abel possuía. Esses mesmos dons foram passados para Seth com muito mais ação e potência espiritual do que tinham em Abel, porque Abel devia ser apenas um modelo simples de reconciliação espiritual, ao passo que Seth tinha não somente esse modelo a operar, mas ainda o da estabilidade das leis da natureza, devido ao curso de suas diferentes revoluções e dos acontecimentos temporais que se passarão nela no momento em que se apagar dos olhos daquele que a fez nascer em sua imaginação divina.

96 — *Seth instruído nos números por Hely.*

Para esse efeito, o Criador, por intermédio de seu enviado espiritual chamado Hely, instruiu o bem-aventurado homem Seth nos segretos recursos espirituais divinos que continham e dirigiam toda a natureza, tanto material quanto espiritual. Ele recebeu diretamente do Criador, pelo espírito, todo

conhecimento das leis imutáveis do Eterno e, com isto, aprendeu que toda lei de criação temporal e toda Ação Divina eram fundamentadas em diferentes números. Ele aprendeu, por esse mesmo Hely, que todo número era co-eterno com o Criador e que era por esses diferentes números que o Criador formava toda figura, todas as suas convenções de criação e todas as suas convenções com sua criatura. Para que não duvideis dessa verdade, dar-vos-ei o conhecimento dos números co-eternos que são inatos no Criador.

97 — Superioridade do número denário, primeira potência divina.

Sabeis, sem dúvida, que todos os sábios passados e presentes sempre viram o número denário como um número respeitável em todos os sentidos. Esses sábios tiveram e têm ainda tanto respeito por esse número denário porque aprenderam a conhecer sua força na perseverança em suas operações espirituais divinas, por meio das quais obtiveram os mesmos dons que foram concedidos a Seth. Esses sábios não passaram esses dons à sua posteridade carnal, a maioria deles não tendo tido uma, embora tivessem se unido a menores femininos, segundo a vontade do Criador, porém empregavam esses dons apenas para a educação e a instrução dos filhos espirituais que o Criador lhes designava, a fim de dispô-los a se tornarem instrumentos da manifestação da glória divina. Foi entre essa posteridade espiritual que eles perpetuaram o conhecimento do famoso número denário, no qual toda espécie de número de criação estava contida, e do qual tiveram a faculdade de extrair todos os números terrestres, menores, maiores e superiores que eram inatos nele, tal como fora ensinado ao bem-aventurado homem Seth e que me foi dito para ensiná-lo ao homem de desejo. Ensinar-vos-ei, pois, como o recebi daqueles que me encarregaram de mostrá-lo, que o número denário completa os quatro

números de potência divina. Coloco diante de vós o número denário em quatro figuras diferentes de caracteres de aritmética: 1, 2, 3, 4. Adicionai esses quatro caracteres, desta maneira: 1 e 2 são 3, 3 e 3 são 6, 6 e 4 são 10. Tereis novamente vosso número denário, que é a grande e primeira potência divina, na qual as outras três estão contidas, como podeis ver pelas seguintes adições: 3 e 4 produzem o número 7, que faz a segunda potência do Criador; 1 e 2 produzem 3, 3 e 3 produzem 6, eis a terceira potência do Criador; por último, adicionai 1 e 3, tereis 4, e é este número quaternário que termina e conclui as quatro potências divinas do Criador, contidas em seu número co-eterno denário.

98 — Um, dois, três, quatro e dez.

Convém, para vossa maior instrução, que eu vos dê a aplicação desses quatro números, a fim de que possais conhecer para qual finalidade cada um deles foi empregado pelo Criador para a criação universal, geral e particular. Dir-vos-ei que o número denário é um número indivisível, ou que não pode sofrer nenhuma divisão. É ele que completa, divide e subdivide todo ser de números inatos no templo universal, geral e particular, corporal e animal, e espiritual divino. Por essa razão, esse famoso número sempre foi visto pelos sábios como número ímpar e representante da quátripla essência divina, e, conseqüentemente, como muito respeitável por todo ser espiritual provindo deste mesmo número. Pela mesma razão, ele só pode ser operado pelo Criador e não por algum ser espiritual duplamente poderoso, simples e menor, e, por esta consideração, nenhum sábio jamais fez uso deste número, reservando-o sempre, por respeito à Divindade. Eis o emprego do número denário, ou da primeira potência divina, que se representa assim: 10 ou (D); e foi por este número que a imaginação pensante divina concebeu a criação espiritual divina temporal. Passemos ao número septenário.

99 — *O septenário emana do denário, segunda potência divina.* O número septenário, que saiu do número absoluto denário, é o número mais que perfeito que o Criador empregou para a emancipação de todo espírito para fora de sua imensidade divina. A classe de espíritos septenários devia servir de primeiro agente e de causa certa, para contribuir e operar toda espécie de movimento nas formas criadas no círculo universal. O que observamos em todas essas formas ? Som, movimento, ação e reação. Todas essas diferentes qualidades e propriedades das formas não nos seriam perceptíveis, se essas formas não tivessem em si um ser inato, que chamamos de partícula do fogo incriado eixo central, que as torna susceptíveis de todas as ações que observamos nelas. Mas todas as ações e todo movimento das formas materiais não podem provir apenas desse princípio inato, e este princípio, ou essa partícula de fogo incriado, nada produziria nas formas corporais, se não fosse acionado por uma causa principal e superior que opera e o torna próprio para o movimento e para a manutenção destas mesmas formas. Essa causa superior, como a vemos, não é outra coisa senão esses agentes septenários espirituais divinos, que presidem como líderes às diferentes ações e aos diferentes movimentos de todos os corpos em que eles fazem operar seus pensamentos e sua vontade, conforme conceberam. Isso nos é representado de fato pelo que foi ensinado anteriormente, ou seja, que a forma corporal humana é o órgão da alma, ou do menor; e podemos compreender melhor as faculdades e o poder dos agentes septenários sobre os seres corporais pelas diferentes operações que os próprios menores produzem, por suas ações sobre suas próprias formas, e que se passam diante dos olhos de seus semelhantes. Eis a virtude e a faculdade poderosa do número septenário, sua emanação do número denário e o emprego que dele fez o Criador para a emancipação dos espíritos formados à sua semelhança; e este número é a segunda potência da Divindade.

100 — O senário também emana do denário, terceira potência divina.

A terceira potência divina, ou número senário, é igualmente um número emanado do famoso denário. O número senário não é tão perfeito nem tão poderoso em virtude espiritual quanto o número septenário, e isto porque o número senário pode se dividir em duas partes iguais, ou duas vezes três, o que não se pode fazer com o número septenário sem destruí-lo e desvirtuá-lo. O número senário é aquele pelo qual o Criador fez sair de seu pensamento toda espécie de imagem de formas corporais aparentes que subsistem no círculo universal. A Gênese não ensina que Deus criou tudo em seis dias? Não se deve crer que a Gênese pretenda, com isso, limitar a potência da Divindade, limitando-lhe um tempo, seja de seis dias, seja de seis anos. O Criador é um puro espírito superior ao tempo e à duração sucessiva, mas pode ter operado seis pensamentos divinos para a criação universal, e o número seis pertence efetivamente à criação de toda forma de matéria aparente. Por esse mesmo número, o Criador faz sentir à sua criatura, tanto espiritual quanto corporal, a duração de tempo que a criação universal deve subsistir. Eis a virtude do número senário e o emprego que o Criador fez dele. Foi daí que os sábios adquiriram o conhecimento do princípio das formas e dos limites que o Criador colocou para a duração de seu curso temporal e passivo. Foi daí também que aprendemos que todo ser corporal se reintegrará em seu primeiro princípio de emanção pelo mesmo número que o produziu. Passemos ao número quaternário, ou quarta potência do Criador.

101 — O quaternário completa a quátripla essência divina.

O número quaternário, que é aquele que completa a quátripla essência divina, é infinitamente mais perfeito e mais considerável que o número senário, porque é ele que contribui

para a perfeição das formas tomadas na matéria indiferente, porque dá o movimento e a ação à forma corporal e porque preside sobre todo ser criado como sendo o principal número de onde tudo proveio. Assim, nós o chamamos de número de verbo poderoso do Criador, pois encerra todas as espécies de números de criação divina, espiritual e terrestre, conforme vos fiz compreender pelas diferentes adições dos quatro caracteres que compõem esse número quaternário e pela adição total desses mesmos caracteres, o que vos trouxe de volta ao número denário. E por essas diferentes adições que são designadas as diferentes faculdades e as diferentes potências que o homem recebeu do Criador. Por essa razão, é no número quaternário que o homem deve aprender a conhecer todos os números das potências espirituais inatas nele, visto que ele teve a infelicidade de ser privado desses conhecimentos. O número quaternário, em suma, é aquele de que o Criador serviu para a emanção e a emancipação do homem, ou do menor espiritual, o que faz com que a alma seja chamada de vida espiritual ou impassiva, como vos farei compreender.

102 — O ternário, modelo das três essências espirituosas.

Deveis saber que a figura triangular sempre foi vista como muito importante entre todos os sábios das diferentes nações. Adão, Enoque, Noé, Moisés, Salomão e o Cristo fizeram grande uso dessa figura em seus trabalhos. Vemos que mesmo hoje se tem o cuidado de colocar esse triângulo em nossos altares, no topo ou no frontispício das construções. Pergunto se essa figura pode ser fruto da imaginação do construtor. Isso não é possível, uma vez que ela já existia antes dele e está de forma concreta em nosso próprio corpo. Também não se pode crer que esse triângulo seja a figura da Trindade, ainda que se dê aos três ângulos de um triângulo equilátero o nome de Pai, Filho e Espírito Santo, porque, afinal, a Divindade não pode ser

representada por nenhuma forma perceptível aos olhos da matéria. Essa figura, portanto, não representa outra coisa senão as três essências espirituosas que cooperaram na forma geral terrestre, cuja representação é esta V. O ângulo inferior representa o mercúrio, o ângulo voltado para o sul representa o enxofre e o ângulo voltado para o norte representa o sal. Ora, foi tão-somente a junção do princípio espiritual, ou do número quaternário, com essas três essências que lhes deu uma ligação íntima e fez com que tomassem uma só figura e uma só forma, que representa verdadeiramente o corpo geral terrestre, dividido nestas três partes: Oeste, Norte e Sul. Desse modo, pela junção do número 1 com o número 3, demonstramos a grande potência do número quaternário, que completa perfeitamente a quátripla essência divina. É do centro desse triângulo que os três pontos angulares emanam. Esse centro é composto de quatro letras. Vemos bem claramente que todo ser de criação está submetido e provém da quátripla essência divina e que o espírito menor, por sua emanção quaternária, porta realmente o número dessa quátripla essência.

103 — Seth, igual ao Adão primitivo.

Essas foram as sublimes instruções espirituais que Seth recebeu do Criador por intermédio de seu enviado Hely. Foi assim que ele adquiriu toda potência e o inteiro conhecimento das operações divinas, e não, como disseram, que ele tenha sido instruído em todas essas ciências espirituais e naturais por intermédio de seu pai, Adão. Isso era absolutamente impossível, uma vez que Adão, por sua prevaricação, foi despojado de toda potência espiritual e obteve, mesmo após sua reconciliação, apenas uma simples potência menor, que ele não podia transmitir por iniciativa própria, mas somente pela autoridade suprema da Divindade. Adão só pôde comunicar a Seth o penoso cerimonial que ele aprendera a conhecer através de um longo trabalho de

corpo, alma e espírito, e não, jamais, os frutos espirituais provindos de suas operações temporais espirituais. Adão, em seu primeiro estado de justiça, como venho de fazê-lo ser entendido, recebeu verdadeiramente do espírito divino todas as ciências e todos os conhecimentos espirituais, isto é, a rota certa e um plano exato de todas as operações espirituais divinas pelas quais ele fora emanado, mas, tendo feito um uso criminoso de seus poderes, o Criador logo os retirou dele e deixou este infeliz Adão, mesmo após sua reconciliação, susceptível de ser homem de erro em todas as suas operações humanas, espirituais e temporais, o que acontece ao homem todas as vezes que ele opera unicamente em virtude das três potências ternárias que são as potências aéreas, terrestres e ígneas. E muito perigoso para o homem de desejo fazer uso dessas três potências em qualquer operação que seja, sem previamente ter obtido do Criador a potência quaternária que nos foi retirada pela prevaricação de Adão; é a falta dessa potência quaternária que nos faz sentir que o homem, desde a prevaricação de Adão, é homem de erro, e é a falta dessa potência quaternária que nos faz sentir que o homem está verdadeiramente em privação espiritual divina. É verdade que o homem pode às vezes sair dessa privação, durante a existência de seu corpo temporal, mas nunca por muito tempo. Tendo o Criador, que é imutável, dito expressamente ao seu homem reconciliado que nenhum conhecimento das ciências divinas lhe seria entregue antes que os tivesse ganhado pelos trabalhos que lhe foram prescritos pela segunda vez, é desde essa época que o homem é ignorante e limitado, o que não lhe teria acontecido se ele tivesse dirigido sua potência quaternária segundo as intenções do Criador.

104 — *Seth, modelo também da misericórdia divina.*

Além dos modelos admiráveis que Seth fizera da reconciliação espiritual e da estabilidade das leis da natureza, ele fez

ainda, verdadeiramente, o da misericórdia divina, porque substituiu Abel, porque orou pela graça de seu irmão Caim, e parece tê-la obtido, seja pela expiação que Caim fez de seu crime, pelo gênero de morte de que foi acometido, seja pela penitência que fez Booz do crime involuntário que cometera sobre a forma deste mesmo Caim. Não deveis duvidar de que esses dois menores criminosos tenham obtido a misericórdia do Criador, pela virtude e pela santidade do bem-aventurado homem Seth. Se me perguntardes qual é a prova física que pode vos levar a crer que o que digo a esse respeito seja correto, responderei que, quando tiverdes a felicidade de conhecer o gênero de trabalho de Seth, aquele que os sábios operaram depois dele, bem como os trabalhos de Moisés e do Cristo, não fareis mais semelhantes perguntas. Se tivésseis estado em sociedade com esses sábios célebres, guardar-vos-íeis de falar dessa maneira. Contentar-vos-íeis em admirar os feitos deles, sem procurar entender o que diziam, porque seria mais difícil para vós compreender suas questões e suas palavras do que os seus feitos, que se operaram concretamente diante daqueles que estavam presentes.

105 — Seth instrui seu filho Enos do culto divino.

Esse respeitável Seth, como posteridade de Deus por seu nascimento, foi encarregado de instruir seus descendentes do culto divino. Ele transmitiu ao seu filho Enos (que quer dizer fraco mortal) toda cerimônia de operação divina, espiritual, terrestre, celeste, aquática e ígnea. Recomendou-lhe, sob as penas mais terríveis, que não abusasse dos conhecimentos que ele lhe confiara por ordem do Eterno, bem como dos frutos provindos desses trabalhos espirituais. Proibiu-lhe, entre outras coisas, toda ligação com os profanos, ou os filhos dos homens, isto é, as jovens concubinas da posteridade de Caim, e que esta raça jamais fosse unida com os filhos de Deus, que eram a posteridade de Seth.

106 — A posteridade de Seth e de Enos pervertida até Enoque.

Era nessa posteridade que o Criador faria nascer os menores predispostos para a manifestação de sua glória, como já o fiz ver pelo pouco que relatei quanto à eleição de Enoque, e como o farei ser entendido mais claramente pela enumeração de todos os menores eleitos. Vereis que essa posteridade de Seth e de seu filho Enos não tardou a se corromper por suas alianças com a posteridade de Caim e que ela perdeu, com isto, todos os conhecimentos espirituais divinos que Seth lhe comunicara. Essa posteridade de Enos subsistiu assim, na abominação, até a sétima geração, da qual provém o patriarca Enoque, sobre o qual já falei, como venho de vos dizer, e cujo modelo tratarei aqui mais amplamente. Eis tudo o que tenho de interessante a dizer sobre o modelo de Seth, não crendo necessário entrar nos detalhes dos acontecimentos particulares que aconteceram a ele e à sua posteridade, acontecimentos que não são de nenhuma utilidade para as coisas que podeis desejar.

107 — Enoque, ou dedicação, filho de Israel.

Enoque nasceu na posteridade de Seth e teve como pai Jared, que quer dizer homem iluminado por Deus. Esse pai deu ao seu filho o nome de Eliacim, que significa ressurreição do Senhor na posteridade de Seth, e o cognominou Enoque, com E e não com H. Este nome, Enoque, significa dedicação. Todos esses nomes e o modelo que fez Jared na posteridade de Seth ou de Enos eram verdadeiras representações do passado, do presente e do futuro. Jared era homem justo perante o Criador e era mais poderoso em virtude divina que todos os outros patriarcas, pela força do culto divino que ele exercia para a expiação dos crimes da posteridade de Enos. As luzes que ele recebia diariamente do espírito divino o preparavam para ser o precursor de um ser justo que ele sabia, pelo espírito, que haveria de emanar dele. Esse mesmo espírito o informou do

modelo maravilhoso que seu filho Enoque faria do espírito divino e da ação da Divindade, para a condução e a defesa dos menores contra os ataques de seus inimigos, como já dissemos anteriormente, quando falamos da eleição de Enoque. Jared conheceu, em suma, pelo espírito, as obras poderosas e espirituais que seu filho Enoque operaria, e que de fato operou, entre a posteridade de Caim e de Seth e a posteridade fêmea de Adão, que formavam as três nações habitantes da superfície terrestre.

108 — Tripartição da criação universal e tripartição da terra.

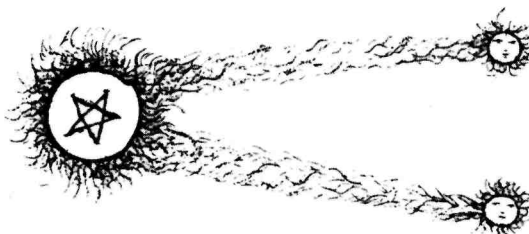
Não passarei esse último ponto sem que observeis que a convenção dos homens distinguiu quatro nações na terra, a saber, Ismael, Israel, os cristãos e os idólatras ou incrédulos, que, a pretexto de honrar e elevar a Divindade, não reconheciam outro Deus senão a matéria. Mas, uma vez que essa divisão em quatro partes provém tão-somente da convenção dos homens, sem a participação divina, ela só pode ser falsa e enganosa, pelas razões que se seguem. Adão, que se emancipara da circunferência divina unicamente para ser o rei da terra e para ter uma posteridade de Deus, não devia, por sua primeira natureza de espírito, participar de nenhuma divisão desta mesma terra. Entretanto, tendo se tornado homem de matéria por sua prevaricação, ele teve, entre sua posteridade carnal, três filhos machos: Caim, Abel e Seth. Abel, tendo vindo unicamente por ordem do Criador e para uma simples manifestação espiritual divina, não devia usufruir nenhuma porção de matéria nem ter qualquer participação na divisão da terra, que só devia ser distribuída à posteridade dos homens provindos dos sentidos da matéria. Assim, esse menor justo foi prontamente subtraído do número dessa posteridade material, após ter cumprido sua missão segundo a vontade do Criador. Restaram apenas três pessoas: Adão, Caim e Seth. Adão, segundo a ordem que ele recebeu do Eterno, fez a divisão

da terra em três partes e não em quatro. Isso não podia ser de outro modo, dir-me-eis, uma vez que havia então apenas essas três pessoas. Mas vos responderei que, mesmo depois de Adão ter tido cem filhos, não teria podido dividir a terra em mais de três partes, não tendo a terra mais do que isto e sendo sua forma perfeitamente triangular. Assim, Adão a dividiu em seu inteiro conteúdo de regiões, como se segue: o Oeste para Adão, o Sul para Caim e o Norte para Seth. Assim como há somente três círculos esféricos, o sensível, o visual e o racional, assim também a criação universal está dividida em três partes; e o que nos prova que a criação universal só pode ser dividida em três partes é o fato de que nela não se pode encontrar a chamada quadratura do círculo, ou a divisão deste círculo em quatro partes. É por todas essas observações que rejeitamos a quarta parte que o vulgo admite na divisão da terra. Assim, nessa mesma terra, pode haver apenas três nações principais, das quais toda nação composta e convencional é emanada. Essas três nações nos foram representadas também pelos três filhos de Noé, pelo qual essa mesma terra também foi dividida em três partes iguais, a saber, Cam no Sul, Sem no Oeste e Jafê no Norte, conforme vos falarei adiante. Acrescentarei aqui que a ordem que Adão recebeu do Criador para fazer essa divisão da terra foi muito dolorosa para ele, visto que ela lhe lembrava a diferença entre seu estado de glória e o seu estado de condenação. Dir-vos-ei, ademais, que essa divisão da terra anunciava a divisão que reinou posteriormente, e que reinará até o fim entre os homens, e o estado de guerra e de dissensão em que Adão mergulhou toda a sua posteridade. Voltemos a Enoque.

109 — Do sinal planetário no nascimento de Enoque e dos sinais planetários em geral.

O nascimento de Enoque causou grande satisfação espiritual entre a posteridade de Seth. Ele trazia sobre sua figura o

caractere daquilo que ele era e o de sua missão, e seu advento no mundo foi marcado nos céus por um sinal planetário que muito assombrou a posteridade de Seth e mais ainda a de Caim. Esse sinal, que se fez conhecer por toda a criação, foi perceptível sobretudo na região do Sul, onde habitava a posteridade de Caim. Essa posteridade ficou, com razão, mais alarmada que a de Seth com o aparecimento desse sinal, porque ela compreendeu que ele era o prognóstico do flagelo que o Criador lançaria sobre ela e sobre todos os habitantes dessa região meridional. Esse sinal não era outra coisa senão uma estrela extra-alinhada de seu círculo planetário; ela havia chegado mais perto da terra do que de costume e tinha, por meio disto uma luz diferente daquela que ela recebia na ordem de seu curso natural, de modo que pareceu totalmente oposta e totalmente diferente das outras estrelas, que eram iguais a ela naturalmente. Essa aparência diferente fez com que fosse chamada pelos homens de Lathau, que quer dizer sinal de confusão e de aflição terrestre, e é aquilo que o vulgo chama de cometa. Eis a figura desse sinal:



Para entenderdes perfeitamente o que é um sinal planetário, deveis aprender que todo corpo celeste, seja maior, seja superior, seja inferior, e que é formado de matéria, que tem um princípio, é susceptível, em todo seu conteúdo de forma corporal, de ter seis divisões. Um círculo planetário é composto

de seis estrelas principais, iguais em grandeza, em virtudes e em potências, as quais recebem a ordem de ação, movimento e operação através da estrela superior, que fica no centro das seis que compõem o círculo planetário. Nos intervalos dessas estrelas, há uma infinidade de outros corpos que denominamos sinais ordinários planetários, chamados vulgarmente de pequenas estrelas. Esses sinais seguem, em seu arranjo, a mesma ordem que reina entre as estrelas do círculo planetário, isto é, eles se agrupam de sete em sete. Cada um desses sinais tem sete virtudes, o que os torna susceptíveis de serem multiplicados por seu próprio número de figuras e de virtudes, ou seja, sete vezes sete, cujo produto é $49 = 7 \times 7$. É por esse número que aprenderéis a saber que os corpos planetários superiores, maiores e inferiores constituem-se realmente em vida espiritual divina e em vida corporal passiva, assim como todos os corpos permanentes no círculo universal, o todo possuindo distinções. Os irracionais têm a vida e o instinto passivos, e os racionais têm o mesmo instinto e, além disto, a vida espiritual impassiva.

110 — Planetas e espíritos.

Sabeis que todo ser de forma corporal nasceu das três essências espirituosas, mercúrio, enxofre e sal, as quais os espíritos do eixo acionaram para cooperar na formação de todos os corpos. Eles cooperaram nessa formação simplesmente inserindo nas diferentes essências um veículo de seus fogos e é sobre este veículo que eles acionam continuamente para a manutenção e o equilíbrio de todas as formas. Eis o que chamamos de vida passiva, à qual está submetido todo ser de forma, tanto celeste como terrestre. Distinguímos os corpos planetários em superiores, maiores e inferiores, a fim de podermos extrair mais facilmente o conhecimento de suas virtudes e de suas potências. A estrela do centro é o ser superior

planetário. É essa estrela que governa os corpos planetários maiores e inferiores, e é chamada de superior porque é sobre ela que a influência solar vai se infundir diretamente. Em seguida essa estrela superior comunica o que ela recebeu às estrelas maiores planetárias que ocupam o seu círculo. As maiores comunicam-na a uma infinidade de pequenas estrelas que estão em junção com elas e que chamamos de sinais, ou corpos inferiores planetários, e estes sinais inferiores, depois de terem recebido a ação influente das superiores e das maiores, irradiam-na com grande exatidão nos corpos grosseiros terrestres. Eis um pequeno quadro da composição de um círculo planetário e de seus habitantes, que pode ser visto como sendo de um número infinito, haja vista a multidão de diferentes seres animais, espirituais, menores e espíritos puros e simples divinos que habitam esses círculos planetários, e é neles que encontramos a vida espiritual impassiva. Nada haveria para o homem e para todas as formas, tanto a geral quanto as particulares, se os círculos planetários fossem habitados exclusivamente por seres como esses de que venho de falar, mas, ainda assim, eles seriam susceptíveis de ser habitados por seres espirituais malignos, que se opõem e combatem as potências e as faculdades das ações influentes boas, que os seres planetários espirituais bons estão encarregados de infundir no mundo inteiro, segundo as leis de ordem neles inatas, para a sustentação e a conservação do universo. E daí que surgiu, entre os homens, o provérbio segundo o qual existem influências planetárias más, e isto é muito positivo, como vos farei ver claramente quando detalhar os princípios dos diferentes corpos celestes e terrestres e der um conhecimento positivo de todas as virtudes e potências de Saturno, do Sol e dos outros círculos planetários. Duvidais, talvez, da junção que ocorre entre os maus e os bons espíritos planetários, e isto pelo pouco conhecimento que tendes desses espíritos bons e de suas ações,

não crendo possível que eles sejam interrompidos em suas funções naturais pelos espíritos maus. Contudo, não poderia ser de outro modo, pela razão que vos direi.

111 — Os demônios combatem as formas corporais dos homens e dos espíritos.

Não ignorais o nascimento de Adão numa forma gloriosa, não ignorais sua prevaricação e sua degradação de toda potência espiritual. Deveis estar suficientemente instruídos a esse respeito, mas o que não sabeis é se o demônio estava numa forma corporal quando tentou o primeiro homem. Posto que não sabeis, dir-vos-ei que o demônio estava nessa ocasião num corpo de glória, ou numa forma gloriosa, e isto porque seria impossível que, de espírito para espírito puro e simples, houvesse tentações, ciladas ou sedução, se estes espíritos estivessem revestidos de uma forma corporal. Não acontece com o espírito puro e simples como acontece com o homem corporal. Todo homem é livre para comunicar ou esconder seus pensamentos aos seus semelhantes, mas, entre os espíritos puros e simples um ser espiritual não pode conceber um pensamento sem que os outros espíritos recebam imediatamente a comunicação do mesmo. Tudo é a descoberto e tudo se faz sentir simultaneamente entre os seres livres de matéria, e o privilégio do espírito puro e simples é o de poder ler no espírito por sua correspondência natural espiritual. E isso que faz cora que nada possa escapar ao conhecimento do espírito, ao passo que ocorre totalmente o oposto entre os menores incorporados numa forma de matéria aparente. É a partir daí que posso vos fazer compreender que todo espírito planetário superior, maior e inferior, encerrado numa forma corporal, para nela operar segundo sua lei, durante o tempo que lhe é prescrito, está sujeito, como o resto dos humanos, a ser atacado e combatido em suas operações diárias. Mas a diferença que há entre esses

espíritos e o homem é que eles não sucumbem aos combates que os demônios travam contra eles. A razão disso é totalmente natural: esses seres espirituais não são susceptíveis de corrupção ou de sedução, e as formas que eles habitam não são susceptíveis de putrefação. Esses seres agem com exatidão, segundo suas leis de natureza, nas diferentes formas que eles habitam. Assim, sua reintegração, tanto espiritual como corporal, será muito sucinta. O homem, ao contrário, afasta-se diariamente das leis espirituais que ele tem em si; assim, ele não pode esperar sua reconciliação senão depois de um longo e penoso trabalho e a reintegração de sua forma corporal só se opera por meio de uma putrefação inconcebível aos mortais. E essa putrefação que degrada e apaga inteiramente a figura corporal do homem e faz aniquilar este miserável corpo, assim como o sol faz o dia desaparecer desta superfície terrestre quando a priva de sua luz.

112 — O advento de Enoque prediz a reconciliação universal, em três operações.

O mesmo não ocorreu com o Cristo, com Abel, com Elias nem com Enoque, tanto para o ser espiritual quanto para a forma corporal deles. Dir-vos-ei, ademais, no tocante a Enoque, que seu advento no mundo predizia o do reconciliador universal, que o sinal que apareceu em seu nascimento predizia aquele que apareceu no nascimento deste mesmo reconciliador, e que seu modelo é o mesmo das três primeiras operações distintas que o Cristo teria a fazer entre os homens para a manifestação da glória divina, para a salvação dos homens e o molestamento dos demônios. Essas três operações são: a primeira, aquela feita para a reconciliação de Adão, a segunda, para a reconciliação do gênero humano, no ano 4000 do mundo, e a terceira, aquela que deverá aparecer no fim dos tempos e que repete a primeira reconciliação de Adão, reconciliando toda a sua posteridade com o Criador, para grande mortificação e

humilhação do príncipe dos demônios e seus adeptos. Será então que esses espíritos perversos reconhecerão seus erros e suas abominações, ficando por um tempo imemorial à sombra da morte, na privação divina e nos mais horríveis lamentos. Será então que eles farão um trabalho mais considerável e mais penoso do que jamais fizeram em toda a duração dos séculos temporais. Não entrarei aqui nos detalhes do gênero de trabalho que deverão fazer esses espíritos perversos, nem na explicação do número 49, devendo tratar destas duas questões numa outra parte. Devo igualmente voltar a vos falar, numa outra parte, do modelo de Enoque, quando entrar no relato das épocas; assim, restringir-me-ei ao que vos disse até o presente e passarei à explicação do modelo de Noé.

V

NOÉ

113 — Noé, de número denário.

Noé é um modelo importante e admirável da criação universal, terrestre, geral e particular, de todas as formas corporais aparentes. Ele faz, por seu número denário, o modelo do Criador, tendo nascido como o décimo dos patriarcas e o último dos líderes pais de família da posteridade de Adão, antes do dilúvio, e foi ele que, por sua posteridade, perpetuou a de Adão, que o dilúvio fizera desaparecer da superfície terrestre.

114 — Motivos do dilúvio.

Antes de ir avante, devo entrar nas minúcias dos motivos que ocasionaram esse dilúvio. Os pretensos sábios, que não admitem a possibilidade disso e que ignoram por que o Criador enviou esse flagelo sobre a terra, não hesitam em negar o fato. Eles ridicularizam aqueles que têm fé nele e vêem como personagens imaginários aqueles a quem o Criador revelou esse acontecimento antes que ele acontecesse e o decreto do mesmo, que ele formara em sua imensidade. Mas, sem me deter em suas fracas objeções, ensinar-vos-ei que esse decreto foi lançado para a manifestação da Justiça Divina contra os líderes demoníacos, que revoltaram inteiramente o Criador por causa das perseguições infinitas que eles exerciam sobre os menores. As conquistas imensas que eles fizeram sobre esses infelizes menores encheram tão fortemente de orgulho esses líderes demoníacos que eles se acreditavam invencíveis e até mais poderosos que o Criador. Deveis entender facilmente quanto

esse orgulho era pouco ponderado. Todas essas conquistas provavam, na verdade, antes a fraqueza dos demônios do que suas potências, conforme vos farei compreender. Não se deve pensar que a terra fosse muito povoada nessa época. Os homens que estavam dispersos em sua superfície eram em tão pequena quantidade que só se podia contar, por assim dizer, um punhado de habitantes; no entanto, para subjugar esse pequeno número de menores foi preciso que o líder dos demônios empregasse não apenas todas as suas potências, mas as potências de todas as suas regiões, que são ao infinito, e ainda assim, se esses menores tivessem feito bom uso de sua liberdade, nem todas as insinuações e operações dos demônios teriam conseguido prevalecer contra eles. Todas as vitórias dos demônios limitam-se, portanto, a ter subjugado a fraca posteridade de Caim e uma parte da de Seth. Certamente, essa fraca conquista, sobre os menores que se deixaram vencer por vontade própria, não seria capaz de manifestar no demônio uma potência absoluta e superior à do Criador. Que valor, portanto, poderia ter semelhante vitória para ele, se as conquistas que ele fez não iam ficar em seu poder e se ele não podia se assegurar de possuí-las e usufruí-las tanto quanto gostaria? Então, era como se ele não tivesse conquistado nada. Ele travou grandes batalhas, deu-se a muito trabalho e preocupação, e, no entanto, nada prosperou e nada restou à sua dominação. Eis quais foram as vitórias do demônio sobre os menores desses primeiros tempos e quais as que ele ganhou posteriormente e que poderá ganhar no futuro. Quanto mais os príncipes dos demônios empregam suas potências contra o Criador, mais são humilhados e punidos; quanto mais conseguem vitórias sobre os menores espirituais, mais são atormentados e desesperados, porque o Criador lhes toma a sua presa, para sua grande vergonha, trazendo de volta à sua Justiça Divina os menores que eles subjugaram, nunca ficando

uma vitória completa para esses espíritos perversos nem para suas legiões. Ele deu a esses espíritos perversos, mediante leis imutáveis, toda ação, movimento e autoridade poderosa para agirem segundo sua vontade contra todo ser espiritual emanado e contra todo ser de forma corporal. Mas a despeito de toda a sua tenacidade, nenhuma de suas obras atingiu o objetivo pretendido. Perguntar-me-eis, talvez, qual era o objetivo que os demônios pretendiam alcançar. O objetivo deles era ultrapassar os limites que lhes foram prescritos, seduzindo sem descanso não só os habitantes da terra, mas também os dos diferentes corpos celestes, e lhes fazendo ataques mais fortes do que eram capazes em sua potência ordinária. Era fascinar o entendimento dos menores, a fim de se fazerem passar aos olhos deles como únicos deuses verdadeiros da terra e dos céus, prometendo lhes dar a mesma potência e as mesmas faculdades possuídas pela Divindade, e que, se esses menores quisessem segui-los e reconhecê-los como seus líderes, poderiam logo agir em liberdade sobre todo e qualquer ser. Mais que isso, esses espíritos perversos chegavam ao ponto de persuadir esses menores de que a criação universal era falsamente atribuída à Divindade, que esse Deus que eles ouviram outrora não era outra coisa senão um deles, que dirigia toda a criação e o próprio homem, desde seu advento na terra, e que, em consequência, uma vez que a emanção dos menores partiu do grande príncipe do Sul, líder principal de todo ser material e sobrematerial (que quer dizer veículo do fogo eixo central incorporado numa forma), eles tinham de reconhecê-lo e de lhe obedecer cegamente em tudo o que ele lhes inspirasse por meio de seus agentes inferiores; então, com grande satisfação, eles veriam suas potências se manifestarem com sucesso igual ao de seu líder, o grande príncipe do Sul, sucesso que se operava todos os dias diante deles. Um príncipe regionário da parte Oeste, ou príncipe maior dos demônios terrestres, disse

aos seus menores, mostrando-lhes o sol: "Contemplai o olho desse grande príncipe universal; é a casa daquele que dirige toda a extensão que vossa vista e vossa imaginação podem perceber e compreender". Por sua vez, o príncipe regionário setentrional terrestre disse, mostrando-lhes a lua : "Instruo-vos, meus caros aliados, da parte do altíssimo e poderosíssimo que viveu e viverá eternamente convosco e conosco, que deveis ouvir o que vosso mestre e o meu vos diz através de minhas palavras: voltai o rosto para essa principal casa; esta casa é onde habita todo espírito maior como eu, inferior e menor. E nela que se manifesta a glória de nosso grande príncipe, é a ela, portanto, que deveis recorrer para obter do grande príncipe deste universo todos os meios e todas as faculdades que vos são necessárias para igualar vossa potência à nossa". Esses líderes perversos não pararam por aí. Ensinaram aos pobres menores que eles seduziram o modo como deviam operar comunicação com os habitantes dessas duas casas que eles os levaram a considerar como as duas maiores e mais importantes, a saber: a lua, a maior casa do círculo sensível, ou da terra, e o sol, a maior casa dos céus. Recomendaram-lhes que só fizessem qualquer trabalho ou operação nessas casas quando elas estivessem em conjunção e em oposição perfeita, o que forma os eclipses de sol e lua, porque então obteriam dos principais líderes habitantes dessas casas tudo aquilo de que tivessem necessidade, fosse para eles diretamente, fosse para aqueles que eles tivessem colocado sob a proteção de seu príncipe todo-poderoso. Os dois outros líderes regionários transmitiram-lhes quase o mesmo discurso, de modo que esses infelizes menores, seduzidos por todas essas promessas, empregaram com zelo e exatidão todas as faculdades e todas as potências que receberam dos líderes demoníacos. Esses homens possuídos fizeram grandes progressos na perversão e, em pouquíssimo tempo, corromperam também a posteridade de Caim e uma grande parte da posteridade de Seth.

115 — Lições a serem tiradas do dilúvio sobre o papel dos demônios.

Observarei aqui que os discursos dos líderes demoníacos tinham de ser muito sedutores para perverter em tão pouco tempo quase todos os habitantes da terra, o que deve nos advertir de que devemos zelar e ficar fortemente em guarda, pois não há nada que esses espíritos perversos não inventem para corromper o menor e confundi-lo com eles. É pelas ações deles que percebemos aquilo que vulgarmente se chama de o pró e o contra, ou a ação e a reação que se operam diariamente no universo. Para perceber qual é a sutileza da tentação deles, deve-se saber que eles se ocupam sem descanso da degradação das formas e da corrupção dos seres espirituais, sempre esperando atingir seu objetivo, de uma forma ou de outra. Eles perseguem os menores, desde o instante em que estes começam a entrar neste baixo mundo e mesmo quando ainda não podem fazer uso de seus sentidos corporais; o que se pode facilmente perceber pelos diferentes movimentos, gritos e agitações dos recém-nascidos. Vemos todas essas coisas confirmadas pelo nascimento do Cristo, por seu advento em uma forma corporal, pelas perseguições e pelos sofrimentos que ele padeceu durante sua vida. Assim, não podemos duvidar de que os demônios estão ao redor da forma corporal desde que o menor se incorpora nela. Foi daí que veio o costume que os patriarcas tinham de exorcizar sua posteridade pela bênção, a fim de afastar os espíritos perversos que circundam a forma corporal. Foi igualmente daí que veio a circuncisão, ou o batismo do sangue, através do qual a aliança foi revelada a Abraão. Foi daí, enfim, que o batismo da graça chegou aos novos convertidos ao Cristo.

116 — O Criador protege o homem caído e sua criação é apenas uma imagem.

Poderíeis me perguntar, com relação a isso, o que o mundo presente teria se tornado se Adão não tivesse obtido sua

reconciliação, mas responderei esta pergunta simplesmente vos dizendo que, posto que o decreto do Criador é imutável no tocante ao molestamento dos demônios, o Eterno preveniu a operação segunda desses espíritos maus, através da qual eles queriam terminar de confundir inteiramente o menor com eles, a fim de se oporem à justiça que seria exercida sobre eles e sobre seus adeptos. O Criador tomou o menor sob sua defesa e, por este meio, todas as tentativas dos demônios contra suas leis imutáveis tornaram-se inúteis. Desse modo, eles foram contidos numa privação ainda maior, restando-lhes apenas uma potência simples espiritual, que Deus não pôde tirar deles, para agirem muito superficialmente no universo. Por essa razão, eles não podem ocasionar a destruição total daquilo que o Criador deliberou e não podem parar o curso e a duração que o Criador fixou para cada coisa. Por essa mesma razão, os demônios não puderam impedir que este mundo ficasse como ficou, depois da mudança da forma gloriosa do homem em forma de matéria. Digo que não se deve ver essa forma corporal como um corpo real de matéria existente; ela provém das primeiras essências espirituosas, destinadas, pelo primeiro verbo de criação, a reter as diferentes impressões convenientes às formas empregadas na criação universal. Não é possível ver as formas corporais presentes como reais sem admitir uma matéria inata no Criador divino, o que repugna à sua espiritualidade. Ele é chamado de Criador porque do nada ele criou tudo e porque a criação provém de sua imaginação, e é porque a criação provém da imaginação pensante divina que ela é chamada de imagem. A mesma faculdade divina que tudo produziu chamará tudo ao seu princípio; e assim como toda espécie de forma teve início, assim também se dissipará e se reintegrará em seu primeiro lugar de emanção; o que será tratado extensamente mais adiante. Vistes os crimes iníquos que os demônios operaram contra os menores dos primeiros tempos,

a fim de desviá-los do culto de Deus e ligá-los ao príncipe do Sul, como único líder divino. Deveis saber, ademais, que esses perversos sempre falaram com os menores usando de aparências espirituais, dizendo-lhes que seriam eternos como eles e que, mesmo quando viessem a deixar suas formas corporais, sua existência não seria menor e que sempre teriam o poder de se fazerem vistos e sentidos por seus semelhantes. Entretanto, foi seduzindo os menores através de tais aparências que eles os arrastaram às mais horríveis abominações.

117 — Privação e cegueira dos homens do século.

Perguntar-vos-ei, entretanto, se, a despeito da força de todas as perseguições demoníacas contra esse primeiro povo, ou à posteridade de Caim e de Seth, não existiram alguns homens justos que se defenderam da insinuação do intelecto mau e que se afastaram inteiramente das abominações em que caíram todos os outros, menores. Não podeis negar que tenha havido alguns deles, pelo menos os nove primeiros patriarcas que se seguiram a Noé, pelo qual se completa o número denário. Mas, se eu vos fizesse a mesma pergunta em relação aos homens de hoje e vos pedisse para me apontar um justo neste século, ficaríeis em grande dificuldade e, na verdade, não o encontraríeis, porque os homens que vieram depois da última época do Cristo, não tendo mais ante os olhos as manifestações divinas que se operavam nos primeiros séculos, perderam de vista o conhecimento do grande culto divino, assim como não vêem mais se perpetuarem os prodígios da justiça do Criador, que ocorriam diariamente entre esses primeiros povos e em Israel. Os homens do século se rendem facilmente à dúvida, que provém dos seus maus hábitos e de sua ignorância. Não é surpreendente, portanto, que os intelectos demoníacos façam hoje nos menores um progresso maior do que no passado. Não é verdade que, quanto mais nos afastamos de um objeto, mais

ele desaparece de nossa vista e que, se nos distanciamos de uma coisa pela qual tínhamos muita afeição, ela sai imperceptivelmente de nossa memória, a ponto de ser muito difícil, para não dizer impossível, reavê-la com o mesmo gosto e o mesmo ardor do primeiro momento? Pois bem, quero vos fazer entender por meio disso que foi precisamente isso que aconteceu com os homens deste século. Eles se afastaram de todo conhecimento divino, a pretexto de uma suposta fé cega que os fez perder totalmente a ideia da verdadeira fé. A fé sem as obras não pode ser vista como verdadeira fé, ainda que seja perfeitamente possível ter as obras da fé sem ter a própria fé. Direi, ademais, que as obras que o homem pode produzir pela débil fé que é inata em todos os homens não podem ser consideradas como pertencendo verdadeiramente à fé. A fé do homem não pode ser viva e perfeita, se não é movida por um agente superior, e é então que o homem produz obras que não são mais tidas como suas e que manifestam toda a força da fé que age nele. Mas os homens deste século não se ocupam dessas verdades, eles abandonaram as ciências espirituais para se entregarem à negociação e à cupidez dos bens da matéria, o que lhes colocou um véu tão espesso sobre os olhos que eles estão quase todos na mesma cegueira em que estava a posteridade de Caim e a maior parte da de Seth.

118 — Modelo, símbolo, profecia.

Sabemos que a cegueira das primeiras posteridades, assim como aquela em que caiu Israel, era uma impressionante repetição da privação em que Adão estivera durante todo o tempo em que o Criador exerceu sua justiça contra ele. A inação espiritual é a punição de todo espírito que se afasta do Criador, porque todo ser espiritual em privação divina só poderá operar culto divino quando houver recebido do Criador a sua reconciliação, assim como nos representa Adão e como muitos

outros representaram depois dele, por seus modelos e por seus símbolos. Um modelo diz mais que um símbolo. Um modelo é uma figura real de um fato passado, bem como de um fato que está para acontecer em breve, enquanto o símbolo nada mais faz que dar informações sobre o modelo de um acontecimento futuro. Um modelo é, em suma, superior à profecia, visto que as profecias são apenas ameaças para o futuro e podem ser retiradas pela misericórdia do Criador ou pela mudança de conduta do povo sobre o qual a profecia recai, ao passo que um modelo anuncia um acontecimento infalível e que está sob o decreto imutável do Criador. Não podemos ignorar que essa primeira posteridade tenha sido golpeada e punida horivelmente, assim como o povo de Israel, por terem abandonado o Criador e o culto para o qual foram formados.

119 — Abominações no tempo do Cristo e depois de sua vinda.
Perguntar-vos-ei agora em que situação estava o mundo quando do advento do Cristo entre os homens. Que culto rendiam ao Criador? Não tornaram seu Templo num mercado público? Reconheciam outro Deus além da matéria? De onde provinha sua mercadoria? E as negociações materiais não os mergulhavam na idolatria? Podemos crer em todos esses fatos com mais facilidade ainda à proporção que temos ante nossos olhos a repetição de todos eles nos homens de hoje. Entre eles se admite que é preciso esquecer o Criador para se enriquecer temporalmente. Esses homens nos retraçam perfeitamente as duas épocas passadas, ou seja, a da posteridade de Adão e a de Israel. Vemos fisicamente a mesma conduta, o mesmo exemplo e os mesmos hábitos entre os homens deste século. O império dos demônios triunfa, em prejuízo dos fracos menores. Esses menores se afastaram tanto do culto divino e se tornaram tão sujos e impuros, pela aliança que fazem todos os dias com os espíritos perversos, que devem esperar punições infinitamente

mais terríveis que as que caíram sobre as primeiras posteridades, uma vez que a presente posteridade viu e ouviu falar distintamente aquele que operou toda reconciliação espiritual e aquele pelo qual o Criador manifestou todas as suas obras aos olhos da criatura. O que não fez esse ser regenerador? O que ele não disse para dissipar a insinuação demoníaca pela qual os menores foram maculados? O que ele não sofreu para eliminar os ataques que os demônios faziam contra os menores ? Não mostrou ele a esses menores que o que eles operavam não vinha deles mesmos, posto que os fez conhecer aquele que os fazia agir contra a vontade divina e os fez conhecer os meios que os demônios empregavam para fazê-los renunciar a si mesmos e à sua alma? Se uma parte desses menores adotou os conselhos dos demônios e uma outra os rejeitou, essa diferença de pensamento e de vontade anunciava a esses homens que havia neles um ser livre e espiritual divino e que, se assim não fosse, os demônios não os teriam tão fortemente perseguido. E pela ignorância de todas essas coisas que os menores provindos desde a época do Cristo repetiram as abominações das primeiras posteridades. Eles negaram sua alma, e, negando sua alma, negaram a Divindade, porque não se pode admitir um Criador sem admitir criaturas puramente espirituais. A posteridade de Caim havia levado o erro a esse ponto, ela não admitia mais nem Deus nem alma; a maior parte da posteridade de Seth admitia uma alma, mas não um criador divino, a não ser o espírito demoníaco que os dirigia, e admitia o universo eterno, coisa que a posteridade de Caim não admitia, porque o seu primeiro pai os instruíra do princípio de todas as coisas criadas, fazendo-os professar a fonte dos metais, e, pelas formas que davam aos mesmos, eles compreendiam que o universo e tudo o que ele contém havia tomado forma e voltaria ao seu primeiro princípio de indiferença.

120 — Israel, em especial, prevaricou.

Se considerarmos Israel, não veremos os mesmos erros e os mesmos crimes dessas primeiras posteridades? No entanto, esse povo foi testemunha da manifestação de toda a justiça e da potência divina. Foi para ele que o Criador desdobrou todas as suas maravilhas, e, a despeito disto, ele caiu sob a potência dos demônios e levou a audácia ao ponto de repudiar o Criador eterno, dando preferência a falsos deuses. Os restos desafortunados desse povo provam, por sua conduta, as prevaricações em que caíram seus pais. O culto que eles exercem dá a conhecer que eles são conduzidos por falsos princípios e pelo príncipe das trevas. Eles são escravos da figura do cerimonial da Lei, mas não da verdade de sua alma e das Leis do Criador. Eles são dominados apenas pela cupidez dos bens da matéria.

121 — Ismael prova a misericórdia divina.

A despeito dessa falsa conduta dos homens provindos da posteridade de Caim, de Seth, de Israel e daqueles que vieram depois do Cristo, vimos em todos os tempos manifestar-se a misericórdia do Criador. Embora sua criatura permaneça sob o peso da justiça divina, ele não a furta de sua indulgência e, pelo contrário, fornece-lhe todos os meios que ele sabe que lhe são necessários para sua satisfação, seja temporal, seja espiritual. Ismael é um dos que nos dão as provas mais frequentes da misericórdia divina. Como primeira posteridade natural de Abraão, ele era o símbolo do modelo da eleição de Israel. Sua saída da casa de seu pai representa Israel que saiu do Templo em vergonhosa privação divina. Sua fuga em países estrangeiros, longe da terra de seu pai, representa a expulsão de Israel da presença do Criador e sua dispersão em todas as partes da terra. Sua mãe, Agar, levou, para alimentar os dois, apenas um pão e um cântaro de água, segundo o testemunho

da Escritura, e, tendo consumido tudo em um dia, foi invadida pelo desespero de ver seu filho Ismael perto de expirar de fome e de sede. Mas, em seu sofrimento, ela não esqueceu o Criador; assim, o Criador não a abandonou, pois o anjo do Senhor apareceu para ela e disse: "Mulher! A súplica que fizeste ao Eterno, para a expiação de tuas faltas, foi acolhida. Levanta-te, toma teu filho e segue-me". Depois que o anjo tinha aplacado a fome e a sede de Ismael e de sua mãe, ele os abençoou em nome do Eterno e lhes ensinou a rota que deviam seguir para irem se fixar na terra que o Criador lhes destinara, dizendo a Agar: "O Eterno cuidará de teu filho, ele prosperará na terra, em tua presença, e dele nascerão doze príncipes da terra, ou doze chefes de tribos". Não deve esse exemplo nos ensinar a colocar toda nossa confiança no Eterno, certos de que ele nunca falha em nos tornar perfeitamente felizes? Não falarei mais de Ismael aqui, devendo falar dele na explicação dos modelos e das épocas que ocorreram temporalmente, e vou, enfim, entrar na explicação do grande modelo de Noé, como vos prometi.

122 — Modelo de Noé flutuando sobre as águas, como o Criador.

Tendo as posteridades de Caim e de Seth levado suas abominações não somente ao ponto de abandonar o Criador e seu culto, mas ainda ao ponto de cometer as fornicações mais imundas, nas quais não se pode pensar sem estremecer, o Criador voltou-se contra esses prevaricadores e contra os demônios que os seduziram. Ele instigou Noé, seu fiel eleito, a se dispor a construir uma arca de madeira de cedro, na qual seria colocado o testemunho da justiça divina que iria se exercer contra a terra e seus habitantes. Essa construção recebeu o nome de arca porque flutuava sobre as águas e sua base tinha a forma da parte inferior do ventre de um pato. Essa arca não tinha nem mastros nem véus nem ramos. Nenhuma dessas

coisas teria tido qualquer utilidade para essa arca nem para os que nela estariam contidos, porque ela seria dirigida pelo esforço das águas, de acordo com a vontade do Criador. Quando chegou o tempo em que o Criador devia manifestar sua justiça divina sobre toda a terra, ele enviou ao seu eleito Noé um anjo que lhe disse de que maneira ele devia fazer sua entrada na arca, com sua mulher, seus filhos e as mulheres de seus filhos. Também foi advertido das provisões que ela devia fazer para os animais racionais e irracionais que estariam encerrados com ele na arca. Essas provisões não eram coisas refinadas nem delicadas, como seria a mais pura farinha ou outras coisas preciosas e susceptíveis de agradar ao paladar. Consistiam apenas em simples frutos comuns da terra, e deles ainda sobraram mais de dois terços quando todos saíram da arca, pois Noé e sua família ficaram tão assustados com o horrível castigo de que foram espectadores que mal conseguiram pensar em sua vida temporal. Noé viu, com efeito, manifestar-se a justiça divina no corpo geral e particular, permanente no círculo universal, o qual ficou durante esse tempo em privação espiritual divina, e Noé ficou tão abalado com esse acontecimento que conseguiu, quando muito, ocupar-se da vida espiritual dos animais racionais e da vida corporal dos animais irracionais. É por isso que lhe restaram tantas provisões após o dilúvio. Nessa época do dilúvio Noé fazia o verdadeiro modelo do Criador, ele flutuava sobre as águas como o Criador antes do ordenamento do caos, segundo as palavras da Gênese. O véu aquático grosseiro que cobria toda a terra e a escondia temporariamente da face do Criador fazia alusão aos céus supracelestes, que a maioria dos filósofos chama de céu cristalino e que separa o Criador e sua corte divina de sua criação universal temporal. A escuridão em que ficaram os corpos luminosos durante esse acontecimento faz alusão à privação da luz espiritual divina dos corpos caóticos, que ainda

não tinham recebido Leis de ordem para agirem conforme o Criador decidira, a fim de servirem de ornamento e de agentes no círculo universal de sua criação.

123 — As três partes do corpo humano e as três operações da criação universal.

Essa privação de claridade divina dos corpos caóticos se repete diariamente através da concepção de uma forma humana no corpo de uma mulher. Dividimos a inteira carcaça da forma humana em três partes, a saber: a cabeça, 1, o tronco, 2, e a bacia, 3. Não podemos deixar de convir que essas três partes são diferentes em suas figuras e em suas proporções; elas são muito distintas umas das outras e pode-se perfeitamente separá-las sem provocar nenhuma fratura nelas, exceto o fato de romper os ligamentos cartilaginosos que as unem, de modo que estas três coisas são uma unidade por sua íntima ligação. Entretanto, cada uma delas tem propriedades e faculdades diferentes e estas diferentes faculdades fazem uma perfeita alusão aos três reinos que reconhecemos na natureza: o animal, o vegetal e o mineral. Esses três reinos estão contidos na forma terrestre, assim como as três partes do corpo humano das quais falo estão contidas no invólucro que circunda toda a forma. Não menciono aqui os quatro membros, isto é, os dois braços e as duas coxas com suas pernas, porque eles nada mais são que aderências ao tronco e porque devo tratar de suas propriedades específicas em uma outra parte. Essas três partes principais do corpo humano fornecem-me ainda a ocasião de vos explicar as três ações principais que deram explosão a todos os corpos caóticos. A primeira ação é a descida do menor geral na forma corporal geral terrestre, a segunda é a junção do espírito divino maior com o menor, ou alma geral, e a terceira é o limite e a extensão que o próprio espírito maior fixou para o corpo geral e os corpos particulares, tanto celestes quanto

terrestres, por ordem do Criador, bem como as diferentes faculdades e propriedades que ele deu a todos os corpos. Do mesmo modo, prescreveu a virtude e a potência de todo ser espiritual maior, inferior e menor, que deveria agir, quer na forma geral e particular, quer exteriormente a essas formas. Prescreveu ainda o poder e as faculdades dos habitantes do eixo central e viu que todas as coisas estavam de acordo com a vontade divina. Foi por essas três operações que a criação universal recebeu leis, preceitos e mandamentos, e foi quando todas as coisas tinham recebido leis, preceitos e mandamentos que se fez a explosão do caos. Então, cada forma corporal contida no caos assumiu sua ação e operou segundo a ordem que recebera. Não se deve crer que a explosão do caos tenha sido feita pela descida do espírito menor nem pela junção do espírito maior com ele, mas apenas pela saída do espírito maior, ou duplamente forte, do invólucro caótico para ir se reunir ao seu pai, e foi apenas nesse momento que todas as coisas se apresentaram em natureza passiva e ativa aos olhos do Criador, em consonância com a imagem que ele formara.

124 — A luz e as trevas

Isso deve ainda vos fazer entender os sentidos destas palavras da Escritura: "A luz estava nas trevas e as trevas não a compreenderam". Toda forma corporal é sempre um caos para a alma espiritual divina, porque esta forma de matéria não pode receber a comunicação do intelecto espiritual divino, sendo ela própria tão-somente um ser aparente. O menor, ao contrário, por sua emanção, é susceptível de receber a todo instante essa comunicação, porque é um ser eterno. Vemos claramente que o corpo é apenas um caos para a alma, ou o menor, pela maneira como o menor passa sua vida temporal nesse corpo de matéria, como punição do crime do primeiro homem. Não passa ele a metade dela numa débil luz, que é

apenas o reflexo da luz espiritual divina, e a outra metade em trevas medonhas? E isso que chamamos de luz e trevas elementares, ou o dia e noite, mas, quando o menor está separado de sua forma caótica não há mais para ele trevas temporais e elementares; ele desfruta plenamente a luz impassiva espiritual e inalterável que é inata nele, conforme o próprio Criador nos ensina que o espírito lê, vê e conhece tudo por sua própria claridade, sem ter necessidade de outra luz além da sua própria. Por que, então, direis, a Escritura ensina que os reprovados viverão em espessas trevas e serão privados de toda luz? Responderei que as trevas com que a Escritura ameaça os reprovados não significam uma privação de claridade e de luz, mas apenas uma privação de ação espiritual divina na imensa circunferência divina, onde os verdadeiros espíritos reconciliados farão sua feliz reintegração. A Escritura não pode ter uma outra significação nesse trecho, uma vez que todo espírito, seja bom, seja mau, contém sua própria luz.

125 — O anjo na saída da arca.

Se duvidais que a explosão do caos se fez assim como vos detalhei, basta atentardes para o anjo que abre a porta da arca para fazer sair todos os animais e colocá-los no topo, a fim de serem testemunhas da manifestação da justiça divina, e vereis claramente a verdadeira figura da saída do espírito maior do invólucro caótico, que expôs à face do Criador todo ser de criação temporal. Falar-vos-ei agora do modelo figurativo dessa arca.

126 — A arca misteriosa.

Essa arca misteriosa, onde estavam contidos os diferentes seres animais, explica realmente o invólucro caótico que continha todo princípio de criação das formas corporais. Os quarenta dias que esses animais foram privados da luz elementar figuram claramente a operação física que os homens

são obrigados a experimentar em sua reprodução corporal. O fruto deles só pode ter vida passiva e ativa espiritual ao cabo de quarenta dias. Não direi mais nada a esse respeito, posto que as operações da natureza podem vos instruir amplamente. A descida e a junção das águas sutis com as águas grosseiras nos lembram a descida do primeiro menor num corpo material terrestre e os quarenta dias em que essas águas sutis desceram representam os quarenta anos de dores e castigos que Adão sentiu em sua alma e em seu espírito, após sua prevaricação.

127 — Castigos de Adão, castigos de Noé e dos animais.

Não se pode imaginar as dores que Adão sentiu, quando, depois de ter sido inteiramente livre e sem limites, por sua natureza de ser puro espiritual pensante, viu que estava numa prisão de matéria e que estava sujeito ao tempo. Com efeito, ele levou quarenta anos lamentando seu crime, refletindo sobre o que ele havia sido em seu primeiro princípio, sobre o que se tornara e sobre o que deveria se tornar em seguida. Por suas lamentações ele se dispôs a obter a misericórdia do Criador, e de fato a obteve ao cabo de quarenta anos de sofrimentos e de castigos necessários para operar sua expiação. Ele não poderia obter sua reconciliação senão ao cabo de quarenta anos, uma vez que era ao cabo deste tempo que haveria de nascer, dele e de Eva, o holocausto espiritual que apagaria o horror de seu crime e puniria a abominação dos demônios sedutores, e os castigos que Adão sofreu durante todo esse tempo nos são claramente representados pelos castigos que os animais sofreram enquanto ficaram sob a justiça divina, e pelos quarenta dias que Noé passou com esses animais no monte Ararat, denominado monte de Armênia, tendo Noé passado todo esse tempo rendendo graça ao Criador por ele ter decidido preservá-lo, ele e o resto dos animais, do flagelo que vinha de se abater sobre a terra e sobre todos os seus habitantes. Poderíeis me

perguntar o que há de comum entre a prevaricação dos animais racionais e a conduta dos animais irracionais e por que ambos são confundidos na mesma punição. Responderei que os homens desse tempo não só abjuraram o Criador e adotaram inteiramente as insinuações dos demônios, como também levaram a abominação ao ponto de usar os animais como se fossem mulheres e, igualmente, de terem entre eles paixões antinaturais. Esses crimes nos foram retrçados depois por Sodoma e Gomorra, que deram seus nomes a essas medonhas prevaricações. Vede agora se deveis ficar espantados de que o Criador tenha exercido sua justiça sobre os animais irracionais, como o fez sobre os animais racionais. O Criador fez a mesma coisa ao punir as duas cidades que venho de citar e quando golpeou a terra com o dilúvio. Deve-se saber, ademais, que o fogo que o Eterno fez cair sobre essas duas cidades anunciava aquele que deverá pôr fim à criação universal, conforme explicarei adiante.

128 — Quarenta anos, quarenta dias.

Para vos convencer ainda melhor de que a reconciliação de Adão só se fez ao cabo de quarenta anos, basta que considereis o estado de esterilidade em que a terra ficou mergulhada durante quarenta anos após a estada das águas sobre sua superfície, o que a tornou como um cadáver e desprovida de sua grande vegetação. Ela retomou seu primeiro vigor e suas primeiras propriedades de produção somente depois que foi novamente abençoada pelo Criador. Do mesmo modo, foi somente ao cabo de quarenta anos de sofrimentos e castigos temporais que Adão e Eva foram recolocados numa potência espiritual divina temporal. O flagelo das águas se fez sentir à terra durante tanto tempo para ser um exemplo imemorial para o resto dos mortais desse tempo, a fim de que eles transmitissem à sua posteridade, de geração em geração, a lembrança do crime

do primeiro homem, do crime de sua posteridade primeira sob Caim e do de sua posteridade segunda sob Seth, a de Noé sendo a terceira, dentre a qual este bem-aventurado Noé foi considerado justo perante o Criador.

129 — O dilúvio marca o fim e o início de toda criação.

Eis como esse castigo sobreveio sobre toda a terra e separou a criação universal da corte espiritual divina. Ele repete ainda o caos em que estavam encerradas as três essências fundamentais de todos os corpos, que serviriam para a formação deste universo, estas essências estando em uma indiferença que as tornava susceptíveis de receber a impressão dos agentes exteriores, para em seguida operar segundo a intenção do Criador. Esse terrível acontecimento marcava duas coisas importantes: a primeira, a punição geral de toda criatura corporal e a de todo ser espiritual menor, e a segunda, que toda e qualquer criação provinha diretamente do Eterno e que era impossível a qualquer outro ser criar semelhante universo, com todas as maravilhas que estão contidas nele.

130 — Discurso de Noé: sentido do dilúvio.

Quando Noé saiu da arca, assim falou ao resto das criaturas que estavam com ele: "Escuta, terra, e vós, homens, escutai-me e compreendi-me com o ouvido de vosso ser espiritual, e não com o de vossa matéria. Digo-vos que o Criador é o soberano e eterno senhor de tudo o que existe no círculo universal, que tudo proveio dele e está submetido à sua justiça. Sua bondade divina tomou a todos vós como testemunhas da manifestação de sua glória invencível, exercida contra toda a terra e todo o resto de seus habitantes. Louvemos, do fundo de nossa alma, esse supremo pai de misericórdia para com a criatura que deposita sua confiança somente nele. Que os escombros desse flagelo, expostos aos vossos olhos, vos ensinem

a não pecar contra o espírito criador de todas as coisas e a não abjurar sua onipotência eterna, como fizeram os vossos predecessores! Eles viram o corpo geral terrestre como sendo eterno, como não tendo tido princípio e não devendo ter fim. Eles o viram como sendo o único a dar o princípio a todas as coisas e admitiram que todo ser proveio dele, nada conhecendo neles mesmos que fosse superior à sua forma corporal e não se crendo seres espirituais divinos. Eis o que atraiu sobre eles um flagelo tão terrível. O Criador permitiu que seus cadáveres fossem dispersos e confundidos com os cadáveres dos animais selvagens, para mostrar quanto ele estava irritado contra eles e para ser um exemplo imemorial para as posteridades subsequentes, de geração em geração, tanto para os animais irracionais quanto para os animais racionais, a fim de que a memória da justiça divina nunca mais se apague da face terra. Considera, terra, considerai, homens, esse rigoroso castigo com que os habitantes dos céus estremeceram, fremiram de horror desse medonho suplício e, sobretudo, por verem que o Criador não fez nenhuma diferença entre os homens e os animais. Sim, era justo que o Criador lhes fizesse sentir toda a amplitude de sua potência, posto que o renegaram como pai de todos eles; era justo que eles fossem confundidos com os animais, posto que não se reconheciam como tendo uma origem diferente da dos animais. Que dureza de alma e de espírito querer fazer ura ser puramente espiritual provir de princípios espirituosos que só podem produzir formas materiais, que ainda continuariam no nada se um ser espiritual divino não os tivesse extraído dele! Que contra-ação o demônio operou sobre a terra para reduzir seus habitantes a tamanha ignorância! Vigiai-vos e fugi dos exemplos que repugnem ao vosso ser menor espiritual. Interditai-vos dos prazeres que vossos semelhantes vos ofereçam e que, a pretexto de vos perpetuar no medo do Criador, irão vos precipitar na senda geral da matéria, o que atrairá sobre vós e sobre vossa

posteridade a maldição do Eterno, e vós e vossos descendentes serão dispersos em todas as nações futuras que habitarão as três regiões terrestres. Eis, terra e homens, o que o Criador vos diz através de minha palavra".

131 — Continuação e final do discurso de Noé: a verdade e o verbo.

"Minha palavra é simples e pura. A verdade que vos é anunciada por meu verbo é sem ornamento e sem artifício, ela não tem necessidade disto para se fazer compreender por todos que desejem conhecê-la de boa-fé. Ela se entrega por si mesma ao homem de desejo, fala para ele uma linguagem que ele não pode ignorar, porque não empresta nada da matéria; ela é una, sem limite, não mudará jamais; ela é toda espiritual, sendo diretamente emanada do Criador. Ela não pode ser comunicada aos animais irracionais, mas somente aos menores espirituais, emanados, tal qual ela, do princípio eterno. Assim, o animal selvagem não será punido doravante por seus desvios, porque ele não é susceptível da Justiça Divina. Pela mesma razão, ele não é susceptível de recompensa, devendo o primeiro exemplo ser imemorial entre todos os habitantes dos céus e da terra. Eis o que tenho a vos dizer da parte do Eterno. Alguém maior que eu, que deverá nascer entre vossas posteridades, instruir-vos-á mais particularmente da justiça e da recompensa que ele reserva para a criatura no fim dos tempos, segundo a confiança que ela tenha tido em seu Criador." Depois dessa exortação, Noé dividiu a terra entre seus três filhos, conforme vos falarei na sequência da explicação do modelo de Noé, de sua arca e do dilúvio.

132 — A arca, modelo do círculo saturnário onde repousam os justos.

Os menores racionais que estavam encerrados na arca e o tempo que permaneceram nela em privação da luz elementar

representam-nos a saída dos menores reconciliados e dos justos, sob as sombras da grande luz em que eles repousarão efetivamente por um espaço de tempo, enquanto aguardam, não tendo mais em si nenhuma ação temporal a ser operada. Embora esses seres justos sejam consolados de suas aflições e assegurados de sua reintegração, isto não impede que seus tormentos sejam imensos, por não poderem desfrutar perfeitamente a visão do espírito consolador que lhes fala. Eles sentem, porém, que tudo o que experimentam é justo, relativamente à prevaricação do primeiro homem e ao juramento que o Criador fez de que nem o primeiro homem nem qualquer outro de sua posteridade seria reintegrado no círculo divino antes do grande combate que deverá ser travado, pelo verdadeiro Adão, ou Reaux, entre a terra e os céus, para grande benefício dos menores. O lugar onde esses justos repousam enquanto aguardam chama-se, filosoficamente, círculo racional, ou círculo saturnário. E ele que serve de degrau para os círculos supracelestes e é ele que a Escritura fixa como o lugar de repouso dos santos pais reconciliados com o Criador. E isso que nos ensina que não é suficiente, para a reintegração dos seres reconciliados, o tempo que eles agem e operam no círculo sensível terrestre. É preciso, necessariamente, que eles ajam espiritualmente em todos os espaços do círculo universal, até que tenham terminado o curso que o Criador fixou para os menores ao emaná-los de si e ao emancipá-los de sua imensidade divina. Eis o segundo modelo feito pelos animais racionais que estavam encerrados na arca e que foram salvos do flagelo da Justiça Divina, de acordo com suas boas obras temporais espirituais.

133 — O culto rendido por Noé reconcilia a terra.

Noé, que quer dizer repouso ou alívio, ao sair da arca operou um culto divino, de dez em dez dias, completando os quarenta dias durante os quais ficou no monte Ararat. Esse culto era a

verdadeira figura daquele que o homem divino operaria para a reconciliação do primeiro menor, a fim de que a criação universal não mudasse de forma, como Adão mudara de corpo. Foi por esse culto do homem divino, ou Cristo, que o Criador abençoou mais uma vez a sua criação universal, voltando a abençoar Adão, que ele havia amaldiçoado, como líder principal de todo ser criado e como homem-Deus da terra, e eis verdadeiramente o que Noé repetiu. Ele intercedia, por sua invocação, a misericórdia do Criador, para que reconciliasse a terra com o resto de seus habitantes que encontraram graça perante dele. Noé obteve a graça solicitada e a terra foi reconciliada junto com os homens, sendo devolvida, ao cabo de quarenta anos, ao seu primeiro princípio de vida vegetativa. "Sim, Eterno", disse Noé ao Criador, "os homens desafortunados que confiaste à minha condução, sob tua proteção, estão claramente instruídos de que podes mudar, num instante, se te apraz, a face da criação universal, como vens de mudar a da terra, reduzindo-a ao nada. Sim, Criador todo-poderoso, tua Justiça Divina é perfeita e reconhecida como tal por tua criatura espiritual, tanto celeste como terrestre. O espírito mais justo diante de ti não pode suportar tua luz sem estremecer, e como poderiam os fracos mortais deste vale de lágrimas tornar-se dignos de sua reintegração divina sem o auxílio de tua graça? O Criador vivificante, revivifica o corpo geral sobre o qual tua criatura espiritual deve operar teu culto divino e que vemos como o receptáculo geral, ou o altar universal sobre o qual deve ser oferecido o pacífico holocausto de reconciliação".

134 — O corvo lembra Caim e anuncia Cam.

O corvo saiu da arca antes que terra fosse descoberta para nos lembrar a prevaricação de Caim e profetizar claramente a de Cam. Ele rumou para o Sul, a fim de nos mostrar que ali era o lugar para onde Caim se retirara e para onde se retiraria

Cam e toda sua posteridade. Ele não voltou mais para a arca, a fim de mostrar a separação que o Criador fez entre a posteridade de Caim e os filhos de Seth e para nos mostrar também que os homens futuros abandonariam o culto divino para se entregarem apenas à matéria.

135 — A pomba, figura do espírito e, particularmente, do espírito bom companheiro.

A pomba, que saiu, voou ao redor da arca e foi pousar em seu topo, é a verdadeira figura do espírito angélico divino que dirigia e conservava a arca e tudo o que ela continha e que comunicava a Noé a vontade do Criador, no tocante à manifestação de sua justiça. Essa pomba figura também o espírito companheiro dos menores, que os circunda com seu círculo espiritual para defendê-los do choque demoníaco que os espíritos perversos operam a cada instante contra eles.

136 — O número da arca é 11.

A forma e as proporções da arca dão, por seu produto, um número que indica que essa construção era a casa de confusão, como podeis ver.

A arca tinha de comprimento	300	} côvados.
de largura	50	
de altura	30	
		380 = 11.

O número onze é oposto a toda espécie de forma corporal completa, análogo ao corpo terrestre e a tudo o que provém dele.

137 — O arco-íris, o ramo de oliveira e a terra dividida em três, também modelos.

A reconciliação universal foi profetizada a Noé, antes que a terra fosse descoberta, pelo sinal espiritual chamado vulgarmente de arco-íris. Com efeito, os sete principais espíritos universais apareceram para ele através de um grande sinal de

fogo, tendo diferentes cores e formando um semicírculo, com uma extremidade tocando o pico do monte Ararat e a outra, o topo da arca. Noé contemplou esse sinal atentamente, não podendo ler as intenções e a vontade do Criador sem um exame todo especial do que podia estar contido nesse sinal profético. Foi então que a pomba se separou inteiramente da arca e foi até o monte Ararat. Dele trouxe um ramo de oliveira e o deixou cair diante de Noé, que compreendeu, com isto, que sua libertação estava próxima. Esse ramo de oliveira, que a pomba pegou preferencialmente a qualquer outra árvore, ensinava aos homens o fruto de que eles se serviriam para a unção e a marca das potências assinaladas, as quais o Criador determinou para a manifestação de seu culto, tal como foi praticado em Israel e entre todos os sábios. A divisão que Noé fez de toda a terra para os seus três filhos repete a que Adão fez para a sua posteridade. Ele enviou Cam para a parte do Sul, lugar onde Caim já havia estado. Deu a Sem a parte do Oeste, que fora dada outrora a Abel, e Jafé teve a parte setentrional, que fora o quinhão de Seth. Quanto a Noé, ficou com sua mulher no centro da terra. Essa divisão da terra, feita em duas ocasiões diferentes, em três partes ou três regiões, anuncia-nos claramente que a forma da terra é triangular, mas farei com que isto seja compreendido melhor quando explicar os princípios da matéria aparente.

138 — Instrução de Noé aos habitantes da arca: a emanção e a criação.

Eis o que Noé disse, antes de enviar os habitantes da arca para irem ocupar o lugar que fora destinado a cada um deles: "Lembraivos, terra e vós, animais racionais e irracionais, dique o terrível flagelo de que sois testemunhas serviu de punição aos criminosos para com o Criador, mas que, ao mesmo tempo, ele vos lembre da misericórdia e da bondade divinas que vos

preservaram desse horrível castigo. As águas que se elevaram até as portas do firmamento e que furtaram de vossos olhos toda a natureza representam-vos o nada em que estava a natureza universal antes que o Criador concebesse, em sua imaginação, operar a criação, tanto espiritual quanto temporal. Ele vos faz ver claramente que todo ser temporal vem diretamente pela ordem de seu pensamento e de sua vontade e que todo ser espiritual divino vem diretamente de sua emanção eterna. Guardai-vos de confundir a criação com a emanção! A criação pertence somente à matéria aparente, que, tendo provindo unicamente da imaginação divina, deve voltar ao nada, mas a emanção pertence aos seres espirituais, que são reais e imperecíveis. Todos os espíritos, maiores ou menores, existirão eternamente em uma personalidade distinta, no círculo da Divindade. O Eterno é chamado de Criador não apenas por ter criado o universo, mas também porque ele não cessa e não cessará jamais de criar virtudes e potências de ação espiritual em favor dos seres que dele emanam. Esses seres espirituais são, certamente, inatos na Divindade, como o seminal da reprodução das formas é inato no corpo geral e particular do universo. Não podeis recusar à Divindade esse privilégio de emanção espiritual, posto que tendes ante vossos olhos a prova física de que esta lei subsiste na reprodução das formas. Não percais nunca de vista o que o Criador fez para vós. Sois a verdadeira testemunha da manifestação de sua glória e de sua justiça. Admiti somente a ele como sendo o motor criador de tudo o que se apresenta aos vossos olhos corporais e espirituais, e tende toda convicção de que nada é, nada existe ou existirá sem a vontade dele. Não esqueçais nunca que tudo proveio dele e não desses malditos espíritos tentadores que, por suas insinuações demoníacas, precipitaram vossos semelhantes nos medonhos abismos da matéria, tendo tido o orgulho de se fazerem

considerar pelos homens como os verdadeiros deuses, vivificantes, vivos e de vida eterna. Morai em paz, sob a proteção do Criador, no quinhão de terra que vos coube na divisão! Sede os guardiões dessa herança, assim como o será vossa posteridade, de geração em geração, até o fim dos séculos! Ai daquele de vós que apagar de sua memória as leis, os preceitos e os mandamentos que o Criador dá pela segunda vez à criatura universal e aos que são inatos em todo ser espiritual desde sua emanção! Entre esses seres espirituais, os maiores são aqueles de que o Eterno se serve para instruir os homens de sua vontade e eles têm sua morada junto ao trono da Dominação divina. Os inferiores são aqueles que agem em toda a extensão da criação universal, seja sobre o corpo terrestre, seja sobre o aquático ou sobre o ígneo, ou eixo central. Lembrai-vos de que o Criador, ao regenerar a terra, regenerou-vos igualmente. Ele repetiu diante de vós o modelo da criação universal, a fim de que ensineis a vossas posteridades que todos os habitantes da terra foram confundidos, nos abismos do seu deus de matéria, com o resto dos animais. Que o Criador todo-poderoso faça com que vós e vossa posteridade não forneçais jamais um semelhante exemplo! Porque não haveria mais um único menor preservado para a regeneração da terra e de seus habitantes. Tudo seria reduzido a cinzas e poeira, tudo voltaria ao nada e os menores espirituais seriam precipitados, por uma eternidade, na privação divina. Ide e desfrutai em paz a bênção que verto sobre vós, em nome e pela onipotência do Eterno".

VI

Os SÁBIOS NOÁQUIDAS

139 — Uma segunda posteridade de Noé restabelece o cerimonial.

Depois dessa instrução Noé emancipou todo o seu povo de seus cuidados espirituais, a fim de que cada um fosse desfrutar livremente suas virtudes, suas faculdades e sua potência, em sua destinação terrestre. Ele ficou com sua mulher no centro da terra, como vos disse, e teve uma numerosa posteridade. Explicar-vos-ei, no momento certo, o modelo da permanência de Noé no centro da terra. Já vos instruí suficientemente de como Noé fez o modelo do Criador, o de sua justiça pela construção da arca e o da regeneração pela força de sua invocação, que reconciliou toda a terra com o Criador, bem como os menores preservados do castigo universal. Falar-vos-ei agora da posteridade que Noé teve no lugar de sua morada. Essa posteridade foi em número de dez filhos, a saber, sete machos e três fêmeas. Foi sob essa posteridade que o culto do Criador foi regenerado e se ofereceram holocaustos puros ao Eterno, sem outro interesse além de sua glória e a santificação dos menores. Cada ura dos sete filhos machos de Noé recebeu do Criador um dom específico. Um tinha o dom da profecia, um outro o dom da interpretação, e assim por diante. A Escritura fala amplamente dos diferentes dons que o Criador colocou em determinados homens, emanados dele para a manifestação de sua glória. Foi através desses diferentes dons que os filhos de Noé regeneraram os diversos cultos de que necessitavam para a sua missão espiritual e temporal. Foi essa segunda posteridade que restabeleceu os diferentes cerimoniais

e as diferentes preces e invocações necessárias ao culto que deviam operar. Foi também ela que restabeleceu os tempos, as horas, os dias, as semanas, os meses e os anos, em consonância com o seu primeiro curso ordinário, embora hoje não se calculem mais estas mesmas coisas como se calculavam nesse primeiro tempo.

140 — As duas posteridades de Noé e as duas posteridades de Adão.

Não é surpreendente que Noé tenha tido essa segunda posteridade, que ele chamou de homens-Deus da terra, posto que ele próprio fizera o modelo do Criador. Não é espantoso também que essa posteridade tenha operado apenas obras puramente espirituais e não materiais temporais, uma vez que ela não tomou nenhuma parte na divisão da terra. Sei que a Escritura não fala dessa segunda posteridade, mas não podemos ignorar que Noé nos tenha retrado o modelo de Adão em sua primeira prevaricação e nas de sua posteridade primeira e segunda, Caim e Seth. Também não podemos duvidar de que Noé nos tenha repetido o modelo de Adão em sua reconciliação e na reprodução de uma posteridade espiritual, como vos farei ver. Adão, tendo se tornado impuro diante do Criador por sua incorporação material, não podia ter senão uma posteridade de matéria, condenada, de geração em geração, a operar um culto misto de espiritual e material. Noé repete a mesma coisa em sua primeira posteridade de três filhos machos, que ele teve antes de sua eleição e da manifestação da justiça. Embora esses três filhos não tivessem cometido nenhuma abominação entre as posteridades prevaricadoras em que viveram, foram todavia maculados pelos crimes que foram cometidos em sua presença. Eles se purificaram pelo jejum, pela prece e pelos sofrimentos que sentiram em sua alma e em seu corpo ante a visão do castigo universal que se abateu sobre a terra. Essa

expição era para nos ensinar que, por mais justo que o menor possa ser diante do Criador, ainda assim é necessário que ele seja purificado, pelo fogo espiritual, da mácula que contraiu por sua estada numa forma de matéria, ainda que ele tenha rejeitado todos os ataques que o intelecto mau possa lhe ter feito; o que vereis com mais detalhes quando vos falar da matéria e das formas corporais. Depois que obtive sua reconciliação, Adão teve uma posteridade espiritual que recebeu o nome de posteridade de Deus. Do mesmo modo, Noé, após sua eleição espiritual, teve uma segunda posteridade, destinada, como dissemos, a operar somente obras puramente espirituais.

141 — Os homens relapsos e sua punição, depois dos sábios noáquidas e hoje.

Esses sete filhos da segunda posteridade de Noé compreenderam perfeitamente que o culto que eles deviam operar era igual àquele que o Criador esperava de seu primeiro homem. Eles se tornaram, por seus trabalhos e pelos dons que receberam, as sete colunas espirituais divinas que sustentariam o universo e o preservariam dos flagelos de Deus, volvendo, pela justiça de suas obras, a misericórdia divina para os prevaricadores dos séculos futuros. Esses sábios, todavia, não exerceram por muito tempo a sua missão. Os homens que eles instruíam entregaram-se a toda sorte de paixões e cupidezes criminosas, a despeito das instruções e dos exemplos que eles tinham diante dos olhos, o que obrigou os sábios a deixar que eles caíssem nas garras do demônio e sob o flagelo da justiça divina. Essa justiça não se operou apenas sobre os homens prevaricadores, mas inclusive sobre suas cidades e suas casas, que foram destruídas pelos flagelos que o Criador mandou lançar sobre elas por seus anjos exterminadores. Tal foi o destino da cidade de Henoque, construída por Caim, das cidades do Egito, de Sodoma, de Gomorra, de Jericó, de

Jerusalém e de muitas outras. A destruição desses monumentos provava que essas obras dos homens eram tão-somente obras materiais, operadas de acordo com o pensamento do intelecto demoníaco, e todas essas cidades só foram destruídas porque a palavra dos justos não conseguiu se fazer ouvir o suficiente para operar toda sua potência espiritual em favor de seus habitantes. Isso não deve vos surpreender. Nenhum homem justo teve nascimento nessas cidades; pelo contrário, seus habitantes sempre empregaram seus esforços para exterminar inteiramente aqueles ou aquelas que professassem a instrução espiritual entre eles ou entre as nações que lhes correspondiam materialmente. Se quisermos lançar o olhar ao nosso redor, perceberemos a mesma coisa no século presente. Basta refletir sobre as cidades atuais, seus habitantes e as obras diárias dos homens, tanto interiormente quanto exteriormente, e veremos facilmente que reina hoje no universo a mesma cupidez que reinava nos primeiros séculos.

142 — Flagelos das cidades, ontem e hoje.

Não se deve crer que os mesmos flagelos que caíram sobre as cidades antigas caiam hoje sobre nossas cidades, embora elas sejam igualmente criminosas e construídas pela mão dos homens. Assim como está em poder do Criador dar continuamente novas recompensas aos fiéis menores, assim também está em seu poder exercer novos castigos e flagelos desconhecidos dos prevaricadores, o que nos prova que é impossível subtrair-se à Justiça Divina. Deve-se observar ainda que as cidades antigas foram assim açoitadas simplesmente porque o número perfeito septenário de homens justos não existia mais sobre a terra, posto que o Criador tinha atraído para si a maior parte deles, e nisto estava claramente uma advertência de que o Criador iria abandonar os homens desse

tempo à sua infeliz sorte. Esses flagelos, aliás, tinham sido anunciados pelo flagelo geral que caiu sobre a posteridade de Caim e sobre a maior parte da de Seth, posto que não havia justos nessa posteridade de Seth, exceto o bem-aventurado homem Noé e seus filhos.

143 — O calendário observado pela segunda posteridade de Noé.

Vimos que os filhos da segunda posteridade de Noé receberam cada qual um dom espiritual divino, a fim de que o usassem segundo as intenções da Divindade. Vimos também que eles estabeleceram os diversos intervalos de tempo convenientes para operar seus diferentes cultos. Entretanto, para fazer essa divisão espiritual do tempo, das horas, dos dias, das semanas, dos meses e dos anos, eles seguiram uma regra de cálculo totalmente diferente da que seguiram seus irmãos temporais mais velhos para a sua operação mista de espiritual e material terrestre. Deveis compreender que isso não podia ser de outro modo. Não é verdade que, para a simples cultura da terra, é necessário observar intervalos de tempo, de dias, semanas, meses lunares, e que é igualmente necessário empregar diferentes modos? Não é verdade que, se o agricultor negligencia a observância de todas essas coisas, ele terá semeado em vão e retirará de seu trabalho apenas uma colheita muito medíocre em comparação com a que ele retiraria se tivesse seguido exatamente todas as formalidades necessárias? Essa lei é indispensável e vem do próprio Criador, que a prescreveu ao homem quando o condenou ao cultivo da terra, e, além disto, nós a vemos ser executada e cumprida fisicamente diante de nossos olhos. Por que, então, pretenderíeis que o culto espiritual divino não estivesse sujeito a uma lei, a um cerimonial exato e a uma fiel observância dos tempos e das estações?

144 — *Superioridade do culto rendido pela segunda posteridade de Noé.*

Dir-vos-ei que, uma vez que o culto divino é de natureza bem diferente da do cultivo da terra, não é surpreendente que os filhos da segunda posteridade de Noé tenham regulado todas as coisas relativas ao seu culto espiritual de um modo diferente daquele como estas mesmas coisas foram reguladas por seus predecessores, que, como vos disse, operavam um culto misto de espiritual e material terrestre. Essa razão não vos prova que a segunda posteridade de Noé devia ser mais instruída e mais experiente no culto espiritual divino do que a primeira posteridade? Quem intentasse exercer dois talentos ao mesmo tempo não poderia exercer nenhum com perfeição, mas quem tem um só talento e o segue com exatidão pode estar certo de conseguir possuí-lo mais perfeitamente que qualquer outra pessoa. Eis por que os filhos da segunda posteridade de Noé foram excelentes no culto espiritual e suplantaram neste gênero os seus irmãos mais velhos. Por isso, não se deve mais achar espantoso que esses homens-Deus tivessem estabelecido formalidades e um cerimonial diferente para o culto que eles deviam cumprir. Não cabe ao homem temporal e terrestre condenar esse costume, posto que ele não pode ter um perfeito conhecimento da missão dessa posteridade espiritual, e, se tivesse esse perfeito conhecimento do culto divino, guardar-se-ia de condená-lo. A segunda posteridade de Noé fazia o grande modelo dos sete principais espíritos superiores que operam para a conservação e a sustentação deste universo. Se esses dignos sujeitos estavam destinados pelo Criador a operar apenas espiritualmente, não é surpreendente que a conduta deles em todas as suas operações espirituais seja um mistério para os homens temporais terrestres, que só se ocupam do culto da terra. Esses sábios, em seu estado de Justiça Divina, relativamente à sua missão espiritual, não

podiam ser limitados por um tempo de trevas temporais, como os mortais ordinários. Essas trevas, chamadas de noite, não teriam acontecido para o homem se o primeiro pai não tivesse prevaricado. Se Adão tivesse tido exclusivamente uma posteridade de Deus, como era a intenção do Criador, todas as ações dessa posteridade teriam se operado independentemente das trevas da natureza elementar, ao passo que a prevaricação de Adão fez nascer dele uma posteridade material e de homens de trevas.

145 — A segunda posteridade de Noé igual ao Adão glorioso.

A segunda posteridade de Noé foi verdadeiramente uma posteridade de Deus, porque foi concebida sem o excesso dos sentidos da matéria. Assim, embora esses seres estivessem encerrados numa forma corporal, possuíam as mesmas virtudes e as mesmas potências que Adão possuía em seu estado de glória. Uma vez que esses homens sábios se ocupavam apenas das operações divinas que tendiam à grande glória do Criador, os instantes em que deviam operar suas ações espirituais, segundo a vontade da Divindade, foram fixados para eles. Eles receberam, ao mesmo tempo, todas as leis da ordem imutável que teriam de observar em suas diferentes operações, cada qual segundo seu dom particular, conforme vos detalharei.

146 — Dons e operações dos quatro primeiros filhos da segunda posteridade de Noé.

O primogênito dessa posteridade, entre seus seis irmãos, modelo do espírito intérprete, recebeu do Criador, para este efeito, o dom de interpretar para seus irmãos as graças provindas de suas operações, e foi o primeiro que começou a operar a potência e a virtude que recebera do Criador. Ele só se separou de seu pai Noé quando o Eterno o tomou dele, após ter terminado o tempo prescrito para sua ação espiritual divina temporal. Esse primeiro sábio fixou o intervalo dos tempos

necessários para a operação que ele tinha a realizar e, de acordo com a ordem que recebeu, fixou esse intervalo em um quarto do dia ordinário que vemos em aceitação entre nós presentemente. Ele assim o fixou, embora fosse um ser pensante para o qual não havia trevas, a fim de dar aos seus irmãos uma regra fixa, tanto para eles como para seus discípulos futuros, intervalos que eles deveriam colocar nas diferentes operações do culto divino. O segundo fez sua operação espiritual imediatamente depois que o primeiro terminou a dele, muito embora esta segunda operação fosse parecida com a primeira. Entretanto, o operante não pôde imbuir nela as mesmas intenções nem empregar as mesmas palavras, porque o dom que ele tinha recebido era diferente daquele que fora concedido ao primeiro. Esse dom era o da profecia para a manifestação da Justiça Divina. Esse segundo operante fixou metade do tempo, acrescentando ao primeiro um mesmo intervalo de seis horas, para o curso de sua operação. Deve-se saber que um intervalo só pode fixar um tempo contínuo e perpétuo depois que o início do segundo intervalo fixou sua extensão, e é quando os dois intervalos são assim reunidos que eles são considerados como a metade de um tempo, porque um tempo é composto de quatro intervalos. Assim, foram os quatro primeiros filhos de Noé que fixaram os quatro intervalos de um tempo, cada qual exercendo sua operação espiritual durante seis horas, os dois primeiros operantes formando a metade do tempo diurno e temporal, e os dois segundos formando a outra metade. Os primeiros pertencem ao dia e os segundos à noite; o que forma ao todo o tempo exato e completo dos limites que o Criador deu ao curso diário de sua criação universal. Não vos devo deixar ignorar que o terceiro desses sábios recebeu o dom da astronomia universal, geral e particular, e que o quarto recebeu o dom do conhecimento do verbo poderoso que o Criador empregou para toda criação temporal. Assim, esse último operava em favor dos corpos

humanos, para a conservação dos mesmos durante o curso de sua duração, e foi daí que veio a arte de curar radicalmente as doenças, conforme farei ver mais adiante, quando vos falar dos diferentes acontecimentos que sobrevêm às formas corporais. Devo ainda vos dizer aqui que os quatro primeiros sábios faziam os modelos dos problemas passados e futuros. Apesar de esses quatro primeiros sábios terem fixado um tempo para suas operações espirituais e apesar de ter sido graças a isto que o atual dia de vinte e quatro horas foi recolocado em seu primeiro estado de natureza diurna e noturna, devemos nos guardar de crer, como já disse, que esses sábios estivessem submetidos ao tempo que eles fixaram e que seu espírito estivesse sujeito aos limites e aos intervalos que eles vinham de estabelecer.

147 — Importância da divisão espiritual dos tempos.

É impossível admitir um tempo ao espírito. Assim, os intervalos que os sábios marcaram para suas operações espirituais não podem ser contados em relação à sua natureza de seres pensantes, e o dia temporal não podia ser um limite para o espírito deles, como é para a natureza corporal. Ao contrário, ao traçarem assim seus intervalos espirituais, eles faziam entender que era o próprio espírito que tinha traçado os intervalos temporais. As nações onde esses sábios se estabeleceram não souberam distinguir entre essa divisão espiritual do tempo e a divisão ordinária que se faz diariamente segundo a lei da natureza criada; foi isto que os lançou em grosseiros erros de cálculo e fez com que tomassem um desses intervalos espirituais por um dos dias temporais que conhecemos.

148 — Dons dos três últimos filhos da segunda posteridade de Noé.

Antes, porém, de abordar essa questão, devo vos instruir dos diferentes dons que receberam os três últimos filhos da

segunda posteridade de Noé. O quinto dessa posteridade recebeu o dom do plantio e do cultivo terrestre. O sexto, o do conhecimento do caractere literal e hieroglífico celeste, terrestre, espiritual, superior maior, inferior e menor divino. Ele também conhecia perfeitamente todos os caracteres hieroglíficos de todo ser espiritual demoníaco. O sétimo recebeu o dom de construir edifícios espirituais para a glória do culto do Criador, assim como o haviam recebido Adão, Seth, Enoque e Noé, que edificaram altares ao Senhor.

149 — A operação dos quatro primeiros sábios, filhos de Noé, e a dos três últimos.

Moisés nos deu a conhecer que ele tinha o mesmo dom, pela construção da arca misteriosa, do altar e do tabernáculo, assim como pelos minerais, as madeiras e todos os outros materiais que foram misturados e trabalhados pelo efeito das operações espirituais de Moisés e de Bethzaleel. Moisés traçava o plano dos edifícios e Bethzaleel os executava. Os três últimos sábios, filhos de Noé, de que vimos de falar, tinham em suas operações espirituais a mesma conduta dos quatro primeiros, mas, como seus dons eram diferentes, suas intenções e suas palavras não podiam ser as mesmas. Os quatro primeiros que fixaram o dia por meio de quatro intervalos de operações não tiveram esposa, sendo inteiramente consagrados ao culto do Criador. Eles faziam um modelo real daqueles que o Criador elegeria para a manifestação de sua glória e de sua justiça. Representavam também os justos do passado e do futuro, tais como Enoque, que a Escritura tanto reverencia, Melquisedeque, Elias e o Cristo, dois dos quais foram enlevados do centro da terra pelo fogo espiritual e os outros dois, em seu próprio corpo de glória espiritual divina, como o Cristo o prova bem claramente por sua ressurreição do Homem Divino.

150 — *Inferioridade da primeira posteridade de Noé.*

Vimos que Noé emancipou de seus cuidados os três filhos que compunham a sua primeira posteridade, a saber, Sem, Cam e Jafé. Esses três homens cuidaram apenas de ocupar e cultivar a porção de terra que lhes cabia, a fim de poderem prover às suas necessidades e às de sua família presente e futura. Como consequência, eles ficaram um longo espaço de tempo sem meditar sobre as instruções espirituais que Noé lhes dera. Eles não cuidaram de fazer a divisão do intervalo das horas, dos dias, das semanas, dos meses e dos anos. Em suma, todo o culto divino deles se limitava a ter uma firme crença de que existia um ser todo-poderoso acima de todas as coisas criadas e que eles chamavam de Abarin 8, que, em linguagem noechita, significa espírito duplamente forte pelo qual o Criador operou e opera todas as coisas; é o que filosoficamente chamamos de ação divina do Criador. Essa palavra, embora noechita ou chinesa, é a mesma que os judeus proferiam outrora e que eles sabiam muito perfeitamente que saíra de sua língua. Adão e sua posteridade também pronunciaram essa palavra, tendo sido os primeiros a falarem a língua judaica, que é aquela que a natureza espiritual divina desde sempre reservara para sua criatura menor. Também os hebreus conheciam outrora essa palavra e a conhecem ainda hoje, porque sempre houve entre eles alguém que possuía uma parte do conhecimento dessa primeira língua.

151 — *Judeu, hebreu, israelita.*

Faço aqui uma distinção entre a palavra judeu e a língua judaica, e a língua hebraica. A palavra judeu significa justo e a língua judaica significa a linguagem da santidade do espírito divino que dirige a operação dos homens justos. A palavra hebreu significa a posteridade de um homem sábio, que a Escritura chama de Heber, e a língua hebraica significa a

linguagem da posteridade de Heber. Mas essa língua é muito diferente da língua judaica, porque não há, entre a posteridade de Heber, nenhum dos verdadeiros homens justos, ou judeus, e porque, desde os tempos passados, nenhum deles foi suscitado pelo Eterno a ensinar perfeitamente a essa posteridade a verdadeira língua que ela perdeu, embora ela acredite tê-la e segui-la com toda exatidão. A língua judaica é toda simples e sem pontuação de convenção humana, a qual foi introduzida na língua dos hebreus. Os verdadeiros judeus reconhecem que a origem alfabética de sua língua vem da parte celeste e não da convenção dos homens. Eles encontram todos os caracteres dessa língua claramente escritos no arranjo das estrelas, e foi daí que eles os tiraram. Os hebreus se servem dos mesmos caracteres que os judeus, mas as diferentes pontuações, os acentos e os ornamentos que eles acrescentam a esses caracteres fazem com que os pronunciem de maneira oposta ao que eles são em sua pura natureza de simplicidade. Sirvo-me aqui da palavra israelita, embora o nome Israel não fosse ainda conhecido nesses tempos de que falo. Israel e israelita não têm o mesmo significado. Israel significa forte contra Deus e israelita significa forte em Deus. E por essa razão que dou esse nome aos sábios noechitas da posteridade de Noé. Tudo isso nos ensina, então, que a palavra hebreu quer dizer confusão, tal como nos ensina muito perfeitamente o nome Israel, dado a esse povo por ordem do Criador, e que significa forte contra o Eterno. Nada no mundo é mais agradável e mais forte para o Criador do que a prece e a invocação dos judeus, e nada é mais indiferente e mais ardiloso do que o coração do hebreu. Isso não deve vos surpreender, uma vez que o povo não possui mais as leis divinas e se contenta com o cerimonial de uma lei que lhe foi arrebatada ignominiosamente. Prossigamos com o detalhamento dos acontecimentos da posteridade de Noé.

152 — Culto dos segundos noáquidas, culto de Moisés e culto da Igreja.

Noé passou o primeiro século com sua segunda posteridade e a instruiu, durante 130 anos, com seus cuidados temporais e espirituais. Ele educou os sete filhos machos dessa posteridade em consonância com a vontade do Criador. Ele transformou os quatro primeiros filhos em verdadeiros pensantes na Divindade. Esses quatro sábios devotaram-se exclusivamente ao culto divino, sem terem nenhuma participação no culto terrestre. Os outros três tiveram dois cultos a operar: um, temporal e terrestre, e o outro, espiritual simples, ou seja, eles não participaram na operação do grande culto divino que estava reservado aos quatro primeiros filhos. Com efeito, o primogênito dessa posteridade fazia o modelo dos grandes sacerdotes e grandes sacrificadores futuros. Ele foi o primeiro dos homens desse tempo a lembrar o primeiro sacrifício de Adão, feito por Caim, seu primogênito, sobre seu irmão Abel. O primogênito de Noé era, em sua qualidade de intérprete espiritual, o primeiro líder de toda espécie de operação divina, era o primeiro a portar o incensório e a fazer a oferenda do holocausto ao Criador. Era ainda o único que fazia, em voz baixa, a grande invocação para a descida do espírito, como consumação do holocausto de expiação e de reconciliação. Ele era o único no altar do sacrifício, e seus três irmãos ficavam imediatamente depois dele, em linha reta, como principais assistentes da grande operação do culto divino; o que foi repetido por Moisés, assistido em suas operações por Aarão, Ur e Bethzaleel. Aarão repetiu a mesma coisa, tomando seus filhos para assistirem seu trabalho. A mesma ordem foi seguida no serviço do templo de Salomão e, ainda hoje, a Igreja do Cristo nos representa isso no sacrifício que ela oferece no altar de pacificação, pela mão, pela intenção e pela palavra do celebrante, assistido pelo primeiro, segundo e terceiro diáconos.

Deveis ver, através disso, que todas as coisas dessa natureza vieram verdadeiramente pela sucessão dos tempos até nós e que essas espécies de operações espirituais divinas não vêm da imaginação dos homens, mas, com toda certeza, do Criador Eterno.

153 — Missão dos três últimos filhos da segunda posteridade de Noé, para toda a terra.

Devo vos ensinar agora quais foram as incumbências que os três últimos filhos dessa segunda posteridade de Noé receberam do seu pai. Eles receberam ordem de ir para as três regiões terrestres, distinguidas por Oeste, Norte e Sul, e habitadas, havia 141 = 6 anos, pela primeira posteridade de Noé, isto é, por Sem, Cam e Jafé. Assim que receberam as instruções necessárias para a sua missão e foram certificados da vontade do Criador para as suas operações espirituais divinas, eles partiram com suas irmãs, que haviam tomado como esposas e com as quais tiveram posteridade. Eles não tinham necessidade de levar consigo nenhuma provisão e encontraram na terra tudo para atender à sua nutrição e a todas as suas necessidades corporais. O mais velho dos três foi, com sua mulher e sua posteridade, habitar a parte do Norte ou de Aquilão, conforme a primeira língua. Cada um deles foi para uma parte diferente do mundo a fim de perpetuar, entre seus irmãos e a posteridade deles, o cerimonial do culto divino, para que esses povos não perdessem inteiramente de vista o culto que o Criador exigia deles, relativamente às graças e misericórdias infinitas que eles receberam do Eterno. Eles operaram tão grandes prodígios espirituais entre esses povos que estes não tiveram dificuldade de se submeterem às instruções, aos conselhos e às lições espirituais divinas que esses três homens sábios distribuíam, cada qual em sua região, segundo sua missão e a ordem recebida. Contudo, era

necessário começar pregando a essas nações uma doutrina puramente temporal, que estivesse ao alcance delas, para só depois elevá-las do culto temporal para o culto espiritual divino. E foi o que efetivamente fizeram, como vos farei compreender.

154 — O apostolado vitorioso dos três últimos filhos da segunda posteridade de Noé.

Esses primeiros povos não tinham regulado as horas, os dias, as semanas, os meses, os anos e as estações. Eles viviam quase como os animais, exceto pelo fato de que reconheciam um Ser superior a eles, como já o disse. Toda sua ciência temporal e espiritual limitava-se a diferenciar entre o dia elementar e as trevas que chamamos de noite, e a compreender que as trevas lhes anunciavam o repouso e que o dia devia servir para a ação ordinária temporal de suas operações terrestres. Os três homens sábios, que foram até eles a fim de instruí-los, começaram estabelecendo para eles uma medida de tempo, a qual regraram com base na divisão espiritual que os seus quatro primeiros irmãos fizeram para as suas quatro primeiras operações do grande culto divino, isto é, eles estabeleceram para essas nações as mesmas regras que viram ser seguidas e que eles próprios seguiram na casa de seu pai, esta lei sendo indispensável para introduzir o culto divino entre essas nações. Esses três mestres espirituais começaram, em seguida, a se dedicar a alguns dos habitantes dessas regiões e a educá-los na ciência que cada qual professava. Eles os faziam compreender que, embora a noite das trevas fosse feita para o repouso do corpo do homem, ela não era feita para o menor espiritual divino, visto que este ser não podia ficar sem ação relativamente à sua natureza espiritual, pois o Criador não emanaria de seu seio todos os menores, seus semelhantes, para que ficassem dormindo e se anulassem como suas formas corporais, que eram apenas seres passivos e aparentes, destinados a serem confundidos na

imaginação divina que os fazia parecer tal qual eram. Depois que esses sábios prepararam seus discípulos através de tais instruções, eles se propuseram a admiti-los ao trabalho do culto espiritual. Para esse efeito, fizeram-nos praticar as meditações, as preces e o cerimonial adequados para se prepararem para as diferentes operações que deviam fazer, e escolheram entre esses discípulos os quatro sujeitos mais capazes, mais instruídos e que tinham o maior desejo de chegar ao conhecimento perfeito das ciências divinas que seus mestres professavam. Esses três sábios mestres espirituais colocaram cada um dos quatro sujeitos em seu círculo misterioso de operações e aí os mantiveram pelo espaço de tempo necessário a que cumprissem, sem excesso de precipitação, o trabalho espiritual que lhes era indicado. O primeiro discípulo foi colocado no círculo misterioso no nascer do sol, e aí ficou pelo espaço de 6 horas de nosso dia ordinário. O segundo tomou então o lugar do primeiro, e ali ficou pelo mesmo espaço de tempo. O terceiro e o quarto discípulos seguiram a mesma ordem dos dois primeiros, de modo que as 4 operações desses discípulos começaram no nascer do sol e terminaram no outro nascer do sol. Foi dessa primeira operação que começou o primeiro cálculo dos filhos de Noé chamados de noechitas ou chineses, pois a nação dos chineses e dos japoneses saiu diretamente da posteridade dos primeiros filhos de Noé, a saber, Sem, Cam e Jafé, cada um dos quais habitou um ângulo dessa região da China de onde todos os povos da terra provieram, e também, dos três últimos dos 7 machos que, com 3 fêmeas, formavam a segunda posteridade de Noé. Já disse que a Escritura não fala dessa segunda posteridade. O silêncio da Escritura a esse respeito não deve vos espantar: ela deixou para trás temas muito interessantes para o homem de desejo. Talvez ela tenha alguma razão legítima nisso, talvez os tradutores não acharam esses

detalhes necessários à instrução do homem incapaz de satisfazer sua curiosidade. Mas voltarei a falar disso mais adiante, bem como dos nomes dos 7 filhos machos dessa segunda posteridade.

155 — O cálculo diário e as quatro operações diárias.

A operação feita pelos quatro primeiros discípulos de que falei foi o princípio de seu cálculo diário, segundo sua misteriosa convenção espiritual temporal. Cada uma de suas operações, que se realizou num intervalo de seis horas, marcava um dia para eles e este intervalo formava efetivamente um dia, em relação ao culto espiritual divino que esses sábios professavam, para a glória do Criador. Os dias do trabalho do espírito que o sábio dominava pela força de sua operação não eram calculados como os dias do trabalho material dos homens terrestres. Quatro intervalos de operações espirituais fixam um tempo completo para o espírito, em favor daquele que o opera e que o invoca, de modo que as quatro operações desses primeiros discípulos dividiam os dias ordinários que conhecemos, em quatro partes iguais, tal como nós mesmos podemos dividi-lo em quatro vezes seis horas da nossa convenção humana, e, por este meio, esses sábios tornavam um dos nossos dias ordinários igual a quatro dias. Os chineses introduziram em seu cálculo diário temporal esse cálculo espiritual das operações do culto divino através do qual esses sábios, dividindo o dia ordinário em quatro partes iguais, não apenas fixaram o curso diário do culto divino que os homens exerceriam depois, de acordo com o exemplo misterioso que cada um desses sábios dava à sua nação, como também fixaram, por esta divisão, o tempo que ia servir para marcar os seus anos. O que nos faz saber que a divisão do tempo para o cerimonial da prece e do culto divino foi estabelecido nessas nações dessa maneira é o fato

de que esse costume foi rememorado com exatidão nos diferentes cultos divinos que exerceram Abraão, Isaac e Jacó, em sua posteridade israelita verdadeira. Aliás, não o vemos ser seguido ainda hoje pelos quatro intervalos das preces usadas em nossas igrejas? É isso que nos ensina que a origem do cerimonial dos diferentes cultos que se operaram e ainda se operam diariamente na terra vem dos quatro primeiros filhos da segunda posteridade de Noé, que transmitiram e fizeram transmitir o que receberam do Criador para a posteridade dos seus primeiros irmãos, Sem, Cam e Jafé.

156 — O septenário aplicado e seu simbolismo múltiplo.

Depois de vos ter ensinado a regra e a base dos dias espirituais que os noechitas, ou chineses, seguiram e inseriram em sua história civil como dias temporais ordinários da natureza universal, ensinar-vos-ei qual foi a base dos seus meses, nada podendo vos ensinar acerca de suas semanas, porque eles não as fixaram pelo cálculo espiritual que lhes foi ensinado. Os três sábios mestres espirituais, enviados por Noé, seu pai, julgaram adequado juntar três de seus outros discípulos aos quatro que haviam feito a primeira operação e marcado a divisão dos dias temporais em quatro partes. Os três últimos foram plenamente exercitados e aperfeiçoados nos diferentes cultos divinos a que os sábios os destinavam. Por meio disso, cada um desses sábios tinha sete discípulos com que podiam contar para a exatidão, o zelo e a firmeza em cumprir tudo o que era apropriado e necessário às diferentes operações espirituais do culto divino. Desse modo, eles fixaram o número septenário entre seus discípulos, a exemplo da posteridade segunda e septenária de seu pai, Noé, em cujo número eles próprios estavam compreendidos; eles fixaram esse número septenário também porque o Eterno operara seis pensamentos divinos para a criação universal e porque, no sétimo dia, ele deu sete

dons espirituais e vinculou sete principais espíritos a toda sua criação, para sustentá-la em todas as suas operações temporais, segundo a duração de ação septenária que ele fixou para ela. Os sete primeiros sábios da posteridade de Noé tomaram esse exemplo para dirigir sua conduta, a fim de perpetuar para os homens futuros o conhecimento e a correspondência desses sete principais espíritos que o Criador vinculou ao seu universo para instruírem a criatura inferior e menor de sua vontade e elevá-la, por este meio e por meio da inteligência espiritual, ao perfeito conhecimento das obras divinas. O número septenário calcula-se filosoficamente em 7000 anos, no tocante ao tempo e à duração, mas quando a Escritura diz que, no sétimo dia, Deus dedicou a si mesmo a sua própria obra, abençoando a criação universal, deve-se entender por esta bênção a junção dos sete principais espíritos divinos que o Criador fez com toda criatura incluída ou contida em toda sua criação universal. Essa junção dos sete principais espíritos nos é indicada pela operação dos sete planetas, que operam para a modificação, a temperatura e a sustentação da ação do universo. A Sagrada Escritura também nos ensina isso pelos 7 anjos, 7 arcanjos, 7 serafins, 7 querubins, 7 Locais espirituais, 7 Tronos, 7 Dominações, 7 Potências, 7 Juizes de Israel, 7 principais líderes que estavam sob Moisés, Ur, Aarão e os 4 filhos de Aarão e de Bethzaleel, 70 anos de cativeiro de Israel, 7 semanas de Daniel, 7 dias da semana temporal, 7 dons que o Cristo deu aos seus discípulos, dos quais saíram os 7 primeiros pais da Igreja cristã que exerceram as 7 ordens espirituais entre seus discípulos, o candelabro de 7 braços de Moisés e o de 7 braços que foi colocado no templo de Salomão e que ainda está representado na igreja de São Pedro de Roma. Enfim, o universo, tendo sido concebido em sua inteira perfeição pelo número septenário, será igualmente reintegrado por este mesmo número na imaginação daquele que o concebeu.

157 — *Os meses dos noechitas ou chineses.*

Prossigamos com a explicação da maneira como os noechitas estabeleceram seus meses, quando os sábios tinham completado o número septenário de seus discípulos. Eles traçaram para cada um desses discípulos quatro dias consecutivos de operações espirituais divinas, de modo que cada um deles estava inteiramente consagrado, de um nascer do sol ao outro, ao culto do Criador, a fim de manter o espírito divino com eles. Por esse meio, o culto divino se operava do centro do repouso desses sete menores espirituais, verdadeiros israelitas. (Sirvo-me aqui da palavra israelita, embora o nome Israel não fosse ainda conhecido nos tempos de que falo. Israel e israelita não têm o mesmo significado. Israel significa forte contra Deus, enquanto israelita significa forte em Deus; razão pela qual dou esse nome aos sábios noechitas da posteridade de Noé.) Cada um desses sete discípulos, pela ordem que vinha de ser estabelecida, tinha seis dias ordinários temporais inteiros e consecutivos de repouso corporal, de modo que eles não podiam negar que o culto divino fosse menos penoso, menos cansativo e muito mais agradável que o culto terrestre. Depois que esses sete discípulos tinham operado de acordo com o que lhes fora ordenado por seus professores espirituais, eles contaram suas operações e tendo encontrado o número de 28 intervalos, eles refletiram que a lua operava sobre a terra pelo mesmo número 28. Então, a igualdade que eles perceberam entre o número das operações lunares e o número de suas operações fez com que adotassem o número de suas 28 operações, em 28 dias espirituais, como um mês espiritual, que, do mesmo modo, introduziram em sua história civil como meses temporais ordinários. Eis como os chineses transformaram em quatro meses um dos que empregamos hoje para formar o nosso ano. Esses sábios noechitas, tendo refletido seriamente sobre os diferentes cursos de operações que o astro

lunar fazia acima sobre a terra e sobre eles próprios, e tendo encontrado nisto uma perfeita relação com as suas operações espirituais, julgaram adequado tomar o número das 28 operações da lua, ou os 28 dias ordinários temporais da lua, para fixar os seus anos espirituais, que, do mesmo modo, introduziram em sua história civil, como haviam feito com os meses. Foi assim que os noechitas, ou chineses, inseriram em seu cálculo anual treze anos para cada um dos nossos anos ordinários, e seguiram este cálculo durante os quatro primeiros séculos de sua fundação de ações espirituais.

158 — Cálculo lunar e cálculo solar.

Não vos esconderei que o cálculo lunar foi o primeiro que o Criador deu ao homem e que o cálculo solar é adotado quase que só pelos cristãos. Foi pelos sábios de que vimos de falar que o cálculo lunar foi conhecido, e ele é o que eleva o homem ao mais alto conhecimento da natureza universal e de suas revoluções. Sem levar em conta o erro de cálculo dos chineses, é essencial ao homem de desejo, seja espiritual, seja terrestre temporal, ser instruído dos quatro modos de calcular os diferentes dias em que a lua opera em todo o universo elementar por meio de sua renovação, seu primeiro quarto, sua cheia e seu último quarto; o que explicarei quando tratar do curso dos diferentes corpos planetários.

159 — Eleição entre os chineses e o recálculo do tempo das operações.

Instruir-vos-ei do modo como os chineses fixaram seu segundo cálculo de tempo. Quando a posteridade dos três primeiros filhos de Noé e a dos três professores espirituais tornou-se extremamente numerosa e o número de discípulos consideravelmente aumentado, elegeu-se, entre os filhos carnaís desses três professores, um de cada linhagem, o qual recebeu,

por ordem do Criador, a sucessão de seu pai temporal e espiritual temporal. Esses três novos líderes receberam de seu respectivo pai toda instrução espiritual divina sobre os diferentes cultos a que estavam destinados pelo espírito de verdade, e, após terem recebido a última ordenação e a bênção paterna, puseram-se zelosamente à testa dos discípulos que se achavam então confiados aos seus cuidados. Eles fizeram com que se reconhecessem claramente as virtudes e as potências que lhes foram concedidas por ordem do Eterno, e, como era o dever e o direito desses líderes fazer uma eleição espiritual, eles escolheram, a exemplo de seus predecessores, os sete sujeitos mais zelosos e mais instruídos que encontraram entre seus discípulos e os empregaram nas operações do culto divino. Após terem feito essa eleição, julgaram adequado mudar o tempo de suas operações e passaram a operar apenas uma vez por semana, de modo que eles aumentaram o seu ano de dias, e, fazendo-o de sete semanas, durante as quais cada um dos discípulos escolhidos operava uma vez, eles inseriram igualmente este cálculo em sua história temporal e o seguiram durante um século e meio de nosso tempo ordinário. Depois dessa época, sucederam-se outros professores espirituais, que foram suscitados por Deus como os anteriores, mas, com as posteridades aumentando cada vez mais nas três partes da terra, os três novos líderes foram obrigados a fazer uma eleição maior que as primeiras. Eles a fizeram em número de 21 sujeitos, o que perfazia ao todo o número 63. Os sete operantes principais foram sempre reservados para o grande culto, e os 14 restantes destinavam-se à instrução espiritual do povo. Esses últimos sucessores de que falamos mudaram novamente o tempo de suas operações e fixaram o tempo das mesmas de duas em duas semanas, de modo que havia nessas nações apenas duas operações no mês lunar. Essas operações eram feitas no início e no fim do crescer da lua, isto é, na lua nova e um pouco antes

da lua cheia, e, como cada um dos sete eleitos principais operava apenas uma vez, o tempo de suas sete operações abrangia cerca de três dos nossos meses ordinários. Isso foi mais uma nova regra para fixar o seu ano espiritual e que, novamente, seguiram durante um século e meio do tempo que conhecemos. Quando faleceu o primeiro desses 3 sucessores, que ocupava a parte do Oeste, aquele que o substituiu fez operar o grande culto apenas duas vezes nas quatro estações que formam o nosso ano temporal; as duas operações eram executadas nos dois equinócios e o resto do tempo era dedicado à instrução geral e particular. Quando, cerca de seis anos depois do primeiro, faleceu o 3º sucessor, que ocupava a parte do Norte, aquele que o substituiu fez operar o grande culto apenas uma vez nas quatro estações, a saber, no equinócio de março de cada ano, e o resto do tempo era igualmente dedicado à instrução. Mas o segundo desses sucessores, aquele que ocupava a parte do Sul, bem como os que vieram depois dele, não quis mudar o cálculo. Ele perseverou em instar a nação de Cam, que ele instruía, a nunca alterar a ordem que ele havia estabelecido para fixar para ela os dias, os meses e os anos, por autoridade divina, ameaçando esses povos de que seriam amaldiçoados pelo Criador se seguissem o exemplo das outras nações, ou seja, a de Sem e a de Jafé. Cada uma dessas três nações seguiu a convenção de seu último cálculo espiritual: Cam tomando as 4 estações como 4 anos, Sem tomando os dois equinócios como dois anos, e Jafé, tomando o equinócio de março até o equinócio do março seguinte, fez, com isto, um ano tal como o seguimos presentemente. Essas três nações introduziram esse cálculo em sua história civil e perseveraram nele com obstinação, muito tempo após as iníquas operações que Nembrod fez na Babilônia, até que se separaram vergonhosamente do culto divino e se dispersaram em todos os povos; falarei sobre isto mais adiante. Foi dessas nações que vieram, em todos os povos

do mundo, os conhecimentos da astronomia e das faculdades de potência dos astros planetários sobre a criação geral e particular.

160 — Ignorância do dilúvio entre os noechitas, ou chineses, com tristes consequências.

Por tudo o que venho de dizer sobre as divisões que os noechitas fizeram de seus dias, de seus meses e de seus anos, vê-se por qual razão eles se dizem 15 a 20.000 anos mais antigos que Adão e 25.000 anos mais antigos que nós. Não devemos mais ficar surpresos com o fato de que essas nações não vejam o dilúvio como universal e nem que pretendam jamais tê-lo visto. Os três homens dos quais saíram as três posteridades que formaram as três nações eram os únicos, entre todos esses povos, que tinham sido testemunhas do dilúvio. Eles não conseguiam pensar nesse flagelo sem estremecer. Assim, tomaram todas as medidas possíveis para apagar esse acontecimento de sua memória e nunca falaram à sua posteridade sobre nada que pudesse ter relação com as coisas horríveis e assustadoras que tinham visto, e isto para não amedrontar os homens que provinham deles e não retrair aos olhos os detalhes vergonhosos dos suplícios que a prevaricação deles fizera cair sobre a terra. Essa conduta era tanto mais culposa à proporção que seu pai, Noé, recomendara-lhes que instruissem sua posteridade da manifestação da Justiça Divina e que eles próprios prometeram-lhe, por juramento, seguir com exatidão as instruções que receberam de seu pai, por ordem do Criador. Mas a fraqueza desses três homens faz-se ainda em seus descendentes noechitas, ou chineses, que vivem em meio a medos terríveis de seres medonhos e rendem um culto a animais com os quais têm os mais supersticiosos cuidados, na ideia de desviar os males que eles crêem poder lhes serem feitos por esses monstros, vendo-os como deuses

ou como demônios. É isso que nos ensinam todas as relações e é isso que não posso ignorar, tendo-o visto e sabendo-o por mim mesmo. Não entrarei nos detalhes da confusão que sobreveio entre essas posteridades, nada tendo de comum com as coisas maravilhosas da natureza espiritual divina e da natureza universal criada, coisas das quais quero vos instruir.

161 — Tradicional mas eminente, o culto operado pelo Cristo.

Refleti bem sobre tudo o que vos disse no tocante às diferentes regras de divisão do tempo para as operações do culto divino estabelecido nas 3 primeiras nações. Vereis que tudo o que foi praticado pelos sábios do Egito, por Abraão, Moisés, Salomão e o Cristo, foi figurado e predito pelos diferentes cerimoniais em uso nessas nações. Não é verdade que os sábios do Egito eram excelentes em astronomia e que o que eles operavam era mais notável do que o que se operava entre os chineses? O culto divino que Abraão operou não era superior ao que operavam os sábios do Egito? Moisés não suplantou Abraão e os sábios do Egito através de suas operações? O culto que se exerceu no Templo de Salomão não estava acima de todos os outros precedentes? Enfim, o Cristo não operou um culto infinitamente maior que todos os outros de que falei? É esse culto que nos prova claramente que todos os cultos passados não passavam de figuras daquele que ele fez. Com efeito, o Cristo deixou aos seus discípulos, por sua instituição espiritual divina, a prece e a invocação diária, de seis em seis horas, que completam o dia ordinário de 24 horas. Ainda hoje, os discípulos que compõem a Igreja cristã fazem sua prece e sua invocação quatro vezes por dia. Isso nos lembra a primeira ordem espiritual do culto divino, estabelecido entre as primeiras nações noechitas pelos sábios filhos de Noé. Em segundo lugar, o Cristo fixou para seus discípulos o tempo em que eles exerceriam os quatro grandes cultos divinos e a Igreja

cristã observa fielmente essa instituição através de suas quatro grandes festas anuais, duas das quais devem ser feitas nos dois solstícios e as duas outras nos dois equinócios; isto nos lembra a segunda ordem espiritual do culto divino, estabelecido nas primeiras nações de que falamos bastante longamente. Não entrarei em outros detalhes a esse respeito, tendo dito o suficiente para vos convencer de que o cerimonial e os tempos adequados às operações do culto divino foram desde o começo fixados e regradados entre os homens, de que todas essas coisas foram transmitidas pelo espírito divino e de que elas não provêm da convenção humana.

VII

ABRAÃO

162 — Modelo de Abrão-Abraão.

Falar-vos-ei agora do modelo que Abraão fez neste universo. Sabeis que o nome de Abrão foi mudado para o de Abraão. O primeiro nome significa um pai carnal terrestre, elevado acima dos pais ordinários de posteridades materiais terrestres; assim, nunca houve entre os pais particulares temporais um homem mais elevado em posteridade carnal do que Abrão. Daí a Escritura chamá-lo simplesmente de Abrão, pai elevado, e não Abraão, pai elevado em multidão de posteridade em Deus, tal como deveria ser operada por Adão em seu estado de glória, mas que, por sua prevaricação, tornou-se pai elevado em posteridade material terrestre. É verdade que Abraão superou o defeito de Adão, posto que de Abraão saiu verdadeiramente uma posteridade de Deus. Foi, com efeito, na posteridade de Abraão que o Criador fez sua eleição geral e particular; a primeira, para manifestar sua justiça, e a outra, para manifestar sua glória.

163 — Ismael e Agar.

A Escritura dá a Abraão também o nome de pai elevado em multidão de confusão. Essas três diferentes explicações provêm das três primeiras posteridades de Abraão, que são Ismael, Isaac e Jacó. Ismael, que vos apresentei anteriormente como um modelo de misericórdia divina, faz também aqui o modelo da operação física de Adão para a reprodução de sua posteridade carnal, operação que Abraão repete em comum acordo com

sua concubina. O filho deles, Ismael, provindo da cupidez dos sentidos materiais de seus pais, foi excluído da casa paterna porque fora concebido sem a participação da vontade divina, o que repete a exclusão de Caim da presença de seu pai, Adão, tendo sido concebido, como Ismael, sem a participação da vontade divina, mas somente pela concupiscência dos sentidos da matéria de Adão e Eva. O pão e a água que Ismael e Agar, sua mãe, receberam de Abraão, com os quais eles foram até onde sua sorte devia conduzi-los, representavam o último alimento espiritual e temporal que eles recebiam deste patriarca, e este modelo repete o último alimento espiritual que Caim recebeu após ter concebido cometer o assassinato de seu irmão Abel. Tendo feito o modelo da irmã cúmplice de Caim, e a mais culpável, a falta de alimento material em que ficou Agar com seu filho, e que os levou a suplicar ao Criador, representa a dor e a consternação em que ficaram Caim e sua irmã quando o assassinato de seu irmão Abel foi cometido e eles se viram, por causa disto, excluídos de toda participação nas ciências e nos alimentos espirituais divinos. O anjo que apareceu para Agar e Ismael, que saciou sua fome e sua sede e que lhes indicou o local onde o Eterno fixara a morada deles lembra-nos a graça que o Eterno concedeu a Caim e à sua irmã, fazendo com que fossem marcados na fronte por seu anjo com o selo invencível de sua divindade, o que anunciava a ambos que eles haviam obtido a misericórdia do Criador e que desfrutariam novamente o alimento espiritual divino que lhes fora retirado em virtude de seu crime. O lugar da residência de Agar e Ismael era o mesmo para onde Caim e sua irmã foram relegados.

164 — Abraão e Adão, Ismael e Caim.

Eis o que nos faz entender que Abraão e Ismael são modelos de Adão e de Caim em suas operações materiais. Abraão foi elevado em posteridade de matéria pelo nascimento de seu filho

Ismael. Adão também o foi, como dissemos repetidas vezes em tudo o que precedeu. Abraão, por seu filho Ismael, vê-se pai de doze tribos, tal como o anjo anunciara a Agar. Também houve doze tribos era Adão, contando-se os seus três filhos e os oito patriarcas encontrados depois de Seth, até e inclusive Noé. As doze tribos de Ismael foram o modelo do advento das de Israel e das do Cristo; elas se concentraram em si mesmas e não tiveram nenhuma correspondência com as tribos de Israel, porque Ismael, pai dessas doze primeiras tribos, repete o modelo da prevaricação e da reconciliação ao repetir o modelo de Caim.

165 — Prevaricação das tribos ismaelitas.

Essas doze tribos ismaelitas conservaram-se sob a proteção divina enquanto observaram o culto que o Criador lhes traçara através de seu anjo, mas, depois, tendo feito aliança com a posteridade de Cam e de Canaã, foram abandonadas pelo Criador e, por sua prevaricação, tornaram-se semelhantes à posteridade de Enoque, quando esta se ligou com a posteridade de Caim, que o Criador excluía da sociedade dos filhos de Deus.

166 — A tipologia é permanente.

Vedes por esse encadeamento que todas as épocas e as eleições primeiras repetem-se entre os homens e nos fazem saber que elas se repetirão até o fim dos séculos. A continuação deste tratado fará com que isso seja compreendido ainda melhor, pois mostrarei claramente que no fim tudo se tornará como no começo. Passemos à segunda posteridade de Abraão.

167 — Isaac, segunda posteridade de Abraão, parcialmente reconciliada.

Abraão, após ter sido parcialmente reconciliado com o Criador, teve, por autoridade divina, um filho de sua mulher

Sara, muito embora sua idade avançada a tivesse posto fora de condição de conceber. Esse filho, concebido sem a paixão dos sentidos materiais, foi chamado de Isaac, o que repete perfeitamente o nascimento da segunda posteridade de Adão em seu filho Abel. Isaac seguiu exatamente as instruções espirituais divinas que lhe foram dadas por seu pai, Abraão, relativamente aos diferentes cultos que ele estava destinado a cumprir, o que repete o modelo de Abel sob a condução espiritual de Adão.

VIII

ISAAC

168 — *Sacrifício de Isaac.*

Isaac, tendo chegado à idade de trinta anos e estando perfeitamente instruído das ciências espirituais divinas, participou ao seu pai o desejo que ele tinha de operar o grande culto divino, para a glória do Criador. Disse-lhe, segundo a instrução interior que ele recebera do intelecto espiritual divino, que era chegado o tempo de fazer uso de todas as ciências divinas de que ele fora instruído e de oferecer um sacrifício ao Eterno. Abraão respondeu-lhe: "Seja feito, meu filho, segundo teu desejo e que o sacrifício que te propões a oferecer ao Criador sirva de expiação aos homens da terra, para que eles sejam recolocados em graça, que voltem às suas virtudes primeiras e que operem eficazmente o culto divino para o qual foram criados". Abraão, tendo consentido ao desejo de seu filho Isaac, partiu com ele, rumo ao levante do sol, e se dirigiram ao monte de Moria. (Essa palavra se divide em duas partes: a primeira, *Mor*, significa destruição das formas corporais aparentes, e a segunda, *ia*, significa visão do Criador.) Eles levaram consigo dois servos e um asno. Deixaram longe da montanha os dois servos, para nos figurar o distanciamento e o abandono que essas duas nações, a de Ismael e a de Israel, fariam no futuro do culto divino, tal como vimos acontecer depois. Abraão e Isaac mantiveram consigo o asno, para nos mostrar a ignorância em que ficariam um dia essas mesmas duas nações e que, em prejuízo delas, a luz seria transportada para o meio das trevas e dos povos gentios. Foi isso que o Cristo nos representou

efetivamente ao entrar em Jerusalém montado num asno. Quando Abraão e Isaac estavam no topo da montanha, onde tudo fora preparado para o sacrifício que iam fazer, Abraão fez sua invocação ao Criador, a fim de levá-lo a estar presente em natureza divina no holocausto que ele lhe fazia daquilo que ele tinha de mais caro no mundo. Ofereceu-lhe, do mais profundo de sua alma e com inteira resignação, o seu filho, o justo Isaac, do qual, no entanto, deveria sair uma posteridade de Deus, na qual seria baseada a eleição espiritual divina. Após sua invocação, Abraão pousou o olhar sobre seu filho Isaac; o filho, sabendo que era ele que seu pai havia escolhido para ser a vítima, ofereceu-se generosamente e se colocou na postura apropriada para ser imolado. Abraão pegou a faca e estava prestes a dar o golpe, mas o espírito do Senhor, que estava verdadeiramente presente nessa operação e que lia a pureza da intenção desses dois homens, fez uma tão forte atração sobre Abraão que o abateu e o pôs fora de condição de terminar seu sacrifício. Esse mesmo espírito falou-lhe em seguida e disse-lhe que o Criador estava satisfeito com sua boa intenção e da de seu filho e que ele renderia ao Eterno um bom testemunho de sua operação. Abraão levantou seu filho da pilha de madeira e disse-lhe: "Lembra-te, meu filho, que o maior sacrifício que se pode fazer ao Criador é a palavra e a intenção. O Eterno concebe e conhece perfeitamente a boa ou a má conduta, assim como as operações do menor espiritual. O pensamento bom do menor faz manifestar a glória do Eterno e o pensamento mau faz manifestar sua justiça sobre os ímpios". Isaac voltou-se então para seu pai e disse-lhe: "O Senhor, convencido de tua firme resolução e da de teu filho, elevou-te ao mais alto grau de sua glória e te elegeu pai acima de todo sentido de ser material. Louvemos o Senhor por ter recolocado em graça o pai de multidões da terra e por ter aceitado sua posteridade!". Em seguida, perceberam um carneiro que saiu de uma moita,

pegaram-no e o ofereceram em sacrifício, para concluir sua operação. Foi então que tiveram um conhecimento perfeito da vontade do Criador relativamente aos diferentes cultos gerais e particulares que eles e sua posteridade teriam a operar sobre a terra, assim como aos diferentes tipos de animais que deveriam servir de holocausto nas diferentes operações do culto divino; o que nos faz ver que o verdadeiro culto do Criador sempre subsistiu entre os homens.

169 — Sacrifício de Isaac e sacrifício de Abel.

Embora o sacrifício de Abraão seja o modelo daquele que foi feito sobre a pessoa de Abel, há todavia uma grande diferença, posto que Abel foi verdadeiramente imolado para realizar a inteira reconciliação de seu pai Adão, ao passo que Isaac foi imolado apenas em pensamento e na intenção de seu pai, Abraão. Esse pensamento e essa intenção foram suficientes para que Abraão fosse perfeitamente reconciliado com o Criador. Isso não deve vos surpreender, visto que o crime de Adão, sendo bem maior que o de Abraão, demandava também uma expiação mais considerável.

170 — O modelo do monte Moria e as dez espécies de culto.

Devo vos explicar também o modelo da montanha aonde foram Abraão e Isaac, o da madeira que eles empregaram para seu sacrifício espiritual e aquele que Abraão fez ao levantar seu filho da pilha de madeira. A montanha significa o asilo espiritual onde os menores falecidos neste baixo mundo irão realizar, em privação divina, o resto de suas operações espirituais simples, segundo o decreto do Criador, e que o vulgo conhece como purgatório. Essa montanha representa ainda o círculo sensível, sobre o qual já falei, e é isto que Abraão nos figurou ao subir com seu filho essa montanha mais elevada dos sentidos materiais. A madeira sobre a qual

Isaac deitou faz conhecer o gênero de madeira que seria usada no futuro para queimar o holocausto e para oferecer o perfume necessário às operações dos diferentes cultos, que são: o culto de expiação, 1; o culto de graça particular e geral, 2; o culto contra os demônios, 3; o culto de preservação e de conservação, 4; o culto contra a guerra, 5; o culto para se opor aos inimigos da lei divina, 6; o culto da fé e da perseverança na virtude espiritual divina, 7; o culto para fazer acontecer a descida do espírito divino, 8; o culto para fixar consigo o espírito conciliador divino, 9; e o culto anual ou de dedicatória de todas as suas operações ao Criador, 10. Todos esses cultos estavam incluídos nos dois que foram operados por Moisés em Israel e por Salomão no Templo, nos quais as diferentes madeiras e os diferentes perfumes consagrados aos sacrifícios foram postos em uso. O tempo em que se operava cada um desses cultos era a cada renovação da lua e, desde que os homens existem, este culto foi operado entre eles.

171 — Primeiro modelo de Abraão e Isaac: o auxílio aos tributários.

Abraão levantando seu filho da pilha de madeira representa o espírito que o Criador envia aos menores enquanto eles pagam tributo à justiça divina por seus diferentes cursos de operações nos três círculos, que já distingui pelos nomes de sensível, visual e racional, círculos em que a mudança de ações espirituais dos menores é figurada pela mudança que se faz da matéria corporal de Isaac para a de uma vítima animal passiva, esta última devendo ser apenas a sombra e a figura da que seria oferecida posteriormente em natureza efetiva, tal como predito pela oblação de Isaac por seu pai. Eis a explicação do primeiro modelo que Abraão e Isaac fazem neste baixo mundo.

172 — *Segundo modelo de Abraão e Isaac: a aliança divina com os homens.*

O segundo modelo é o da aliança divina com os homens. Tendo Abraão feito o modelo da reconciliação primeira de Adão, pelas graças que ele recebeu do Criador quando saiu da casa paterna, onde se operava um culto demoníaco, o Criador fez com que ele fosse instruído de suas vontades, deu-lhe o conhecimento perfeito da lei divina e o instruiu de sua conversão espiritual, tal como instruíra o seu primeiro homem. Abraão, livrando-se de ser presa dos demônios, testemunhou ao Criador a felicidade de sua reconciliação divina e, como marca de sua fê e de sua perseverança nesta reconciliação, pediu ao Criador que fizesse aliança com ele. Foi então que lhe foi dito pelo espírito divino: "Abraão, circuncisa tua carne, e o sangue que tua carne verter sobre a terra diante do Senhor será uma prova certa da aliança que o Criador faz contigo". É o que se chama vulgarmente de batismo de sangue. Essa aliança do Criador com Abraão explica claramente a aliança que o Criador está sempre disposto a fazer com sua criatura menor, quando ela a deseja e se torna digno dela. A circuncisão foi praticada entre a posteridade de Abraão, e o próprio Cristo, em sua qualidade de homem-Deus e de homem divino, confirmou-nos, pela circuncisão que ele sofreu, a aliança do Criador com Adão, Noé, Abraão e toda a sua criação. Eis como o segundo modelo de Abraão nos prova a graça de bondade e a misericórdia do Criador para com sua criatura. Isaac, como vistes, faz o modelo do Cristo, pois Abraão, em recompensa à sua grande fê, foi dotado pelo Criador de todas as poderosas virtudes que Adão possuía em seu estado de glória. Ele foi chamado pelo espírito de homem-Deus perfeito da terra, porque dele nasceria uma verdadeira posteridade de Deus em uma forma corporal aparente terrestre. Abraão era, assim, o modelo do Criador; como consequência, dele nasceu um justo

puro e santo, que foi chamado, como já disse, de Isaac (este nome significa riso ou regozijo em Deus). Abraão fez igualmente o modelo do Criador ao pretender imolar seu próprio filho, e este filho, como dissemos, era o verdadeiro modelo daquele que o Criador enviaria à terra para operar o verdadeiro sacrifício. Eis o segundo modelo que Abraão e Isaac fazem neste universo.

IX

JACÓ

173 — Jacó, modelo dos espíritos maus, e Esaú, modelo do menor.

O terceiro modelo encontra-se na posteridade de Isaac. Sabeis que ele teve dois filhos gêmeos, um chamado Jacó e o outro, Esaú. Jacó era o mais velho em concepção, Esaú era o segundo. Esses dois homens, provindos de um pai tão justo, estavam destinados a fazer um modelo essencial e muito instrutivo para todos os homens da terra. Não entrarei nos detalhes da usurpação que Jacó fez sobre seu irmão Esaú; a Escritura faz muita menção a isto, visto que deu a Jacó o nome de suplantador, e o fato é ainda mais fácil de entender à proporção que o vemos ser operado diariamente diante de nossos olhos entre os homens, que nada mais fazem senão buscar suplantar uns aos outros. Digo-vos que Abraão fez o modelo do pai divino e Isaac, o do filho da Divindade. Do mesmo modo, esses dois filhos de Isaac fazem os modelos da primeira e da segunda emanção espiritual. A primeira emanção espiritual feita pelo Criador é a dos espíritos que prevaricaram. Jacó, embora nascido em segundo lugar, foi o primeiro a ser concebido por Isaac. A segunda emanção, que foi feita após a prevaricação dos primeiros espíritos, é a do menor espiritual, a que chamamos Reaux, ruivo ou Adão. Esaú, embora tendo nascido primeiro, foi o segundo a ser concebido por Isaac. Uma vez que os primeiros espíritos prevaricaram contra o Criador, o menor, ou o primeiro homem, suplantou-os espiritualmente e, por isto, tornou-se o mais velho deles.

Jacó, como vindes de ver claramente, faz, por sua ordem de concepção, o modelo dos espíritos prevaricadores, e Esaú, por sua ordem de concepção, faz o modelo do menor.

174 — Prevaricação de Jacó.

Entretanto, a verdadeira prevaricação de Jacó foi ter ludibriado a boa-fé de seu pai, ter empregado todas as suas faculdades e todos os meios possíveis, espirituais e temporais, para ler o pensamento de seu irmão Esaú, ter desejado se opor à ação boa desse pensamento vantajoso para seu irmão, tê-lo suplantado, por meio disto, em todos os seus direitos espirituais e tê-lo reduzido, ele e toda a sua posteridade, à sujeição e à privação divina, por um tempo imemorial. É nesse aspecto que Jacó repete a prevaricação dos primeiros espíritos para com o Criador. Como posteridade de Deus, ele representa a posteridade superior divina. Em Jacó, alias, vemos a dupla prevaricação dos demônios, ou seja, aquela que eles exerceram contra o Criador e aquela contra a criatura e sua posteridade. De fato, Jacó não prevaricou, em primeiro lugar, contra o seu pai e, em segundo, contra o seu irmão mais novo, Esaú, assim como o demônio prevaricou contra o seu pai divino e depois contra o menor, seu irmão espiritual? Os homens não nos retraçam todos os dias a mesma coisa pela falsa conduta que têm, seja para com o Criador, seja para com os seus irmãos?

175 — Falta, punição e arrependimento de Esaú.

De resto, não deveis ficar surpresos que Jacó tenha se comportado desse modo para com Esaú. Esaú preferiu o culto terrestre ao do Criador; ele se ocupava inteiramente da caça e da destruição dos animais selvagens, em vez de se dedicar a combater o intelecto demoníaco que se apoderara de seu irmão Jacó. Assim, o abandono que ele fez do culto divino para se entregar apenas aos cuidados puramente materiais atraiu para

ele as punições que ele merecia e o fez ser despojado de todos os seus direitos espirituais. Esaú, entretanto, percebeu seu erro, concebeu, pela misericórdia divina, a extensão de suas prevaricações e, vendo-se privado de todos os seus direitos espirituais divinos e temporais, caiu na mais profunda consternação. Ele não pôde se impedir de se queixar ao seu pai da usurpação que seu irmão Jacó lhe fizera e o fez conceber a dor que ele sentia por ser o primeiro a ter vindo ao mundo e, no entanto, ser o último quanto aos bens espirituais. Isso já mostrava uma figura real daquilo que aconteceria depois com Israel, que, de mais velho espiritual no mundo e de primeiro herdeiro da lei divina, seria suplantado por aqueles que viriam depois dele, e nos confirma a predição da Escritura que diz que os primeiros serão os últimos.

176 — Esaú abençoado por Isaac e a grande reconciliação futura.

Esaú, após ter feito inutilmente todas as suas queixas ao seu pai e vendo que não conseguia tocá-lo, disse-lhe de modo irascível: "Então, não reservastes para mim nenhuma bênção?". Sob o nome de bênção, Esaú queria tratar de obter de seu pai algum poder ou dom espiritual, vendo-se sem nenhuma condição de operar qualquer culto divino para a glória do Criador; isto nos faz ver que Deus dá aos seus eleitos, sem nenhuma distinção temporal, o conhecimento de seus dons espirituais para benefício dos homens da terra, e ordena a esses eleitos a transmitirem seus dons e suas virtudes espirituais unicamente aos que são dignos de tal herança. Esaú, vendo que nada podia ganhar do espírito de seu pai, falou uma segunda vez e lhe disse: "Posto que não te resta nenhum dom espiritual de que possas dispor em meu favor, conjuro-te, por tudo o que sou, a pelo menos me abençoar em nome do Eterno". Isaac respondeu: "Estabeleci teu irmão Jacó como

senhor dos homens desta terra, sujeitei todos os seus irmãos à sua dominação e o consolidei na posse das operações espirituais temporais e nas espirituais divinas. Não resta mais nada em meu poder para ti". Esaú soltou um grande grito, verteu muitas lágrimas e se contentou em lastimar amargamente. Nada mais respondeu ao seu pai, que ele via estar prestes a ser chamado desta vida para a outra pelo Criador. Mas Isaac, tocado pela triste situação de seu filho, chamou-o para junto de si e lhe disse: "Esaú, escuta atentamente o que tenho a te dizer. A bênção que me pedes está no lodo da terra por causa de tua prevaricação". Em seguida, abençoou-o dizendo: "A bênção que verto sobre ti vem do Eterno, assim como o orvalho do céu que se derrama sobre as plantas para substanciá-las vem do alto". Esaú saiu muito mais satisfeito com seu pai do que estava antes. São essas as coisas que eu tinha a vos dizer relativamente ao modelo de Esaú. Vede se a conduta de seu pai para com ele não é um verdadeiro modelo da imutabilidade do Criador em seus decretos de Justiça Divina para com os culpados, tanto do século presente como dos séculos passados. Vede, ademais, se a misericórdia que Isaac exerceu no fim de seus dias sobre seu filho Esaú não representa perfeitamente a misericórdia do pai divino para com sua criatura, quando ela recorre diretamente a ele. Isso nos anuncia ainda a grande reconciliação futura, mas falarei desta questão na sequência de meu tratado, devendo vos instruir neste momento do modelo de Jacó.

177 — Jacó se extravia e luta contra o anjo.

Jacó teve uma posteridade numerosa e, vendo-a prosperar consideravelmente nas riquezas temporais, nela inspirou facilmente a ambição dos bens da terra. Mas, por se entregarem a esse afeto criminoso, eles esqueceram o culto divino, de modo que não restou o mínimo traço dele na memória de Jacó nem

da de sua posteridade. Jacó, então, deixou-se persuadir pelo espírito demoníaco de que o que ele possuía de bens da terra provinha unicamente do grande príncipe dos demônios e que, em consequência, segundo o culto que ele e sua posteridade rendessem a esse grande príncipe, seriam recompensados. Jacó, que tinha se tornado muito ávido dos bens materiais, aceitou facilmente essa insinuação. Ele perdera de vista sua origem espiritual divina, cujo conhecimento o Criador retirara dele, e logo abjurou sua emanação primeira e o próprio Criador, considerando a si mesmo e a sua posteridade apenas como seres passivos. Com esses sentimentos, ele se entregou inteiramente às ciências materiais demoníacas e, tendo-as conhecido em pouco tempo, propôs-se a pô-las em prática e operá-las. Em consequência, decidiu-se a ir ao país de Harão e, como a noite o surpreendeu no caminho, na montanha de Mor-ia ou de Mahanaim (esta palavra significa os dois campos, o dos demônios e o do Criador), ele se preparou para operar nessa montanha o pensamento que ele concebera contra o Criador. Por volta da sexta hora do dia, quando o sol estava para se pôr, ele fez sua invocação. Tão logo sua invocação foi feita, o Criador fez aparecer para ele um anjo com a aparência de um homem. (Sabeis que o homem corporal não poderia suportar a visão do espírito puro sem morrer ou sem que sua forma corporal fosse consumida imediatamente). A presença desse espírito fez uma tão forte impressão, ou eletrização, sobre as essências corporais e as essências animais espirituais de Jacó que ele ficou apavorado.

178 — Arrependimento de Jacó, que se torna Israel.

Então, Jacó se queixou ao Criador e abjurou diante dele, com sinceridade, tudo o que ele havia aceitado da parte demoníaca. O anjo lhe falou em seguida e repreendeu sua horrível conduta, tanto passada como presente, para com o Criador, para com

seu irmão, seu pai, sua posteridade, e para consigo mesmo. Jacó, assustado e como que irritado com as assustadoras ameaças que o anjo lhe fazia, lançou-se sobre ele e o combateu durante toda a noite, até a aurora. Mas quando o combate terminou, o anjo perguntou a Jacó qual era o seu nome. Jacó, em vez de dizer o seu nome, pediu ao anjo que o abençoasse. O anjo tornou a perguntar a Jacó qual era o seu nome e Jacó continuou dando a mesma resposta. Finalmente, tendo o anjo perguntado a Jacó o seu nome pela última vez, este lhe respondeu que se chamava Jacó. Depois que o anjo recebeu o nome dele, disse-lhe: "Jacó, suplantador contra o Criador, abjurando o espírito do Senhor". Ao fim dessas palavras, o espírito fez uma tão forte atração sobre a pessoa de Jacó que lhe queimou o tendão de Aquiles. "Chamas-te Jacó. Pois bem, no futuro, chamar-te-ás Israel, ou forte contra o espírito do Criador". E eles se separaram um do outro, ficando Jacó todo confuso por se achar assim marcado pelo espírito que ele havia abjurado.

179 — A regra da letra B.

Essa marca de Jacó ficou em sua posteridade por um tempo imemorial, uma prova da prevaricação de Israel. Desde essa época, foi proibido, por parte do Eterno, tanto no templo de Moisés como no de Salomão, que qualquer pessoa marcada de nascimento com a letra B fosse admitida ao culto divino, sob qualquer pretexto que fosse. Essa lei, que foi dada sob as penas mais severas, foi confirmada pelo Cristo, a fim de que todos aqueles que seriam e que são hoje encarregados de fazer operar o culto divino em seu templo espiritual observassem essa ordem com a maior exatidão.

180 — Nova ordenação de Jacó e sua visão da escada.

Jacó, transpassado de dor, lembrava em seu espírito todo o horror de sua conduta, lembrou-se de que, quando projetara

usurpar os direitos de seu irmão Esaú, dera um beijo em seu pai Isaac, a fim de ludibriar melhor sua boa-fé. Ele rememorou, enfim, todas as suas prevaricações contra o Criador, contra si mesmo e contra as leis da natureza, e esta lembrança o tornou tão inconsolável que ele acreditou que nunca mais poderia encontrar graça perante o Eterno, nem estar compreendido no número dos mortais que participariam na misericórdia divina. Foram sobretudo as palavras do anjo que o afetaram mais, bem como o resultado inesperado que ele obteve de sua primeira operação demoníaca. Entretanto, apesar de seu abatimento e da tristeza de suas reflexões, Jacó teve um genuíno desejo de se pôr novamente em graça com o Criador e não cessou de lhe pedir sua reconciliação perfeita. Uma visão natural, que se apresentou a ele sob uma forma humana, garantiu-lhe que suas súplicas foram acolhidas. O espírito que lhe aparecia então era o mesmo que o havia marcado no tendão da perna direita. Ele ensinou a Jacó os meios de obter o que ele desejava do Criador. Para esse fim, o espírito o abençoou verdadeiramente e o ordenou de novo. Por esse meio, Jacó foi recolocado em potência espiritual divina para operar, quarenta anos após sua ordenação, os diferentes cultos divinos, o que ele de fato fez ao cabo destes quarenta anos, no topo da mesma montanha de Mor-ia onde havia estado na primeira vez. Ele foi para essa montanha por volta da sexta hora, como antes, e, tendo preparado tudo para sua operação, orou desde a sexta hora até por volta da metade da noite. Então, ele fez as invocações necessárias para cessar definitivamente os efeitos da justiça com que o Criador o ameaçara através de seu anjo. Ele obteve êxito, conforme seu desejo, e quatro anjos vieram instruí-lo daquilo que ele ainda tinha a operar para obter do Criador sua inteira reconciliação, a qual de fato obteve, como vos direi. No oitavo dia depois dessa última operação, Jacó pôs-se em marcha para voltar ao alto da montanha e, lá chegando

por volta do fim do nono dia, ao sol poente, ele se preparou, como antes, para realizar sua operação de reconciliação. Na metade da noite do nono dia e já pendendo para o começo do décimo, Jacó recebeu a certeza de sua reconciliação perfeita, mas o fruto de sua operação atuou tão fortemente nele que ele não pôde mais continuar de pé. Deitou então sobre o lado esquerdo, com a cabeça apoiada numa pedra comum, e nesta posição considerou tudo o que lhe provinha de seu trabalho espiritual divino. Viu sete espíritos que subiam e desciam sobre ele. No número desses espíritos, reconheceu aquele que o havia ferido e cujas ameaças o amedrontaram tão fortemente. Reconheceu também os quatro anjos que vieram instruí-lo daquilo que lhe restava a fazer para entrar de novo em plenitude de graça perante o Criador. Percebeu ainda a glória do Criador, que era o lugar de onde saíam e onde entravam os 7 espíritos. Foi então que Jacó se convenceu de sua reconciliação divina. Assim, disse Jacó: "Aqui é o lugar de visão perfeita, pois vi o Eterno face a face. Aqui é o centro do universo e da terra, o qual está diante do Criador, e é aqui que marcarei o lugar da casa que será construída para o Criador". E, com efeito, marcou-o com três pedras colocadas triangularmente onde deveria ser construído o templo do Senhor, na montanha de Mor-ia, o que foi executado por Salomão, Chiram e Hiram, rei de Tiro.

181 — Culto e invocação operados por Jacó.

O local que Jacó marcou com três pedras em triângulo figurava a forma corporal da terra. Ele ficou no centro do triângulo, para mostrar que o Criador havia colocado o homem Deus no centro do universo, para comandar e governar todos os seres emanados e criados. Fazia ver também que ali era o verdadeiro lugar onde o Criador se comunicaria efetivamente e manifestaria sua glória ao seu primeiro menor, enquanto ele

permanecesse na justiça. Por essa razão, o espírito incitou Jacó a designar aquele como o lugar onde seria construído o templo, como o modelo do lugar onde fora construído o corpo de glória de Adão, o qual foi chamado de templo espiritual da Divindade. Nesse templo espiritual estava verdadeiramente encerrado um espírito divino. A mesma coisa fora representada concretamente na construção do Templo de Salomão, no qual o espírito divino desceu em forma de nuvem. Jacó, plenamente convencido de sua reconciliação, sujeitou-se a operar com exatidão o culto divino no futuro. Assim, fixou o tempo em que ele e sua posteridade o operariam. Para esse efeito, ele realizou, num mesmo dia comum, quatro operações divinas, em quatro intervalos de seis em seis horas. Depois, durante seis dias consecutivos, realizou uma operação de vigília espiritual divina, o que faz ao todo dez operações em sete dias de tempo. O total dessas operações contém o número denário consagrado à Divindade e o número septenário consagrado ao espírito. Nas quatro primeiras operações, Jacó suplicou diretamente ao Criador, invocando-o por seu primeiro nome inefável *,e depois disse: 'A mim, o Deus de Abraão! ". Em seguida, invocou o Criador por seu segundo nome inefável * e disse: 'A mim, o deus de Isaac! ". Por último, invocou o Criador por seu terceiro nome inefável * e disse fortemente: 'A mim, o Deus de Jacó, que é o mesmo de Abraão e de Isaac e que opera divinamente em nós três, como nele operamos, todos três, em nossa unidade de potência espiritual divina! ". Nessa invocação, Jacó reconhecia Abraão como verdadeiro modelo do Criador, pela multidão de potências espirituais que lhe foram dadas. Ele reconhecia Isaac como modelo do filho divino, ou da ação divina, pela grande posteridade de Deus que proveio dele, na qual a eleição e a manifestação da glória divina se operou. E nele mesmo, Jacó reconhecia o verdadeiro modelo do espírito, pelas grandes maravilhas que o Criador fez para ele, mostrando-lhe a descoberto a glória divina.

182 — *A Santíssima Trindade.*

Esse último modelo repete ainda o da misericórdia que o Criador exercerá até o fim dos séculos sobre sua criatura, tal como Jacó nos faz ver por sua última operação, na qual ele invocou o espírito do Criador para que se derramasse sobre sua posteridade pervertida por seu exemplo e, deste modo, libertá-la da escravidão aos demônios; o que o Espírito Santo operou efetivamente pela palavra de Moisés. Foi a partir disso que nos foi ensinado que Deus está em três pessoas, porque o Criador operou três ações divinas e distintas umas das outras em favor dos três menores de que vimos de falar, de acordo com os modelos que eles deviam fazer no universo. Essas três pessoas estão em Deus apenas relativamente às suas operações divinas e não se pode concebê-las de outro modo sem degradar a Divindade, que é indivisível e que não pode ser susceptível, de modo algum, de ter em si várias personalidades distintas umas das outras. Se fosse possível admitir personalidades distintas no Criador, seria preciso aceitar, então, quatro em vez de três, relativamente à quátripla essência divina, que já conheceis, a saber, o espírito divino 10, o espírito maior 7, o espírito inferior 3 e o espírito menor 4. E através disso que concebemos a impossibilidade de que o Criador seja dividido em três naturezas pessoais. Que aqueles que pretendem dividir o Criador em sua essência procurem, pelo menos, dividi-lo em todo o conteúdo de sua imensidade.

183 — *Abraão, Isaac e Jacó; Adão, Abel e Seth.*

Para vos fazer ver definitivamente todos os modelos feitos por Abraão, Isaac e Jacó, dir-vos-ei que esses três menores eram as verdadeiras figuras de Adão, Abel e Seth para com o Criador. Os três primeiros, como os três últimos, viram a glória do Criador. Noé, Sem e Jafé tiveram o mesmo benefício. Quanto a Esaú, que ficou sem herança particular, faz o modelo de

Caim em Adão, o de Cam em Noé, e o seu próprio em Abraão. Abraão, Isaac e Jacó foram os modelos da ação divina operada pelo espírito divino não somente nos menores passados e presentes, como também nos menores que ainda virão. Adão, Noé e suas posteridades anunciaram esses modelos. O Cristo, Moisés e Elias os confirmaram por suas operações no monte Tabor, onde viram a glória do Criador. O beijo que Jacó deu em Isaac, quando concebeu suplantar seu irmão, anunciava a traição que o homem-Deus experimentaria por parte de um dos seus irmãos e discípulos, chamado Judas Iscariotes: um é suplantador do material, o outro, do espiritual. Cuidai para que a cupidez da matéria não vos leve a repetir um modelo tão iníquo. Eis o que eu tinha de mais interessante a vos dizer sobre as pessoas de Abraão, Isaac e Jacó, sem precisar entrar em detalhes acerca da conduta temporal que tiveram neste mundo, uma vez que a Escritura diz o suficiente a este respeito.

X

MOISÉS

184 —Anunciação do modelo feito por Moisés no universo.

Falar-vos-ei agora do grande modelo que Moisés fez no universo. Nele vereis a verdadeira correspondência que ele tem com todos os modelos passados, vereis o duplo modelo do Criador e o de todos os espíritos de que o Criador se serve para a manifestação de sua glória e de sua justiça. Aprendereis se é possível duvidar da veracidade dos fatos espirituais que se operaram desde o começo do mundo, que se operarão até o fim dos séculos e daqueles que se operaram desde a prevaricação dos primeiros espíritos até a do primeiro menor. Julgareis, enfim, se digo a verdade ou se uso de subterfúgios e sofismas a fim de ludibriar a boa-fé do homem de desejo. Isso não é nem minha intenção nem meu feitio. Tenho horror, desde minha infância, à mentira e ao orgulho, eu os abjurei para fazer profissão somente da verdade das coisas espirituais divinas e espirituais temporais. Assim, de mim não deveis temer que eu vos fale a linguagem do erro.

185 — Que é o Egito?

Começarei vos dando a interpretação da palavra Egito, onde sabeis que Moisés nasceu. Essa palavra significa lugar de privação divina, ou terra de maldição. Foi nela que os inimigos da vontade divina foram precipitados com seus adeptos. As nações que residem nessa região e que cultivam sua terra segundo sua pura vontade representam os primeiros espíritos

prevaricadores, que operaram e ainda hoje operam apenas segundo sua vontade, independentemente da do Criador. Os primeiros espíritos foram relegados na parte do Sul, e é nesta parte que o Egito está situado. A posteridade de Abraão, de Isaac e de Jacó, tendo prevaricado, caiu sob o poder dos habitantes do Egito e aí permaneceram por 430 anos. Essa é a verdadeira figura dos menores espirituais que sucumbem sob o poder dos demônios. Voltemos agora a Moisés.

186 — Nascimento e advento de Moisés.

Tupz, que a Escritura chama de Amram, da tribo de Levi, e Maha, sua mulher, que a Escritura chama de Jocabed, da própria casa de Levi, foram eleitos, embora em escravidão na terra do Egito, para fazer nascer deles uma posteridade de Deus que regeneraria a posteridade de Adão, de Abraão, de Isaac e de Jacó e, por meio disto, regeneraria a posteridade de Adão. Tupz significa cheio de bondade divina e tem o número senário, 6. Maha, ou Marra, significa fecundidade espiritual divina e tem o número 4. Ambos tiveram em idade avançada a sua posteridade, que consistia em dois filhos homens e uma única mulher, a saber, primeiro ele foi pai de Merian aos sessenta e seis anos, $66 = 3$. Assim, essa criança foi chamada de Merian, que significa terra virgem. Essa filha foi sábia em conhecimentos espirituais divinos e fez sacrifício de sua virgindade para operar o verdadeiro culto permitido e ordenado ao seu sexo. Depois, Tupz foi pai de Aarão aos 79 anos, 7, e teve seu último filho, Moisés, aos 82 anos, 10. Maha deu à luz Merian aos 48 anos, 3, Aarão aos 61 anos, 7, e Moisés aos 64 anos, 10. Tupz e Maha morreram pouco tempo antes da saída de Moisés da terra do Egito, sem que eu me ocupe de vos fixar a data da morte deles, que é absolutamente inútil aos fatos de que quero vos instruir. Moisés veio ao mundo no 14º dia da lua de nisan, ou de março. Ele foi colocado

numa espécie de cesta, ou de arca, na qual ele flutuou por algum tempo nas águas do Nilo; esta palavra significa principio de ação e de operação espiritual temporal. O advento de Moisés na terra do Egito, onde toda espécie de nações vivia na confusão e nas trevas, representava o advento do espírito divino no caos, onde ele prescreveu a todas as coisas ali contidas as leis, as ações e as ordens espirituais que lhes eram adequadas. Foi dito que as trevas não compreenderam a luz divina; do mesmo modo, o caos do Egito e seus habitantes de trevas não compreenderam o nascimento e o advento de Moisés no meio deles. Esses povos não tinham nenhum conhecimento do verdadeiro culto. Todas as suas ações e todos os seus cuidados limitavam-se a satisfazer a cupidez de seus sentidos de matéria, atendo-se unicamente ao instinto animal que é inato em todo ser passivo. Ainda que os animais racionais estejam sujeitos às mesmas leis que os animais irracionais, pelo instinto natural e inato em toda forma corporal, não se pode negar todavia que os animais racionais tenham, quanto a isto, uma vantagem sobre os animais irracionais, mas também não se pode negar que seja um suplício a mais para eles quando vêm a se afastar delas. Vemos claras provas disso entre os homens que estão ligados à vida temporal. Se algum acontecimento natural provoca em sua forma alguma contra-ação que perturba suas leis de ordem, eles reclamam do fenômeno, ficam apavorados e, por ignorância, entregam-se aos cuidados e ao instinto de um de seus semelhantes, que, com muita frequência, é tão ignorante quanto eles e que ficaria era maiores dificuldades do que o afligido se o mesmo acidente lhe acontecesse. Essa conduta não é surpreendente naqueles que, em semelhante caso, não recorrem ao seu primeiro princípio espiritual divino, único médico que cura radicalmente. Falarei disso mais amplamente quando abordar os diferentes acontecimentos ocorridos em Israel.

187 — Moisés repete o modelo de Noé e dos patriarcas do passado e do futuro.

Moisés, ao flutuar sobre as águas, faz verdadeiramente o modelo do espírito do Criador, que flutuava sobre o fluido radical para a ordenação do caos, isto é, ele é o verdadeiro modelo do princípio da criação universal. É desnecessário repetir o que significa a ordenação do caos, sabeis que ela não é outra coisa senão as leis de ordem e de ação que foram dadas a todas as coisas contidas na massa caótica. Noé, que foi testemunha da manifestação da justiça e da glória divina, já havia feito o modelo do Criador universal. Faço-vos notar, então, que todos os modelos que esse patriarca fez foram repetidos pelas operações espirituais de Moisés. Ambos flutuaram sobre as águas. Noé reconciliou os mortais restantes com o Criador; Moisés reconciliou a posteridade de Abraão, Isaac e Jacó com a Divindade. Noé regenerou o culto divino nos homens reconciliados; Moisés o regenerou na posteridade de Jacó. Noé conduziu durante quarenta anos os homens que ele reconciliou com o Criador; Moisés conduziu o povo judeu durante o mesmo tempo. Noé ofereceu um sacrifício ao Criador em ação de graça; Moisés também ofereceu sacrifícios com o seu povo reconciliado. Eu não terminaria se quisesse vos detalhar todos os modelos que Moisés repetiu, tanto os de Noé quanto os dos patriarcas passados e futuros. Contentar-me-eis em vos exortar a fazer profundas reflexões sobre a grandeza do modelo de Moisés. Aprendereis a conhecer que esse eleito representa perfeitamente, por suas operações, a tripla essência divina em sua criação universal, geral e particular, como podeis ver: o nascimento de Moisés, 1, representa a própria ação do Criador; a reconciliação que Moisés fez, 2, representa a operação do homem divino, ou do filho do Criador; e a condução do povo confiado aos cuidados de Moisés, 3, representa o espírito divino que conduz, governa e dirige todo ser temporal e espiritual inferior a ele.

188 — Moisés salvo das águas e descoberto pelo faraó.

A Escritura vos ensinou como uma filha do rei do Egito salvou o jovem Moisés das águas do Nilo e fez com que fosse criado secretamente para livrá-lo das perseguições do faraó e seus cortesãos, que tinham resolvido fazer com que perecessem todas as crianças do sexo masculino do povo hebreu. A princesa nutriu uma forte amizade pelo jovem Moisés, que era de grande beleza. Ela ficou admirada com o ar de seriedade que se anunciava nele em tão tenra idade e que prometia todos os conhecimentos e toda a racionalidade que o jovem Moisés mostrou efetivamente desde a idade de dois anos. A mãe da criança foi a ama-de-leite que a princesa escolheu para ele e, para se certificar de que se seguiriam todas as ordens que ela havia dado no sentido de lhe darem todos os cuidados, exigiu que a ama-de-leite lhe apresentasse a criança todos os dias. Isso já anunciava a aliança que os idólatras fariam no futuro com a lei divina, o que foi efetuado pelo restante dos egípcios que, após a destruição do faraó e de seu exército, aderiram à lei de Moisés. A ama-de-leite executou assiduamente todas as ordens recebidas e a criança crescia cada dia mais em beleza. Certo dia, a princesa ficou tão encantada ao vê-lo que, tomando-o em seus braços, resolveu se arriscar a levá-lo até o faraó, seu pai. Para esse fim, ela entrou numa sala de audiência onde havia várias mesas. Numa das mesas havia uma grande placa onde a coroa e o cetro do rei estavam colocados. Entre as pedras preciosas que ornavam a coroa do rei, havia uma granada que faiscava intensamente. A princesa aproximou-se com o jovem Moisés e o colocou de pé em cima da mesa onde estavam as joias para ver o efeito que teriam sobre ele, sabendo tudo o que elas provocavam nos homens feitos. Diante do brilho de todos aqueles ornamentos, o jovem Moisés deu um grito de alegria e se pôs a saltitar como a maioria das crianças dessa idade. A princesa levou a curiosidade até o fim, consentindo

no desejo que a criança demonstrava de pegar todas aquelas joias. Ela inspecionou a sala para ver se não estava sendo observada e, não percebendo ninguém, inclinou Moisés sobre a coroa e o cetro. A criança tocou-os com avidez, mas, como não conseguia erguê-los, a princesa o ajudou e colocou a coroa em sua cabeça. Nesse ínterim, a criança deixou cair o cetro aos pés da princesa e, querendo em seguida tirar a coroa de sua cabeça, deixou-a cair na mesa e pôs o pé em cima dela. Enquanto a princesa se divertia assim com o jovem Moisés, um camareiro do rei observou tudo de um lugar escondido. Esse camareiro foi prontamente contar ao rei tudo o que se passou e lhe fez um relato odioso contra Moisés, no intuito de que o rei mandasse matá-lo de acordo com o decreto que ele havia pronunciado contra os recém-nascidos de Israel. A princesa, depois de recolocar no lugar o cetro e a coroa, pegou novamente o jovem Moisés em seus braços e se dirigiu aos aposentos de seu pai para lhe apresentar a criança. Mas o faraó, que fora prevenido por seu camareiro, fez, contra seu costume, uma recepção fria e muito desencorajadora à sua filha. A princesa interdita pediu ao rei uma audiência particular, para saber dele a razão de sua frieza. O rei consentiu em seu pedido, mas, quando estava sozinho com ela, não lhe deu tempo para falar e pronunciou imediatamente o decreto de morte contra Moisés. A princesa, ainda mais atônita, fez de tudo para que seu pai lhe desse a conhecer o motivo de uma ordem tão rigorosa, afirmando-lhe que ele nunca teria o que temer daquela criança. Ela enterneceu tanto o seu pai com suas palavras e suas lágrimas que ele não pôde se impedir de lhe confessar o que o camareiro lhe havia relatado. "Então, é apenas isso?", disse a princesa. "E bem verdade que esta criança pegou vosso cetro e vossa coroa, mas não pôde haver nisto nenhuma intenção malévola de sua parte, e, se as deixou cair, certamente não foi por desprezo nem por maldade.

Entretanto, uma vez que vosso decreto está feito, resta-me apenas uma graça a vos pedir, a de que suspendais a execução até que façamos nesta criança, diante de vós, uma experiência com fogo". Tendo o rei consentido nisso, a princesa mandou que trouxessem diante dele , e na presença da ama-de-leite de Moisés, um grande braseiro. Colocou-se esse braseiro sobre uma mesa, junto ao cetro e à coroa do rei. Em seguida, a princesa colocou a criança em cima da mesa, como havia feito da outra vez. Assim que viu o fogo, o jovem Moisés se precipitou para ele, sem nem olhar para o cetro ou a coroa, e pegou com sua mão direita uma brasa que ele levou à boca, onde ele se apagou depois de lhe ter queimado uma parte da língua. Depois dessa experiência, a princesa, que o Criador inspirara para ser a protetora temporal de Moisés, queixou-se contra o relato temerário do camareiro e disse ao rei: "Se o relato que vos fizeram contra essa criança fosse verdadeiro e ela tivesse agido pela inspiração do Deus de Israel, que mantendes em cativeiro, essa inspiração teria se manifestado novamente neste momento, porém vistes que ela não deu nenhuma atenção ao vosso cetro nem à vossa coroa e que preferiu o fogo, apesar de todo o mal que ela podia sentir com ele, o que de fato ocorreu. Vedes, portanto, a impostura de vosso camareiro, que quis vos seduzir para vos incitar a fazer perecer esta criança. Por vossa glória e vossa justiça, que esse homem não fique impune".

189 — Um modelo do advento do Cristo.

Imediatamente o rei banuiu perpetuamente o seu camareiro da terra do Egito e o obrigou a ir vagar por outras nações. A princesa rendeu graças ao rei e ordenou toda sorte de cuidados em favor do jovem Moisés. Foi desse acontecimento que veio a causa da gagueira de Moisés e foi daí que ele estabeleceu depois a circuncisão dos lábios. Não pretendo entrar aqui no detalhamento dos modelos feitos por todos os acontecimentos

que venho de relatar. Basta que reflitais sobre todos os infortúnios acontecidos ao faraó e seu povo depois dessa época. Além disso, lede com atenção a Escritura, vereis claramente em todos esses fatos o modelo do advento do Cristo neste mundo. Vereis que a princesa representava a mãe do Cristo, ou a bela jovem virgem da qual se diz: "Sou negra, mas sou bela". Quanto ao camareiro, não estava errado quando disse ao rei que o jovem Moisés agiu pela inspiração do Deus dos hebreus. Esse homem contava-se entre os magos impuros do Egito; ele professava a ciência diabólica que o fez apreender o espírito divino que operava era Moisés e na princesa, e eis um modelo impressionante da contra-ação que o intelecto demoníaco opera contra o intelecto espiritual divino.

190 — Moisés mata um egípcio e se oferece duas vezes em sacrifício ao Criador.

Moisés, tendo perdido aos sete anos de idade a princesa, sua protetora, permaneceu até a idade de quarenta anos sob a proteção do rei e sob a condução de sua mãe e de seu pai, com Aarão, seu irmão mais velho. Não vos dei a explicação do nome de Moisés, sendo suficiente o que a Escritura vos ensina a este respeito, ou seja, que o nome Moisés lhe foi dado pela filha do faraó porque ela o salvara das águas. Moisés, apoiado pela proteção do rei, vivia em toda liberdade entre seus irmãos hebreus e entre o povo do Egito, mas, passeando um dia num local isolado, notou um de seus irmãos hebreus sendo maltratado por um egípcio, prestes mesmo a matá-lo. Moisés, que tinha seis pés de altura e uma força proporcional ao seu tamanho, caiu sobre o egípcio e o matou de um só golpe. Então, ele se viu obrigado a fugir da terra do Egito. Essa fuga não forma nenhum modelo espiritual, mas a morte do egípcio anunciava a força e a potência que o Criador daria a Moisés para a libertação de seu povo. Ela anunciava claramente essa

libertação e o molestamento dos egípcios. Eis tudo o que há de interessante sobre a origem e os primeiros tempos da vida de Moisés. Podeis ver, todavia, que essas primeiras operações repetem perfeitamente as operações de todos os eleitos anteriores. Ao cabo dos quarenta anos que Moisés ficou fora da terra do Egito e sempre sob a proteção do Criador, ele ofereceu em sacrifício ao Eterno seu corpo e sua alma, para a libertação de seus irmãos hebreus. Ele invocou o Criador para saber dele se o sacrifício que ele vinha de fazer de si mesmo lhe fora agradável. O Criador enviou-lhe um anjo que o informou daquilo a que ele estava destinado, relativamente à sua resignação, à sua firmeza e ao seu amor por seus irmãos. Disse o anjo a Moisés: "Conduz teu rebanho até o fundo do deserto de Madian e lá o Criador te fará conhecer sua vontade". Moisés fez uma segunda operação, entre o deserto de Madian e o monte Horeb, na qual ofereceu pela segunda vez o seu corpo e a sua alma ao Criador, com estas palavras: "Ó Eterno! Criador de todas as potências, aceita o sacrifício que te faço com toda santidade e na pureza da potência divina que houvestes por bem me dar por tua misericórdia e para tua grande glória. Submeto-me inteiramente à tua grandeza infinita, dispõe de mim segundo tua vontade. Recebe o sacrifício que te faço de minha alma, de meu coração, de meu corpo e de tudo o que me pertence espiritual e temporalmente, recebe-o para a expiação do pecado do pai dos homens e do de toda a sua posteridade. Assim como tudo vem de ti, tudo deve retornar a ti".

191 — Êxtase de Moisés na sarça ardente e êxtase do Cristo supliciado.

Moisés, tendo oferecido essa segunda vez o sacrifício de si mesmo em três divisões distintas, o que ele não havia feito na primeira vez, sentiu dentro de si que sua operação fora agradável ao Criador. Ele ofereceu primeiramente sua alma, porque nada de mais perfeito pode ser oferecido ao Criador

do que o espírito menor que tem semelhança com o espírito divino. Em segundo lugar, ofereceu seu coração, ou a potência espiritual que a alma recebe no momento de sua emanção. Essa potência é figurada pelos quatro caracteres inscritos no coração do corpo do homem. Os anatomistas os conhecem, mas, como não conseguem interpretá-los, deixam-nos sem explicação; falarei disto quando tratar desta matéria. Por último, Moisés ofereceu seu corpo, para exprimir as três essências espirituosas de onde provêm todas as formas contidas no universo. Após essa segunda operação, o espírito divino o chamou pelo nome de Moisés, o mesmo que ele havia recebido espiritualmente da filha do faraó, o que o confirmou na crença do favor que o Criador lhe concedia preferencialmente a todos os seus irmãos. O espírito o instruiu da maneira como ele entraria no centro do esplendor do fogo divino que circundava o monte Horeb (esta montanha é misteriosamente chamada de sarça ardente). Moisés, depois de entrar nele despido de todos os metais e de toda matéria impura, prosternou-se, o rosto no chão, o corpo totalmente estendido, figurando o repouso da matéria abatida pela presença do espírito do Criador e o repouso natural que é dado a todas as formas após suas operações temporais. Essa atitude figura ainda a necessária reintegração de todas as formas corporais particulares na forma geral, bem como a separação, ou suspensão, que acontece à alma quando contempla o espírito, porque o corpo de matéria não pode tomar nenhuma parte naquilo que se opera entre o menor e o espírito divino. É isso que nos confirmaram os sábios e fortes eleitos do Criador em seus êxtases de contemplação divina, e que o próprio Cristo nos fez ver claramente. Essa insensibilidade do corpo quando a alma está em contemplação não vos será difícil de entender. Considerai um homem no sono. Não é verdade que, nessa condição, é possível dispor de sua forma e até destruí-la, sem que o homem adormecido possa defendê-la? Ninguém vai dizer que isso é

assim porque esse homem tem os olhos fechados, uma vez que há muitas pessoas que dormem com os olhos abertos e nem por isto ficam mais seguras. Portanto, isso se dá unicamente porque a alma suspendeu a junção que ela faz ordinariamente de suas funções espirituais com as funções corporais da forma, e o corpo fica então sob a condução do agente corporal, que não pode ter conhecimento do que vai lhe acontecer de funesto ou de desvantajoso se a alma não lhe comunica isto. A mesma coisa acontece na contemplação quando é suficientemente forte para afetar vivamente a alma: o corpo cai numa espécie de inação e não é susceptível de nenhuma impressão, pela simples razão de que a alma vai inteira para o objeto de sua contemplação espiritual. Não se deve crer com isso que a alma tenha se desligado do corpo. Ela fica separada dele apenas em ação espiritual e não de fato. Há provas dessa insensibilidade corporal quando a alma está em contemplação nos suplícios que foram exercidos sobre o corpo do Cristo e o de vários mártires. O corpo do Cristo não sofreu nenhuma dor nos tormentos que foram exercidos sobre ele. Se esse corpo efetuava alguns movimentos, isto nada mais era do que um efeito da ação inata do veículo oprimido contra sua lei natural. Aqueles que, a exemplo do Cristo, expuseram-se a suplícios medonhos gozavam da mesma graça que ele, relativamente à sua missão que tendia apenas à glória do Criador. O Cristo estava em contemplação com o espírito do Pai e os felizes mortais que o imitaram estavam em contemplação com o espírito do Filho Divino. Eis o que nos faz entender a suspensão da ação da alma e a privação, ou a ignorância, em que o corpo fica então daquilo que se passa à sua volta. Voltemos a Moisés.

192 — Moisés investido, Aarão e Ur seus auxiliares.

Enquanto estava em sua prostração, ele recebeu do Criador as quatro potências divinas necessárias para ir operar contra as quatro regiões demoníacas, cujos líderes manifestavam toda sua

malícia na terra do Egito contra Israel. Era através desse sábio representante que o Criador devia manifestar sua glória e sua justiça. Consequentemente, ele lhe deu os mesmos poderes de que Adão fora revestido em seu estado de glória; o que nos faz ver que todo homem de desejo pode perfeitamente obter do Criador essa quádrupla potência, mesmo que esteja revestido de um corpo material. Se Moisés opôs alguma resistência à vontade do Criador, não foi absolutamente por desobediência e teimosia, mas apenas porque ele se acreditava incapaz de cumprir a missão que o Criador lhe dava, por causa do defeito de fala que ele adquiriu desde a experiência que a princesa, sua protetora, determinou que fosse feita com ele em sua infância. (Esse temor e essa falta de autoconfiança nos provam que a fé perfeita não pode estar em nós se não nos for dada do alto). O Criador respondeu-lhe que ele deveria levar consigo seu irmão Aarão para interpretar suas palavras e que, além disto, ele seria assistido por Ur para executar suas operações espirituais. O nome Aarão significa homem elevado em graça divina, ou profeta divino, e o nome Ur significa fogo do Senhor, ou espírito da Divindade. Moisés disse então: "Que a vontade do Senhor se cumpra conforme ele ordenou, para a libertação de seu povo e o molestamento dos egípcios!".

193 — A Páscoa, graças às virtudes do sangue.

Sem demora, ele foi para a terra do Egito com seus dois assistentes e, apresentando-se diante do faraó, ordenou-lhe, em nome do Eterno, que ele devolvesse a liberdade aos hebreus. O faraó se recusou. Moisés repetiu-lhe essa ordem uma segunda e uma terceira vez, e recebeu sempre a mesma resposta. Vendo essa teimosia, Moisés se retirou para o centro do Egito, para ali fazer uso de toda a potência de que o Criador o revestira. Ele atacou o Egito e seus habitantes com sete pragas terríveis que instalaram o cúmulo da desolação naqueles lugares de

trevas. Podemos nos ater a tudo o que a Escritura relata a esse respeito. Moisés deu em seguida uma advertência geral aos filhos de Israel, instando-os a que ficassem prontos para a hora da meia-noite do 14º para o 15º dia da lua do mês de nisan, ou de março. Era esse o momento em que os hebreus deviam ficar livres da servidão e rumar para a terra que o Criador prometera aos seus pais. O povo executou as ordens que recebeu e Moisés, por seu turno, preparou-se para fazer naquela mesma hora a sua grande operação. Para esse efeito, ordenou que Aarão pegasse um cordeiro branco, de um ano de idade, imaculado por fora e por dentro. O cordeiro, símbolo da vítima que no futuro deveria ser imolada para a salvação do gênero humano, representa também a pureza do corpo e da alma dos filhos de Israel. Depois que o cordeiro foi imolado por Aarão para servir de holocausto de expiação, Moisés tomou do seu sangue e com ele marcou, em forma de receptáculo, os quatro ângulos do lugar onde ele devia fazer a sua grande operação para castigar as quatro partes do Egito, depois derramou o resto do sangue na terra. Moisés havia igualmente ordenado a todos os filhos de Israel que selecionassem um cordeiro semelhante ao seu. Os chefes de família deviam imolar esse cordeiro e marcar com seu sangue, em forma de receptáculo, a porta de sua casa. Era essa a marca da aliança do Criador com Israel e do inteiro extermínio dos egípcios. Esse receptáculo dava aos israelitas uma dupla instrução: a primeira, que aquele sangue animal, tomado como símbolo de potência, representava sua alma espiritual, e a segunda, que este mesmo sangue era o trono e a sede de onde a alma preside e move todo o geral da forma particular que ela habita. Essa figura representava, além disso, as quatro regiões celestes, de onde Moisés faria sair, por meio de suas quatro potências divinas, os quatro anjos exterminadores que deveriam molestar os egípcios e, ao mesmo tempo, zelar pela defesa da jornada de Israel quando de sua saída do Egito.

194 — *Modelo do cordeiro pascal: purificação e reintegração.*

Moisés ordenara aos israelitas que imolassem e esfolassem o cordeiro que selecionaram. Depois, deviam cozinhá-lo, comer toda a carne da cabeça até a metade do corpo e fazer o restante se consumir no fogo. Pelo cozimento do cordeiro, Moisés figurava aos israelitas a purificação de sua forma corporal para se disporem à comunicação do intelecto espiritual divino, e ao ordenar que queimassem o que restasse do corpo do cordeiro, representava-lhes a reintegração das essências espirituosas no eixo central de onde provieram. Pois, assim como o fogo elementar tem a propriedade de reduzir a cinzas tudo o que ele abrasa, assim também o eixo central tem a faculdade de devorar e dissipar inteiramente tudo o que se reintegra nele, sem que permaneça nenhuma aparência nem nenhuma substância conveniente e própria para ser habitada por ura espírito. Moisés ordenou também aos israelitas que as famílias que não tivessem um cordeiro em casa se reunissem às que o tivessem, e, deste modo, anunciava a aliança que os idólatras do Egito sobreviventes fariam no futuro com a lei divina; o que de fato aconteceu.

195 — *Confronto de Moisés com os magos do Egito e os sábios de Ismael.*

Para vos instruir amplamente de todos os acontecimentos que antecederam a libertação do povo hebreu da servidão, relatar-vos-ei as operações espirituais que Moisés foi obrigado a opor às dos magos do Egito e dos sábios de Ismael que ele encontrou entre os egípcios. Aqueles magos e sábios professavam secretamente no Egito, de geração em geração, a ciência divina, mas, ao descobri-los, Moisés assim lhes falou: "Digo-vos, magos do Egito e sábios de Ismael, que estou aqui em nome do Eterno, para opor minha potência à vossa, para a glória do meu Deus, do qual tudo depende, e para a libertação

de seu povo eleito. Por que ides contra a vontade do Criador, endurecendo a alma do faraó e o induzindo a rejeitar o pedido que lhe faço em favor de Israel?". Os sábios e os magos responderam-lhe: "Se o Deus a que serves é tão poderoso quanto dizes, por que não opera ele próprio e por sua própria vontade, sem o auxílio de um ser como tu? Vai-te, teu Deus nunca foi tal qual dizes e tua potência não passa de impostura". Moisés, irritado com esse insulto, jogou no chão o seu bastão, ou o misterioso cajado, que ele segurava na mão direita, e imediatamente ele se transformou em serpente. Um dos sábios jogou igualmente o seu bastão, que foi, como o de Moisés, transformado em serpente. As duas serpentes ficaram uma de frente para a outra durante todo o tempo em que Moisés interpretou ao mago do Egito o modelo dessa metamorfose: "Mago do Egito e vós, sábios de Ismael," disse-lhes, "conheço vossa potência e os fatos que dela podem provir; ela é em relação à minha o que a minha é em relação à do Deus vivo de Israel. Essas serpentes que vedes rastejar pelo chão vos explicam o abatimento e a derrocada da orgulhosa potência dos demônios e dos homens que eles tornaram seus semelhantes. A serpente provinda de meu cajado e que busca devorar a que proveio do vosso vos anuncia que o homem não rastejará pela terra para todo sempre, mas que um dia ele será revestido de sua potência primeira e então caminhará em pé contra aqueles que o fizeram decair. Digo-vos, ademais, que a transformação em formas medonhas que nossos cajados sofreram é a explicação real da transformação das formas gloriosas dos espíritos superiores demoníacos e dos menores espirituais divinos em forma de vil matéria terrestre que os mantém em privação. Senhor," acrescentou ele, dirigindo-se ao Criador, "levanta-te e caminha à minha frente, a fim de que tua glória seja inteiramente manifestada diante de teu poderoso eleito!".

196 — *Modelo da vitória de Moisés: natureza e destino das formas.*

Após essa invocação, Moisés pegou pela cauda a serpente que estava ao lado dele e, ao segurá-la na mão, ela se transformou de novo em cajado. O mago do Egito fez imediatamente a mesma coisa. Disse então Moisés: 'As serpentes que vistes desaparecer diante de vós e voltar às suas formas iniciais de cajados vos fazem ver que todas as espécies de formas que agem neste universo não existem de modo concreto e nem por si mesmas, mas somente pelo ser que as anima, e tudo o que vos parece existir se dissipará tão prontamente quanto vistes dissiparem-se essas duas serpentes que agiam na aparência diante de vós. Aprendei também que o aniquilamento das formas dessas duas serpentes vos anuncia claramente a destruição da terra que habitais e a de seus habitantes. Temei ser confundidos entre aqueles sobre os quais o Eterno deve manifestar sua justiça". O mago se inclinou diante de Moisés e, não ousando mais operar diante dele, retirou-se ao encontro do faraó, ao qual, entretanto, não relatou nada sobre as ciências que Moisés possuía. Não é necessário detalhar todas as operações particulares que Moisés fez para contribuir para a libertação dos seus irmãos, posto que a Escritura fala disto bastante claramente, mas não devo deixar que ignoreis aquilo que nos ensinam os quatro sábios de Ismael e os três magos do Egito de que vos falei. Os quatro sábios nos mostram que o verdadeiro culto do Criador, bem como seu cerimonial, permaneceu sempre entre os homens da terra e que permanecerá até o fim dos séculos. Todavia, a fraqueza e a iniquidade dos homens fizeram-nos muitas vezes abandonar esses conhecimentos divinos para se dedicar somente aos da matéria, e é isto que os três magos do Egito nos representam. Esses três magos dedicavam-se exclusivamente às operações demoníacas e viviam em plena liberdade no seio da matéria. Assim, foram incluídos entre os desventurados que sucumbiram sob a justiça divina que o Eterno exerceu sobre o Egito.

197 — *Novo confronto.*

Os três magos combateram seguidamente a potência espiritual de Moisés e não cessaram de se opor aos seus trabalhos espirituais, até e inclusive a nona operação que ele fez para a glória do Criador. Essa repetição de operações por parte dos magos não deixou de inquietar Moisés e até de abalar a grande fé que ele tinha no Criador. Então, com lágrimas nos olhos, ele bradou: "Ó tu, Eterno, Deus de Israel! Do que sou culpado na missão de que me incumbiste? Por que, Senhor, não pude prever que eu não era o único a ser portador de tuas ordens na terra do Egito? Tem piedade de teu servo, pois ele vai perecer sem o teu auxílio". Moisés, depois dessa prece, sentiu renascer em sua alma a mais viva fé e, estando no décimo dia, que devia pôr fim a todas as suas operações divinas, convocou os quatro sábios e os três magos à presença do faraó, para que todos fossem testemunhas de sua décima e última operação. Quando estavam todos reunidos, Moisés disse-lhes: "O Deus de Israel é aquele que tudo vê e tudo ouve. Ele viu os quatro sábios de Ismael e ouviu os três magos iníquos do Egito, e um destes três vai servir de exemplo a todos os outros". Moisés fez então sua operação com Aarão e Ur, mas um dos três magos, mais ousado e mais temerário que os outros, entrou no círculo. Imediatamente, Moisés o repeliu, apoiando em seu peito dois dedos da mão direita. O mago saiu do círculo, recuando, mas sem desviar os olhos de Moisés, a fim de ouvir melhor o que ele pronunciava contra ele e de ver melhor o que ia se operar pela invocação que Moisés fazia, nestes termos: "O Criador colocou toda potência em seu servo Moisés. Ele paga tributo ao seu servo pela grande fé que este teve nele. Por que o deus que esse mago reverencia não paga igualmente tributo ao zelo de seu servo? Por que o deixa tornar-se um exemplo imemorial da justiça divina diante de Israel e de todo o Egito?". Assim que ele disse essas palavras, fez-se no corpo do mago uma

transformação que assombrou todos os espectadores, o que fez com que o primeiro sábio de Ismael dissesse em voz alta que não foi o dedo de Moisés que tocou o corpo do mago, mas sim o do Deus dos hebreus. De fato, o corpo do mago ficou instantaneamente coberto de piolhos e foi devorado e consumido diante dos espectadores. Foi essa a última operação espiritual divina na terra do Egito. Por tudo o que venho de vos dizer, podeis confirmar com plena certeza que a potência dos demônios não prevalecerá jamais contra a do espírito divino. Vedes ainda como tudo se opera no universo por ação e contra-ação; sem isto, nada teria nem movimento nem vida, e sem a vida, não haveria formas corporais. Do mesmo modo, sem a reação demoníaca, nada teria vida espiritual fora da circunferência divina.

198 — O faraó deixa partir os hebreus, depois os persegue.

O faraó, apavorado com todos os flagelos que Moisés havia atraído para o Egito, foi forçado a relaxar o jugo dos filhos de Israel e a colocá-los sob a condução de Moisés para irem oferecer um sacrifício ao seu Deus. Ele permitiu que tomassem emprestado dos egípcios vasos de ouro e prata, diferentes utensílios de metais preciosos e todos os perfumes necessários para as operações relativas ao grande culto que Moisés iria operar no meio de seu povo. Ele tinha prescrito um tempo para irem oferecer o seu sacrifício, mas, vendo que, escoado esse tempo, os hebreus não voltavam, o faraó decidiu persegui-los, menos para trazê-los de volta ao cativeiro do que para tomar deles todas as riquezas que eles emprestaram dos egípcios.

199 — Os bens que os hebreus emprestaram dos egípcios, entre eles seus ídolos materiais.

A maioria dos homens, pouco instruídos sobre os modelos espirituais que se operam no universo, chamaram os filhos de Israel de ladrões e pérfidas com relação aos empréstimos, mas

sobre qual fundamento esses homens ignorantes puderam tecer seus julgamentos? Sabiam eles o que eram essas riquezas emprestadas pelos israelitas dos egípcios? Sabiam o uso que eles fizeram delas? Sabiam, enfim, se esse suposto roubo foi operado pela mera vontade do povo de Israel ou se esse povo não teria agido, nisso como no resto de suas operações espirituais, por ordem Daquele que veio libertá-los da escravidão? Para vos convencer da ignorância desses pretensos sábios, dir-vos-ei que todas as riquezas em questão não eram outra coisa senão os ídolos materiais dos egípcios. O roubo que se fez pela mão de Israel era uma verdadeira punição que a Justiça Divina exercia sobre eles, privando-os dos objetos mais caros à sua idolatria, e isto é a sorte inevitável de todos aqueles que se entregam inteiramente à matéria. O príncipe da matéria favorece por alguns momentos os seus seguidores, a fim de afastá-los, seja em pensamento, seja em ação, do seu único princípio espiritual divino, mas, depois que os colocou na plenitude de suas falsas satisfações, deixa-os no meio de armadilhas que ele lhes estendeu e, assim, precipita-os no abismo. Não se pode dizer que Israel tenha se enriquecido com os bens tomados dos egípcios; estima-se o montante dos mesmos em cerca de um milhão da nossa moeda convencional. Seria isso suficiente para enriquecer cerca de um milhão e duzentos mil homens, alimentá-los durante os quarenta anos que eles ficaram no deserto e custear as guerras consideráveis que eles tiveram de travar? Longe de se poder presumir isso, vemos, ao contrário, que Israel viveu de um maná celeste no deserto, que a guerra travada contra os inimigos de Deus era uma guerra espiritual e que se fazia sem dinheiro, e que os israelitas não faziam uso de dinheiro de ouro e prata nem de nenhum metal para se proporcionarem todas as necessidades da vida. Vemos, ademais, que eles não fizeram, nem no deserto nem ao chegarem na terra prometida, nenhuma espécie de

negócio nem de comércio em bens materiais com as riquezas que emprestaram do Egito. Isso nos mostra a injustiça daqueles que ousaram suspeitar da fidelidade de Israel e taxá-lo de ladrão. Tais censuras só podem ser ditadas pela ignorância e pelo orgulho e se aqueles que foram bem pouco sábios para expressá-las, conseguindo algumas vezes seduzir e convencer os outros homens mediante tais discursos, ou aqueles que foram fracos o bastante para se deixarem seduzir por eles, quisessem fazer algum uso de sua razão e tivessem adquirido verdadeiras luzes, seriam os primeiros a condená-las. Mas, para inocentar plenamente Moisés e seu povo dessas vergonhosas suspeitas, basta vos instruir sobre para qual uso todos os despojos dos egípcios foram empregados. Aprendei, pois, que todos aqueles vasos, metais e utensílios de ouro e prata não serviram a nenhum outro uso por Israel senão para a decoração do Templo, ou da arca da aliança, que Moisés erigiu para a glória do Criador, a fim de operar nele os diferentes cultos divinos. Prossigamos nossa narrativa.

200 — Modelo do pão ázimo: a vida espiritual.

Moisés, sabendo que teria longas caminhadas a fazer para evitar as perseguições do faraó, ordenou aos israelitas que fizessem uma enorme provisão de pão sem fermento, para a sua subsistência até a sua entrada no deserto de Canaã. Somente depois dessa entrada, Moisés lhes explicou o que significava aquele pão sem fermento que tanto os surpreendera: "Aprendei, Israel, que esse pão sem fermento, que comestes junto com o cordeiro nas terras do Egito, durante os oito últimos dias que permanecestes nelas, anuncia-vos o alimento espiritual que o Criador decidiu vos dar durante o tempo em que lutareis em Canaã. Ele vos anuncia ainda a reconciliação com o Criador e vossa libertação da servidão, figurada pela mudança de alimentação através da qual deixáveis os alimentos profanos

para os egípcios, que o Criador há de exterminar". Israel entendeu tudo o que Moisés quis dizer, quando, após a passagem do Mar Vermelho, o maná começou a cair no solo. Falarei disso no momento oportuno.

201 — Uma nuvem camufla o êxodo de Israel.

As diferentes marchas que o faraó fez ao perseguir os israelitas representam as artimanhas e os rodeios que o espírito demoníaco emprega para ligar seu intelecto de abominação e assim destruir a potência do homem. Tratava-se apenas da repetição das armadilhas que os demônios estenderam outrora aos israelitas e pelas quais eles subjugaram os egípcios. Mas, como o espírito divino protetor e defensor dos homens usa dos mesmos meios para molestar o espírito demoníaco, ele se serviu de Israel para operar a destruição do Egito. Israel era o modelo do intelecto espiritual divino e as diferentes marchas que ele fez, antes e depois da passagem do Mar Vermelho, não eram outra coisa senão os meios espirituais que o espírito do Criador empregava para a inteira punição de seus inimigos e para a libertação de seu povo eleito. Essa proteção divina foi claramente manifestada a Israel no deserto de Fihahiroth, entre Magdala e o Mar Vermelho. O primeiro desses nomes significa regeneração de ação, o segundo, aspecto de abominação, e o Mar Vermelho, abismo de amargura. Moisés, estando com toda Israel nesse deserto, percebeu a testa do exército egípcio que marchava contra ele. Fez então sua última invocação para colocar Israel inteiramente sob a condução do Criador, não crendo que sua potência fosse suficiente para preservar Israel dos infortúnios e da perda que o ameaçava. Sua prece foi atendida; o povo de Israel, que foi tomado de apreensão e terror ante a visão de seus inimigos, encheu-se então de inteira confiança no Criador e em seu servo Moisés. Essa fé foi confirmada por uma coluna de nuvem que veio formar uma

barreira entre o exército de Israel e o dos egípcios, os quais, por este meio, não podiam se ver um ao outro, embora estivessem acampados no mesmo deserto. A visão dessa coluna, Israel exclamou: "Viva o Deus de Abraão, Isaac e Jacó! Viva o Deus vivo dos nossos pais e de sua posteridade, para todo sempre! Viva o Deus dos filhos de Israel, que nos salvou da fúria de nossos inimigos!". Israel permaneceu ainda alguns dias no deserto sob a proteção da coluna de nuvem, mas, tendo chegado o momento de fazer a passagem do Mar Vermelho, o Criador fez com que a coluna subisse para que Israel pudesse ver claramente a manifestação da Justiça Divina contra seus inimigos. Frente a frente com o exército egípcio, Israel se perturbou novamente e foi tomado por um terror inconcebível. Todavia, ele se tranquilizou e, fortalecendo-se em sua fé, colocou-se sob a vontade do Criador e a de Moisés.

202 — *Passagem do Mar Vermelho.*

Moisés havia feito a contagem de todos os que estavam destinados a guerrear. Separou, segundo a ordem das tribos, as mulheres, as crianças e os idosos, e, ordenando que eles fossem os primeiros a atravessar o Mar Vermelho, pôs-se à frente deles. Ele colocou seu irmão Aarão à frente dos escolhidos destinados à guerra, Ur no meio e Josué atrás. Nessa ordem, ele se pôs em marcha às vistas do exército egípcio, a fim de que isto o incitasse a perseguir os israelitas até o local designado pelo Criador para o extermínio do faraó e seu povo. Na noite do 14º para o 15º dia da lua de nisan, ou de março, Moisés chegou com todo seu exército à margem do Mar Vermelho. Ali chegando, ele se apresentou à margem desse mar, sempre à frente dos que deviam atravessá-lo primeiro, ou seja, as mulheres, as crianças e os idosos. Ele estendeu suas mãos sobre as águas e depois mergulhou nelas o seu cajado. Imediatamente, as águas se separaram à direita e à esquerda

para deixar a passagem livre para os israelitas. Uma coluna de fogo ia adiante do povo, no caminho que Moisés havia traçado. Essa coluna ia adiante de Moisés e de seu povo para lhes servir de iluminação e para manter seus inimigos na maior escuridão. Moisés foi com sua divisão até o meio do Mar Vermelho e, quando chegou no centro, aguardou que as outras divisões se juntassem a ele. Então, continuou sua marcha e conduziu os filhos de Israel até o outro lado do mar, para fazê-los voltar aos caminhos da terra de onde saíram. O faraó, notando que os israelitas se dirigiam para os lados do Mar Vermelho, acelerou sua marcha para prendê-los, e, como os perdera de vista na escuridão, ordenou ao seu exército que acendesse tochas para perseguir os inimigos e procurar as marcas de seus pés, mas este procedimento foi mais funesto do que vantajoso para os egípcios, pois o exército do faraó, ocupado que estava em seguir as marcas dos pés do inimigo, não viu que saiu da margem do mar e que estava passando pelo meio das águas que estavam suspensas de cada lado. E bem verdade que o caminho traçado era bastante largo para que não se notasse o perigo, sobretudo numa noite tão escura. Finalmente, quando o faraó e todo seu exército chegou ao centro da passagem do mar, do qual Israel já havia saído, as águas se juntaram de novo e tragaram todos os egípcios. Esse centro era o lugar que Moisés havia designado aos espíritos exterminadores, para a inteira derrota dos seus inimigos.

203 — *O maná.*

Os israelitas já estavam acampados do outro lado do mar, de maneira desordenada e indistinta, na verdade. Depois de terem repousado por cerca de duas horas, Moisés os despertou para fazê-los meditar sobre a bondade infinita do Criador, da qual eles vinham de ter tão grandes provas. Ele os fez render ação de graça ao Eterno e, quando a ação de graça terminou, os primeiros raios do 15º dia da lua começavam a despontar.

Foi nesse momento que eles viram cair o maná pela primeira vez. Moisés os avisou de que o Criador, que lhes enviava aquele alimento, confirmava para eles, através desse favor, sua graça e sua reconciliação. Advertiu-os, porém, de que cada um deles podia pegar uma porção de maná para sua alimentação diária, mas que não lhes era permitido reservá-lo para o dia seguinte e que, se desobedecessem a essa lei, o maná que tentassem guardar se corromperia e estaria perdido para eles. Disse-lhes, ademais, que todas as porções que eles viessem a pegar a mais do que lhes era permitido seria deduzida das que pertenceriam a outros israelitas, de modo que ninguém podia pegar mais do que sua porção sem que os prevaricadores prejudicassem não apenas a si mesmos, mas também aos seus irmãos; entretanto, para que toda a punição caísse particularmente sobre os culpados, estes seriam acometidos de lepra e ficariam em jejum e penitência durante sete dias. Foi fixado também que, durante os sete dias de sua expiação, a porção de maná que lhes pertenceria seria distribuída àqueles de seus irmãos da mesma tribo que eles haviam privado por causa de sua avidez, a fim de que essa tribo soubesse que havia entre eles prevaricadores que o Eterno puniu segundo seu crime. Essas foram as primeiras instruções que Israel recebeu após a passagem do Mar Vermelho, instruções que nos ensinam que o cuidado de nosso bem-estar, seja temporal, seja espiritual, pertence antes à potência do Criador do que à nossa e a de toda nossa habilidade demoníaca.

204 — *Moisés exorta o povo a render graças.*

Após essa instrução Moisés proibiu os israelitas de se lavarem nas águas do Mar Vermelho ou de se servirem delas para qualquer uso, porque estavam infectadas pelo sangue da abominação e por ser em seus abismos que foi precipitado por uma eternidade a iniquidade do Egito e de seus habitantes.

Em seguida ele falou ao povo, dizendo: "Israel, o que eu vos disse acerca da manifestação da glória e da Justiça Divina está acima de tudo o que possais pensar. Que a lembrança dessa glória do Criador nunca se apague de vossa memória, de geração em geração, até o fim dos séculos, e que os flagelos de que o Criador se serviu para manifestar sua justiça estejam sempre presentes na memória de seus habitantes dos céus e da terra! Voltai os olhos, Israel, porque o dia a ilumina, para a margem do mar que atravessastes a pés secos e reconheci o prodígio que o Criador operou para vossa libertação e vossa reconciliação". Israel olhou para os lados do mar e, vendo-o coberto de todos os homens que compunham o exército do Egito, com os quais o corpo do faraó se misturava, prosternou-se aos pés de Moisés, exclamando: "Moisés, que o Deus dos nossos pais, que te escolheu para ser o amparo dos filhos de Israel, acolha-te eternamente! Suplicamos-te, em nome do Deus que nos fez chegar aqui, que leve até ele nossas almas em sacrifício e em ação de graça por todos os seus favores, a fim de que ele nos preserve para sempre dos terríveis flagelos de sua justiça". Assim, Israel se submeteu inteiramente à potência do Criador e à condução de Moisés e dos três principais líderes, Aarão, Ur e Josué. Os cadáveres dos egípcios boiaram à deriva durante todo o 15º dia da lua de nisan; ora eram levados para o lado da terra do Egito, ora eram trazidos para o lado onde estava Israel. Aqueles cadáveres fizeram essa rota várias vezes para que os desventurados restos dos egípcios fossem testemunhas da glória do Criador e de Israel. O corpo do faraó foi o último a ser sepultado sob as águas e ficou boiando um dia inteiro depois que os outros cadáveres desapareceram.

205 — *Moisés restabelece o culto divino.*

Moisés começou, a partir daí, a restabelecer o culto divino em Israel. Ele instituiu novamente as quatro vigílias diárias,

ou as quatro preces de seis em seis horas. Restabeleceu também as quatro operações anuais, a primeira das quais representava a grande operação de Moisés em ação de graça pelos benefícios que ele recebeu dos pedidos que fez ao Criador, tanto em seus trabalhos anuais como em seus trabalhos diários. Moisés regenerou todos os diferentes cultos no espaço de quarenta e nove dias e, no quinquagésimo, explicou aos israelitas todos os prodígios que acompanharam a sua libertação.

206 — Explicação de Moisés: *Moisés, Aarão, Ur e Josué, modelo da quátripla essência divina.*

"Em verdade vos digo, Israel, que o Criador fez força de lei para vossa reconciliação espiritual. Ele opôs potência contra potência, como vos fiz compreender por minhas operações contra os sábios de Ismael e os magos do Egito. Tudo isso se operou tanto para vossa satisfação particular quanto para a glória do Criador e a manifestação de sua justiça. Esse Ser supremo é ao mesmo tempo vosso Criador, vosso libertador, vosso condutor e vosso defensor. Vedes o modelo desse criador em seu servo Moisés, que viu face a face a glória do Eterno, na qual ele entrou em espírito para receber as ordens dessa grande Divindade para a vossa libertação. Vedes o modelo de vosso libertador em Aarão, que representa a ação do Criador. Vedes o modelo de vosso condutor em Ur, que representa o espírito do Criador, e vedes o modelo de vosso espírito defensor em Josué. É assim que agem os quatro sujeitos que cooperaram para vossa libertação, cada qual é um dos modelos da quátripla essência divina que o Criador empregou para vossa reconciliação. Ouvi agora o que vos direi sobre os fatos que se operaram em vosso favor na terra do Egito: eles fazem alusão a três grandes virtudes e potências que o Criador havia de manifestar em favor de sua lei, em favor dos filhos de Israel e para a destruição de todos os seus inimigos".

207 — Explicação de Moisés (continuação): *Moisés flutua sobre as águas, modelo da primeira virtude do Criador.*

"A primeira se fez conhecer desde a infância de seu servo Moisés: ele flutuou sobre as águas, privado de todos os seus sentidos corporais e unicamente sob a condução do Criador. Assim flutuava o espírito divino antes que ele separasse a luz das trevas e cada coisa caótica tomasse seu lugar natural, segundo a lei. Assim flutuou Noé com o restante do povo reconciliado. O Criador escolheu Noé para ser testemunha da manifestação da Justiça Divina e para regenerar o culto divino na terra. Moisés foi igualmente escolhido para vos lembrar que o Senhor é o único criador de tudo o que tem vida e ação neste universo. Quando Moisés flutuava sobre as águas, estáveis ainda longe de sua eleição espiritual e ignoráveis o modelo que o Eterno fazia com que ele operasse em vosso favor."

208 — Explicação de Moisés (continuação): *Os confrontos e a passagem do Mar Vermelho, modelo da segunda virtude do Criador.*

"A segunda virtude se manifestou por todas as operações que fiz com os quatro sábios de Ismael e os três magos do Egito. Os quatro sábios combateram minha potência; eles fizeram as mesmas coisas que eu em minhas quatro primeiras operações e não pude conhecer o espírito que os fazia operar senão depois que satisfiz a vontade do Criador; o que vos prova que é impossível ao homem penetrar por vontade própria as diferentes ações da Divindade. A mudança medonha que se operou na forma corporal do primeiro mago do faraó faz alusão à mudança de potência espiritual que os menores experimentaram nos três círculos, sensível, visual e racional, nos quais serão obrigados a agir por um tempo, dois tempos e a metade de um tempo. O primeiro tempo é, no sensível, o mais próximo da matéria terrestre; o segundo tempo é, no visual, o mais

próximo da matéria sutil; e a metade do tempo é o racional, que é o mais próximo do supraceleste. Eis o que vos ensina o exemplo operado pelo primeiro mago. A primeira divisão israelita que atravessou o Mar Vermelho representa a saída dos homens das três partes da terra, quando o Criador os libertar das trevas em que habitam, o que se operará por intermédio do Messias. As três diferentes classes de pessoas que compunham essa primeira divisão significavam os três ângulos da terra: os velhos, o ângulo Oeste; as mulheres, o ângulo Sul; e as crianças, o ângulo Norte; o que vos representa ainda a verdadeira forma da terra, tal qual Adão o representara no começo pelo modo como a dividiu, colocando Caim no ângulo Sul, Seth, que é o mais jovem de sua posteridade, no ângulo Norte, e ficando ele próprio no ângulo Oeste, no lugar de Abel. O restante dos israelitas, que estavam destinados à guerra e marchavam atrás da primeira divisão, igualmente iluminados pela luz da coluna, a qual desapareceu assim que todo o exército de Israel passou, figuravam, por sua eleição, a que o Criador fez de um número de espíritos maiores, para serem vossos guias e vossos defensores enquanto fizerdes guerra espiritual contra vossos inimigos, e aqueles eleitos são tão-somente a sombra e os instrumentos dos espíritos maiores que o Criador uniu a Israel. Observai com atenção a eleição que o Criador fez em vós e segui com exatidão todas as circunstâncias, se quereis ser justificados diante dele."

209 — Explicação de Moisés (continuação): *O Egito punido com os bens emprestados dele, modelo da terceira virtude do Criador.*

"A terceira virtude foi anunciada pelos diferentes percursos que fiz como o que fizestes nos desertos da terra do Egito e pelas diferentes operações espirituais divinas que fiz nas quatro partes dessa terra, para dividir inteiramente seu ser de vida,

segundo a ordem que recebi, e para que ela fique eternamente em operação de contra-ação contra as leis ordinárias dadas ao corpo geral terrestre. Por meio dessa ação contrária à sua verdadeira natureza, essa terra terá unicamente uma vegetação impura e mal capaz de alimentar os animais mais medonhos dos quais será o refúgio. Essa punição foi feita em vossa presença para vos ensinar que o Egito foi criminoso diante do Criador pela terceira vez, por causa das abominações que os homens cometeram em seu seio e que atraíram sobre ele e seus habitantes todos os flagelos da Justiça Divina. O último flagelo sobrevivendo diante de vós ao exército do Egito fora predito pelo empréstimo que fizestes aos egípcios dos seus utensílios de ouro e prata, para impedi-los com isto de operar qualquer culto à sua falsa divindade. Esses povos perversos não compreenderam naquele momento o modelo desse empréstimo. Ao contrário, eles ficaram lisonjeados acreditando que seus utensílios pudessem servir ao culto do Deus de Israel. Mas era a própria Justiça Divina que os despojava de todos esses bens temporais, dos quais eles não deviam mais fazer uso, posto que iriam ser inteiramente dispersados entre as nações e vergonhosamente destruídos por decreto do Eterno. Sim, Israel, digo-vos que, dividindo assim o ser de vida dessa terra criminosa, fiz com que ela caísse inteiramente sob a potência do príncipe dos demônios, e que ela nada mais contém senão uma multidão de intelectos demoníacos que lhe dão apenas uma vida e uma operação de contra-ação. Que esse exemplo vos ensine a não abusar dos bens temporais que o Eterno vos fará colher na terra que ele prometeu a vossos pais e que ele vai fazer passar a vossas mãos. Não abuseis sobretudo da potência espiritual que o Criador vos concedeu e refleti sobre as medonhas punições que caíram sobre Adão e sua posteridade por terem profanado essa mesma potência de que a alma deles era

revestida. Não esqueçais jamais que tudo o que vem de se operar em vossa presença na terra do Egito é uma exata repetição de todos os flagelos que o Criador lançou sobre a terra para a expiação do crime do primeiro homem e o de seus descendentes."

210 — Explicação de Moisés (continuação): *Diferentes punições da terra sob Adão e sob Noé.*

"O flagelo sobrevindo à terra pelo crime de Adão não foi igual ao que foi lançado contra sua posteridade durante a vida de Noé, porque o crime de Adão não foi o mesmo que o de seus descendentes. Adão se exaltou, por seu orgulho, ao ponto de querer ser criador. Ele ligou sua potência divina com a do príncipe dos demônios e efetuou uma criação de perdição. Após esse delito, ele degenerou de seu estado de glória e se tornou o opróbrio da terra, sujeito à Justiça Divina, à inconstância dos acontecimentos temporais e à dos corpos planetários outrora inferiores a ele. Assim, ele e toda sua posteridade ficaram em privação divina dentro de um círculo de matéria. Foi essa a punição de Adão. Sua posteridade prevaricou e prostituiu sua potência, associando-se aos demônios para viver em liberdade no meio de suas paixões materiais. Essa posteridade rejeitou absolutamente as leis divinas que ela recebera para se conter na reconciliação feita com os seus pais. Ela ultrajou a Divindade através de seus crimes mais horrendos. Assim, essa posteridade foi castigada com os flagelos mais cruéis e mais vergonhosos, foi tragada pelas águas, onde se misturou indistintamente com o resto dos animais, e a terra se tornou o receptáculo abominável dos cadáveres de todos os menores iníquos e prevaricadores dessa posteridade. Não deveis duvidar de todos esses fatos, consoante às instruções que vos foram dadas por vossos pais, aos quais o Criador fizera parte disto. Voltemos ao crime e à punição dos egípcios."

211 — Explicação de Moisés (final): *O crime e a punição dos egípcios.*

"O faraó, modelo do primeiro príncipe dos demônios, endureceu o coração de seu povo contra Israel. Ele se opôs a tudo o que o enviado de Deus queria operar em favor de seus eleitos, mas armar-se assim contra Israel era se armar contra o próprio Deus, era confirmar as blasfêmias, a horrível impiedade e todos os vícios da matéria em que os egípcios se desvirtuaram havia muito tempo; era abjurar, enfim, toda a onipotência divina e atacar diretamente o espírito do Deus vivo. Por isso, esses povos criminosos foram tragados pelas águas do Mar Vermelho depois de flutuar por muito tempo, para ser um exemplo imemorial de horror perante os céus e a terra e perante Israel. Foi desse modo que foram punidos esses povos que prevaricaram contra o espírito do Criador. Que tudo o que venho de vos dizer, Israel, sobre os três gêneros de prevaricações que os homens da terra cometeram contra o Criador, bem como sobre os diferentes atos de justiça que o Deus de Israel exerceu contra todos os culpados, nunca se apaguem de vossa memória nem da memória de vossa posteridade, de geração em geração. Tremei ante todos esses eventos e temei tornar-se vós próprios o quarto exemplo da funesta manifestação da Justiça Divina, pois o flagelo que o Criador lançaria sobre vós seria sem limite e sem medida, serieis tão prontamente despojados da lei divina que o Criador vos confiou quanto os egípcios o foram de seus bens temporais. Essa lei que o Criador estabeleceu em vós, preferencialmente às outras nações, é uma prova evidente da confiança que ele tem em Israel, mas, se Israel se esquecer diante do Criador, aquele que lhe deu a lei a retirará dele sem que ele disto se aperceba, sem ruído, sem escândalo e sem o meio das guerras temporais em uso entre os homens. Não se tratará então de

combates de potência contra potência, mas tão-somente da operação da justiça contra a injustiça, e, nessa ocasião, Israel cairá na confusão. Sua memória será tão obscurecida que ele não conservará mais nada daquilo que pertence ao culto divino. O nome do Senhor será retirado dele e passará aos estrangeiros por uma eternidade. Israel se dispersará entre as nações estrangeiras, para nelas viver em servidão e em privação divina até o fim dos séculos. Então, Israel será o opróbrio dos homens e de todo o universo. Eis, Israel, o que devo vos devo em nome do Eterno."

212 — *Moisés no Monte Sinai.*

Tais são os fatos espirituais que o Criador operou no universo para a manifestação de sua glória e de sua justiça, por intermédio de Moisés, Aarão, Ur e Josué. Assim ele operará eternamente a favor e contra sua criatura espiritual, superior, maior, inferior e menor. Não me deterei em vos detalhar todos os fatos particulares que se passaram entre os israelitas desde sua saída do Egito. A Escritura fala muito amplamente de suas diferentes marchas e acampamentos. Passarei diretamente ao que aconteceu no Monte Sinai (este nome significa altura e elevação da glória divina). Moisés deu suas ordens espirituais e temporais ao seu irmão Aarão, a quem ele confiou todos os filhos de Israel durante sua ausência. Eles prometeram seguir cegamente tudo o que Aarão lhes ordenasse. Moisés, depois de tudo organizado no acampamento, pôs-se em marcha para a montanha, acompanhado de Josué. Quando chegaram ao meio dela, viram a glória de Deus aberta diante deles e imediatamente Moisés disse a Josué: "Fica aqui, pois o Criador está me chamando para si". Nesse instante, uma nuvem desceu até a metade da montanha e separou Moisés de Josué, que só voltou a vê-lo quarenta dias depois, quando Moisés desceu

carregando no braço direito as duas Tábuas da Lei que o Criador gravara através de seu espírito santíssimo. Quando Moisés encontrou Josué, eles seguiram juntos para o acampamento, Josué à direita de Moisés, que era o lado em que eram carregadas as Tábuas da Lei. Mas ainda não estavam a um terço do caminho em que Josué ficara sozinho, quando um grande grito de alegria se fez ouvir vindo do acampamento. Em seguida, uma voz disse a Moisés: "Vá ver teu povo que vem de me ofender; ele é teu povo e não o meu". Moisés e Josué apertaram o passo e, chegando à entrada do acampamento, que ficava ao pé da montanha, viram os filhos de Israel dançando com Aarão ao redor de um bezerro de ouro.

213 — *O bezerro de ouro e o castigo dos culpados.*

Moisés ficou tão transtornado com isso que quebrou as tábuas da lei que ele trazia da montanha e, dirigindo-se a Aarão, disse: "Por que esse povo dançou diante de um falso deus e por que não o contiveste nos limites espirituais que eu lhe prescrevi quando o confiei aos teus cuidados? O quê? Tu próprio colocaste no crisol a matéria com que esse falso deus foi formado, lançando assim esse povo na mesma abominação pela qual os egípcios vêm de ser aniquilados?". Aarão respondeu: "Temi, Senhor, o ódio e o furor dos filhos de Israel. Eles ameaçaram de me apedrejar em tua ausência e fui obrigado a anuir aos seus desejos para preservá-los de uma infelicidade maior". Moisés, ainda mais indignado com a resposta de seu irmão Aarão, disse-lhe: "Desce imediatamente ao acampamento de Israel, na direção do sol poente, e lá verás o justo castigo que o Criador reservou ao crime dos israelitas". Moisés fez em seguida uma operação e uma invocação ao Criador, para obter dele a determinação espiritual do número dos eleitos vingadores do ultrage feito

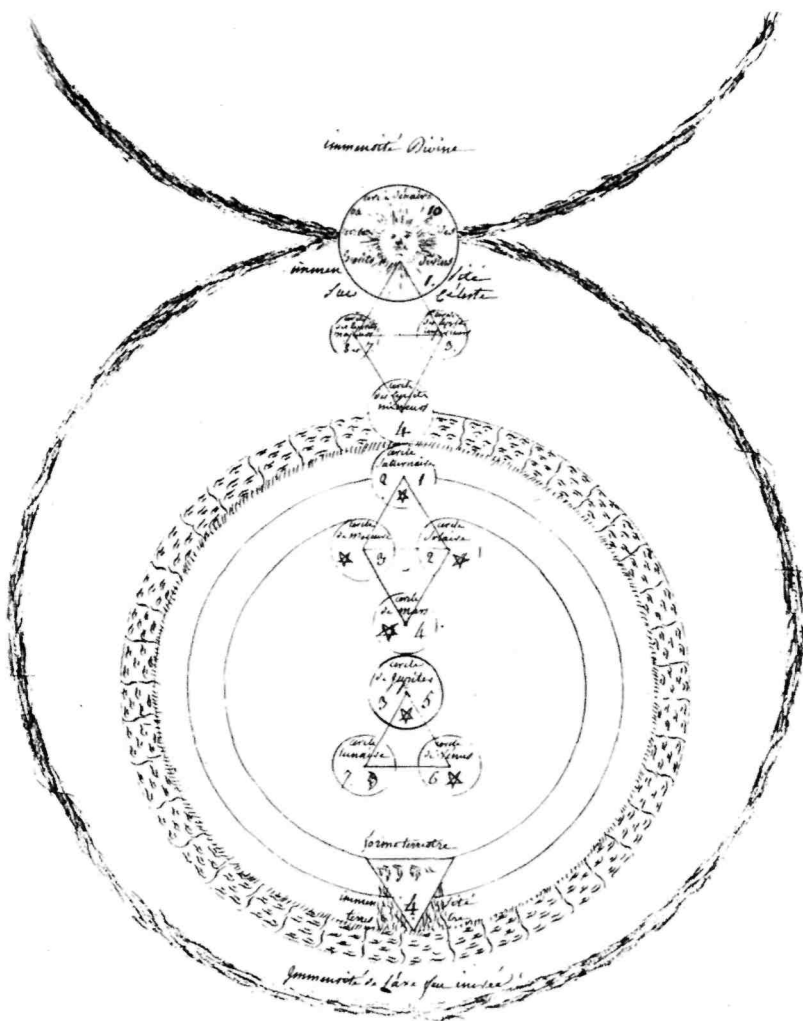
ao Eterno. Foi-lhe ordenado que escolhesse quinze homens da tribo de Levi. Ele os dividiu em três grupos de cinco homens cada um e lhes disse: "Que aqueles que amam o Criador peguem o punhal que se apoia em sua coxa direita". Os quinze eleitos imediatamente pegaram o punhal com a mão direita. Moisés as abençoou e disse a esses eleitos: "Que o primeiro grupo, no qual está Simeão e Levi, caminhe do levante do sol para o poente do sol, o segundo, do levante do sol para o sul, e o terceiro, do levante do sol para o norte. Os três grupos irão e voltarão três vezes através do acampamento de Israel. E passarão pelo gume de sua arma todos os que eles encontrarem, sem consideração de idade nem de parentesco; depois disso, voltarão para mim acompanhados de Aarão". A ordem de Moisés foi executada e, com isto, pereceu uma multidão de israelitas, bem como de novos convertidos à lei de Moisés. Por esse meio, o acampamento de Israel foi purificado e o derramamento do sangue dos culpados fez com que os israelitas obtivessem graça diante do Eterno.

214 — Relação dos acontecimentos precedentes com a história sagrada, de Adão ao Cristo e até o fim dos tempos.

É fácil perceber a relação que esses últimos acontecimentos têm com aqueles que se passaram de Adão até Noé, de Noé até Abraão, de Abraão até a saída dos filhos de Israel da terra do Egito, desta saída até o Cristo, e com aqueles que se passaram depois do Cristo e que durarão até o fim dos séculos. Moisés reuniu o restante dos filhos de Israel que foram preservados da Justiça Divina operada pelos quinze eleitos da tribo de Levi e, antes de subir de novo a montanha para ir buscar novas tábuas da lei, deu ao povo as seguintes instruções acerca de tudo o que vinha de se passar.

215 — *Grande discurso de Moisés: Sinai, quadro real do universo inteiro.*

"Ouvi, Israel! Sempre vos instrui da misericórdia infinita que o Criador teve por vós, relativamente ao amor que ele teve por vossos pais, que foram justos diante dele. O Senhor teve a mesma misericórdia por seu servo Moisés e o tornou susceptível de ser colocado entre os pais dos filhos de Israel. Sim, sou o pai temporal dos filhos espirituais de Israel, e não o de seus filhos carnis e materiais. Fostes testemunhas da manifestação da glória e da Justiça Divinas em vosso favor, pela força de minhas operações. Vistes com que sucesso vos conduzi até este lugar de liberdade. Não podeis ignorar que vistes claramente manifestar-se a ação e a vontade do Criador em tudo o que fiz por vós. Vistes em mim, portanto, a semelhança do pensamento do Eterno, porque o li em sua glória e o vi face a face. A montanha espiritual que me vistes subir vos anunciava a distância que há do Ser criador para a criatura geral, ou a terra. Acima dessa montanha, há quatro círculos imperceptíveis aos mortais ordinários e que separam a corte espiritual divina da criação universal. Essa montanha é o quadro real do universo inteiro. Ela se divide em sete partes, conhecidas como os sete céus celestes universais, e os quatro círculos de que venho de vos falar são chamados de supracelestes porque limitam e dirigem a ação dos sete agentes principais da criatura universal. É no supraceleste que se opera o pensamento e a vontade divina, é dele que provêm a ordem, a virtude e a potência de ação de todos os espíritos que agem no universo. Os sete céus recebem do supraceleste todas as suas virtudes e todos os seus poderes, e os comunicam em seguida ao corpo geral terrestre. Tal é a ordem que reina entre esses três mundos."



O QUADRO UNIVERSAL. DESENHO DE SAINT-MARTIN

216 — Grande discurso de Moisés (continuação): *Nuvens espirituais e nuvens materiais.*

"Quando subi ao topo da montanha espiritual divina, deixei Josué atrás de mim a uma distância considerável, porque ele não podia ainda caminhar comigo diante do Criador. A nuvem que me cobria com sua sombra e me ocultava de Josué e de vós, Israel, é a mesma que vos ocultava dos egípcios no deserto de Phihahiroth. Aprendei que essa nuvem não era outra coisa senão a sombra do espírito criador, que continha o exército demoníaco do Egito e seu rei, o faraó, em privação do uso de seus sentidos corporais e espirituais. Por esse meio, eles operavam apenas obras de confusão e tudo o que faziam era em vão, devido às espessas trevas pelas quais estavam envolvidos. Embora aquela nuvem vos parecesse opaca, não era nada parecida com as nuvens materiais e elementares, submetidas às leis que dirigem o curso ordinário da natureza. As nuvens materiais são compostas de uma mistura grosseira e sutil, provinda do corpo geral terrestre. Elas se formam pela ação dos agentes dos diferentes corpos planetários, entre os quais os agentes solares são os principais que agem particularmente sobre essas nuvens. Essas espécies de agentes, por sua forte atração, elevam até uma certa distância dos seus círculos os úmidos grosseiros e sutis da terra e os contêm, por essa mesma atração, em aspecto e em equilíbrio diante deles, até terem ligado intimamente os glóbulos grosseiros e sutis, e, quando tudo está ligado, forma-se um corpo impenetrável ao homem de matéria, do qual esta nuvem furta a visão do que se passa acima dela e o priva de desfrutar a ação solar. A utilidade dessas nuvens no universo é a de modificar e temperar a força das influências planetárias, a fim de que elas se comuniquem mais benignamente ao corpo geral terrestre e a todos os seus habitantes. Ademais, toda espécie de corpo é formada por um número completo e perfeito de glóbulos. E não pode existir

nenhum corpo sem que haja nele um veículo do fogo central sobre o qual os habitantes desse eixo agem continuamente como sendo provindos de si mesmos. Ora, é sobre os veículos dos corpos de nuvem que se opera a mais forte ação e reação, e isto porque é necessário que todos os glóbulos fiquem perfeitamente divididos a fim de que esse corpo de nuvem, assim dissociado, possa se espalhar melhor em toda a extensão do círculo que ele descreve sobre a terra. É dessa maneira, Israel, que se formam as nuvens de onde provém o maná ou a chuva que cai sobre o corpo geral terrestre, mas não foi isso que aconteceu com a nuvem que vos furtou das vistas de vossos inimigos. Essa famosa nuvem, que vos serviu de muralha no deserto do Egito, era um corpo aparente produzido pela ação de uma multidão infinita de espíritos puros e simples, que estavam diante do espírito divino criador que saiu por ordem do Eterno do círculo denário. Esse espírito divino marchava à frente de Israel em uma coluna de fogo e a coluna de nuvem seguia seu rastro com exatidão, segundo as leis de ordem, de ação, de reação e de atração que o espírito divino operava sobre todos esses espíritos, conforme a vontade do Criador, em favor de Israel e em prejuízo dos demônios. Essa nuvem, sendo formada pela potência dos espíritos, sem o auxílio de nenhuma matéria, era um verdadeiro corpo de glória. Os agentes do eixo central não podiam operar sobre essa nuvem espiritual como operam sobre as nuvens grosseiras e materiais, e, embora essas espécies de corpo de glória sejam ainda mais impenetráveis aos olhos corporais dos homens ordinários do que o são as nuvens elementares, essa nuvem espiritual não privou Israel de usufruir a ação solar como fazem as nuvens materiais; e, durante todo o tempo que o Criador manifestou sua justiça contra o Egito, Israel não foi colocado em privação da luz temporal. Os egípcios, ao contrário, foram mergulhados em espessas trevas que os conduziram e os fizeram precipitar nos

abismos do Mar Vermelho, por um tempo imemorial. Foi esse mesmo corpo de nuvem gloriosa que me separou de Josué e de Israel, quando pisei no topo da montanha espiritual do Sinai. Eu me prosternei no centro dessa montanha e, durante minha prostração, minha alma separou-se de meu corpo e se tornou verdadeiro ser pensante. Nesse estado, meu ser espiritual recebeu as ordens que o Criador lhe deu face a face."

217 — Grande discurso de Moisés (continuação): *Os três círculos onde o menor opera e os sete círculos planetários.*

"Digo-vos, Israel, que por topo da montanha espiritual deveis entender o modelo do círculo racional, o mais elevado de todos os círculos celestes. Esse círculo racional é chamado de círculo de Saturno, ou saturnário, 1. Esse círculo superior planetário separa todos os círculos planetários celestes dos quatro círculos supracelestes. A distância que separa o topo da montanha, onde eu estava, do local onde Josué ficou representa o círculo planetário solar, que se chama círculo visual, 2; todos os demais círculos planetários inferiores estão compreendidos na imensidade do círculo sensível, 3. Esses círculos inferiores são: Mercúrio, Marte, Júpiter, Vênus e Lua; e esta é a ordem dos sete círculos celestes planetários: Saturno, 1; Sol, 2; Mercúrio, 3; Marte, 4; Júpiter, 5; Vênus, 6; e Lua, 7. Essa famosa montanha espiritual vos ensina, portanto, a distância entre a corte espiritual divina e a parte celeste, e entre a parte celeste e a parte terrestre. Vedes que se pode dividir essa montanha de duas maneiras: primeiro, em três partes e, segundo, em sete outras partes. A primeira divisão é a dos três diferentes círculos onde os espíritos menores realizam suas operações espirituais puras e simples, segundo a ordem imutável que receberam do Criador, para alcançarem sua reconciliação e sua reintegração no supraceleste. Não vistes que vos indiquei vosso abrigo e delimitei vosso acampamento?

Esse círculo material terrestre que habitais é o modelo real do círculo sensível, no qual todo menor paga tributo à justiça do Eterno, e os diferentes pontos que Josué e eu ocupamos na montanha vos mostram bem claramente as diferentes operações a que os menores são sujeitos durante seus cursos temporais nos três círculos, o sensível, o visual e o racional. Disse-vos que esse corpo que habitais é o modelo do círculo sensível porque, de fato, ele lhe é imediatamente contíguo. O círculo sensível é contíguo ao círculo visual, este é contíguo ao racional e o racional, ao supraceleste. O que já pode vos dar um vislumbre da universalidade do famoso número quaternário, que domina, preside e dirige todas as coisas. A segunda divisão da montanha em sete partes é a dos sete círculos planetários, que contêm os sete agentes principais da natureza universal."

218 — Grande discurso de Moisés (continuação): *O Sinai contém 10.*

"Digo-vos ainda que juntando a divisão ternária, 3, à divisão septenária, 7, encontrareis o poderoso número denário do Criador, do qual toda coisa criada proveio. Sabei, ademais, que essa montanha espiritual que contém o número denário, ou 10, ocupa o centro do receptáculo geral e que, visto que a terra tem uma forma triangular, essa montanha deve ser para a terra o que o ponto, ou o centro, é para um triângulo. Sabeis que essa montanha se apoia no corpo geral terrestre; isto não vos demonstra que a terra contém um ser vivo emanado do Criador e semelhante ao que está contido na forma aparente de todos os menores? O que vos confirma o que digo é a regularidade e a ordem infinita de tudo o que se opera no corpo geral terrestre. As virtudes e potências do Eterno se operam, e se operarão, até o fim dos séculos na montanha espiritual de que vos falei, de onde se vertem sobre o corpo geral terrestre, para se fazerem sentir às três partes desta terra e às formas de todos os seus habitantes, tanto no geral como no particular. Aqui a palavra

geral está ligada aos animais irracionais e a palavra particular aos que são animados de um ser espiritual divino, tanto celeste como supraceleste."

219 — Grande discurso de Moisés (continuação): *As leis imutáveis de todo o universo.*

"Depois das coisas sublimes que vos comuniquei e que deveriam ser inteligíveis a todo ser espiritual menor, instruir-vos-ei das leis imutáveis que governam todo este universo. Não há um ser, criado ou emanado, que possa existir ou ter ação no círculo universal sem estar submetido a essas leis. Para me fazer melhor compreendido por vós, tomar-vos-ei como exemplo e vos perguntarei se, quando estáveis no seio da terra do Egito, não éreis dirigidos por nenhuma lei, ou, se tivésseis uma, seria esta lei a do espírito divino ou a mera lei dos animais que seguíeis? Sei que não podereis responder claramente à minha pergunta, porque ignorais em que condição estáveis durante vossa permanência nessa terra de abominação. Sabei, pois, que estáveis confundidos, na extensão do círculo demoníaco, com o príncipe dos demônios e seus adeptos. Não existíeis por vossa própria vontade. Não tínheis em vós uma vida e uma ação particular. Não podíeis ser conduzidos pelas leis divinas, porque foi por tê-las abjurado que fostes precipitados nos abismos do Egito. Também não vos conduzistes pelas leis puras e simples dos animais, porque os animais selvagens viviam e agiam então com inteira liberdade e em toda a extensão das faculdades de seu instinto: eles não podem e nunca poderão se desviar das leis imutáveis naturais que os governam. Portanto, estáveis então abaixo do próprio animal e, no entanto, tínheis leis. Mas as leis que vos dirigiam eram materiais e inteiramente demoníacas. Eram diretamente opostas às leis espirituais divinas do ser menor. Eram opostas até às simples leis naturais e humanas. Eram leis de privação e totalmente perniciosas aos

que as abraçavam. Podeis julgar por vós mesmos o perigo dessas leis de abominação, por tudo o que o Criador operou contra elas, contra seus líderes e contra seus adeptos. Nada citarei a esse respeito que não tenhais visto com vossos próprios olhos, mas sabeis por mim que os príncipes dos demônios, apesar de serem donos de suas próprias leis de convenção abominável, estão, no entanto, eles próprios, submetidos à lei imutável do Criador, segundo a qual tudo emana dele."

220 — Grande discurso de Moisés (continuação): *Moisés, enviado do Eterno, transmite a sua lei.*

"Sem essa lei divina eles não existiriam; sem esse princípio de ser espiritual eles não teriam nem pensamento, nem vontade, nem ação, e é porque não podem se subtrair à lei eterna de sua emanção que eles não podem evitar a justiça essencialmente inerente a esta mesma lei. Era a essa Justiça Divina que estáveis expostos durante vossa servidão no Egito, mas a misericórdia do Criador vos recolocou em vosso primeiro princípio e em vosso primeiro grau de glória e vos devolveu a sublime lei divina que havíeis rejeitado e que vos foi retirada. Vistes tudo o que fiz para obter do Criador que ele vos restabelecesse em vossos direitos. Sabeis, Israel, que sou enviado do Eterno para a manifestação de sua glória e de sua justiça. Podeis, pois, considerar-me como o modelo da vontade do pai criador. Ao levar comigo para a montanha meu irmão Josué, que deverá me suceder, conforme a ordem recebida do Eterno, figurei para vós o modelo do espírito maior divino, para vos fazer compreender que todo ser menor será conduzido perante o Criador por seu espírito particular. Ao levá-lo novamente comigo, figurei para vós o espírito maior que o Criador desprende de seu círculo espiritual divino para ser o guia, o apoio, o condutor, o conselheiro e o companheiro do menor, que emana e desce da imensidade divina para ser incorporado

ao círculo de matéria elementar, e Josué, ao descer comigo da montanha, fazia perfeitamente o modelo do menor espiritual que o Eterno emancipa de sua imensidade para ir operar segundo seu livre-arbítrio, no círculo terrestre. Mas o que a misericórdia divina fez de mais surpreendente em vosso favor foi vos ter enviado através de mim as duas Tábuas de sua Lei que eu trouxe da montanha espiritual. Essas tábuas nas quais a Lei estava escrita eram a figura do corpo do homem, no qual estão impressos os caracteres da Lei do Criador. O próprio espírito do Eterno gravou os caracteres da lei nas tábuas que eu trouxe; do mesmo modo, o menor espiritual traça no coração de sua forma corporal os caracteres da poderosa lei que ele recebeu do Criador, desde sua emanção divina. Entretanto, apesar de toda a vantagem que deveríeis retirar das leis gravadas nas tábuas sagradas, vossa prevaricação forçou-me a quebrá-las em vossa presença, e delas não resta nenhum vestígio diante de vós, assim como não restará nenhum vestígio da criação universal quando for reintegrada em seu primeiro princípio de emanção."

221 — Grande discurso de Moisés (continuação): *Reprimendas à infidelidade de Israel.*

"O Israel! Vossa alma será sempre rígida para com o Criador? Endurecer-se-á sempre após os benefícios de que ele vos cumulou? Nem bem saístes da servidão e da escravidão dos demônios e envidais todos os vossos esforços para voltar a viver sob a lei deles; buscais criar para vós um deus que vos conduza e vos governe segundo a vossa vontade e vosso capricho; servistes-vos, para esse fim, de uma matéria impura e proibida pelo Eterno; pedistes ao Criador que operasse em favor de vosso iníquo crime; tentastes Aarão, a quem foi entregue o cuidado de vossa condução espiritual; toda Israel levantou pedra contra Aarão e o ameaçou de morte se ele

próprio não colocasse no crisol os metais que havíeis destinado à vossa iníqua operação. Mas que êxito esperáveis disso, e o que foi que obtivestes? Contáveis produzir por meio disso uma figura semelhante à do corpo do homem, para depois transformá-la em Deus. Não sabíeis que nenhuma forma de corpo pode ser feita nem existir senão segundo as leis de reprodução que o Eterno deu à natureza ? Foi o que vos ensinou o fruto inesperado de vossa prevaricação. Contáveis ver nascer uma forma à imagem do Criador, vendo-a nascer à vossa semelhança. Vosso orgulho foi humilhado quando nada mais recebestes que uma forma inanimada de animal e sem nenhuma substância de ação. Eis, Israel, tudo o que podeis esperar da parte do intelecto demoníaco e do príncipe dos demônios, e, no entanto, é a eles que buscaís incessantemente vos ligar, para viver eternamente sob leis abomináveis e contrárias às do Criador e da humanidade espiritual divina. Essa forma corporal de bezerro que resultou de vossa operação vos ensina qual é o animal que oferecereis no futuro em sacrifício ao Criador para a expiação de vosso pecado, pois ele é bem grande diante do Eterno, e é necessário que o sangue desse animal seja derramado sobre Israel e sobre a terra, para que Israel seja lavado de sua mácula e a terra seja purificada do aviltamento que Israel cometeu sobre ela."

222 — Grande discurso de Moisés (continuação): *Potência e armadilhas dos demônios.*

"Devo agora vos instruir das faculdades e da potência do grande príncipe dos demônios, sob os quais ficastes em escravidão no Egito. A prevaricação do líder demoníaco o fez cair em uma tão grande privação que ele não pôde mais receber nenhum intelecto divino, mas resta-lhe e restar-lhe-á sempre a faculdade do pensamento, e a vontade que corresponde ao pensamento compõe seu intelecto demoníaco geral. Por sua

palavra de comando, que deve ser vista como sua ação, ele insinua o intelecto mau em seus espíritos adeptos, que depois o comunicam aos menores, que o príncipe dos demônios procura ininterruptamente seduzir e submeter às suas leis. Esses maus espíritos adeptos, embora inferiores, têm a mesma faculdade que o príncipe dos demônios, porque são, como ele, seres pensantes e isentos de toda forma material. Eles têm, por conseguinte, seu intelecto particular, que emana imediatamente deles próprios, assim como o intelecto geral mau emana do grande príncipe dos demônios, seu líder. Vedes, portanto, através disso, que o príncipe demoníaco tem em sua autoridade o intelecto espiritual geral mau, do mesmo modo que seus espíritos adeptos possuem seu intelecto mau particular. Aprendei, Israel, que esse instinto particular envolve todo ser de corpo criado e todo ser menor tão logo é emancipado do círculo da Divindade; é ele que tenta, ataca e combate os menores espirituais divinos e, na maioria das vezes, faz com que sucumbam segundo seu desejo perverso, tal como vós próprios podeis julgar por vosso último acontecimento. Aprendei, ademais, que, independentemente das armadilhas que os espíritos inferiores perversos estendem para os menores, estes não estão menos expostos a elas do que às ciladas que lhes arma continuamente o líder principal de toda a corte demoníaca, de modo que nunca podereis ficar em guarda de maneira excessiva contra os perigos infinitos que vos cercam."

223 — Grande discurso de Moisés (continuação): *Potência dos espíritos maiores espirituais bons.*

Os espíritos maiores espirituais bons têm igualmente as faculdades do pensamento e da vontade que compõem o intelecto espiritual bom. Têm igualmente a faculdade de transmitir esse intelecto aos agentes espirituais inferiores bons, que o comunicam aos menores, mas, como esses espíritos

maiores divinos têm uma perfeita correspondência com os espíritos superiores, e estes com a Divindade, não há nenhuma comparação possível entre as faculdades desses maiores bons e as potências limitadas do príncipe dos demônios. Para vos instruir perfeitamente da correspondência que reina entre todos os seres espirituais bons, voltarei aos quatro círculos supracelestes sobre os quais vos falei. Esses quatro círculos são também chamados de círculos espirituais divinos, porque são contíguos ao círculo da Divindade e contêm somente seres espirituais desprovidos de corpo de matéria. Esses espíritos não são todos denários, mas cada ser espiritual habitante desses círculos recebeu, no instante de sua emancipação, as leis divinas particulares pelas quais ele deve operar sua potência. Assim, nenhum ser habitante de um desses círculos opera as mesmas ações nem as mesmas potências que os habitantes dos outros círculos. Considerai, Israel, a figura que vos apresento: nela reconheceréis as classes que compõem a corte da Divindade; nela vereis claramente como se opera a quátripla essência do Criador, não somente em todos os seres espirituais emanados dele, mas ainda em toda sua criação universal; nela aprendereis que o Eterno criou e emanou tudo, e que a todo instante ele cria e emana de si todas as coisas, através de regras fixas e imutáveis, isto é, através de peso, número e medida. Essas três coisas significam a lei, o preceito e o comando dados aos seres espirituais divinos; significam ainda a virtude, a faculdade e a potência que o Criador colocou em seu menor, desde sua emancipação, para que ele operasse segundo seu pensamento, sua intenção e sua palavra, nas quatro regiões celestes e nas três terrestres. Tudo isso vos será ensinado por essa mesma figura. Convencer-vos-ei de que nada fostes até o presente senão um ser de trevas, ao qual o Criador houve por bem devolver a luz espiritual que havíeis inteiramente perdido. Convencer-vos-eis ainda de que vossa emanação espiritual e

vossa potência são infinitamente mais consideráveis que as de todos os seres espirituais emanados antes de vós. Ouvi, pois, com atenção, Israel, a demonstração e a explicação que vos darei dos diferentes círculos e das diferentes partes que compõem o quadro universal que coloco ante vossos olhos."

224 — Grande discurso de Moisés (continuação): *Explicação do quadro universal.*

"Falar-vos-ei pouco da imensidade divina porque seria preciso ser a própria Divindade para poder ler naquele lugar onde os seres espirituais mais perfeitos não saberiam penetrar, exceto o próprio Deus. A primeira parte desse quadro é composto de quatro círculos. O primeiro círculo, contendo o número denário, 10, é o círculo espiritual divino; o centro desse círculo é o modelo, ou a figura, da Divindade, de onde provêm toda emanção e toda criação. Vedes sair desse centro uma forma triangular que tem dois círculos colocados em seus vértices inferiores. Vedes também, defronte a esse círculo denário, um quarto círculo, de cujo centro sai igualmente uma forma triangular, dois vértices da qual correspondem às extremidades da base do primeiro triângulo. São esses quatro círculos que fazem o verdadeiro modelo da quátripla essência divina, ou seja, o primeiro círculo, por seu número denário, ou 10, representa a unidade absoluta da Divindade. Dessa unidade divina, saiu todo pensamento de emanção espiritual e de criação de potência espiritual temporal, bem como o princípio da ação de toda forma de corpo de matéria aparete. O segundo círculo, contendo o número 7, é o dos espíritos maiores. E a primeira emanção espiritual que o Criador emancipou do círculo de sua Divindade; assim, esses espíritos são depositários da lei do Criador. O terceiro círculo, contendo o número 3, é o dos espíritos inferiores. É a segunda emanção espiritual emancipada do círculo da Divindade; assim, esses

espíritos são depositários do preceito do Criador. O quarto círculo, contendo o número 4 e que está defronte ao círculo denário, é o dos espíritos menores. É a terceira emanção espiritual emancipada do círculo da Divindade; assim, esses espíritos são depositários do comando espiritual divino. Eles têm toda potência sobre todo ser espiritual emancipado pelo Criador na imensidade supraceleste. Não vos será difícil, Israel, conceber quanto a potência desse espírito menor é superior à de todos os outros espíritos emanados e emancipados antes dele, seja dos que operam na imensidade supraceleste, seja dos que operam na imensidade da criação universal. Para esse efeito, considerai a posição dos dois triângulos de que vos falei. Vedes que, do centro do círculo quaternário, ou círculo menor, emana um triângulo cujos dois lados vão terminar nas extremidades da base do primeiro triângulo; vedes que nas extremidades dessa base estão colocados dois círculos, ou seja, o dos espíritos maiores, 7, e o dos espíritos inferiores, 3. Isso vos prova bem claramente a potência e a palavra do comando dado ao menor sobre os habitantes desses dois círculos. Vedes, aliás, a sujeição desses dois círculos ao ser espiritual menor, pela junção íntima que há entre a base do triângulo superior e a base do triângulo inferior, e esta junção vos ensina ainda a perfeita correspondência que todos os seres espirituais têm com o Criador do qual emanaram. De resto, essa superioridade da potência do menor não vos surpreenderá se refletirdes sobre o objetivo para o qual ela lhe foi dada pelo Criador. Os dois círculos nos quais o menor comanda foram maculados pela prevaricação dos espíritos maiores, que foram expulsos do seu círculo, arrastando com eles uma grande quantidade de espíritos dos dois círculos maiores, 7, e inferiores, 3. Eles foram expulsos de sua morada espiritual por terem causado nela uma horrível dissensão, pelos crimes enormes que eles foram tentados a operar e por terem seduzido, mediante sua intenção criminosa,

a maioria dos habitantes desses dois círculos, que aquiesceram à vontade dos principais espíritos demoníacos. Mas a corrupção não se comunicou até o círculo quaternário do menor, razão pela qual o Criador deu a este ser menor uma potência tão absoluta sobre os dois outros círculos, e também porque ele o destinava a manifestar a glória e a justiça divinas contra os espíritos prevaricadores. Mas o Criador não ficou mais satisfeito com a preferência que ele deu ao seu menor do que o ficara com a potência dada aos primeiros espíritos perversos. Ao contrário, o primeiro menor tornou-se infinitamente mais culpado do que o foram os demônios. O Criador havia detido a ação e a operação do pensamento dos demônios, mas não deteve a ação e a operação iníqua do primeiro menor. Esse menor agiu e operou tudo o que o seu pensamento mau concebera, e foi isto que o tornou tão criminoso perante o Criador. A partir disso, os menores se tornaram dependentes dos dependentes que haviam sido submetidos à sua potência e ao seu comando de ser espiritual menor, o que não teria acontecido ao primeiro menor nem à sua posteridade se ele não tivesse posto em execução o seu pensamento iníquo e contrário à vontade do Criador. Sim, Israel, é a pura verdade que vos falo: em vosso primeiro princípio de ser menor, éreis muito poderosos a favor e contra todo ser espiritual que habita no supraceleste e no universo, vossa potência se elevava até a mais alta região da glória do Criador, vosso lugar era defronte à Divindade, conforme vos marca o círculo menor que está defronte ao círculo denário, ou círculo divino. Não é surpreendente que esse círculo menor tenha sido tão elevado em potência, uma vez que ele não foi maculado e que só o foi pela prevaricação do primeiro homem. Sabei que esse lugar existe e existirá eternamente, em toda a sua propriedade. Ele foi maculado pela prevaricação de Adão, mas foi purificado pelo Criador, como vos assegura a reconciliação do primeiro

homem. Sim, é nesse santo lugar que a posteridade menor espiritual de Adão deve ser reintegrada. Ele é o primeiro domo que o menor habitou, desde sua emancipação divina, e a prevaricação do primeiro homem o excluiu dele por toda a duração do tempo. Vede que é a emancipação desse círculo menor que designa e completa a quátripla potência divina, sem a qual o menor não teria nenhum conhecimento perfeito da Divindade. A emanação desse círculo não teria acontecido sem a prevaricação dos demônios; sem esta prevaricação, não teria havido criação material temporal, seja terrestre, seja celeste; sem ter havido nem uma nem outra, não haveria imensidade supraceleste; toda ação de emanação espiritual teria sido feita na imensidade divina, assim como toda espécie de criação de potência para os espíritos emanados nessa mesma imensidade. Considerai, pois, o que ocasionou a prevaricação dos espíritos maus; refleti sobre essa criação universal, refleti sobre vossa emanação. Aprendereis a entender a necessidade de toda coisa criada e a de todo ser emanado e emancipado. Vereis que todas essas coisas são ordenadas pelo Criador para serem e agirem em íntima correspondência, conforme vos ensina a reta que emana do centro do círculo denário e se corresponde, com precisão, do supraceleste e do celeste até o corpo geral terrestre e o centro do eixo fogo central, fogo que é o princípio da vida de todo ser de corpo criado, fogo que mantém todas as formas, seja a geral, sejam as particulares, em equilíbrio, sem o qual nenhum ser pode ter vida e movimento, fogo que limita a imensidade do universo e o curso do movimento e da ação de todo ser contido na criação universal."

225 — Grande discurso de Moisés (continuação): *Tudo neste mundo provém da quátripla essência divina.*

E necessário que eu vos instrua agora de que modo tudo o que existe neste mundo provém da quátripla potência divina.

Observai a correspondência e a íntima ligação que há entre o círculo saturnário e o do Sol, entre o de Mercúrio e o de Marte, e vede como eles repetem a verdadeira figura do supraceleste. Assim, esses quatro círculos são chamados de círculos maiores celestes, mais fortes em ação e reação do que os três círculos planetários que se encontram abaixo deles. Isso é assim em virtude da imediata proximidade que esses quatro planetas maiores têm com o supraceleste. Não é espantoso, então, que eles influam e governem, por sua poderosa virtude, os três planetas inferiores ligados aos três ângulos do último triângulo celeste. É por esses três últimos planetas, vulgarmente chamados de Júpiter, Vênus e Lua, que o corpo geral terrestre é substanciado, para operar segundo sua natureza, e que ele é mantido no movimento e na ação própria e conveniente à vegetação que lhe é natural. Júpiter, como líder dos dois outros planetas, coopera para a putrefação, posto que não há reprodução sem putrefação. Vênus coopera para a concepção, posto que, sem a concepção, o seminal reprodutivo de cada ser de forma permanece sem efeito. E a Lua, círculo sensível ou invólucro úmido, coopera, por seu fluido, para modificar e mitigar a ação e a reação dos dois principais líderes da vivificação corporal temporal, que são o eixo central e o corpo solar. Esses dois líderes são, por sua ligação e sua íntima correspondência, os primeiros a cooperarem para a ação de todos os corpos que ornaram este universo."

226 — Grande discurso de Moisés (continuação): *Os dois líderes principais da vivificação corporal: o eixo fogo central e o sol.*

O principal desses dois líderes é o eixo fogo incriado, que dá a vida e o movimento a toda espécie de corpo, e o sol é o segundo líder, aquele que age, reage e vivifica a vegetação de todos os corpos particulares e do corpo geral terrestre. O Sol é

considerado, neste universo, como o astro superior a todos os outros, e isto porque ele é o astro mais adequado para ser a feição do fogo eixo incriado. Por isso se pode dizer que o Criador colocou seu tabernáculo no sol. Isso não é surpreendente, uma vez que o sol é o astro que divide a distância que há entre o círculo divino, ou denário, e o planeta mais inferior, que é a lua, como podeis ver. Ele não está abaixo de todos os círculos espirituais supracelestes? Não está também abaixo do círculo saturnário? Não apresenta o número seis, pela posição que ocupa a partir do supraceleste? Se preferirdes começar a contar do círculo lunar, não descobrireis que o sol apresenta de novo o mesmo número seis? É por essa posição ou lugar senário que o sol faz o coroamento dos seis pensamentos que foram empregados pelo Eterno para a criação universal. Aprendestes que o Criador terminou todas as suas obras em seis dias e que, no sétimo, toda a criação foi tornada perfeita; assim também, o sol aperfeiçoa a vegetação provinda do círculo terrestre, porque, unindo-se aos seis outros círculos planetários, o sol se vê com uma ação septenária, modelo e figura do septenário que o Criador empregou para a realização de toda coisa temporal."

227 — Grande discurso de Moisés (continuação): *Os seis dias da criação.*

"A designação *dias* que dou às seis operações da criação não pode pertencer ao Eterno, que é um ser infinito, sem tempo, sem limites e sem extensão; contudo, esses seis dias anunciam a duração e os limites do curso da matéria, isto é, a matéria durará seis mil anos em toda sua perfeição e, no sétimo, cairá numa terrível decadência, na qual subsistirá até a sua inteira dissolução. Vede, pois, pelo que venho de vos dizer, que o número septenário, que deu perfeição a todo ser criado, é o mesmo que destruirá e abolirá todas as coisas. Assim como ele operou no princípio para fazer subsistir tudo o que existe neste

universo material, assim também operará no fim para a demolição de sua obra. Lembrai-vos ainda de que os seis mil anos que dei para a duração da criação universal são um tempo muito curto para vós e ainda mais curto para o Eterno, posto que para ele mil anos são como um dia. Mas, repito-vos, não vejais esse dia como um tempo nem como um dos nossos dias temporais, aos quais o Eterno não pode se sujeitar. Cada um desses dias, ou desses seis mil anos, deve ser considerado apenas como a duração da operação dos seis pensamentos divinos. Quando o efeito, ou a operação, de cada um desses pensamentos for realizado, o Criador o retomará para si com a mesma prontidão e facilidade com que o concebeu para a criação de sua obra. Assim, do mesmo modo como tudo terá subsistido numa sucessão, de graus em graus, pela ordem divina, assim também tudo se aproximará de seu fim por gradação e retornará ao seu primeiro princípio. Fiz com que vísseis que o sol contém o número senário, seguindo do círculo divino até ele; parti agora do círculo terrestre e remontai até Mercúrio: igualmente encontrareis 6; adicionai esses dois números 6 e tereis 12. É por esse número que aprendeis a entender o intervalo dos nossos dias, das nossas semanas, dos nossos meses, das nossas estações e dos nossos anos, que sempre foram de natureza tal qual conhecemos (o que será explicado mais adiante). Foi a partir disso que Adão e sua posteridade regularam os tempos e as estações para o culto divino. O número 12 vos dá 3, número que é o princípio de toda forma corporal, conforme vos indica o último triângulo da figura, apoiado no eixo fogo central."

228 — Grande discurso de Moisés (continuação): *Saturno age em harmonia com o eixo fogo central e o sol.*

"O sol é visto, com justa razão, como o principal agente da perfeição de toda vegetação, visto que é graças a ele que

colhemos e usufruímos os frutos de nossa terra, em sua qualidade de feição do eixo fogo central; é ele que sustenta o princípio da vida passiva de todos os corpos particulares esféricos inferiores a ele; é também por sua ação poderosa que distinguimos os corpos mais elevados do firmamento, e, sem isto, tudo estaria em privação de luz elementar. Mas para vos convencer de que esse astro é, depois do eixo fogo central, o principal agente deste universo, aprendei que é ele que dirige e governa o curso de todos os astros, em harmonia com Saturno e com o eixo fogo central, e é principalmente por meio desses três agentes que se operam todas as leis dadas pelo Criador para a duração da criação universal. Aprendei a reconhecer quanta relação essa harmonia tem com a nossa, pois, posto que esses seres têm uma correspondência com a Divindade, por que pretenderíeis que nossa alma espiritual não fosse igualmente susceptível de corresponder com o Criador? Com efeito, todos os seres têm uma faculdade e uma propriedade diferente uns dos outros, cada qual recebeu uma lei diferente para operar segundo os diferentes empregos a que o Criador o destinou. Mas é sempre do Criador único que provém todo princípio de vida, seja corporal, seja espiritual, de tudo o que pode existir."

229 — Grande discurso de Moisés (continuação): *O eixo fogo central.*

O eixo fogo central é aquilo que melhor pode vos fazer sentir essa verdade. Esse eixo central, que é o agente geral, particular e universal, que é contíguo aos círculos supracelestes, é o órgão dos espíritos inferiores que o habitam e nele operam sobre o princípio da vida e sobre o princípio da matéria corporal aparente. Os espíritos inferiores, tendo apenas uma potência limitada, devem ser, por sua vez, o órgão dos espíritos maiores divinos e os espíritos maiores são o órgão da Divindade. Vedes,

então, que a correspondência do eixo central com a Divindade é quaternária. Pois bem, vossa correspondência orgânica é positivamente semelhante àquela de que venho de vos falar. Vosso corpo não proveio desse primeiro princípio de matéria aparente? Esse corpo não encerra um veículo desse fogo eixo incriado, que é o princípio da vida material, sem a qual vossa forma não subsistiria? Se vosso corpo encerra um veículo dessa vida passiva material, ele deve ter a mesma faculdade orgânica que o eixo central de onde essa vida passiva proveio. Assim, vosso corpo torna-se um órgão necessário à vossa alma espiritual, como o eixo central é o órgão dos espíritos inferiores que o habitam; ora, vossa alma é o órgão do espírito maior e o espírito maior é o órgão da Divindade. Assim, encontrais em vós a repetição do número quaternário que vos faz corresponder com vosso Criador; tendes, portanto, a mesma faculdade e a mesma propriedade que o eixo central universal, e ambos contendes o número quaternário, isto é, o eixo central, 1, órgão dos espíritos inferiores, 2; estes, órgãos dos espíritos maiores, 3, e os espíritos maiores, órgãos da Divindade, 4. Do mesmo modo, Israel, vosso corpo, 1, órgão de vossa alma, 2; vossa alma, órgão do espírito maior, 3; e os espíritos maiores, órgão da Divindade, 4. Adicionai os números dessas duas classes, de 1 até 4, e vereis claramente que tudo proveio e tudo existe pelo famoso número divino, que é o número denário."

230 — Grande discurso de Moisés (continuação): *Essências e formas corporais próprias dos espíritos emancipados no mundo.* "Disse-vos há pouco que, seguindo do círculo terrestre até o círculo divino, encontraríeis o número 12, que foi o princípio da divisão do tempo, e o número 3, que foi o princípio de toda forma corporal. Se multiplicardes o número 3 pelo quaternário, sobre o qual venho de vos falar e que se encontra exatamente nos três mundos, o terrestre, o celeste e o supraceleste, tereis

como produto o mesmo número 12, ou 3, que vos confirmará que a forma corporal de todos os seres existentes nesses três mundos provém dos três princípios: enxofre, sal e mercúrio, dos quais já vos instruí. Com efeito, nenhum ser pode se revestir da substância de uma forma aparente sem que ela seja composta desses três princípios. Talvez vos surpreenda que eu vos fale de forma corporal para os habitantes do supraceleste; deveis sentir, entretanto, que todo ser emancipado, para operar temporalmente as vontades do Criador, produz para si um invólucro corporal que serve de véu à sua ação espiritual temporal. Sem esse invólucro ele nada poderia operar sobre os outros seres temporais sem consumi-los pela faculdade inata que o espírito puro tem de dissolver tudo de que ele se aproxima. Esse invólucro corporal glorioso de que se revestem os habitantes espirituais do supraceleste, bem como os habitantes espirituais do celeste e do terrestre, não é outra coisa senão a produção de seu próprio fogo. Esses seres espirituais têm, quanto a isso, a mesma propriedade que os espíritos do eixo central; estes têm em si o poder de fazer emanar de seu fogo as três essências fundamentais de todos os corpos materiais; os outros têm neles igualmente o poder de fazer emanar de seu fogo as três essências fundamentais de seu próprio corpo, ou forma gloriosa. A operação de ambos, quanto a isso, é absolutamente a mesma. Todavia, há uma enorme diferença na ação dessas espécies de espíritos: cada espírito do eixo tem em si apenas uma única ação; assim, cada um deles só pode operar uma única espécie de forma; mas só podem operar essa única ação e essa única forma depois da operação imediata de um ser superior que os comande e disponha deles segundo sua vontade e segundo a vontade do Criador. Entretanto, os seres espirituais habitantes dos três mundos, porque têm de operar ações mais importantes e mais amplas, podem a todo instante

produzir para si novas formas e variá-las ao infinito, segundo sua necessidade e o objetivo a ser atingido. É bem verdade que esses seres espirituais, bem como os espíritos do eixo, não podem agir sem ter recebido a ordem do Criador, mas, quando eles a recebem, possuem tudo o que é necessário para executá-la por si mesmos, ao passo que os espíritos do eixo são simples sujeitos que só agem à proporção que são conduzidos, porque não possuem a inteligência."

231 — Grande discurso de Moisés (continuação): *Os puros espíritos na imensidade divina.*

"Eis o que deve vos fazer conceber quanto as essências e as formas corporais dos seres espirituais habitantes dos três mundos são mais puras e mais sutis do que as que provêm dos espíritos do eixo. Podereis me perguntar se as mesmas essências espirituosas existem igualmente na imensidade divina, onde reside uma infinidade de espíritos. Responderei que as quatro classes de espíritos superiores, maiores, inferiores e menores terrestres, habitando na imensidade divina, sempre tiveram de operar neste lugar apenas ações e operações espirituais divinas, sem nenhuma mistura de operação material. É por isso que nenhuma essência espirituosa jamais pôde existir e jamais existirá nesse lugar divino que é a morada dos espíritos puros, lugar onde se opera toda emanção divina e de onde provém toda espécie de emancipação. Das quatro classes de espíritos puros, a superior e a maior nunca tiveram em si nenhuma lei de produção de essências espirituosas; assim, esses seres são chamados de espíritos superiores e maiores puros e divinos, e sua ação é infinitamente mais importante que a ação das duas outras classes, como sua denominação o ensina. Os espíritos dessas duas últimas classes, ao contrário, tinham neles essa lei de reprodução de essências espirituosas temporais, mas receberam a potência de operá-la somente no momento de sua

emancipação, para a formação do mundo temporal que devia servir para o molestamento dos espíritos prevaricadores, o que vos explicarei depois de vos instruir das diferentes leis e potências que o Criador deu aos diferentes espíritos emancipados de sua imensidade. Sabeis que a primeira classe desses espíritos é a do superior, assim ela contém o número denário; a segunda é a do maior, seu número é o septenário; a terceira é a do inferior, seu número é o ternário; e a quarta é a do menor, contendo o número quaternário. Essas quatro classes vos ensinam que o quaternário pertence diretamente ao Criador e que todos os seres emanados e emancipados, bem como suas leis e suas potências, provêm do número quaternário, ou da quátripla essência da Divindade, que tudo encerra. Se somardes o número quaternário com o número 12, produto do quaternário dos três mundos temporais pelo número 3, encontrareis o número 16, ou 7, produto espiritual que vos prova que nada existe nem pode existir senão pelo espírito e vos prova também que toda emanção é espiritual. Vistes que os espíritos que residem na imensidade divina possuem ações e potências puramente espirituais, e isto não poderia ser de outro modo, posto que todo espírito que age e opera perante a Divindade não pode estar sujeito ao tempo. Entretanto, os espíritos que agem e operam no supraceleste, no celeste e no terrestre, sendo destinados a realizar a manifestação temporal da justiça e da glória do Criador, possuem potências e operações espirituais temporais limitadas por sua sujeição ao tempo. Quando o tempo houver passado, esses espíritos não passarão, apenas mudarão de ações e de operações, isto é, serão recolocados em seu primeiro princípio de operações puramente espirituais divinas, tais quais os espíritos que habitam atualmente a imensidade divina."

232 — Grande discurso de Moisés (continuação): *Mistério da imensidade divina.*

"Não deveis crer que os lugares que os espíritos que hoje são temporais ocupavam na imensidade divina, antes do estabelecimento do tempo, tenham ficado vazios depois que eles foram emancipados por suas operações espirituais temporais. Não pode existir nenhum vazio junto ao Criador nem em sua imensidade: uma vez que a imensidade divina não tem limites, todos os espíritos nela encontram facilmente seu lugar tão logo são emanados do seio do Criador, e, além disto, esta imensidade se amplia à proporção que o Criador emana espíritos de seu seio. E isso que vos faz perceber que é impossível admitir um cheio ou um vazio na imensidade divina, que aumenta e aumentará sempre pela emanção infinita que o Criador opera e operará continuamente. Não deveis crer também que os espíritos que o Criador emana incessantemente de seu seio se disponham de modo desordenado e confuso, indistintamente, como um bando de homens ou de animais dispersos ao sabor de seu capricho. Esses seres divinos recebem, com a emanção, leis e potências em consonância com suas faculdades de operações espirituais divinas; por conseguinte, eles assumem seus lugares nas diferentes classes espirituais de que vos falei e nas quais cada qual realiza sua operação específica. Eis o que constitui essa famosa imensidade divina, incompreensível não somente aos mortais, mas até mesmo a todo espírito emanado. Esse conhecimento pertence exclusivamente ao Criador."

233 — Grande discurso de Moisés (continuação): *Emanação do homem.*

"Deveis notar, Israel, que, entre essas classes espirituais criadas antes do tempo na imensidade divina, a classe menor ternária não era então a do menor espiritual divino quaternário,

ou do homem. Com efeito, deveis estar suficientemente instruídos para saber que o menor não era ainda emanado e que a ordem da emanção dos menores espirituais só começou após a prevaricação e a queda dos espíritos perversos. Para vos fazer conhecer essa emanção espiritual, bem como a mudança que o crime dos demônios ocasionou nas ações e operações dos habitantes da imensidade, dir-vos-ei em verdade, em nome do Eterno, que, tão logo os espíritos perversos foram banidos da presença do Criador, os espíritos inferiores e menores ternários receberam a potência de operar sua lei inata de produção de essências espirituosas, a fim de conter os prevaricadores nos limites tenebrosos de privação divina. Ao receberem essa potência, eles foram imediatamente emancipados; sua ação, que era puramente espiritual divina, foi mudada tão logo o espírito prevaricou; passaram a ser então apenas seres espirituais temporais, destinados a operar as diferentes leis que o Criador lhes prescrevia para a inteira realização de suas vontades. Foi então que os menores espirituais quaternários foram emanados da Divindade e ocuparam, na imensidade divina, a classe da qual os espíritos menores ternários vinham de ser emancipados para operar temporalmente."

234 — Grande discurso de Moisés (continuação): *Mudança causada pela prevaricação dos espíritos perversos e intervenção do homem.*

"Deveis saber, Israel, que a mudança operada pela prevaricação dos espíritos perversos foi tão forte que o Criador fez força de lei não apenas contra os prevaricadores, mas até mesmo nas diferentes classes espirituais da imensidade divina. Deveis conceber isso pela vida de confusão que levais aqui, pela criação do tempo e pelas diferentes ações que se operam no supraceleste, no celeste e no terrestre, onde tudo vos ensina

a mudança universal produzida por essa prevaricação. Entretanto, como essa prevaricação aconteceu antes que os menores fossem emanados, eles não puderam receber dela nenhuma mácula e nenhuma comunicação; por isto, nessa ocasião, não aconteceu nenhuma mudança em sua classe e é por esta razão que eles foram os depositários da maior potência da Divindade. Sim, Israel, a temível potência quaternária lhes foi confiada, e isto não poderia ser de outro modo. Esses menores eram espíritos puros e sem mácula, emanados do seio da própria justiça e da própria santidade para manifestar a glória e a força do Criador. Eles não tiveram nenhum conhecimento do mal, nem direta nem indiretamente. Era, pois, apropriado que o Criador cumulasse com todos os seus dons seres tão justos e que lhes desse poderes de acordo com a natureza espiritual e com o designio que ele tinha ao emaná-los de seu seio. Eis de onde vem a grandeza da potência e da virtude do menor, e eis por que suas leis de ações e de operações não foram perturbadas pela mudança que a prevaricação dos espíritos perversos ocasionou nas outras classes da imensidade divina. Essa potência do homem era tão considerável que, a despeito de sua própria prevaricação, ele continuou superior a qualquer outro espírito, emanado ou emancipado. Com efeito, podeis ver, pela figura, que nenhum ser espiritual conservou tão distintamente quanto o espírito menor a correspondência direta e principal com o Criador. Vede a linha perpendicular que desce do centro do primeiro círculo supraceleste até o centro do corpo geral terrestre, representado pela figura triangular, é esta perpendicular que denota vossa superioridade sobre todos os seres. O Criador quis tanto conservar a autoridade poderosa do menor que, apesar de ele ter prevaricado, o Criador distinguiu a força de lei que ele usou para com esse menor da que ele usou para com os primeiros espíritos prevaricadores: estes foram condenados por um

decreto do Eterno a agir unicamente em privação divina, durante toda uma eternidade temporal, e a não ter nenhuma comunicação do Criador nem de suas inteligências; o menor, ao contrário, não perdeu essa comunicação e conservou sua faculdade e a potência primeira que ele recebera desde sua emanção no corpo universal. O Criador, porém, não podendo deixar impune a falta do homem, mudou as leis de ação e de operação espirituais que os menores teriam a fazer neste universo; e esta foi a maneira como o Criador fez força de lei contra seu menor."

235 — Grande discurso de Moisés (continuação): *Mudança das leis da ação e da operação do menor após sua prevaricação*. "Se me perguntardes qual foi a mudança das leis da ação e da operação do menor, responderei que deveis entender que o menor, desde sua prevaricação, ficou obrigado a operar como um ser puramente espiritual temporal, sujeito ao tempo e ao castigo do tempo, ao passo que, em seu primeiro princípio, sendo homem-Deus da terra e de toda a criação, ele não poderia estar sujeito a esse castigo do tempo. Desde sua prevaricação, provieram dele formas corporais materiais e sujeitas, como a sua, ao castigo temporal, ao passo que, se tivesse permanecido em seu estado de glória, teriam emanado dele apenas formas corporais espirituais e impassivas, para cuja criação o verbo era inato nele. Tal é a mudança que se fez nas leis de ação e de operação do primeiro menor: ele tinha a potência, em seu estado de glória, de fazer uso das essências puramente espirituais para a reprodução de sua forma gloriosa, ao passo que, desde seu crime, estando condenado a se reproduzir materialmente, passou a poder fazer uso unicamente das essências espirituosas materiais para a sua reprodução. Disse-vos que Adão tinha inato em si o poderoso verbo de criação de sua forma espiritual gloriosa. Podeis

facilmente vos convencer disso refletindo que, para operar hoje a reprodução de vossa forma material, é necessário terdes em vós um verbo que aja, emane e emancipe fora de vós essências espirituosas, segundo vossa lei de natureza espiritual temporal; pois, para procriar vossa semelhança corporal, não tendes o concurso de outros princípios de essências espirituosas além dos que são inatos em vós e, se quisésseis, por vossa iniciativa, empregar princípios opostos à vossa substância de ação e de operação espiritual divina e temporal, disto não proviria nenhuma reprodução, ou, se proviesse alguma, ela ficaria sem participação de operação divina e seria colocada na classe dos animais; seria até mesmo vista como um ser sobrenatural e repugnaria a todos os habitantes da natureza temporal. Não duvideis, Israel, de que, porque tendes inato em vós um verbo de reprodução material, vosso primeiro pai tivesse nele um verbo de reprodução espiritual e gloriosa. Essa mudança terrível a que o Criador sujeitou Adão era o castigo mais ínfimo que ele podia infligir ao seu menor prevaricador, posto que o crime deste menor foi tão violento e tão considerável quanto o fato de a abominação e o escândalo dessa iníqua operação ter penetrado até a corte divina. A prevaricação dos primeiros espíritos já havia maculado essa corte divina, como vos disse antes, e, como consequência, essa mácula sujeitou todos os seres espirituais que habitavam as diferentes classes dessa corte a uma mudança em suas leis de ação e de operação. Mas como a prevaricação do primeiro homem foi infinitamente maior que a dos demônios, os espíritos que habitavam a imensidade sentiram uma atração ainda mais forte do que a primeira vez e essa maldita operação do homem operou sobre eles uma nova mudança em suas leis de ação e de operação, isto é, no instante do crime de Adão, o Criador fez força de lei sobre os seres espirituais de sua imensidade e suas leis de ação e de operação espirituais não foram mais iguais ao que eram não somente

antes da prevaricação dos primeiros espíritos, mas até mesmo quando da emanção do primeiro homem. O Criador fez força de lei também sobre os espíritos divinos temporais e sobre o seu menor prevaricador. Vede quais foram as consequências dessa horrível prevaricação."

236 — Grande discurso de Moisés (continuação): *lei divina e lei humana.*

"Não pretendais jamais, Israel, fazer comparação entre a força das leis de que os homens se servem entre si e aquela que o Eterno empregou contra sua criatura espiritual e temporal. As leis que os homens estabeleceram entre si são todas materiais e baseadas meramente nas convenções humanas; tanto é verdade que elas nunca poderiam ter lugar sem o concurso de um número de homens proporcional à intenção do líder temporal, legislador do povo que ele governa. Assim, a execução das leis temporais nem sempre é plena e perfeita, mas a lei divina requer apenas a mera vontade do Criador para ter seu cumprimento. O Criador, para colocar um ser em privação divina, não se apoia nem no auxílio de sua corte divina nem no dos seres espirituais divinos temporais, e muito menos sobre o emprego das maneiras grosseiras em uso entre os homens; basta simplesmente seu pensamento e sua vontade para que tudo aja segundo seu desejo. Eis qual é a infinita diferença entre a força da lei divina eterna e imutável e a força da lei humana, que passa e desaparece tão prontamente quanto a forma corporal do homem desaparece da terra depois que o espírito menor se separa dela."

237 — Grande discurso de Moisés (continuação): *Duas prevaricações, duas mudanças na imensidade divina.*

"Sem dúvida, pedir-me-eis, Israel, que eu vos instrua sobre em que consiste a mudança das leis de ação e de operação

sobrevinda aos habitantes da imensidade pela prevaricação dos primeiros espíritos e sobrevinda a todos os seres espirituais, divinos ou temporais, pela prevaricação do primeiro homem. Responderei que, como houve duas prevaricações, houve igualmente duas mudanças nas leis de ação e de operação dos habitantes da imensidade, mudanças que consistem em que esses seres, que antes tinham apenas funções puramente espirituais, tornaram-se mais ou menos sujeitos ao temporal, o que vos farei compreender. Pela prevaricação dos primeiros espíritos, o tempo e o universo material foram criados. Então, os habitantes das diferentes classes da imensidade foram empregados para contribuir na manutenção e na duração fixa do universo. Mas, pela prevaricação do homem, esses mesmos espíritos, que já estavam sujeitos à manutenção do temporal material, foram ainda sujeitos a contribuir para a reconciliação e a purificação dos menores, para cuja reconciliação esses espíritos agem sobre a alma espiritual dos homens e sobre outros seres espirituais que conhecereis adiante. E para essas duas espécies de ações que os espíritos divinos são empregados parcialmente em favor do temporal, embora não estejam sujeitos ao tempo. Sim, Israel, repito-vos, sem a prevaricação do homem os espíritos divinos teriam sido sujeitos apenas de uma única maneira ao temporal, mas sem a prevaricação dos primeiros espíritos eles não o teriam sido de modo algum. Sem essa primeira prevaricação nenhuma mudança teria sobrevindo à criação espiritual, não teria havido nenhuma emancipação de espíritos para fora da imensidade, não teria havido nenhuma criação de limite divino, supraceleste, celeste ou terrestre, nem nenhum espírito enviado para agir nas diferentes partes da criação. Não podeis duvidar de tudo isso, pois os espíritos menores ternários jamais teriam deixado o lugar que ocupavam na imensidade divina para operar a formação de um universo material. Por conseguinte, Israel, os menores

jamais teriam sido possuidores deste lugar e não teriam sido emanados de sua primeira morada ou, se aprouvesse ao Criador emaná-los de si, jamais teriam recebido todas as ações e as faculdades poderosas de que ele foi revestido preferencialmente a todo ser espiritual divino emanado antes dele."

238 — Grande discurso de Moisés (continuação): *Superioridade do homem sobre todas as classes de espíritos*. "Para vos convencer de que a faculdade e a potência do homem são como vos digo, lembrai-vos, Israel, de que o menor foi chamado pelo Eterno de homem-Deus e comandante de todo ser temporal e espiritual. Lembrai-vos de que o Eterno colocara irrestritamente no homem toda sua indulgência, todo seu afeto, e de que ele o revestiu de toda potência espiritual divina, como sendo o próprio ato da quátripla essência da Divindade. Assim, vedes pela figura, que ele está colocado defronte ao círculo superior denário, cujo centro corresponde à Divindade. É isso que vos prova que a potência do primeiro menor era bem maior que a dos outros menores que habitam nos diferentes corpos planetários e no corpo geral terrestre. Observai, com efeito, as diferentes localizações dos corpos que formam a figura universal, na qual opera toda a natureza espiritual maior, inferior e menor. Vedes, em verdade, que no mundo celeste como no mundo terrestre o círculo menor está defronte ao seu superior, mas nenhum deles está imediatamente defronte ao círculo denário, do supraceleste, e é somente ao homem, ou ao menor espiritual divino, que esse local é dado pela Divindade. Assim, vedes que o círculo dos menores forma o vértice saliente do triângulo inferior supraceleste. Vedes, ademais, que os dois outros círculos, isto é, o dos maiores, 7, e o dos inferiores, 3, estão defronte apenas a si mesmos, para se comunicarem diretamente as ordens que eles recebem e que receberão do

Criador até o fim dos tempos, relativamente às suas ações espirituais temporais. Isso vos prova, portanto, não somente a superioridade do homem sobre todos os menores que habitam o corpo terrestre e os corpos planetários, mas também sobre todas as classes de espíritos. Concebei sobretudo a inferioridade, em relação a ele, dos espíritos maiores e inferiores, observando como se opera sua potência de ação. Essas duas classes de espíritos são destinados particularmente à conservação do tempo e à da matéria, o que faz com que eles só possam operar em latitude universal. O menor, ao contrário, não estando absolutamente destinado à conservação nem à manutenção do universo, comandava até mesmo essas duas espécies de espíritos e sua potência se estendia na imensidade da longitude. É por isso que esses dois círculos, maiores e inferiores, estão fora da perpendicular, que pertence apenas ao círculo menor do homem-Deus. Mas, para terminar de vos convencer da inferioridade desses dois círculos, observai que ela é denotada pelo número septenário e ternário dos mesmos. Cada um deles, em sua particularidade, não pode perfazer o perfeito número denário do Criador. Para isso, é necessário uni-los da seguinte maneira: $7 + 3 = 10$. O menor, ao contrário, anuncia, por seu número quaternário, quão superior é a sua potência. De fato, o menor, sendo emanado da quátripla essência, continha necessariamente o número de sua emanção, que o distinguia de todas as emanções espirituais feitas antes dele e o colocava acima de todo ser espiritual emanado. Ele era o ser mais puro e mais perfeito, sem falar da ação distinta do Eterno, que é o Cristo, nem de sua operação, que é o Espírito Santo: nenhum deles está compreendido em nenhuma espécie de emanção nem de emancipação. Suas ações e suas operações sempre foram e sempre serão puramente espirituais divinas, sem nenhuma sujeição ao tempo nem ao temporal."

239 — Grande discurso de Moisés (continuação): *O homem contém 4.*

"O primeiro menor continha, portanto, Israel, o temível número de sua origem, número co-eterno com a Divindade e que vos represento aqui numa única figura: 4. Essa figura designa claramente o número quaternário por suas três bases colocadas em junção e pelo ponto que está no centro. Subdividi esse número 4 pelos números que são inatos nele e não somente encontrareis o número denário da Divindade, como também aprenderéis fisicamente que é desse número denário que provém todo ser espiritual maior, inferior e menor, bem como toda lei de ação, espiritual ou espirituosa. A adição dos quatro números compreendidos no quaternário vos dá 10, deste modo: $1+2+3+4=10$, e é pelas diferentes junções destes diferentes números que vos convencereis de como todas as coisas provieram. A unidade, 1, é do Criador. O número 2 é dado à confusão em que se encontram os espíritos perversos e os homens que se unem ao intelecto destes espíritos maus. O número 3 indica as três essências espirituosas que constituem todas as formas; indica ainda, pela origem dessas mesmas essências, que a ação direta dos espíritos inferiores é ternária, posto que de si emanaram mercúrio, enxofre e sal para a estrutura do universo. O número 4 vos indica o menor, sua origem e sua potência. Somai o número 2 com o número 3, encontrareis o número 5, que é aquele de que se serviram os demônios para operar a contra-ação contra a ação puramente espiritual divina. O número dos espíritos demoníacos era, em sua emanção, um número quaternário como o do menor, a saber, o Pai Eterno, 1; o Filho, 2; o Espírito Santo, 3, e a emanção provinda destes três divinos, 4. Mas os espíritos perversos somaram, por sua própria autoridade e por sua mera vontade, uma unidade arbitrária ao número quaternário de sua origem, o que desvirtuou sua potência espiritual e a

transformou em uma potência limitada e puramente material, sob a condução de um líder tomado dentre eles. Eis por que o número quinário é o dos demônios. Somai o número 2 com o 4, isto vos dará 6, número dos pensamentos divinos que fizeram operar a feitura da criação universal temporal. O número 3 somado com o 4 vos dá o número 7, que constitui a potência da ação do espírito maior, a qual é dual, ou seja, pelo número 3 ela age sobre a alma do menor. Somai a unidade com o número ternário e juntai seu produto com o número quaternário, tereis o número 8, número da dupla potência espiritual divina que fora confiada ao primeiro menor para que ele manifestasse a glória e a justiça do Eterno contra os espíritos prevaricadores. É essa potência divina que vossos pais conheceram sob o nome de Abraão, Isaac e Jacó. Adão, entretanto, por seu crime, perdeu essa dupla potência e foi reduzido à sua potência simples de menor, sua posteridade se tornou errante e tenebrosa como ele e o homem não pode mais obter do Criador essa dupla potência sem trabalhos infinitos e sem sofrer o castigo do corpo, da alma e do espírito. Esse, enfim, é o número que o Criador destina aos seres espirituais que ele quer favorecer e à manifestação de sua glória. Somai o número quinário com o número quaternário e encontrareis o número nonário, número da subdivisão das essências espirituosas de matéria e a das essências espirituais divinas, e isto pela junção do número quinário, imperfeito e corruptível, com o número quaternário, perfeito e incorruptível. É por essa junção que o homem degrada sua potência espiritual divina, fazendo com que ela se torne espiritual demoníaca, e foi assim que o crime de Adão se operou, crime que ocasionou uma revolução inconcebível entre todos os seres espirituais. Julgai, pois, Israel, por tudo o que vindes de ver, quão grande era a potência do menor, posto que era possuidor do número quaternário, do qual toda coisa temporal e toda ação espiritual provieram.

Sabeis que, em seu estado de glória, esse primeiro menor não tinha em si ações ou operações espirituosas, tampouco materiais, mas, ao contrário, todas as espécies de ações e operações espirituais de formas gloriosas. Sabeis ainda que essas formas gloriosas não eram sujeitas ao tempo, assim como o próprio Adão, embora Adão e todas as suas operações se empregassem em favor do temporal."

240 — Grande discurso de Moisés (continuação): *O quaternário.*

"Jamais esqueçais, portanto, tudo o que venho de vos ensinar sobre a grande potência do primeiro homem e de seu número quaternário. Traçarei diante de vós os caracteres das diferentes coisas que provêm desse respeitável número. Podereis acrescentar a isso a fé de que esse número é dado a vós próprios e de que é por isto que sois superior aos animais e a toda criatura. Lembrai-vos, ademais, Israel, de que nenhum ser menor pode ser sábio sem um conhecimento perfeito do grande número denário do Eterno e de todo seu conteúdo de emancipação e criação:

$$4 \quad 1+2+3+4.$$

Primeiro produto da adição total. Um mais dois são três, mais três são seis, mais quatro são dez, ... $10 + 2 + 3 + 4 + 5 + 6 + 7 + 8 + 9 + 1 = 55 = 10$. Observai, Israel, que a unidade se junta ao número ternário simplesmente para formar com o quaternário o número da dupla potência. Ademais, a unidade se conta com todos os números provindos da subdivisão quaternária para se ter a soma total de todos esses produtos. Pela adição de todos os números particulares provindos do número quaternário, tendes o produto 55, que vos anuncia a divisão do número denário em dois números quinários e demoníacos. Com efeito, a prevaricação dos

primeiros espíritos foi a de ter pretendido dividir e subdividir a quátripla essência divina, e isto por meio de sua própria faculdade espiritual. Eles conceberam, por sua pura vontade, uma intenção e um ato de pensamento contrários às leis de ação e de operação que lhes foram fixados pelo Criador quando de sua emanção; mas, longe de conseguirem operar esse ato com sucesso, enganaram-se e ficaram muito surpresos quando viram, com plena certeza, a impossibilidade que havia, para eles e para todo espírito, de extrair da Divindade a quátripla essência e o famoso número denário que eram inatos nela. Eles só conceberam perfeitamente essa impossibilidade quando quiseram se arrogar, cada qual em sua particularidade, o produto da subdivisão desse famoso número quaternário de emanção e de criação espiritual divina e espiritual temporal, pois sua intenção era transformar todo esse produto numa única unidade denária. Longe disso, não encontraram mais nem a unidade quaternária nem a unidade denária pura e simples, mas apenas dois números quinários, em vez e no lugar do denário divino que eles queriam colocar em sua posse e poder. Foi por meio disso que eles se convenceram de seu orgulho atroz e insensato e da impossibilidade que há de que qualquer espírito divida ou subdivida a quátripla essência divina e tampouco sua unidade denária, este direito podendo pertencer unicamente ao Eterno, que é ímpar e nunca terá igual; e foi por terem tentado uma operação oposta às leis imutáveis do Criador que os demônios se viram não tendo outra potência senão a potência quinária de confusão e foram precipitados nos abismos da privação divina por uma eternidade. Temei de medo, Israel, ante o relato dessas horribéis operações! Temei sucumbir aos movimentos de semelhante ambição! Fugi sobretudo de todo aquele que queira vos persuadir a vos apropriardes dos diferentes atos divinos pela potência do número quinário! Se alguma vez sucumbirdes a tal sedução,

vossa ação espiritual divina, inata em vós, tornar-se-á um intelecto do demônio e todos os vossos poderes serão anulados, para vos deixar possuindo tão-somente a potência quinária dos espíritos perversos. Eis, Israel, como a potência quinária dos demônios teve nascimento. Esse é o número que os distinguirá dos outros seres espirituais, por toda eternidade, em suas ações e operações espirituais temporais materiais; e é por esse número que o ser menor, assim como todo ser espiritual, aprende a conhecer a prevaricação dos espíritos perversos."

241 — Grande discurso de Moisés (continuação): *Utilidade da imensidade supraceleste.*

"Instruir-vos-ei agora, Israel, da utilidade da imensidade supraceleste. O Criador a estabeleceu tal qual é para fixar a ordem e as leis cerimoniais que os espíritos emancipados tinham a operar em toda a extensão dos três mundos temporais, em correspondência com os espíritos emanados na imensidade divina. O primeiro círculo, que é o vértice saliente do triângulo superior, representa o líder superior supraceleste e a imensidade dos espíritos superiores denários. Não se deve entender que os espíritos que habitam nesse círculo sejam os mesmos ou qualquer um dos que foram emanados na primeira imensidade denária da Divindade. Não, Israel, os espíritos denários divinos nunca saíram do lugar que ocupam na imensidade divina: toda a mudança que lhes sobreveio pela prevaricação dos espíritos perversos e pela prevaricação do primeiro menor, como já vos disse, foi a de terem sido sujeitados parcialmente ao temporal, embora não se sujeitem ao tempo. O Criador, portanto, emancipou no círculo denário desse espaço supraceleste apenas espíritos maiores que ele revestiu de uma potência denária, pela qual suas ações e operações são distintas daquelas das três outras classes de espíritos dessa mesma imensidade supraceleste. O segundo círculo, que está

à direita, representa a imensidade dos espíritos maiores septenários, que, por suas ações e operações, estão abaixo dos espíritos denários. O terceiro círculo, que está à esquerda, representa a imensidade dos espíritos inferiores. Por suas ações e operações eles estão abaixo dos espíritos denários e dos espíritos septenários, e é por esta razão que são chamados de inferiores. O círculo que está no vértice saliente do triângulo inferior do supraceleste, em linha reta com o círculo denário, representa a imensidade dos menores espirituais divinos. Suas ações e operações são superiores às de todos os espíritos do supraceleste; o que vos faz ver isto claramente é a correspondência direta espiritual desse círculo menor com o círculo denário supraceleste, por intermédio do qual tudo se opera entre o homem e Deus, e que estão sujeitos um ao outro. A ordem e a disposição espirituais divinas que reinam na imensidade divina são iguais às que reinam na imensidade supraceleste. E por essa similitude que deveis concluir que essa imensidade supraceleste foi emancipada e fundada em força e potência pelo Criador e não pela pura vontade dos espíritos. O que pode vos convencer disso é que essa mesma disposição encontra-se repetida no celeste pelo círculo de Saturno, do Sol, de Mercúrio e de Marte, círculos pelos quais os quatro horizontes celestes são distintamente marcados. Não foi em vão, Israel, que o Criador estabeleceu essa mesma ordem nas diferentes imensidades. Não foi apenas para a conservação do tempo nem dos diferentes corpos permanentes no universo, nem para a conservação do ato e das operações dos agentes espirituais temporais, tampouco, enfim, para a grandeza e a glória de todos os seres que venho de nomear; foi unicamente para o homem que todas essas coisas foram assim dispostas e, como deviam servir de limites aos espíritos perversos, foram sujeitas ao menor para que ele pudesse exercer sobre elas sua potência e seu comando, segundo sua vontade e segundo as leis que ele recebeu do Criador."

242 — Grande discurso de Moisés (continuação): *Privilégios do homem.*

"Eis quais eram os privilégios que o Eterno concedera ao homem. Estes três mundos, o divino, o supraceleste e o celeste, vos fazem conhecer os três reinos espirituais da Divindade. Era no último desses mundos, isto é, o celeste, que devia ser a morada do primeiro menor. Se esse menor não tivesse prevaricado, teria sempre ocupado o centro das quatro regiões celestes, como sendo o ser mais poderoso, teria agido e operado nesse mundo celeste como puro espírito divino e todo ser espiritual obedeceria ao seu pensamento e à sua vontade. Sim, se esse primeiro menor não tivesse prevaricado jamais teria se tornado habitante deste mundo terrestre material, não teria desunido sua potência divina quaternária para torná-la meramente inferior e ternária, assim como vos prova o simples triângulo sensível ao qual estão ligados os três corpos planetários, Lua, Vênus e Júpiter. Essa prevaricação, entretanto, fez o homem descer para esta superfície e o precipitou num mundo totalmente oposto àquele para o qual fora emancipado. Vedes, com efeito, que o mundo celeste conserva sempre a forma de sua origem e sua similitude com o supraceleste e o divino, mas o mundo inferior tem apenas uma forma material e diferente da dos três mundos superiores. E pela desunião que percebeis no duplo triângulo do mundo sensível que podeis conceber a privação do primeiro menor e daqueles que residem nesse lugar de trevas, privação que submete os menores espirituais às penas do corpo e às do espírito. O círculo sensível é para os menores, desde a prevaricação do homem, o que a imensidade supraceleste e o espaço universal são para os demônios. Sabeis, contudo, que a vantagem que os homens têm sobre os demônios é a de poder, segundo seu desejo e sua vontade, romper seu limite e agir como puros espíritos, embora sujeitos ao tempo. Tal é a ideia que deveis ter da potência atual

do homem. Quanto aos espíritos do supraceleste, convém que eu vos instrua de sua emancipação, de suas diferentes faculdades e de sua potência, a fim de que vejais claramente a verdadeira relação e correspondência que eles têm tanto com a imensidade divina quanto com o mundo celeste e com os menores habitantes desta superfície terrestre."

243 — Grande discurso de Moisés (continuação): *Emancipação dos espíritos do supraceleste.*

"Aprendeí, pois, Israel, que a emancipação desses espíritos foi feita tão logo a prevaricação dos espíritos perversos foi cometida. Não houve outro intervalo além daquele do pensamento do Criador, por ordem do qual esses espíritos saíram da imensidade divina e foram executar, na imensidade supraceleste, as leis que lhes foram dadas. Essas leis nada mais eram que sujeitar esses espíritos à correspondência do homem com o Criador e fazê-los servir de duplos limites aos demônios, posto que são eles que governam o mundo celeste e o mundo material, mundos nos quais os espíritos prevaricadores foram aprisionados. O espaço contido entre a extremidade do mundo material e a extremidade do mundo celeste forma a longitude dos limites fixados para esses espíritos prevaricadores e onde eles operam suas virtudes, segundo sua vontade. A extensão desses limites em latitude é toda a superfície horizontal do mundo material e o mundo celeste é o invólucro do mundo material. Deveis conceber que a longitude que vai de um desses dois mundos até o outro é maior e mais fundamental que a superfície horizontal do mundo material, posto que este mundo de matéria tem apenas três horizontes importantes, norte, sul e oeste, ao passo que o mundo celeste tem quatro regiões sem horizonte. Digo que o mundo celeste não tem horizonte porque, na verdade, os horizontes pertencem somente ao mundo material, cujos habitantes estão sujeitos a ser

alimentados e substanciados pelos elementos materiais e estão expostos à mudança das estações, porém os habitantes do mundo celeste, sendo de uma outra natureza, têm faculdades diferentes das dos habitantes do mundo material e não sofrem todas as sujeições destes. Longe de ter necessidade dos elementos materiais, são eles que contribuem para a ação desses elementos; eles desfrutam continuamente a mesma temperatura e não recebem nenhum alimento das produções da vegetação da matéria, pois seus corpos não são formados de forma a poder se alimentar assim. Os corpos dos habitantes do mundo celeste formam uma esfera que é alimentada e substanciada diretamente pelo fogo dos espíritos do eixo, de onde esses corpos emanaram. É por isso que a duração deles é fixada por um número de tempo que é como uma eternidade em comparação com a duração do corpo dos habitantes do mundo material. Concebei, ademais, Israel, que a extensão terrestre e a extensão celeste, nas quais residem os habitantes materiais e espirituais, formam aquilo que deveis chamar de mundo, e não que esses habitantes de que falei formem eles próprios o mundo. Deveis saber que esses habitantes materiais e espirituais são apenas seres particulares e que, nos dois espaços que eles ocupam, há também seres espirituais simples que devem igualmente cumprir suas missões no universo, segundo as leis divinas que receberam para realizar suas operações em favor dos habitantes espirituais do mundo celeste e dos habitantes materiais do mundo terrestre. A mesma distinção deve ser feita entre o mundo supraceleste e os seus habitantes."

244 — Grande discurso de Moisés (continuação): *Operações do mundo supraceleste.*

"A faculdade, dada ao mundo supraceleste, de servir de duplo limite aos espíritos malignos vos será ainda mais inteligível observando quais são as operações dos habitantes

desse mundo supraceleste. Eles agem e reagem não somente sobre o mundo celeste e o mundo material, como já vos disse, mas também sobre o círculo do eixo universal. Deveis conceber, com efeito, como é necessário que tudo seja contido por espíritos superiores aos que são constituídos e aos que estão ligados à conservação e à duração da forma universal, na qual os espíritos perversos estão detidos em privação. É por isso que deveis reconhecer nos espíritos supracelestes a faculdade de uma dupla ação. Mas não é somente por essa dupla ação dos espíritos supracelestes sobre a forma universal que se comprova neles essa faculdade; é ainda porque, por sua posição e sua missão, eles têm o ato da dupla potência, porque estão sob a dominação e o comando da ação direta do Eterno e porque é no mundo supraceleste que reside toda ação e operação do Criador a favor e contra a criação puramente espiritual, a espiritual temporal divina e a espiritual material. Sim, são os habitantes do supraceleste que servem de dupla muralha à atrocidade das operações demoníacas. Digo-vos, em verdade, que eles têm a faculdade da dupla potência porque são santificados. Assim, os demônios não poderão jamais macular o mundo supraceleste como macularam os habitantes da imensidade divina, e é por isto que se diz que os demônios não prevalecerão jamais contra o pensamento, a ação e a operação do Criador. O que vos digo aqui foi verdadeiramente representado por Abraão, Isaac e Jacó, que são figuras temporais do pensamento, da ação e da operação da Divindade. Depois que esses três menores obtiveram sua perfeita reconciliação e sua santificação, o demônio não fez mais nenhuma impressão sobre eles e não pôde prevalecer contra as ações espirituais divinas que se operaram no Eterno por essas três pessoas depois que foram santificadas. Vedes, pois, Israel, que a ação dos habitantes do supraceleste é infinitamente mais vasta que a de todo ser

espiritual ocupado nas ações e operações dos dois mundos inferiores; vedes isto, digo-vos, pelos raios de fogo que saem das diferentes circunferências que constituem a imensidade do supraceleste, e essa superioridade de ação não deve vos surpreender, uma vez que o espaço da imensidade supraceleste é mais amplo que o espaço dos dois mundos inferiores que, mesmo que fossem reunidos, jamais se equipararia a ele."

245 — Grande discurso de Moisés (continuação): *Os habitantes dos diferentes mundos são diferentes entre si.*

"Devo vos ensinar, Israel, uma verdade da qual tendes diante dos olhos a certeza e a prova física; esta verdade é que, entre os habitantes dos diferentes mundos, não há dois que sejam perfeitamente iguais em faculdades e em potência espiritual; quanto a isso, eles são todos diferentes uns dos outros, o que vos é ensinado visivelmente pela diferença que reina entre todas as formas corporais e entre todas as ações que estas diferentes formas operam diante de vós. Não foi por essa observação material que essa certeza chegou ao meu conhecimento, pois a obtive do próprio Criador, que me fez ver claramente que essa diferença de faculdades e de potência existe igualmente entre os habitantes espirituais da imensidade divina e que, pelo decreto divino, há ações e operações distintas e superiores umas em relação às outras. Digo-vos, ademais, que esse decreto divino existirá eternamente e será cumprido com a mesma exatidão, por toda a duração dos tempos, entre os espíritos emancipados, embora as virtudes e as potências desses espíritos emancipados não sejam mais as mesmas que eles possuíam na imensidade divina antes da prevaricação dos espíritos perversos, tendo sido forçados, por essa prevaricação, a dividir entre o temporal e o espiritual sua ação, que deveria ser puramente espiritual, conforme tudo o que se opera diante de vós deve vos fazer concebê-lo."

246 — Grande discurso de Moisés (continuação): *O espírito duplamente forte.*

"Para melhor vos fazer compreender o que vos disse sobre a mudança sobrevinda nas virtudes e potências dos espíritos emancipados da imensidade divina, dir-vos-ei que o Criador emancipou de seu círculo septenário divino um suficiente número de espíritos, que ele sujeitou a operar ações espirituais temporais no supraceleste. As leis de potência relativas a essas operações foram distribuídas aos espíritos septenários emancipados, na seguinte ordem: uma parte desses espíritos recebeu a potência denária, uma segunda parte, a faculdade da potência septenária, e uma terceira parte, a da potência inferior ternária. A essas três classes de espíritos foi anexado o menor, que, por sua potência e virtude, era infinitamente superior a todos eles, pois, como vos ensinei, esse menor era um ser puro que nenhum escândalo havia maculado. Assim, ele era o único dessa imensidade a ter a potência quaternária e sua ação era muito diferente da ação das três outras classes do supraceleste. O Criador não colocou na imensidade supraceleste uma classe particular de espíritos octonários, tal como havia outrora na imensidade divina; aliás, esta classe não se encontra mais na imensidade divina, e isto porque, pela prevaricação dos primeiros espíritos, o Criador, fazendo força de lei sobre todas as suas criaturas espirituais, emancipou sua ação de dupla potência para ir operar sua justiça e sua glória nas três diferentes imensidades, sem distinção. Por isso vos foi ensinado que o espírito duplamente forte está em vós quando o mereceis e que se afasta de vós quando vos tornais indignos de sua ação duplamente poderosa. Vistes essa dupla potência ser operada no Egito em vosso favor e, para vossa glória, ela dividiu sua ação em duas partes, uma para exterminar vossos inimigos e a outra para velar por vossa conservação espiritual e corporal. Era isso que vos representava as duas colunas que

marcharam convosco e vos seguiram em todos os vossos triunfos. E eis de que maneira esse espírito duplamente forte não tem mais morada fixa na imensidade divina."

241 — Grande discurso de Moisés (continuação): *Imensidade divina e imensidade supraceleste.*

"Não ignorais, Israel, que a imensidade supraceleste é semelhante à imensidade divina e que as mesmas faculdades de potência espiritual estão numa e noutra imensidade. Mas há esta distinção a ser feita: os agentes espirituais divinos operam na imensidade infinita do Criador, enquanto os agentes supracelestes operam apenas numa imensidade limitada. Assim, a imensidade supraceleste é passiva, porque está sujeita ao tempo. A imensidade divina, ao contrário, não é e nunca será sujeita ao tempo; ela não pode ter limites, como o pensamento e a potência do Criador também não podem ter limites, e, de acordo com o que eu vos disse acerca dessa respeitável imensidade, deveis saber que ela consiste na multidão dos espíritos que o Criador emana de si. É pela continuidade dessa emanção espiritual que a imensidade divina é infinita. Cada espírito, no momento em que é emanado do Criador, encontra um lugar e um espaço adequados ao seu ser, para colocar em ação e em operação a potência que ele recebeu do Eterno. Com efeito, o Criador não pode emanar de si um espírito sem criar uma potência para ele, e esta potência não saberia ser posta em ação distintamente se cada espírito emanado do Criador não tivesse seu espaço particular; o que vos faz sentir que, como a emanção é contínua, a imensidade divina deve também se ampliar continuamente. Se assim não fosse, a potência de todos os habitantes da imensidade divina se operaria em confusão, assim como os habitantes do mundo material operam a deles. O que põe confusão entre os habitantes dos mundos materiais é que seu espaço é limitado e só pode conter um número fixo,

mas a multidão de habitantes da imensidade divina cresce e crescerá incessantemente e ao infinito, sem jamais encontrar limites. Não é necessário tempo para a emanção desses espíritos, como foi necessário para a emanção da criação temporal, porque esses espíritos, recebendo com sua emanção tudo o que lhes convém para agir segundo suas leis, não têm nenhuma necessidade de usar da potência dos espíritos inferiores, como são obrigados a fazê-lo os menores que habitam os mundos temporais. Vedes, pois, bem claramente, Israel, que essa imensidade divina não pode, de modo algum, ser vista como finita, e é por esta infinitude que vos provo a eternidade do Criador, do mesmo modo que a eternidade dos espíritos se prova por sua emanção. Não incluo, todavia, na eternidade dos espíritos a ação nem a potência temporal que se operam hoje ante vossos olhos. Nada que é sujeito ao tempo pode ser visto como eterno, mas assim como pela prevaricação dos primeiros espíritos e pela do homem as potências espirituais puras se tornaram temporais, do mesmo modo, após o julgamento final, essas potências cessarão de agir temporalmente e serão recolocadas em sua primeira força e em seu primeiro vigor, segundo toda a abrangência de suas primeiras leis."

248 — Grande discurso de Moisés (continuação): *O ser de dupla potência age eternamente.*

"Entretanto, Israel, o ser da dupla potência divina não será recolocado em seu primeiro princípio de estabilidade na imensidade divina, como estava antes da criação: esse ser divino ficará eternamente ocupado em operar sua dupla potência para as duas classes de espíritos que serão distintos por toda a eternidade, a saber, os primeiros espíritos justos santificados e os espíritos que serão santificados e reconciliados por último. Essa distinção subsistirá perpetuamente, mesmo quando todos os seres espirituais forem reconciliados, e a santificação dos

primeiros será sempre superior à santificação dos últimos. No fim dos tempos, os menores que restarem a ser reconciliados serão chamados pelo Eterno de últimos e a justiça que ele exercerá sobre eles será infinitamente mais forte do que a que ele exerceu e exercerá contra os demônios, porque o menor fora cumulado pelo Eterno de uma autoridade e de uma potência superior à dos espíritos perversos e porque, quanto mais o menor recebeu, tanto mais lhe será exigido. E isso que deve vos ensinar que o tanto que o menor justo pode esperar de recompensa da parte do Eterno é o mesmo tanto que o menor ímpio deve temer sua justiça. Concebei, pois, Israel, por tudo o que venho de vos dizer, que a lei do ser de dupla potência não é ser recolocada em seu primeiro estado fixo de imutabilidade de ação espiritual divina, uma vez que esse ser terá de operar eternamente suas poderosas faculdades nas diferentes classes em que serão colocados os primeiros e os últimos santificados e reconciliados."

249 — Grande discurso de Moisés (continuação): *Fraqueza inata no menor e misericórdia de Deus para com ele.*

"Se jamais tiverdes a infelicidade, Israel, de estar incluídos entre aqueles que serão os últimos a ser reconciliados, não tereis mais tempo para voltar de vossas abominações e não estará mais em vosso poder rogar ao Criador que ele abrevie vossos sofrimentos, pois, em verdade vos digo que o Criador é imutável e que não retira jamais seus decretos. É por isso que uma coisa é a faculdade do menor neste mundo, outra coisa é a que ele tem quando está entregue à justiça do Eterno. Sabeis, sem dúvida, Israel, que é impossível aos menores ocultar desse Ser supremo o emprego que fizeram de sua liberdade, a favor ou contra as leis divinas que receberam quando de sua emanção e quando de sua emancipação. É sobre essa liberdade que o Eterno julgará todos os menores, pois todo ser espiritual foi emanado forte e

duplamente forte. O Criador, que não é um ser fraco, não poderia emanar de si seres impuros e susceptíveis de ter em sua potência qualquer ato de fraqueza. A palavra fraqueza é um véu com que se cobre o homem ímpio e maldoso, para poder se entregar, segundo seu desejo, aos pensamentos iníquos do intelecto demoníaco, mas todas as paixões e todos os vícios do homem são operadas tão-somente por sua própria liberdade, que é inata nele. A liberdade gera a vontade e a vontade acata o pensamento bom ou mau. Quando a vontade faz sua escolha ela determina a liberdade do menor de pôr em ação o pensamento bom ou mau que foi concebido e, tão logo obtém o fruto disto, o menor se interioriza e, meditando sobre o resultado de sua operação, ele próprio se torna o juiz do bem ou do mal que cometeu. Dir-me-íeis, para desculpar vossa prevaricação para com o Criador, que vossa fraqueza é a causa dessa prevaricação e que essa fraqueza provém da forma corporal de matéria, que mantém o menor em privação de potência espiritual. Eu, porém, responder-vos-ei que isso é totalmente falso, visto que todos os menores que foram recolocados em suas primeiras potências e virtudes espirituais divinas e encontraram graça diante do Eterno, tais como Adão, Abraão, Isaac, Jacó e muitos outros, nunca mais prevaricaram depois de sua reconciliação, embora, tivessem permanecido em formas corporais. Desde que foram santificados e reconciliados, esses menores entregaram sua liberdade à potência Daquele do qual a receberam. Assim, essa liberdade só gerou vontades puras e a vontade desses menores reconciliados só acatou pensamentos inteiramente espirituais, que os fizeram operar atos de potência surpreendentes e inacreditáveis aos menores prevaricadores. Esses menores reconciliados não eram mais susceptíveis de sucumbir às ciladas do demônio nem de acatar seu intelecto de abominação, e isto porque esses menores liam até no mais

profundo pensamento dos seres demoníacos, interrompiam-nos em todas as suas empreitadas criminosas e os privavam, com isto, de toda glória que esses seres perversos se prometiam ao persegui-los. Não creiais, pois, Israel, que a fraqueza seja dada diretamente ao homem e que seja sua forma corporal de matéria que o faz sucumbir à tentação. Essa forma não é encarregada de dirigir a si mesma, ela é tão-somente o órgão do menor e nada mais faz que operar as vontades boas ou más que o menor recebe do espírito bom ou mau. Assim, quando o homem sucumbe, não deve imputar sua queda à sua forma corporal de matéria, mas deve atribuí-la unicamente à sua vontade. É certo, porém, que são inatos no menor uma faculdade e um ato que podem ser chamados de fraqueza, mas, como tende apenas ao bem, essa fraqueza não pode desagradar ao Criador. Ela provém de uma verdadeira humanidade espiritual; ela ensina a fazer o bem em troca do mal que os demônios induzem nossos semelhantes a operar contra nós; ela gera a caridade e, por esta caridade, lembra os menores prevaricadores dos abismos onde os demônios os precipitaram. Essa é a fraqueza inata no menor. Isso é tão verdadeiro que, se me fosse permitido vos instruir de toda a caridade e de todas as fraquezas divinas que o Criador emprega em favor de sua criatura espiritual, tremeríeis de vergonha. Mas tempo virá em que sereis instruídos daquilo que não posso vos dizer agora e vós próprios sereis o juiz das coisas que sou obrigado a calar. Conhecereis claramente então que não há outra fraqueza inata no menor além daquela de que venho de vos falar e que mereceria antes o nome de misericórdia. Temei, pois, sob pena de morte, ver o menor como um ser fraco. Se ele tivesse emanado assim do seio do Criador, seria inútil que o Criador lhe desse a liberdade. Se não possuísse a força de fazer uso dela, não apenas ele seria um ser impuro e contraditório, mas o próprio Criador também o seria, posto que, neste caso, ele participaria em duas ações opostas, ao passo que há no Criador uma só ação que se subdivide ao infinito, para o bem e para a vantagem de sua criatura."

250 — Grande discurso de Moisés (final): *Estado atual dos espíritos divinos, dos menores e dos espíritos perversos.*

"Para vos convencer de que aquilo que o homem maldoso chama de fraqueza inata no menor não provém de sua forma corporal de matéria, perguntar-vos-ei se os primeiros espíritos perversos tinham formas corporais de matéria quando prevaricaram. Deveis saber que, nessa ocasião, esses espíritos não tinham formas e, no entanto, tiveram a fraqueza de prevaricar. Não é, portanto, à forma desses espíritos perversos que deveis atribuir a fraqueza de que se cobrem os menores incorporados. Ademais, definitivamente, essa espécie de fraqueza não estava em poder deles, posto que os primeiros prevaricadores não eram susceptíveis de nenhuma comunicação de intelecto bom ou mau, não havendo nada disto naquela ocasião, e posto que esses primeiros espíritos, enquanto permaneceram em seu estado de justiça, liam perfeitamente no pensamento do Criador. Não foi, portanto, repito-vos, da influência da fraqueza corporal nem de nenhuma influência de intelecto bom ou mau que proveio a prevaricação dos primeiros espíritos, mas foi sua própria liberdade e sua própria vontade ambiciosa que os levou a conceber o crime atroz em virtude do qual estão em privação espiritual divina. Não me digais que não podeis compreender como se operaram todas as coisas de que venho de vos falar acerca da liberdade e da vontade inatas no ser espiritual, estas seriam palavras que pertenceriam apenas aos animais irracionais e não a um ser que traz em si a similitude das virtudes e dos poderes da Divindade. Não podeis duvidar de que tendes em vós todas essas coisas, posto que tudo o que me vedes operar para a glória do Criador e para a vantagem de suas criaturas menores é dado pelo Eterno unicamente aos poderes destes menores e não aos de qualquer outro ser espiritual. Sim, Israel, o Criador sente mais satisfação com as ações e operações boas de seu menor

em privação do que com as dos outros seres espirituais, que são temporais sem serem sujeitos ao tempo. Essa diferença vem do fato de que os menores são emanados e emancipados para satisfazer à justiça e à glória do Eterno, ao passo que os puros espíritos têm apenas a faculdade de contemplar e de reportar ao Criador tudo o que se opera entre o menor e ele. Assim, os menores possuem, inatas neles, virtudes e potências superiores às de todos os outros espíritos. Dir-me-eis: não poderia o Criador fazer todos os outros espíritos de sua imensidade, denários, septenários ou ternários, operar as mesmas coisas e lhes dar as mesmas potências? Mas, para que não mais vos espanteis com o fato de que o menor tenha sido preferido com relação a isso, dentre todas as outras classes de espíritos, lembrai-vos que embora a mácula escandalosa que os espíritos puros receberam da prevaricação dos espíritos perversos tenha sido purificada e os espíritos que assim foram maculados tenham sido santificados pela bondade infinita e pela potência do Criador, isto, porém, não livrou esses espíritos do temporal e, uma vez que eles ficaram sujeitos a isto, o Criador deu preferência ao seu menor, que era um ser perfeitamente puro e sem mácula, posto que sua emanção foi feita somente depois da prevaricação dos espíritos perversos. Não vos espanteis se vos digo que os habitantes do mundo divino ainda sentem os efeitos da primeira prevaricação e os sentirão até o fim dos tempos, quando a ação deles cessará de participar no temporal, pois isto não é sua verdadeira função e eles não foram emanados para isto. Sim, Israel, em verdade vos digo que o que vale para os habitantes do mundo divino, vale também para os habitantes espirituais do mundo geral terrestre: assim como estes pagam tributo à justiça do Eterno pela prevaricação do primeiro menor, cometida no centro do universo temporal, assim também os habitantes do mundo divino pagam tributo à justiça do Criador para a expiação do crime dos primeiros espíritos.

Digo-vos aqui a pura verdade no que se refere aos diferentes atributos que essas duas classes de seres espirituais pagam e pagarão ao Criador até o fim dos tempos. O que talvez vos surpreenda mais é o fato de que todos os espíritos que o Criador emanou na imensidade divina, desde essa prevaricação, estejam sujeitos ao mesmo tributo. Para vos convencer disso, observai a emancipação do menor neste mundo inferior. Certamente, quando aqui desceu, ele não era nem maculado nem impuro, mas não era ainda revestido de um corpo de matéria quando se sujeitou ao tempo. Há, sem dúvida, uma grande diferença na sujeição em que ficou o menor e aquela em que ficaram os habitantes da imensidade divina, e o menor está em uma privação e um castigo bem maiores, pois não ignorais que a prevaricação do primeiro homem foi infinitamente mais forte do que a dos demônios. Assim, os menores são limitados ao tempo, enquanto os espíritos divinos o são apenas ao temporal. O homem percorre as diferentes imensidades apenas em pensamento, mas os espíritos divinos podem percorrer real e concretamente a extensão infinita da imensidade divina. Entretanto, apesar dessa diferença de sujeição em que se encontram essas duas classes de espíritos, a palavra do homem lhe dá superioridade sobre todos os habitantes do mundo divino; ela é mais forte e mais poderosa que a deles e o alcance que ela pode ter ultrapassa a dos espíritos divinos. Tal é, Israel, o atual estado dos espíritos divinos e o dos menores, e este estado de sujeição a que estão reduzidos os espíritos divinos e os menores não é nada em comparação com a horrenda privação a que os espíritos perversos estão condenados. O Criador fez tamanha força de lei contra eles que eles são infinitamente mais atormentados e molestados que todos os outros espíritos. O tormento deles é o de serem obrigados a operar o mal e estarem condenados, pelo decreto do Eterno, a viver em suas iniquidades por uma eternidade

temporal, sem poderem mudar suas ações más e contrárias à ação divina. Foi isso que o Criador quis nos fazer entender quando disse, através de seus enviados, que os prevaricadores seriam punidos através de seus próprios crimes. O menor, ao contrário, embora esteja em sujeição, possui a plena liberdade de operar o bem ou o mal; ele possui a faculdade de mudar sua operação, de bem em mal e de mal em bem. Eis por que não há comparação possível entre sua privação e aquela sofrida pelos espíritos perversos, que não têm outro poder senão o de operar o mal."

251 — Moisés recebe ordem do Criador para a construção de um tabernáculo.

Depois de dar ao povo as grandes instruções que vindes de ver, Moisés retornou à montanha do Sinai, de onde trouxe as segundas tábuas da lei. Nessa montanha ele também recebeu ordem do Criador para a construção de um tabernáculo, no qual essas novas tábuas seriam guardadas, e depois de executar cora o auxílio de Bethzaleel tudo o que o Criador lhe havia prescrito a este respeito, novamente dirigiu a palavra ao povo e lhe deu instruções sobre a forma e as proporções do tabernáculo, nos seguintes termos.

252 — Segundo discurso de Moisés: Primeira alusão do tabernáculo: ao mundo supraceleste.

"Ouvi, Israel, o que tenho a vos dizer sobre as diferentes proporções do tabernáculo de potência espiritual divina e sobre as diversas correspondências que ele tem com tudo o que existe. O tabernáculo, em sua perfeição, faz quatro tipo de alusões espirituais: a primeira, ao mundo supraceleste; a segunda, ao mundo celeste; a terceira, ao corpo do homem e a quarta, ao círculo universal. Reconhecereis a primeira observando que o interior do tabernáculo é a verdadeira figura do supraceleste.

E nesse sagrado lugar que vejo operar uma parte da ação dos habitantes espirituais do supraceleste, sem mistura de ação de nenhum outro espírito. Assim, quando devo obter comunicação direta da vontade divina, o Criador ordenou que eu entrasse nesse sagrado lugar pela porta do oriente, e nele entro todas as vezes que tenho algo a pedir ao Criador em favor de Israel. Assim, meu temor e meu trabalho são infinitamente maiores para esse gênero de operação do que para todas as outras que eu pudesse fazer a favor ou contra Israel, porque, neste caso, conforme venho de vos dizer, tenho de estabelecer comunicação direta com o Eterno e com os espíritos puros do supraceleste."

253 — Segundo discurso de Moisés (continuação): *Segunda alusão do tabernáculo: ao mundo celeste.*

'A segunda alusão à parte celeste é representada pelas quatro portas do tabernáculo e que representam as quatro regiões celestes. Dessas quatro portas uma mira o oriente, a outra o ocidente, a outra o sul, e a outra o norte. Elas são as verdadeiras figuras das quatro potências espirituais que o Criador deu ao seu menor e pelas quais ele pode fazer uso das potências dos quatro líderes regionários e de tudo o que está na dependência deles. É por isso que quando estou no tabernáculo para ser instruído das coisas temporais espirituais celestes, deixo aberta a porta que mira a região celeste do líder ao qual necessito me dirigir. Essa, Israel, é a diferença entre as solicitações e as operações que faço na parte celeste e as que tenho a fazer na parte supraceleste. Os habitantes do supraceleste, operando e agindo sobre tudo o que existe espiritualmente, não são retidos pelos limites do universo e, não havendo para eles quaisquer limitações de matéria, não é possível sujeitá-los nem delimitá-los a nenhuma região elementar. É isso que faz com que, trabalhando sobre eles, eu não deixe aberta nenhuma das portas

do tabernáculo, porque essas espécies de espíritos têm em seu poder livrar-se de toda espécie de limitação de matéria, para virem se comunicar aos menores destinados à manifestação da glória e da justiça divinas. Porém o mesmo não acontece com os habitantes espirituais da parte celeste: como ocupam regiões e formas elementares, sou obrigado, quando me dirijo a eles, a abrir os limites em que eles estão contidos. Eis a verdadeira correspondência do tabernáculo com o mundo celeste e com o mundo supraceleste, cujos habitantes vêm operar com distinção e sem confusão na presença daquele que tem potência e ação sobre eles, por ordem do Criador."

254 — Segundo discurso de Moisés (continuação): *Terceira alusão do tabernáculo: ao mundo particular ou corpo do homem.*

"A terceira correspondência é a que esse tabernáculo tem com o mundo particular, ou o pequeno mundo, que não é outra coisa senão o corpo do homem. Sim, Israel, esse tabernáculo que mandei Bethzaleel construir em vossa presença, e no qual encerrei a Lei divina que o Criador me deu face a face, é o verdadeiro modelo e a verdadeira semelhança do corpo do homem, ou da forma corporal de matéria aparente na qual está encerrado o menor, ou a alma espiritual divina. Assim como os habitantes espirituais do mundo supraceleste, do mundo celeste e do círculo universal operam, cada qual em seu particular, nesse temível tabernáculo, assim também todos esses diferentes seres espirituais trabalham e operam no corpo do homem, com o menor que nele está encerrado."

255 — Segundo discurso de Moisés (continuação): *Quarta alusão do tabernáculo: ao círculo universal.*

"Em quarto lugar, esse tabernáculo faz alusão ao círculo universal, posto que todo ser espiritual inferior, maior e menor

faz nesse tabernáculo as mesmas ações e operações feitas na imensidade universal. Sim, Israel, esse tabernáculo, construído diante de vossos olhos pela faculdade do homem, vos faz ver com plena certeza qual é a faculdade e a potência dos espíritos que cooperam para a manutenção do universo e dos que cooperaram para sua formação, dispondo a primeira matéria, da qual todas as formas saíram, a reter a impressão que lhe deram os espíritos inferiores, segundo as leis do Criador. Julgai por vós mesmos: não é verdade que, quando desci da montanha, não trazia comigo nenhuma matéria própria e conveniente para a construção desse temível tabernáculo? De fato, na montanha o Criador deu-me simplesmente o plano da forma corporal que deveria ter esse tabernáculo onde deveriam ser encerradas as leis divinas que o Criador dignou confiar ao seu servo Moisés. Mas não fui, eu próprio, encarregado dessa construção. Eu era tão-somente o enviado do Criador para transmitir a Bethzaleel, primeiro, a ordem da Divindade e, segundo, a forma aparente que ele deveria dar ao tabernáculo espiritual. Assim, não me vistes pôr a mão nessa construção, esta faculdade estando reservada a Bethzaleel e a dois outros menores, seus auxiliares. Ademais, sabeis que tão logo dei a Bethzaleel a ordem da Divindade e o plano do tabernáculo espiritual, de acordo com a vontade e o desígnio do Criador, isto vos demonstrava muito bem tudo o que se passou quando da formação do universo."

256 — Segundo discurso de Moisés (continuação): *Detalhes da construção ternária do tabernáculo.*

"Assim como comuniquei a Bethzaleel as ordens do Criador para a construção do tabernáculo, do mesmo modo o Criador comunicou diretamente aos espíritos inferiores a lei de criação das essências espirituosas; assim como dei a Bethzaleel o plano de sua obra, do mesmo modo os espíritos inferiores receberam, por intermédio de um enviado superior, a imagem da forma aparente

do universo; enfim, assim como Bethzaleel, tendo recebido a ordem para construir o tabernáculo e o plano que ele deveria lhe dar, encontrou sem dificuldade todos os materiais necessários, com os quais ele construiu o tabernáculo, também do mesmo modo os espíritos inferiores, tendo recebido a ordem do Criador para a construção do universo e a imagem da forma aparente que ele deveria ter, produziram de si mesmos as três essências fundamentais de todos os corpos, com as quais eles formaram o templo universal. Nessa operação, portanto, eu fiz o modelo do Criador e o do espírito maior, e Bethzaleel fez o do espírito inferior, que tem em seu poder a construção das formas. Por isso Bethzaleel é chamado de grande obreiro diante do Eterno. A matéria incorruptível de que esse tabernáculo é composto é o verdadeiro modelo dos espíritos menores, que contribuem para a manutenção e a sustentação do universo, e esse tabernáculo é incorruptível porque é, tal qual o universo, sustentado e mantido por seres puramente espirituais. Por isso esses dois templos subsistirão até o fim dos tempos. Israel, cuidai de tornar igualmente incorruptível vossa forma particular, deixando-a sob a direção e a potência desses mesmos seres espirituais, que a conservarão em toda a pureza de suas leis por toda a duração do curso que lhe é fixado. Concebeis, sem dúvida, que as três pessoas que trabalharam para a construção do tabernáculo, a saber, Bethzaleel e seus dois associados, fazem uma alusão ao número ternário que constitui a poderosa faculdade dos espíritos inferiores produtores das três essências espirituosas das quais provieram todas as formas corporais."

257 — Segundo discurso de Moisés (continuação): *O tabernáculo e o corpo do homem.*

"Tais são, Israel, as figuras importantes que podeis descobrir em tudo o que concerne o tabernáculo que foi construído diante de vossos olhos. Acima de tudo, não esqueçais jamais que esse tabernáculo é, como vos disse, a imagem da forma

corporal do menor. De fato, vede se o tabernáculo do menor não possui as quatro portas que são figuradas no tabernáculo de Bethzaleel e se não há uma correspondência perfeita entre ambas. A porta oriental do tabernáculo de Bethzaleel, por onde entro para invocar os habitantes do supraceleste, representa o coração do corpo do homem; é pelo coração que o menor recebe as maiores satisfações e os maiores favores que o Criador lhe envia diretamente pelos habitantes do supraceleste. A porta ocidental do tabernáculo de Bethzaleel corresponde à segunda porta do corpo do menor, que é o olho. A porta sul do tabernáculo de Bethzaleel faz alusão à boca do corpo do homem, e, finalmente, a porta norte do tabernáculo de Bethzaleel faz alusão ao ouvido. Mas, apesar da correspondência que existe entre as quatro portas desses dois diferentes tabernáculos, não se deve crer que eles são iguais em virtudes e em propriedades. Não, Israel, o tabernáculo de Bethzaleel é apenas um modelo do tabernáculo do menor e é no tabernáculo do menor que o Criador depositou toda sua afeição. Assim, não é surpreendente que ele seja superior em potência ao de Bethzaleel. O de Bethzaleel encerra a lei divina que o Criador confiou pela segunda vez ao seu servo Moisés; mas esta lei sagrada não existe de maneira concreta no tabernáculo do menor? E não é verdadeiramente nele que ela deve se manifestar? Não creiais também, Israel, que o tabernáculo de Bethzaleel faça qualquer alusão ao tabernáculo de Adão, nosso primeiro pai, quando ele estava em seu corpo de glória. Sabeis que Adão, nesse estado, era um ser puramente espiritual e que não era sujeito a nenhuma forma de matéria, porque nenhum espírito puro pode ser encerrado numa forma de matéria, a não ser aqueles que prevaricaram. Sabeis, ademais, que Adão tinha a faculdade de construir sua forma corporal gloriosa, de dissipá-la e mudá-la segundo sua vontade e segundo as ações que ele tinha a operar, de acordo com as ordens que recebia

do Criador. Assim, uma vez que essa forma era variável, não poderia ser considerada como o tabernáculo da lei divina inata no primeiro menor, mas ele próprio é que, como puro espírito, era o verdadeiro tabernáculo da lei divina que ele havia recebido quando de sua emanção ou quando de sua emancipação. Vede, pois, Israel, a impossibilidade de que um tabernáculo de matéria grosseira, como o de Bethzaleel, faça alusão ao tabernáculo espiritual do primeiro menor, que é tão-somente um puro espírito."

258 — Segundo discurso de Moisés (continuação): *As quatro portas do tabernáculo corporal do homem.*

"Instruir-vos-ei agora das propriedades das quatro portas do tabernáculo do menor incorporado, sobre as quais vos falei anteriormente e que vos fiz ver que eram superiores às do tabernáculo de Bethzaleel. A primeira dessas portas, ou a porta oriental, como vos fiz observar, é o coração do corpo do homem; é por essa porta superior que o espírito de vida passiva entra no tabernáculo do menor, para dispô-lo a receber e suportar todos os efeitos de todas as operações espirituais divinas que devem ser feitas ali, junto com o menor. É por essa mesma porta que penetram no homem os mais sublimes espíritos, tanto bons como maus, e, quando eles dispuseram o tabernáculo convenientemente, segundo suas leis, o menor se une com eles para operar sua vontade boa ou má, em consonância com sua liberdade. Os espíritos susceptíveis de operação divina com o menor são todos os que habitam desde o mundo supraceleste até a extremidade de todos os mundos temporais. Vedes, com isso, qual é a multidão infinita de comunicações espirituais, tanto boas como más, que o menor pode receber pela porta oriental de seu tabernáculo corporal. Sim, Israel, é no coração do homem que tudo se opera a favor ou contra o bem do menor. As três outras portas do tabernáculo do homem não são menos

importantes e são igualmente superiores àquelas a que elas correspondem no tabernáculo de Bethzaleel. Elas são os órgãos das principais funções espirituais do menor, a saber, o olho é o órgão da convicção, o ouvido é o da concepção e a boca, o da poderosa palavra do homem, e estas três últimas portas, juntamente com a primeira, vos ensinam a distinguir as quatro diferentes operações que o menor pode fazer, por sua potência, sobre o mundo supraceleste, o mundo celeste, o mundo terrestre e o mundo universal. Podeis conceber a mesma coisa no tocante ao tabernáculo de Bethzaleel, que é a verdadeira figura desses quatro mundos, pois, uma vez que cada um desses mundos é um tabernáculo particular, é necessário que cada qual tenha suas operações espirituais divinas particulares, e é isto que vos representam as quatro diferentes portas do tabernáculo de Bethzaleel. Se me perguntardes qual é a chave dessas portas, responderei que não há outras senão o espírito que zela por cada uma delas e que é o único que pode abri-las ou fechá-las, a favor ou contra o bem do menor. Mas, se por si só o menor não pode abrir essas portas, ele pode fazer com que sejam abertas e fechadas quando bem lhe apraz. Cabe ao menor de desejo espiritual bom ser o verdadeiro proprietário dessa famosa chave e, com isto, tornar-se o depositário do bem espiritual e o vigia dos espíritos prevaricadores contra a Divindade. Vedes, pois, qual é a superioridade do tabernáculo do menor sobre aquele que fiz construir em vossa presença. O do menor é o tabernáculo vivo onde o Criador encerrou a vida eterna. Assim, ele foi o primeiro a ser construído e nada pode prevalecer contra ele sem que o menor dê o seu consentimento. Esse tabernáculo é, em suma, o modelo real do mundo, porque contém em seu pequeno tamanho tudo o que o grande mundo contém em seu espaço imenso. O tabernáculo do menor está incomparavelmente acima dos outros tabernáculos particulares, porque o do homem encerra quatro coisas, enquanto os outros contêm apenas três. As três

coisas que os tabernáculos inferiores particulares contêm são a lei cerimonial do culto divino, o preceito e a operação; mas, além destas três coisas, o tabernáculo do menor encerra uma quarta, que é a potência espiritual divina. Eis qual é a alusão do tabernáculo de Bethzaleel ao do homem e por que este é tão superior a todos os outros, o que será ainda mais amplamente explicado no devido tempo, segundo a vontade do Eterno."

259 — Segundo discurso de Moisés (continuação): *O nome convencional de Bethzaleel.*

"Israel, deixei-vos ignorar o verdadeiro nome do obreiro construtor deste temível tabernáculo, e só o conhecestes pelo nome temporal de Bethzaleel. Esse nome é apenas convencional, ele enuncia unicamente a origem reprodutiva das formas corporais e não ensina o verdadeiro nome daquele ou daqueles que as habitam. Devo vos dizer, portanto, que o verdadeiro nome espiritual desse obreiro é Beth, que quer dizer "operante segundo a ação do pensamento divino", o que é indicado pela segunda letra do alfabeto hebreu, pois a primeira, que é a letra aleph, exprime o pensamento divino e a segunda, que é a letra beth, exprime sua ação."

260 — Segundo discurso de Moisés (continuação): *Nomes temporais.*

"Advirto-vos, com relação a isso, que os nomes temporais não têm nenhuma virtude nem potência espiritual, porque são dados pelos homens e não pelo Criador. Nunca vistes nenhuma obra espiritual temporal ser produzida pelo próprio e privado nome dos corpos materiais, nem por nenhuma das faculdades do ser corporal, e quando as formas operam algumas virtudes, não o fazem por si mesmas, mas pela poderosa propriedade do ser espiritual que as habita, isto é, pela faculdade vinculada ao seu nome animal espiritual divino, conforme vos farei saber."

261 — Segundo discurso de Moisés (continuação): *O nome do homem, antes e depois de sua prevaricação.*

"Não ignorais o ato cerimonial da aliança que o Eterno fez com o homem-Deus da terra, assim como a que ele fez com a posteridade deste primeiro homem, após sua primeira reconciliação. Esse homem-Deus, em seu estado de glória, tinha seu nome próprio vinculado diretamente ao seu ser espiritual. Era pela virtude desse nome que ele manifestava no universo, segundo seu desejo e para a satisfação do Criador, toda operação divina espiritual temporal. Mas logo depois de sua prevaricação ele perdeu a lembrança de seu nome espiritual e nada mais era que um ser material temporal e de sujeição espiritual divina e não demoníaca. A mudança de sua forma operou a mudança de sua lei e a mudança de sua lei operou a mudança de todas as suas operações. Não está aí o que vos prova que todas essas mudanças tiveram necessariamente de engendrar a mudança do nome próprio desse primeiro homem? Com efeito, o nome que o Criador deu a esse primeiro homem, depois de lhe ter concedido sua reconciliação espiritual temporal, e não pura espiritual, era realmente muito poderoso, contudo era inferior ao primeiro nome de sua emanção e emancipação. Para conceberdes, ó amado povo do espírito!, a verdade da mudança que vos digo ter sido feita no nome da primeira criatura humana, observai aquela que se fez no nome do pai temporal dos filhos de Israel. No princípio de suas operações temporais materiais ele se chamava Abrão, que significa "homem elevado na matéria". O Criador retirou-lhe esse nome para substituí-lo pelo de Abraão, que significa "pai abundante em multidão espiritual divina". De fato, foi unicamente na posteridade desse homem que a glória e a justiça do Criador se manifestaram preferencialmente a todas as outras nações. Entretanto, Israel, não vos envaideceis dessas vantagens, pois assim como o Criador transformou a faculdade

espiritual menor e material de Abraão em faculdade espiritual superior, mudando-lhe o nome, do mesmo modo ele pode anular todas essas virtudes abandonando esse mesmo homem e o fazendo cair novamente no mesmo grau de inferioridade do qual o tirou. A esse respeito, deveis saber que todos os espíritos menores, ou todas as almas espirituais, têm realmente um nome que os distingue em suas virtudes e potências de ser, em relação à sua obra temporal. Assim, depois da primeira época do homem prevaricador, e quando de sua reconciliação, tendo o Criador mudado seu primeiro nome, Aba 4, para o de Reau 6, chamado de Adão, este Adão também mudou o nome de sua posteridade terceira, dando-lhe o nome de Seth e este nome não vinha da mera vontade e da convenção do primeiro homem, mas foi-lhe sugerido em seu pensamento pelo espírito, conforme o concebereis pelo que se segue."

262 — Segundo discurso de Moisés (continuação): *A circuncisão de Abraão.*

"A circuncisão de Abraão, ou a efusão de seu sangue, era um verdadeiro modelo da purificação da matéria corporal. Essa efusão de sangue servia ainda para purificar a vida passiva e dispô-la a reter a impressão das diferentes operações espirituais divinas que o Criador havia de novo ordenado ao seu servo Abraão, a fim de afastá-lo do falso culto que ele operava em detrimento do culto da Divindade. Não há dúvida de que por essa operação inteiramente espiritual, a vida passiva, ou a alma animal, ficou intimamente ligada com a vida impassiva, ou a alma espiritual ativa."

263 — Segundo discurso de Moisés (continuação): *Alma passiva e alma impassiva do homem.*

"Entretanto, a despeito dessa razão, a alma passiva e a alma impassiva seguiam tendo cada qual o seu número particular,

que as distinguia perfeitamente em todas as suas virtudes e potências temporais, e o que prova isto é a diferença de seu número. A alma passiva está de posse apenas de um número imperfeito ternário, 3, e a alma impassiva está de posse do número quaternário, 4, o que basta para demonstrar sua diferença e sua distinção particular. Ademais, para vos convencerdes de que essas duas vidas, inferior e menor, ou passiva e impassiva, provêm do puro espírito e que sua ligação é íntima e perfeita, tendes apenas que somar os dois números que as constituem em suas faculdades espirituais temporais. Essa adição vos dará o número septenário, 7, do espírito maior, do qual elas emanam."

264 — Segundo discurso de Moisés (continuação): *E Deus que muda o nome espiritual.*

"Quanto à mudança de nome que vos disse ter sido feita unicamente pela vontade do espírito e do Criador, e não pela vontade do homem, não podereis duvidar dela quando observardes que nenhum patriarca portou o nome de sua origem material e que são todos diferentes uns dos outros. Há dez patriarcas, há dez nomes espirituais que operam o culto da Divindade por seu próprio número denário. Observai ainda se, desde Noé, reconheceis entre os patriarcas algum nome original material, seja na posteridade de Noé, seja na de Ismael, seja na de Heber. Eis, pois, o que vos faz ver que a mudança do nome espiritual, em substituição ao nome original do homem, vem de Deus."

265 — Segundo discurso de Moisés (continuação): *Significado do batismo.*

"O nome espiritual dado à alma impassiva vos enuncia e vos faz entender a junção de um ser distinto espiritual, ou de um espírito particular septenário, que o Criador sujeitou à

poderosa virtude do espírito menor quaternário, como também ensina que ele o uniu ao primeiro homem-Deus após sua reconciliação. E ainda por essa junção que o Eterno Deus de Israel faz conceber a toda sua criatura o preceito de que é preciso amar o próximo como a si mesmo. Essa ligação, essa amizade, essa inteligência, deve ser entendida apenas como sendo de espírito para espírito, e não da matéria temporal para o espírito. Eis o verdadeiro próximo que deveis considerar e amar como a vós mesmos. Em verdade vos digo, Israel, que a operação de eleição, ou de nome espiritual dado à alma ou ao menor, perpetuar-se-á por ordem do Eterno entre os povos idólatras em maior privação do conhecimento do verdadeiro culto da Divindade." (O que é claramente manifestado hoje na Igreja cristã pelo sacramento do batismo, no qual o recém-nascido recebe um nome espiritual e totalmente diferente do que recebe por sua origem material temporal.)

266 — Segundo discurso de Moisés (continuação): *O nome de Seth e o nome de Bethzaleel.*

"Após vos ter explicado, Israel, a origem do nome espiritual que o Eterno deu à alma, como também a mudança do nome original em nome espiritual, é possível que desejais que eu vos dê a explicação do nome de Seth. Em verdade vos digo que esse nome significa ser admitido ao verdadeiro culto divino, ou "executante perfeito da manifestação da glória e da justiça divinas". Assim, a posteridade de Seth foi chamada de filhos de Deus e não de filhos dos homens. O título de "filhos dos homens" foi reservado para a posteridade feminina de Caim, que foi gerada pela operação dos demônios, porque sua origem corporal primeira provém unicamente da faculdade da operação do primeiro homem, que foi o objeto de sua prevaricação. Se, além disso, desejardes saber de mim por que o homem construtor do temível tabernáculo operou todas as suas obras

temporais sob um nome original, responderei que o nome original de Bethzaleel assim permaneceu para este homem a fim de fazer com que toda a posteridade de Adão entendesse a íntima ligação do espírito com a matéria primeira, sem todavia admitir confusão entre um e outro."

267 — Segundo discurso de Moisés (continuação): *O homem está em seu corpo como os espíritos no tabernáculo.*

"E isso que vos explica a forma corporal do tabernáculo que esse grande obreiro construiu, de acordo com o plano que se formou em sua imaginação, para ser a morada do espírito de santificação, do espírito de conciliação, do espírito de conservação e do espírito onipotente, protetor e defensor de Israel. Sim, Israel, o que vos digo relativamente aos habitantes desse tabernáculo deve vos fazer conceber que o espírito menor que habita em seu tabernáculo corporal não se confunde com a matéria, assim como os espíritos de que venho de falar não se confundem com a matéria do tabernáculo espiritual que Bethzaleel construiu para a grande glória do Eterno e para a satisfação de Israel. É isso que vos faz ver claramente que o tabernáculo de Bethzaleel é um verdadeiro modelo do tabernáculo do homem-Deus da terra."

268 — Segundo discurso de Moisés (continuação): *Israel posto em guarda contra a infidelidade.*

"Tudo o que vos disse, Israel, sobre a grande manifestação da glória e da justiça que o Criador operou em vosso favor contra vossos inimigos e os dele vos ensina qual seria vossa prevaricação e vossa punição espiritual animal se, depois desse exemplo, transgredísseis tudo o que vos disse e ensinei em seu nome. Se vosso coração se endurecesse contra o Eterno e contra seus eleitos, aconteceria que vosso número espiritual se subdividiria ao infinito e ficaria sem nenhum ponto de união,

vossa memória se obscureceria, vossa virtude e vossa potência se enfraqueceriam e vossa face se dissiparia tão prontamente quanto a luz faz desaparecer as trevas. Em verdade vos digo, Israel, com o coração contrito e aflito, que vejo com dor que esse tempo está prestes a chegar. Então, os amados amigos do Eterno não viverão mais convosco, todas as vossas exclamações e invocações ou operações serão vãs e estéreis, o que vos ocasionará grandes castigos. Mas essa punição de espírito será ainda maior quando virdes o culto do Senhor passar para outras nações, para vosso prejuízo e vossa vergonha. Em verdade vos digo também que será unicamente em virtude desse mesmo culto que as diferentes nações vos terão em sujeição e submeterão todas as vossas obras, ações e operações à vontade delas e vos tomareis então seu escravo e seu tributário. Mas, como quer que seja, Israel, nunca vos desesperéis quanto à misericórdia do Eterno. Lembrai-vos sempre que fostes o imenso palco da primeira manifestação da glória e da justiça divinas, que é em vós que toda coisa espiritual teve nascimento, e que dia virá em que a posteridade de Abraão, herdeira da obra do Eterno, será recolocada em seu primeiro estado de esplendor e se reintegrará com magnificência em sua morada. Quando estiverdes dispersos em todas as nações, lembrar-vos-eis que essa desgraça espiritual é o verdadeiro quadro dos acontecimentos futuros que sobrevirão aos sucessores espirituais temporais, que terão saboreado por um instante a doce satisfação da operação desse mesmo culto, pois, se eles não forem mais exatos que vós, Israel, em conservar muito cuidadosamente essa esplêndida herança, sem mácula nem desvirtuamento de sua parte, eles serão mais punidos e terão mais a lamentar do que vós. O Criador os considerará como seres impuros e sua herança lhes será tomada por outras nações. Então, esses seres impuros serão tratados meramente como instrumento do flagelo da justiça, que ela rejeita por uma

eternidade depois de ter se servido dele. Dir-vos-ei ainda, Israel, que se aproxima o tempo em que caminhareis sem mim na terra prometida. Josué, servo do Altíssimo, será o herdeiro do grande culto divino e, em consequência da ordem que me foi dada, deverá receber por meu intermédio as virtudes poderosas e necessárias para operar a manifestação da glória e da justiça divinas."

269 — Segundo discurso de Moisés (continuação): *Confusão e dispersão das tribos de Israel.*

"Entretanto, Israel, essa transmissão não é mais um indício de que a herança da terra prometida não ficará sempre convosco? Sim, esse exemplo deve vos ensinar, por um tempo imemorial, que o verdadeiro culto do Eterno será igualmente transmitido, em detrimento de vós, às nações estrangeiras, e, nesse momento, vossa memória será tão fortemente obscurecida que não vos lembrareis mais nem do nome do Eterno nem de vosso próprio nome animal espiritual. Vossa dispersão será completa e servirá de exemplo para toda a terra, entrareis uma segunda vez em escravidão e em servidão na terra do Egito, de onde só saireis no fim dos tempos. Será então que a manifestação da glória e da justiça do Todo-Poderoso se operará, para satisfação dos justos e para vergonha dos demônios criminosos e dos culpados menores não reconciliados. Deveis todavia saber que antes desses últimos tempos haverá grande confusão nas tribos de Israel. A desolação que haverá entre elas as forçará a se separarem umas das outras: o número superior se retirará para muito longe do número inferior e este será separado de sua primeira herança, para ser um exemplo marcante da justiça que o Eterno manifestou contra os filhos de Israel, e sua terra prometida ficará inculta e estéril. Sabeis, Israel, que o número septenário, 7, é um número espiritual temporal e que o número quinário, 5, é um número

espiritual material, susceptível de confusão e de corrupção espiritual divina; assim, é esse número superior septenário de tribos que se separará do número inferior quinário e será afastado para um lugar deste universo aparente que os mortais ordinários não poderão descobrir. Ali, esses povos justos terminarão de pagar o tributo que o crime de Israel ainda deve à Justiça Divina e, por meio disto, eles operarão a justa reconciliação dos filhos de Israel. A arca da aliança de Israel com o Senhor ir-se-á também com esse número septenário, junto com todas as virtudes e potências espirituais divinas das quais é depositário, e as outras tribos degenerarão em seres de trevas."

270 — Segundo discurso de Moisés (final): *Israel sem líder espiritual.*

"Digo-vos, ademais, que quando tiverdes sofrido os efeitos da justiça divina e tiverdes perdido vossos principais líderes condutores espirituais, despendereis todos os vossos esforços para vos conseguir outros, mas só encontrareis seres comuns, que serão simples condutores temporais e mesmo mais materiais que espirituais. Eles vos conduzirão na senda tenebrosa e horrenda da qual o Eterno vos retirou e vos deixará chorar à sombra de vosso crime. Considerai e temei, Israel, todos os infortúnios de que vos ameaço em nome do Eterno. O auxílio de Moisés e de Josué será invocado por vós, mas inutilmente, pois quanto mais o reclamardes, mais o afastareis de vós. É nisso que a justiça do Criador será bem maior contra Israel do que o foi e é assim que se cumprirá, em todos os pontos, o decreto imutável que ele pronunciou contra os prevaricadores e os cúmplices de seu culto".

271 — *Realização das ameaças de Moisés.*

Por tudo o que vindes de ver sobre as ações, reflexões e operações boas e más de Israel, bem como sobre a regularidade

das obras de seus principais líderes condutores, podereis ficar convencidos de que tudo o que foi predito para esse povo aconteceu-lhe de maneira exata. Assim, não entrarei em detalhes sobre os flagelos e todos os sofrimentos por que passou esse povo, de acordo com o que Moisés lhe anunciara antes de se separar dele. A história sagrada e a história profana expõem amplamente todos esses fatos, tais como a arca perdida, a dispersão das tribos sob Roboão, que perdeu por completo sete delas e deixou as outras cinco caírem em escravidão e servidão de nações estrangeiras, sem esperança de poder recuperá-las.

272 — *Separação das tribos de Israel.*

Entretanto, essa dispersão das tribos merece que façais sérias reflexões sobre ela. Sete dessas tribos separaram-se de Roboão, filho e herdeiro de Salomão. Nunca o lugar do retiro ou o caminho que elas tomaram para ir até lá foi conhecido nem pelo próprio Roboão, nem pelos homens das cinco tribos caídas em escravidão, nem, enfim, por nenhuma nação. Refleti, ademais, sobre o desmembramento dessas doze tribos em duas partes, cujo número maior, septenário, retirou-se para um lugar de paz e de tranquilidade, fora de toda correspondência humana e profana, e o número inferior, quinário, permaneceu errante, nômade, coberto de vergonha e de confusão, em servidão em todas as nações, onde essas infelizes tribos são privadas de toda ação e operação espiritual divina. Que pode representar semelhante acontecimento para os homens da terra, senão a verdadeira asserção do mal e do bem provindos das duas espécies de espíritos bons e maus? Vede se o que digo a esse respeito não é claro, posto que o número 2 é o de confusão. Vede também, na separação das tribos de Israel em duas partes, se o número septenário dessas tribos, que os homens da terra perderam de vista, não é o verdadeiro modelo

dos venturosos menores espirituais que o Eterno retira de entre os profanos e os impuros permanentes na terra e coloca ao abrigo de toda comunicação intelectual com os mortais comuns. Além disso, o Criador permite que esses mortais comuns esqueçam inteiramente, pela sucessão dos tempos, a memória daqueles venturosos seres e que ignorem sua morada fixa e o caminho que eles tomaram para chegar lá, e que também ignorem suas obras, suas ações e suas operações espirituais e temporais. Mais que isso, eles ignoram a conduta que deveriam ter para atingir essa felicidade, da qual perderam até mesmo a ideia e a lembrança.

273 — Essa separação, imagem da morte natural.

Vede ainda se essa separação não oferece o verdadeiro quadro da morte natural temporal, pela separação da alma e do corpo. As doze tribos, por sua íntima ligação, formavam um só corpo, mas quando essa unidade se dividiu em duas partes distintas, ficando uma em privação e a outra caindo no nada espiritual e no desconhecido; do mesmo modo, quando a alma está unida ao corpo, forma com ele, temporalmente, uma unidade perfeita, mas quando ela se separa do corpo forma-se então duas divisões distintas, uma das quais, em repetição do número maior septenário das tribos, fica, se é justa, sob a proteção divina e sob as asas da glória do Eterno, e a outra, em repetição do número quinário das tribos errantes, fica na terra, em privação de toda ação espiritual, até a sua perfeita reintegração.

274 — Essa separação, imagem também do fim prometido à matéria.

E por essa observação que podeis conceber o advento e a revolução que sobrevirá ao universo inteiro quando Aquele que o vivifica se separar dele. Pois, à imagem dos corpos particulares, essa matéria ficará errante e na inação, até ser

inteiramente dissipada. Tal é a lei que dará fim a todas as coisas temporais. E necessário agora que vos convençais de que a matéria primeira foi concebida pelo espírito bom apenas para conter e subjugar o espírito mau num estado de privação e que, de fato, essa matéria primeira, concebida e gerada pelo espírito e não emanada dele, foi gerada unicamente para estar à disposição exclusiva dos demônios. Para isso, lembrai-vos do aparecimento que o líder dos demônios fez para o Cristo, homem-Deus e divino da terra. Esse ser perverso não teria aparecido para ele em forma humana, nem o teria atacado, se o homem-Deus não estivesse revestido de um corpo de matéria e se tivesse se servido da forma gloriosa que era inata nele, pois, neste caso, a contra-ação espiritual demoníaca não poderia ter acontecido, posto que o espírito puro tem o privilégio de obstar e parar toda operação dos espíritos impuros.

275 — *Satã quis corromper o Cristo, corpo e alma.*

Perguntais-me se o líder dos demônios, ao aparecer para o homem divino, tinha a intenção de seduzir e corromper simplesmente o seu corpo de matéria ou o seu espírito. Responderei que seu objetivo era seduzir um e outro. Primeiro, ele queria, por sua inteligência demoníaca, corromper a forma corporal de matéria desse ser divino e torná-lo, com isto, susceptível de reter impressão de todas as ações falsas que ele tencionava comunicar-lhe pela intermediação das operações que ele daria ao espírito ligado a essa forma corporal. Segundo, ele queria, com mais ardor ainda, seduzir o ser espiritual que habitava aquele corpo, não concebendo nada mais glorioso do que esta conquista, porque, ao mesmo tempo em que se opunha às ordens e às vontades do Criador, ele sabia que as obras e as operações consideráveis que o homem divino poderia fazer para a glória do tentador gerariam uma infinidade de seres menores, ou de almas, sob a potência da justiça demoníaca.

276 — *Resistência vitoriosa do Cristo.*

Entretanto, como nem o espírito nem o corpo desse ser regenerador sucumbiu às artimanhas do demônio, mas, pelo contrário, obrigou-o, por todas as suas virtudes, a voltar para o seu lugar de sujeição e de privação divina, tudo nesse ser divino foi isento de mácula e de prevaricação, e ele logo forçou o líder dos demônios a se retirar de sua presença, para ir executar as ordens que ele lhe havia dado. Nessa hora vergonhosa, o líder dos demônios compreendeu perfeitamente que ele seria ainda mais fortemente humilhado no futuro pelo homem-Deus e divino deste universo, pois a firmeza e a pureza desse ser cessou todo exemplo e toda ação escandalosa; nenhum hábito ou impressão diabólica prevaleceu aos olhos dos homens comuns e, com isto, a paz e a calma permaneceram no espírito desse homem divino. Isso pode vos fazer conceber que a parte mais forte da ação, da conduta e da operação dos homens de matéria provém unicamente dos diferentes exemplos e dos diferentes hábitos que eles contraem e que se tornam para eles, no curso de sua vida elementar, um segundo princípio de natureza, tanto no bem quanto no mal. As operações e os hábitos escandalosos pervertem o homem-Deus, ao passo que as operações boas proporcionam-lhe excelentes hábitos que produzem um maravilhoso efeito espiritual, tanto em favor daquele que os recebe quanto em favor daquele que os dá.

XI

SAUL

211 — Desde a eleição real de Saul, Israel foi privado de líder espiritual.

Voltando ao que Moisés predisse a Israel, isto é, que eles não encontrariam mais líderes espirituais condutores tão perfeitos quanto aqueles que eles abandonaram, porém líderes condutores temporais, mais materiais que espirituais, não há dúvida de que isto lhes tenha acontecido. De fato, quando esse povo deu sua confiança a um mortal comum chamado Saul, que foi eleito rei dos filhos de Israel pelos hebreus, é bastante certo que esta eleição convencional dos homens, não tendo sido feita pelo Criador ou por seus enviados, era mais material que espiritual, como o prova tudo o que aconteceu com esse povo sob a condução de seu rei Saul. A triste sina que teve o próprio Saul deve acabar de vos fazer compreender a diferença que há entre a eleição divina e a eleição convencional dos homens: esta é perniciosa e a outra é invencível e sem risco. Saul escolheu sua morada na tribo de Benjamim, a quem ele dera toda sua confiança e o punha a par de tudo o que ele operava em favor de Israel. No entanto, a preferência que ele dava a essa tribo sobre todas as outras não existiria se sua eleição tivesse vindo do Criador e não dos homens, porque, neste caso, ele teria aprendido do próprio espírito que o amado eleito do Altíssimo não tem nenhuma preferência e considera igualmente todos os justos espirituais, o que o teria impedido de fazer tamanha distinção da tribo de Benjamim, em detrimento de todas as outras, que ele a via como seu único apoio e como seu guia.

278 — *O nome de Benjamim.*

Ademais, como eu disse, se essa eleição tivesse sido feita pelo Eterno, Saul teria concebido a interpretação espiritual do nome de Benjamim, que quer dizer filho ou criança de minha dor. Ele teria visto que essa tribo estava maculada, havia muito tempo, por um orgulho e uma avidez criminoso, o que teria feito com que, em vez de se ligar intimamente com ela, ele rejeitasse os conselhos ímpios que ela lhe dava e que lhe foram tão funestos que ocasionaram sua triste sina, que o tornou, junto com toda sua posteridade, um exemplo horrendo e imemorial para os olhos dos mortais.

279 — *Qual foi a prevaricação de Saul?*

Talvez desejais saber qual é o gênero de prevaricação de Saul, primeiro rei temporal de Israel. Explicar-vos-ei tão claramente quanto a verdade da sabedoria o ditou para mim. A prevaricação do rei consiste em ter feito perecer miseravelmente uma grande parte dos gabaonitas e ter usado todas as suas forças e todo o seu ódio contra os desafortunados seres desse povo reconciliado com o Eterno e absolvido por Josué, em virtude de seu juramento de fidelidade ao culto da Divindade. A cupidez da tribo de Benjamim levou-o a instar com Saul para declarar guerra aos pobres gabaonitas, visando a usufruir seus despojos, depois que o exército de Israel os derrotasse. Assim, essa tribo, embora fosse a última por sua condição, marchou à testa de todas as outras. O rei assim o ordenara porque via essa tribo como o principal fundamento de seu poder, e ele dependia tanto de sua força como de seus conselhos.

280 — *Saul pressente a pitonisa.*

Entretanto, como não é duvidoso que o homem, em seus maiores extravios, tem ocasionalmente alguma insinuação de pensamentos bons, que lhe são sugeridos pelo espírito bom

para tirá-lo do erro, sobreveio a Saul um instante de dúvida sobre a bondade e a validade do conselho de sua tribo querida, o que Israel compreendeu pela conduta que o rei teve, pois, após algumas reflexões, ele quis esclarecer essa dúvida e, para tanto, tomou a decisão de consultar a pitonisa, homem do Eterno apesar de ser mulher. Ele lhe enviou ordem de ir até sua casa para instruí-lo do sucesso de todos os planos que ele traçara contra os gabaonitas e saber se ele teria vitória sobre este povo. A pitonisa, que era um modelo de bem espiritual, recusou-se a ir até a casa do rei, porque ela sabia que não estaria em segurança ali e que o rei mandaria matá-la, instigado pela tribo de Benjamim, que, tendo jurado intempestivamente derrotar os gabaonitas, temia que essa pitonisa descobrisse sua perfídia e atraísse para sua tribo os flagelos da justiça. Quando os enviados de Saul relataram-lhe a resposta da pitonisa, ele os mandou de volta à casa dela, com ordem de prendê-la e trazê-la à força, mas, como estava instruída das más intenções do rei e da tribo de Benjamim, ela preveniu o efeito das mesmas mudando-se para uma casa afastada, na periferia da cidade de Golboé. Os enviados, não a encontrando, foram prestar conta de sua fuga a Saul, que ficou vivamente aflito com isto. Porém, depois de algumas reflexões, ele ordenou que ela fosse procurada diligentemente por outras pessoas que não as primeiras, prometendo-lhe, com palavra de rei, que ele não faria nenhum mal nem à sua pessoa nem aos seus bens. Um desses enviados, sendo dotado da sabedoria divina, foi logo instruído da nova residência da pitonisa, a quem ele relatou tudo o que Saul dissera de vantajoso em relação a ela. A pitonisa respondeu-lhe: "Que a vontade do senhor rei, teu mestre, seja feita segundo a do Eterno! Diz ao teu rei para vir até minha nova casa. Aqui, atenderei ao seu desejo". O enviado prestou conta ao rei dessa resposta, na presença dos principais líderes da tribo de Benjamim. Com isso, viram que as armadilhas que

eles armaram contra a excelente virtude espiritual da pitonisa não teriam sucesso e que, pelo contrário, eles próprios iriam se tornar vítimas de sua calúnia e de suas trapaças. Foi o que aconteceu efetivamente, pois o mal nunca tem mais que um breve tempo de sucesso mau e a calúnia reverte-se em vergonha do caluniador, donde a verdade mostra-se mais forte e mais inquebrantável.

281 — *A pitonisa tenta dissuadir Saul.*

Tendo Saul se deslocado até a casa da pitonisa, esta lhe disse: "Senhor, que desejas saber do Eterno e que queres que eu te informe?". O rei respondeu: "Dizem que és advinha; diz-me então se ganharei a batalha que devo travar contra os filisteus e os gabaonitas que se aliaram contra Israel. Diz-me se essas duas nações serão entregues à minha justiça". Disse a pitonisa: "Senhor, permita que tua serva te fale por um momento antes de responder à tua pergunta. Em verdade te digo que é pelo povo que és eleito rei de Israel, e não pelo Deus vivo. Então, não é espantoso que estejas constantemente em dúvida e medo quanto ao sucesso de tuas ações e operações temporais. Os antigos condutores de Israel não tinham semelhantes dúvidas nem semelhantes temores, não recorriam ao auxílio de conselhos de homens comuns da terra, porque, sendo eleitos pelo Deus vivo e protetor de Israel, não tinham outro conselho senão o do Eterno e, por este meio, tinham certeza do sucesso de todas as suas ações e operações temporais, tanto em favor deles próprios quanto de Israel. Digo-te, ademais, senhor rei, que teu aconselhamento é falso e puramente material, porque parte de homens maldosos e impuros; eles te seduziram, incitando-te a agir contra o bem espiritual dos justos de Israel e das outras nações. A pitonisa que te fala soube de todas as ciladas demoníacas que foram armadas contra ela pelos principais líderes da tribo de Benjamim, que em teu reinado

se tornaram intelectos do demônio. Eles te persuadiram a me fazer perecer, chegaste mesmo a pronunciar minha sentença de morte; sabe, porém, senhor rei, que o Deus de Abraão protege os justos diante dele e precipita ignominiosamente nos mais profundos abismos os ímpios e os perseguidores dos justos. Concede as palavras que te digo, segundo o espírito que me vivifica e em nome daquele que te anima. Os líderes condutores da tribo de Benjamim serão vergonhosamente derrubados, esta tribo será dividida, tornar-se-á errante, nômade, e confundida entre as de Israel, por um tempo imemorial. Esse acontecimento lhe sobrevirá depois de teu reinado; seus estandartes, suas cores e todas as outras marcas que a distinguem das outras tribos de Israel lhe serão tomados; eles serão aviltados pelo povo egípcio, que evita Israel desde a funesta época sobrevinda ao faraó e a todo o seu exército. Porque, senhor rei, os acontecimentos sobrevivendo outrora a esse povo estrangeiro e aos seus reis nada mais eram que o modelo fiel daquilo que deve sobrevir ao primeiro rei temporal de Israel. A destruição ignominiosa do faraó e da maior parte de seu povo, assim como a servidão e a dispersão do pequeno número que resta dele, anuncia-te a sina que te ameaça, senhor rei, e à tua posteridade e à tua tribo querida, se não fizeres a paz com o Deus de Israel. Essa querida tribo de Benjamim será parcialmente sacrificada, seus infelizes remanescentes ficarão errantes e serão confundidos entre os filhos de Israel, sem terem um condutor como líder particular, como o são os remanescentes dos egípcios recém-convertidos ao Deus vivo de Abraão, pela lei de Israel. Teu crime, senhor rei, é ainda maior diante de Deus e diante dos homens, porque fizeste morrer injustamente uma grande parte dos gabaonitas que foram reconciliados com o Senhor Deus de Israel e abençoados por Josué em nome do Eterno, em virtude de seu juramento. Parte desse povo estava destinada pelos sábios de Israel a reter impressão do culto divino e deveria ensiná-lo e fazer com que

fosse praticado pela nação; de forma que, por tua conduta para com esse povo, infringiste os decretos do Eterno, que não pode deixar nenhum crime impune. Sabe, pois, por aquele que te fala por minha boca, que, se não implorares a misericórdia do Eterno e obstinares em querer acabar de destruir o restante dos infelizes gabaonitas aliados aos filisteus, teu suplício chocará os olhos de todas as nações de nossa terra. Todos os filhos de Israel chorarão tua sina e a dor deles será inacreditável, por terem servido de instrumento para o flagelo injusto com que atormentaste os novos convertidos. Devo te informar ainda que, no mundo inteiro, nem adivinho nem adivinha, ninguém pode ler no passado senão pelo presente, e, assim, tendo um conhecimento perfeito de um e de outro, não é difícil ao homem de Deus ler mais ou menos no futuro. Sabe, ademais, senhor rei, que, se é necessário um trabalho para conseguir ler em todas as operações, ações, contra-ações, vegetações, revoluções e outras coisas temporais e espirituais que são executadas neste universo pelo espírito ou pelo homem, aquele que consegue atingir este objetivo não pode, portanto, ser chamado de adivinho ou adivinha, já que só consegue obter esses conhecimentos depois de penosos esforços espirituais e corporais, que fazem sentir àquele que trabalha sobre as maravilhas do motor do universo o sofrimento da alma, do corpo e do espírito. Portanto, não acredites mais nesses pretensos adivinhos, adivinhas, magos, magas, feiticeiros e feiticeiras, sobre cuja existência o povo inculto te iludiu. Reconhece que nenhum ser dessa espécie pode merecer confiança, posto que o homem só pode ser instruído em qualquer conhecimento das operações do universo passando por penosos e formidáveis trabalhos. A esse respeito, considera os trabalhos de Moisés e os dos sete sábios de Israel; reflete sobre os frutos prodigiosos que eles retiraram de suas operações em favor de Israel: eles combateram, venceram e exterminaram

os inimigos do verdadeiro culto divino. Eis, senhor rei, quais são as poderosas virtudes, espirituais e temporais, que se manifestam nos eleitos do Criador, o que não acontece nos eleitos dos homens temporais. Quanto ao que desejas saber de mim, dispõe-te a me escutar, me ouvir e me conceber. (Essas três coisas são alegóricas às três palavras: busca, bate e pede.) Nada de respeito humano nem de fraqueza material, pois tua alma será forte, se ainda não estiver submetida ao espírito de contra-ação divina, e desfrutará os resultados das operações e dos trabalhos que farei, à tua solicitação".

282 — *Nova tentativa de Saul, nova advertência da pitonisa.* Saul, abalado com tudo o que a pitonisa lhe dissera, pediu-lhe um momento de reflexão e saiu, como a pitonisa, do local destinado ao seu trabalho. Quando escoou o prazo pedido, ele voltou para o mesmo local, onde a pitonisa juntou-se a ele, conforme combinaram, e, como ele persistia em sua primeira intenção material, disse-lhe: "Pitonisa, todas as minhas reflexões estão feitas, digo-te para adivinhar se devo dar combate aos nossos inimigos e se eles sucumbirão sob minha justiça. Evoca, para esse fim, o espírito do profeta Samuel e faça com que eu saiba por ele o que te pergunto". A pitonisa, indignada com o orgulho e a obstinação do rei em fazer o mal, disse-lhe, em tom firme: "Saul, rei injusto de Israel, tentas o Deus eterno, querendo seduzir seu fraco servo. Sim, senhor, que concebeste o horrível pensamento contra a criatura superior, maior, inferior e menor, sou o servo do Deus vivo de Israel. Sim, vou satisfazer tua paixão desordenada, invocando o espírito do sábio profeta Samuel, de paz e de conciliação, mas tema sua vinda". Depois dessas palavras, a pitonisa suplicou ao Eterno e, em seguida, dirigiu seus passos para a operação. Mas no momento em que ela estava começando seu trabalho, o rei lhe disse: "Pitonisa, detém-te. Sinto nascer em minha alma uma emoção que a agita,

não sei de onde vem o fogo que me cerca e o medo que me invade. Adivinha-me todas essas coisas, antes daquelas que te pedi primeiro". Disse a pitonisa: "Tudo isso te vem do insulto que fazes neste momento ao Criador e ao seu servo. Disse-te bem claramente que a ciência espiritual do Eterno não é a arte de um adivinho, como crês, e que, por consequência, essa pretensa arte não pode ser encontrada em nenhuma de suas criaturas. Se estivesse em poder do Deus de Israel ser adivinho, ele seria o único criador do bem e do mal, seria então um cruel e um tirano por permitir e deixar que o mal fosse feito por sua criatura, para depois puni-la por aquilo que ele próprio poderia ter impedido. Não, senhor, o Deus de Israel não é assim. Ouso diante de ti, diante de toda sua corte espiritual divina e diante de toda sua corte temporal, desafiar esse Deus todo-poderoso a penetrar e conceber a ação e a operação, bem como qualquer outro evento que deva sobrevir a um ser espiritual menor, se esse mesmo ser não o tiver primeiro concebido em seu pensamento. Digo-te que o Criador lê abertamente no mais profundo pensamento de sua criatura. Mas, sim, senhor rei, repito-te, desafio esse Deus todo-poderoso a ler num pensamento que ainda não foi concebido. Se tal coisa estivesse em seu poder, ele seria verdadeiramente injusto por não parar os funestos acontecimentos que ele então saberia que iriam acontecer à sua criatura e, neste caso, ele seria o único culpado. Mas, como ele estabeleceu sobre leis imutáveis tudo o que subsiste no universo e como deixou plena liberdade à sua criatura, não há mais nele uma pré-ciência e ele não tem nenhuma parte nas causas segundas que agem neste universo. Quem quer que dê o nome de adivinho ao Criador ou à sua criatura insulta tanto um como o outro, peca contra o espírito e será horivelmente punido. Concede, senhor rei, que, posto que foi preciso uma operação e um trabalho poderoso para que o Eterno manifestasse tudo o que está em seu poder e é

inato nele, pela mesma razão é preciso que o espírito temporal tenha formado algum pensamento para que a ação boa ou má provinda deste pensamento seja conhecida pelo Eterno. Se o pensamento é bom, ele o acolhe, se é mau, ele o repele, mas ele não se opõe à vontade de sua criatura".

283 — *A pitonisa evoca Samuel para Saul.*

Saul, ainda mais penetrado que da primeira vez pelas palavras da pitonisa, e vendo que a firmeza daquela mulher era inquebrantável, disse-lhe, em tom submisso mas profético: "Mulher do Senhor, rei de Israel, roga ao meu Deus e ao teu com o espírito de Samuel, para que eles me digam aquilo que tenho grande necessidade de saber sobre o combate que pretendo dar aos nossos inimigos". A pitonisa agiu segundo a vontade de Saul, mas, assim que a viu no ato de seu trabalho, ele se pôe a tremer como a folha de uma árvore. A pitonisa, vendo-o combalido pela força da operação, disse-lhe: "Saul, rei de Israel, estás em temor diante do espírito do Senhor, teus crimes te fazem tremer ante a aproximação da justiça divina". Saul estava tão perturbado que não compreendeu as palavras da pitonisa e pediu que ela repetisse o que havia dito. Disse a pitonisa, apontando-lhe o espírito de Samuel, revestido de um corpo de glória visível: "Senhor, eis aquele que sabe mais que eu, que te interpretará aquilo que eu te disse e que não compreendeste". Saul se prosternou, penetrado de dor, diante de Samuel, porque o espírito deste profeta afastava o espírito demoníaco que possuía o rei. Nessa atitude, perguntou-lhe se poderia dar combate aos seus inimigos naquele dia. Samuel respondeu: "Digo-te que tu e os teus estarão comigo esta noite, que teu exército sucumbirá, que muitos perecerão miseravelmente e que a tribo de Benjamin servirá de exemplo memorável para os filhos de Israel". Depois que o profeta lhe falou, Saul se levantou, inclinou-se diante da pitonisa, num

gesto de agradecimento, e foi ao encontro do seu exército, para fazê-lo marchar contra os seus inimigos. Ele experimentou, assim como os seus, a triste sina que lhe fora predita pela pitonisa e pelo espírito de Samuel.

284 — Saul, Benjamim e a pitonisa fazem o modelo de toda a história passada e predizem toda a história futura.

Considerai a conduta de Saul, a da tribo de Benjamin e a da pitonisa e reconhecei que todos esses acontecimentos são o modelo da contra-ação má da ação boa e da prevaricação do homem, de seu suplício e de sua reconciliação, bem como o modelo da predição de todos os acontecimentos passados, presentes e futuros que ocorrem e que ocorrerão no universo inteiro.

Nota

O autor não foi adiante neste tratado, que deveria ser muito mais longo; seria sobretudo em relação à vinda do Cristo que ele deveria ser mais importante, segundo o que ele próprio disse a amigos seus.

FIM DO TRATADO DA REINTEGRAÇÃO

ANEXO

Experiência para convencer da verdade do eixo fogo central, que é inato em nós, e que nenhum corpo elementar pode subsistir e operar sem o seu poderoso concurso.

Coloca no chão uma vela benta acesa, entre o norte e o sul e entre o oeste e o oriente, se possível, ou, se não o for, no centro ou no oeste, conforme a posição do cômodo onde farás, com todo sigilo, a portas e janelas fechadas, esta experiência, à noite, por ser o momento mais propício para a realização. Em seguida, posiciona-te de pé por cima da vela, a cabeça curvada e os olhos postos fixamente na luz, durante o intervalo de um minuto ou dois (o que chamamos de pegar fogo). Após essa operação, recua 3 ou 4 passos, e olha fixamente para a parede à tua frente, os olhos bem abertos, sem baixá-los e sem olhar para a direita ou para a esquerda. Então, verás distintamente um globo de fogo, de cor púrpura, mais ou menos grande, que virá na tua direção e passará por cima de tua cabeça. Continua nessa posição até que a parede te apresente um círculo, no qual distinguirás claramente o ar, a terra e a água, isto é, enxofre, mercúrio e sal.

Isso deve convencer que esses quatro elementos são inatos em nós e no geral e que não poderíamos subsistir sem as suas essências espirituosas.

Cuida para que a vela não seja colocada em nenhum tipo de castiçal, não podendo o espírito suportar a matéria, mas simplesmente em pé sobre o assoalho de madeira ou de cerâmica.

CONCORDÂNCIA

N.B.

1. A "Concordância" é comentada em "Da presente edição", IV, 3.
2. Os títulos das três colunas designam, respectivamente, as seguintes obras: "R. E 1899" = edição publicada anonimamente por René Philippon, Paris, Chacornac, 1899, com referência às páginas; "R. A. 1995" = a presente edição, com referências aos capítulos; "S. M. 1993" = fac-símile do autógrafo de Louis-Claude de Saint-Martin, Le Tremblay, Diffusion Rosicrucienne, 1993, com referências às páginas.
3. Em seguida à numeração dos capítulos de 1995 ou das páginas do fac-símile, as letras "c", "m" e "f" significam, respectivamente, começo, meio e fim, ou seja, o primeiro, o segundo ou o terceiro terço do capítulo ou da página; no caso dos capítulos, o cálculo não leva em conta a numeração nem o título. O sinal / indica que a divisão cai no curso de uma linha. Quando a primeira palavra de uma página de 1899 coincide com a primeira palavra de um capítulo de 1955, nenhuma das letras citadas completa a numeração do capítulo; este caso não se apresenta com o fac-símile.

R. P. 1899	R. A. 1995	S. M. 1993	R. P. 1899	R. A. 1995	S. M. 1993
7	1	45c	40	34c	56c
8	2	45m	41	35m	56m
9	3c	45f	42	36m	56f
10	4c	46c	43	37c	57c
11	5c	46m	44	37m	57m
12	5f	46f	45	37f	57f
13	6f	47c	46	38c	58c
14	8m	47m	47	39c	58m
15	10f	47f	48	39f	58m
16	12m	48c	49	41m	58f
17	13f	48m	50	42f	59c
18	15c	48f	51	43c/m	59m
19	15f	49m	52	43f	59f
20	16f	49f	53	44m	60c
21	18c	50c	54	46c	60m
22	18f	50m	55	46m/f	60m
23	20c	50f	56	47c	60f
24	20m/f	51c	57	47m	61c
25	22	51m	58	47f	61m
26	22m	51f	59	48m	61f
27	22f	52c	60	49m	61f
28	23c	52m	61	50f	62c
29	23f	52m	62	51m	62m
30	24m	52f	63	51f	62f
31	25m	53c	64	53c	63c
32	26f	53m	65	54m-55c	63c/m
33	27m	53f		e 56f-57m	63m e 63f
34	28c	54c	66	57m-58c	63f-64c
35	29f	54m		e 55c-55m	e 63m
36	30f	54f	67	55m-56f	63m-63f
				e 59m	e 64m
37	31m	55c	68	59m-59f	64m-64f
38	32m	55m	69	59f-60c	64f e
39	33m	55f		e 58c-59c	64c-64m

R. P. 1899	R. A. 1995	S. M. 1993	R. P. 1899	R. A. 1995	S. M. 1993
70	59c-59m e 60c-60f	64m e 64f-65c	102	82m	75f
71	60f	65c	103	84c	76c
72	61f	65c	104	84c	76m
73	62c	65m	105	84m	76f
74	62m	65f	106	84f	77c
75	62f	66c	107	85m	77m
76	64c	66m	108	85f	77f
77	64m	66f	109	87m	78c
78	64f	67c	110	89c	78m
79	66m	67m	111	90c	78f
80	67m	67f	112	91c	79c
81	67f	68c	113	91m	79m
82	68f	68m	114	91f	79f
83	70f	68f	115	92f	80c
84	71m	69c	116	93f	80m
85	71f	69c/m	117	94m	80f
86	72m	71c	118	94f	80f
87	73m	71m	119	95f	81c
88	74c	71f	120	97c	81m
89	74f	72c	121	97f	81f
90	75c	72m	122	98f	82c
91	75f	72f	123	99m	82m
92	76c	73c	124	100c	82f
93	76m	73c	125	101c	83c
94	76f	73m	126	102c	83m
95	77m	73f	127	102f	83f
96	78c	74c	128	103m	84c
97	78f	74m	129	104c	84c
98	79c	74f	130	105c	84m
99	79m	75c	131	106f	84f
100	80c	75c	132	107f	85c
101	80f	75m	133	108m	85m
			134	108f	85f

R. P. 1899	R. A. 1995	S. M. 1993	R. P. 1899	R. A. 1995	S. M. 1993
135	109c	86c	168	130c	97c
136	109f	86m	169	130m	97c
137	110c	86f	170	130f	97m
138	110m	87c	171	132	97f
139	111c	87c	172	132f	98c
140	111m	87m	173	133m	98m
141	112c	87f	174	135	98f
142	112f	88f	175	137c	99c
143	114c	88c	176	137f	99m
144	114c	88m	177	138m	99f
145	114m	88f	178	138f	100c
146	114f	89c	179	139c	100c
147	114f	89c/m	180	139f	100m
148	115m	89m	181	140m	100f
149	116c	89f	182	141c	101c
150	116m	90c	183	141f	101m
151	117c	90m	184	142f	101f
152	117m	90f	185	143f	102c
153	118c	91c	186	144m	102c
154	119c	91m	187	144f	102m
155	119m	91f	188	146c	102f
156	120c	92c	189	146f	103c
157	121c	92c	190	147	103m
158	121f	92m	191	148f	103m/f
159	122m	92f	192	150c	103f
160	122f	93c	193	151	104c
161	123c	93m	194	151m	104m
162	123f	93f	195	152c	104f
163	124m	94c	196	152f	105c
164	125f	94m	197	153m	105m
165	127c	94m	198	154c	[104bis]c
166	127f	94f	199	154m	[104tri] c
167	128m	95c	200	154f	[104tri] f

R. P. 1899	R. A. 1995	S. M. 1993	R. P. 1899	R. A. 1995	S. M. 1993
201	155m	105m	234	181f	115m
202	156c	105f	235	182m	115m
203	156m	106c	236	183m	115f
204	156f	106m	237	184f	116c
205	157m	106f	238	186c	116m
206	158c	106f	239	186m	116f
207	159c	107c	240	187	117c
208	159m	107m	241	187f	117m
209	159f	107f	242	188c	117f
210	160c	198c	243	188m	118c
211	160f	108m	244	188f	118c
212	161m	108f	245	189	118m
213	162f	109c	246	190c	118f
214	163m	109m	247	190m	119c
215	164m	109f	248	191c	119m
216	167c	109f	249	191m	119f
217	168c	110c	250	191f	120c
218	168m	110m	251	192c	120m
219	168f	110f	252	193c	120m
220	170c	111c	253	193f	120f
221	171m	111m	254	194m	121c
222	172m	111f	255	195c	123c
223	173	112c	256	195f	123m
224	173f	112c	257	196m	123m
225	175c	112m	258	197c	123f
226	176c	112f	259	197m/f	124c
227	176f	113c	260	198f	124m
228	177m	113m	261	199m	124f
229	178c	113f	262	199f	125c
230	179m	114c	263	200f	125m
231	180m	114m	264	201m	125m
232	180f	114f	265	202c	125f
233	181c	115c	266	202m	126c

R. P. 1899	R. A. 1995	S. M. 1993	R. P. 1899	R. A. 1995	S.M. 1993
267	203c	126m	300	224f	135f
268	203f	126f	301	225c	136c
269	204m	127c	302	225f	136m
270	206c	127m	303	226f	236m
271	207c	127f	304	227m	136f
272	208m	128c	305	228c	137c
273	208f	128m	306	228f	137m
274	209m	128m/f	307	230	137f
275	210c	128f	308	230m	138c
276	211c	129c	309	231c	138m
277	211m	129m	310	231m	138f
278	212c	129f	311	231f	139c
279	213c	130c	312	232f	139c
280	213f	130m	313	233f	139m
281	215c	130m/f	314	234m	139f
282	215f	130f	315	234f	140c
283	216c	131c	316	235c	140m
284	216m	131m	317	235m	140m
285	216f	131f	318	236c	140f
286	217m	131f	319	237c	141c
287	218c	132c	320	237f	141m
288	219c	132m	321	238c	141f
289	219f	132f	322	238m	142c
290	220c	133c	323	239c	142m
291	220f	133c	324	239m	142f
292	221m	133m	325	239m	143c
293	222c	133f	326	239f	143m
294	222f	134c	327	240m	143f
295	223m	134m	328	240f	144c
296	224c	134m/f	329	241c	144m
297	224c	135c	330	241m	144f
298	224m	135c	331	241f	145c
299	224m	135m	332	242m	145c

R. P. 1899	R. A. 1995	S. M. 1993	R. P. 1899	R. A. 1995	S. M. 1993
333	243c	145m	361	260m	155c
334	243m	145f	362	261m	155m
335	244c	146c	363	261f	155f
336	244m	146m	364	263m	156c
337	245c	146f	365	265c	156m
338	246c	147c	366	266m	156f
339	246f	147c/m	367	268c	157c
340	247m	149c	368	268m	157m
341	247f	149m	369	269c	157f
342	248f	149f	370	269f	158c
343	249c	150c	371	271c	158c/m
344	249m	150m	372	272m	158m
345	249f	150m	373	273c	158f
346	250c	150f	374	274f	159c
347	250c	151c	375	276	159m
348	250m	151m	376	277	159f
349	250f	151f	377	277f	160c
350	250f	152c	378	279f	160m
351	252m	152m	379	280m	160f
352	253	152f	380	281	161c
353	254m	153c	381	281c	161m
354	255f	153m	382	281m	161f
355	256m	153m	383	281f	161f
356	257c	153f	384	281f	162c
357	257m/f	154c	385	282c	162m
358	258c	154m	386	282m	162f
359	258m	154f	387	283	163c
360	258f	155c	388	283f	163m

ÍNDICE

PESSOAS - LUGARES - TEMAS

N.B.

1. Os índices específicos são em número de três: Pessoas, Lugares e Temas.
2. Os três índices referem-se à numeração dos capítulos.
3. Os índices de pessoas e de lugares não remetem aos títulos dos capítulos, que são fictícios.
4. O nome *Deus*, frequentemente transformado em *Divindade*, torna-se *assim* no *Tratado*, seja sob uma ou outra destas formas, seja sob a forma substantificada de um atributo divino: *Criador*, *Eterno*, *Ser* (diversamente qualificado), *Senhor*, *Todo-Poderoso*, *Onipotente*, *Altíssimo* etc). O uso de Martinès, porém, não parece regular e, por isto, nenhum desses termos foi repertoriado no presente índice.
5. Os nomes *pai*, *filho*, *espírito*, às vezes *espírito santo*, num contexto trinitário, aliás original, designariam pessoas, faculdades ou emanções divinas? *Non liquet*. Esses nomes não constam, portanto, no índice de pessoas, tampouco a palavra *Trindade*, pois Martinès cai, de boa-fê, num modalismo pelo menos mitigado.
6. Do mesmo modo, estão ausentes do primeiro índice os atributos substantificados do Cristo: *mestre*, *reconciliador*, *regenerador*, *reparador*, *sabedoria*, *verdade*, bem como *homem (ns)-Deus* tomado especificamente, os quais possuem um status teológico incerto, assim como o Cristo do próprio Martinès. *Cristo*, todavia, e seu sinônimo *Messias* constituem aqui nomes próprios e, por isto, estão presentes no índice de pessoas.
7. O caso teológico de *Hely* é um caso extremo, mas, na qualidade de nome próprio, *Hely* consta no índice de pessoas. Por igual razão, o mesmo é válido para *Abarin*, nome que designa uma manifestação da Divindade ou mesmo o próprio Deus.

8. Os nomes numerais de espíritos não estão indexados entre os nomes de pessoas, mas os nomes próprios dos coros angélicos, segundo São Dionísio, foram inseridos.
9. O índice de temas contém vários termos alheios ao texto do *Tratado* e inclusive aos títulos dos capítulos.
10. O índice de temas menciona os modelos principais que, de ordinário, são os mais explícitos. Deve-se lembrar, todavia, que, em virtude de uma tipologia quase permanente no *Tratado*, a maioria das pessoas, dos lugares e dos acontecimentos alegados por Martinès estão sujeitos à sua hermenêutica.

ÍNDICE DE PESSOAS

-A-

Aarão: 152, 156, 186, 190, 192, 193, 197, 202, 206, 212, 213, 221.

Aba: 55, 261.

Abac: 53.

Abarin: 150.

Abel: 55, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 67, 68, 72, 75, 76, 11, 78, 81, 82, 83, 89, 90, 91, 92, 95, 104, 108, 112, 137, 152, 163, 167, 169, 183, 208.

Abraão: 33, 92, 115, 121, 155, 161, 162, 163, 164, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 181, 183, 185, 186, 187, 201, 214, 239, 244, 249, 261, 262, 268, 281.

Vide Abrão.

Abrão: 162. Vide Abraão.

Adão: 8, 9, 10, 12, 13, 14, 18, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 29, 30, 31, 32, 33, 35, 37, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 61, 62, 61, 68, 69, 70, 71, 72, 75, 77, 78, 82, 84, 91, 95, 102, 103, 107, 108, 111, 112, 113, 116, 118, 119, 126, 127, 128, 132, 133, 137, 140, 144, 145, 148, 150, 152, 160, 162, 163, 164, 167, 169, 172, 173, 181, 183, 186, 192, 208, 209, 210, 214, 224, 227, 235, 239, 249, 257, 261, 266.

Agar: 121, 163, 164.

Amram: 186.

Anjos: 3, 22, 27, 141, 156, 180.

Arcanjos: 3, 156.

-B-

Belzateel: *sic* para Bethzaleel.

Benjamin: 277, 278, 279, 280, 281, 283, 284. Beth: 259.

Bethzaleel: 149, 152, 251, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 266, 267.

Betzabel: *sic* para Bethzaleel.

Boaz: 76.

Booz: 76, 77, 78, 80, 81, 104.

-C-

Caim: 33, 35, 51, 52, 57, 59, 60, 61, 62, 67, 68, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 81, 84, 89, 90, 91, 95, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 114, 117, 119, 121, 122, 128, 134, 137, 140, 141, 142, 152, 163, 164, 165, 183, 208, 266.

Cam: 33, 34, 108, 134, 137, 150, 153, 154, 155, 159, 165, 183.

Cani: 52.

Chineses: 154, 155, 156, 157, 158, 159, 161.

Chiram: 180.

Cristo: 29, 33, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 47, 50, 57, 64, 66, 74, 89, 91, 92, 93, 94, 102, 104, 112, 115, 117, 119, 121, 133, 149, 152, 156, 161, 164, 168, 172, 179, 183, 189, 191, 214, 238, 274.

-D-

Daniel: 88, 156.

Davi: 89.

Dominação (divina): 3, 138.

Dominações (angélicas): 156.

-E-

Egípcio(s): 188, 190, 192, 193, 195, 198, 199, 200, 201, 202, 204, 209, 210, 211, 213, 216, 281.

Eliacim: 107.

Elias: 41, 112, 149, 183.

Enoque: 33, 41, 75, 76, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 102, 106, 107, 108, 109, 112, 148, 149, 165.

Enos:84, 105, 106, 107.

Esau: 173, 174, 175, 176, 180, 183.

Eva: 51, 52, 53, 54, 55, 57, 58, 62, 67, 82, 127, 128, 163.

-F-

Faraó: 188, 189, 190, 191, 193, 195, 196, 197, 198, 200, 201, 202, 204, 208, 211, 216, 281.

Filisteus: 281.

-G-

Gabaonitas:279, 280, 281.

-H-

Heber: 151, 264.

Hebreu(s): 93, 94, 150, 151, 189, 193, 197, 198, 277.

Hely:33, 41, 96, 103.

Hiram(rei):180.

Homaça: 44, 52.

Huva: 44, 53.

-I-

Isaac: 155, 163, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 176, 180, 181, 183, 185, 186, 187, 201, 239, 244, 249.

Ismael: 108, 155, 163, 164, 168, 195, 196, 197, 206, 208, 264.

Israel (*sic* Jacó): 178. Vide Jacó.

Israel: (povo): 43, 88, 94, 108, 117, 118, 119, 120, 121, 137, 151, 156, 157, 164, 168, 170, 175, 179, 186, 188, 192, 193, 195, 197, 186, 188, 192, 193, 195, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 208, 209, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 220, 221, 222, 223, 224, 229, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 243, 244, 245, 247, 248, 249, 250, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 261, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 277, 279, 280, 281, 282, 283.

Israelita(s): 43, 88, 151, 157, 193, 194, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 208, 212, 213.

J-

Jacó: 155, 163, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 185, 186, 187, 201, 239, 244, 249. Vide Israel (*sic* Jacó).

Jafê: 33, 108, 137, 150, 153, 154, 155, 159, 183.

Japoneses: 154.

Jared: 107.

Jocabed: 186.

José (patriarca): 89.

Josué: 202, 206, 212, 216, 217, 220, 268, 270, 279, 281.

Judas Iscariotes: 183.

Judeu(s): 150, 151.

-L-

Levi: 186, 213, 214.

Levitas: 84.

Locais espirituais (*sic* Principados angélicos?): 156.

-M-

Maha (*sic* Jocabed): 186.

Maria: 56.

Maria de Zebedeu: 91.

Maria Madalena: 91.

Marra (*sic* Jocabed): 186.

Melquisedeque: 33, 41, 89, 149.

Merian: 186.

Messias: 33, 37, 88, 89, 208.

Moisés: 43, 84, 89, 94, 102, 104, 149, 152, 156, 161, 170, 179, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 212, 213, 214, 215, 251, 255, 257, 270, 271, 277, 281.

-N-

Nabucodonosor: 88.

Nembrod: 159.

Noé: 33, 34, 41, 87, 89, 102, 108, 112, 113, 117, 121, 122, 127, 128, 130, 131, 133, 135, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 159, 160, 161, 164, 172, 183, 187, 207, 210, 214, 264.

Noechitas: 151, 154, 156, 157, 160.

-P-

Pitonisa: 280, 281, 282, 283, 284.

Potências (angélicas): 156.

-Q-

Querubins: 3, 156.

-R-

Reau(x) (*sic Adão*): 27, 55, 57, 68, 132, 173, 261.

Roboão: 271, 272.

-S-

Salomão: 22, 47, 89, 102, 152, 156, 161,

170, 179, 180, 181, 272.

Samuel: 282, 283.

Sara: 167.

Saul: 277, 278, 279, 280, 281, 282, 283, 284.

Sem: 33, 108, 137, 150, 153, 154, 155, 159, 183.

Serafins: 3, 156.

Seth: 33, 41, 83, 84, 87, 95, 96, 97, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 114, 117, 119, 121, 122, 128, 134, 137, 140, 142, 148, 164, 183, 208, 261, 266.

Simeão: 213.

-T-

Tronos (angélicos): 156.

Tubal-Caim: 75, 76.

Tupz (*sic* Amram): 186.

-U-

Ur: 152, 192, 197, 202, 206, 212.

-Z-

Zebedeu: 91.

Zorobabel: 41, 88, 89.

ÍNDICE DE LUGARES

-A-

Aquilão: 153.
Ararat: 127, 133, 137.
Armênia: 127.

-B-

Babilônia: 159.

-C-

Canaã: 165, 200.
China: 154.

-E-

Egito: 141, 161, 185, 186, 188, 189,
190, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198,
199, 200, 201, 204, 206, 208, 209, 212,
214, 216, 219, 220, 222, 246, 269.
Enoque (cidade): (*sic* Henoque) 75, 76.

-F-

Fihahiroth: 201, 216.

-G-

Golboé: 280.
Gomorra: 127, 141.

-H-

Harão: 177.
Henoque: (*sic* Enoque, cidade): 141.

-J-

Jerico: 141.
Jerusalém: 141, 168.
Jezanias: 76, 78, 80.
Júpiter: 217, 225, 242.

-L-

Lathau (cometa): 109.
Lua: 114, 143, 157, 158, 159, 170, 186,
193, 202, 203, 204, 217, 225, 226, 242.

-M-

Magdala (*sic* Rigdal): 201.
Mahanaïm (*sic* Mor-ia): 177.
Marte: 159, 186, 193, 202, 217, 225,
241.
Mercúrio: 71, 73, 102, 110, 217, 225,
227, 230, 239, 241.
Mor-ia: 22, 168, 177, 180.

-N-

Nilo: 186, 188.
Norte: 102, 108, 153, 159, 208.

-O-

Oliveiras (deserto): 74.
Onam (bosque): 76.
Oeste: 102, 108, 114, 137, 153, 159,
208.

-R-

Roma: 156.

-S-

São Pedro de Roma: 156.
Saturno: 8, 110, 217, 228, 241.
Sinai: 212, 216, 251.
Sodoma: 127, 141.
Sol: 93, 110, 111, 114, 154, 157, 168,
177, 180, 213, 217, 225, 226, 227, 228,
241.
Sul: 33, 72, 102, 108, 109, 114, 116,
134, 137, 153, 159, 185, 208.

-T-

Tabor: 29.
Terra: 7, 9, 10, 23, 24, 25, 30, 33, 34,
35, 36, 39, 42, 43, 47, 53, 54, 55, 57,
62, 66, 70, 71, 73, 74, 75, 77, 84, 85,
86, 87, 91, 92, 93, 108, 109, 114, 115,
121, 122, 127, 128, 129, 130, 131, 132,
133, 134, 137, 138, 139, 140, 142, 143,
144, 149, 150, 153, 154, 155, 157.

-V-

Vênus: 217, 225, 242.
Vermelho (Mar): 200, 201, 202, 203,
204, 208, 211, 216.

ÍNDICE DE TEMAS

-A-

Aarão: A., junto com Ur, auxiliar de Moisés investido, 192; A., junto com Moisés, Ur e Josué, modelo da quátripla essência divina, 206.

Abac: irmã de Caim e Caim, 53.

Abel: (1) "A." = seção III; A. concebido em pureza, 54; A., sentido deste nome, 55; A. realiza um culto, 57; A., modelo do Cristo, 57; rivalidade com seus três irmãos mais velhos, 58; A. opera com Adão e Caim, 59; Caim opera diabolicamente contra A., 61; A. assassinado por Caim, 62; A. explicado por Deus a Adão e Eva, 67; primeiro modelo dos acontecimentos advindos a A. e Caim, 68; segundo modelo dos mesmos acontecimentos, 69; modelos de A., 82; sangue do Cristo, sangue de A. e sangue de Abraão, 92; Seth, herdeiro de A., 95; sacrifício de Isaac e sacrifício de A., 169; Abraão, Isaac e Jacó, Adão, A. e Seth, 183.

Abismado: Adão a. na terra, 24.

Abominações: a. representadas pelo crime de Caim, 90; a. no tempo do Cristo e depois, 119.

Abraão: "A." = seção VII; sangue do Cristo, de Abel e de A., 92; modelo de A. e Adão, de Ismael e Caim, 164; segunda posteridade de A., 167; A. e Ismael, 1º modelo, 171; A., 2º modelo, 172; A., 3º modelo, 173; A., Isaac e Jacó, Adão, Abel e Seth, 183; circuncisão de A., 262.

Abraão: modelo de A./Abraão, 162.

Ação: a. do espírito divino, 83; mudança

das leis de a. e operação do menor depois de sua prevaricação, 235; a. eterna do ser duplamente poderoso, 248.

Adão: "A." = seção I; os filhos de A., seções I, II, III; A. opera sobre o particular, 8; A. opera sobre o geral, 9; A. opera sobre o universal, 9; A. homem-Deus da terra, 10; A. criatura livre, 11; tentação de A., 12; pecado de A., 13; êxtase de A., 13; quarta e criminosa operação de A., 14; traição e punição de A., 20; A. arrependido e reconciliado, 21; A. usou mal o seu verbo de criação, 22; A. criou uma forma de matéria, 23; invocação de A. para sua reconciliação, 25; A., de pensante, torna-se pensativo, 29; obra impura de A., 30; posteridade de A. pensativa e pensante, 31; figuras aparentes do Cristo para a reconciliação das duas posteridades de A., 33; Moisés, modelo de A., 43; a prevaricação de A. produziu Huva, 44; verbo de criação de A., 47; A. e seus filhos, 54; A., modelo de Zacarias e José, 56; A. opera com Caim e Abel, 67; poder de vegetação corporal de A., 70; A. expulso e Cristo encarnado, 91; Seth igual ao A. primitivo, 103; punições de A., de Noé e dos animais, 127; as duas posteridades de A. e de Noé, 140; segunda posteridade de Noé igual ao A. glorioso, 145; modelo de Abraão e A., de Ismael e Caim, 164; Abraão, Isaac e Jacó, A., Abraão e Seth, 183; terra punida sob A., 210; Vide

Homem, Homem-Deus, Menor.

Advento: a. de Enoque, profeta, 112; nascimento e a. de Moisés, 186; a. do Cristo, modelo do a. de Moisés, 189.

Advertência: 1ª a. da pitonisa a Saul, 281; 2ª a. da pitonisa a Saul, 282.

Agar: Ismael e A, 163.

Águas: Noé flutuando sobre as á., modelo do Criador, 122; Moisés flutuando sobre as á., modelo da 1ª virtude do Criador, 207.

Aliança: modelo da a. divina com os homens, 172.

Alma: a. passiva e impassiva do homem, 263; Satã quis corromper o Cristo, corpo e a., 275.

Alusão: 1ª a. do tabernáculo, 252; 2ª a. do tabernáculo, 253; 3ª a. do tabernáculo, 254; 4ª a. do tabernáculo, 255. Vide Modelo e correlates.

Ameaças: realização das a. de Moisés, 271.

Anjo: a. na saída da arca, 125; Jacó luta contra o a., 177.

Animais: corpo dos a., menos atacado pelos demônios do que o dos homens, 79; castigos de Adão, de Noé e dos a., 127.

Anos: quarenta a., quarenta dias, 128; setenta a. de servidão, 88.

Apostolado: a. vitorioso da segunda posteridade de Noé, 154. Vide Missão.

Arca: anjo na saída da a., 125; a misteriosa a. de Noé, 126; a., modelo do culto saturnário, 132; o número da a. é 11, 136; instrução de despedida aos habitantes da a., 138.

Arco-íris: modelo do a., 137.

Ardente: sarça a., 191.

Armadilhas: potência e a. dos demônios, 222. Arrependimento: a. de Adão, 21; falta, punição e a. de Esaú, 175; a. de Jacó, 178. Assassinato: a. de Abel por Caim, 62; a. de Caim por Booz, 76; a. de um egípcio por Moisés, 190.

Assinalados: marca dos a., 42. Vide Exceção. Ataque: a. do corpo dos homens pelos demônios, 79. Auxiliares: dois a. de Moisés, 192. Auxílio: modelo da a. aos tributários, 171. Ázimo: modelo do pão á., 200.

-B-

B: regra da letra B, 179.

Batismo: sentido do b., 265.

Bem: b. e mal tipificados, 60; b. emprestados dos egípcios pelos hebreus, 199; Egito punido através dos b. emprestados, 209.

Bênção: b. de Esaú por Isaac e a grande reconciliação futura, 176.

Benjamim: o nome B., 278; Saul, B. e a pitonisa, modelo de toda a história, 284.

Bethzaleel: nome convencional de B., 259; os nomes de B. e de Seth, 266.

Bezerro de ouro: b. de ouro idolatrado pelos hebreus, 213. Vide ídolos, Sol.

Bom: espírito b. companheiro, 135; potência dos espíritos maiores espirituais b., 223.

Booz: B. mata Caim, 76; B. se retira para o deserto de Jezanias, 78.

-C-

Caim: "C." = seção II; nascimento de C, 51; Cani, irmã de C, 52, 53; Abac, irmã de C, 53; C. opera com Adão e Abel, 59; C. opera diabolicamente

- contra Abel, 61; C, assassino de Abel, 62; 1º modelo dos acontecimentos advindos a Abel e C, 68; 2º modelo dos mesmos acontecimentos, 69; C, modelo da sedução dos espíritos maus, 72; punição de C, 75; C, assassinado por Booz, 76; abominações representadas pelo crime de C, 90; o corvo de Noé lembra C, 134; Abraão e Adão, Ismael e C, 164.
- Cálculo: c. diário e quatro operações diárias, 155; c. lunar e c. solar, 158. Vide Recálculo.
- Calendário: c. da segunda posteridade de Noé, 143.
- Cam: C. profetizado pelo corvo de Noé, 34, 134.
- Camufla: uma nuvem c. o êxodo, 201.
- Cani: C, irmã de Caim, 52; C, irmã de Abac, 53.
- Castigo: c. dos adoradores do bezerro de ouro, 213; c. de Adão, de Noé e dos animais, 127.
- Cegueira: privação e c. dos homens do século, 117.
- Celeste: mundo c, 2ª alusão do tabernáculo, 253.
- Central: vide Eixo fogo central.
- Cerimonial: c. restabelecido por uma segunda posteridade de Noé, 139; leis c, 46.
- Céu: Enoque transportado ao c, 86.
- Chineses: mês dos c. ou noechitas, 157; eleição entre os c, 159; recálculo do tempo pelos c, 159; c. ou noechitas ignoram o dilúvio, 160.
- Cidades: flagelo das c, 142.
- Círculo: c. saturnário, 132; c. universal, 4ª alusão do tabernáculo, 255; três c. do corpo do homem, 39; três e onde o menor opera, 217; sete c. planetários, 217.
- Circuncisão: c. de Abraão, 262.
- Classes: superioridade do homem sobre as c. de espíritos, 238.
- Começo: fim e c. de toda criação, 129.
- Companheiro: espírito bom c, 135.
- Comunicação: c. do pensamento ou intelecto, 28.
- Confronto: c. de Moisés com os magos do Egito e os sábios de Ismael, 195, 197; os diversos c. de Moisés, modelo da 2ª virtude do Criador, 208.
- Confusão: dois, número de c, 63; c. e dispersão das tribos de Israel, 269.
- Construção: ordem do Criador a Moisés para a c. de um tabernáculo, 251; a c. ternária do tabernáculo, 256.
- Cordeiro: modelo do c. pascal, 194.
- Corpo: c. dos homens atacado pelos demônios, 79; c. dos homens, c. dos animais e os demônios, 79; três partes do c. humano, três operações da criação universal, 123; c. do homem, 3ª alusão do tabernáculo, 254; tabernáculo e c. do homem, 257; o homem em seu c, os espíritos no tabernáculo, 267; Satã quis corromper o Cristo, c. e alma, 275.
- Corporal: poder de vegetação c. de Adão, 70; formas c. dos homens e dos espíritos combatidas pelos demônios, 111; dois líderes principais, mais Saturno, da vivificação c, 226, 228; formas c. dos espíritos emancipados no mundo, 230; quatro portas do tabernáculo c. do homem, 258.
- Correspondência: c. dos acontecimentos relativos a Moisés com o resto da história sagrada, 214. Vide Modelo e correlates.
- Corromper: Satã quis c. o Cristo, corpo e alma, 275.

Corvo: o c. de Noé, 34; o c. de Noé lembra Caim e anuncia Cam, 134.

Criação: c. material, 6; verbo de c. de Adão, que o usou mal, 22; c. de uma forma de matéria por Adão, 23; verbo de c. de Adão, 47; verbo de c. de Adão determinado por..., 48; tripartição da c. universal, 108; c. uma imagem, 116; três operações da c. universal, três partes do corpo humano, 123; o dilúvio, fim e começo de toda c, 129; c. e emanção, 138; seis dias da c, 227.

Criador: Deus, c. de tudo, 2; justiça ao C, 19; Noé, modelo do C, 122; Moisés se oferece em sacrifício ao C, 190; modelos das três virtudes do C, 207, 208, 209; ordem do C. a Moisés para a construção de um tabernáculo, 251.

Criatura: Adão, c. livre, 11.

Crime: c. do primeiro homem, 18; c. de Caim, 90; c. e punição dos egípcios, 211.

Criminosa: quarta e c. operação de Adão, 14.

Cristo: figuras aparentes do C. para a reconciliação das duas posteridades de Adão, 33; quais homens o C. reconciliou?, 35; três operações do C. morto, 36, 37, 38; plano traçado aos homens pelo C, 40; manifestação do C. antes do C, 41; Abel, modelo do C, 57; C. encarnado e Adão expulso, 91; sangue do C, de Abel e de Abraão, 92; morte do C. e fim dos tempos, 93; abominações no tempo do C. e depois, 119; tradicional mas eminente, o culto do C, 161; advento do C, tipificado pelo de Moisés, 189; êxtase do C. supliciado, 191; Satã quis corromper o

C, corpo e alma, 275; C. resiste a Satã, 276.

Culpados: os c. de adorar o bezerro de ouro, 213.

Culto: mudança do c. devido pelo homem, 26; c. de Abel, modelo do Cristo, 57; c. rendido por Enoque, 84; c. divino ensinado por Seth a Enos, 105; c. rendido por Noé para reconciliar a terra, 133; c. rendido pela segunda posteridade de Noé, 144; c. da segunda posteridade de Noé, c. de Moisés e c. da Igreja, 152; c. do Cristo, tradicional mas eminente, 161; dez espécies de c, 170; c. e invocação de Jacó, 181; c. divino instituído por Moisés em Israel, 205. Vide Invocação, Operação, Religião.

Curso: c. do homem, 39.

-D-

Decaído: homem d. e protegido por Deus, 116.

Decreto: o d. chamado de pecado original, 45.

Dedicação: Enoque significa d., 107.

Demoníaca: vida d. no homem, 80.

Demônio: d. e homem, 16; operação do Cristo morto em favor dos escravos dos d., 37; d. atacam o corpo dos homens, 79; liberdade do homem contra os d., 81; d. contra as formas corporais dos homens e dos espíritos, 111; dilúvio e papel dos d., 115; potência e armadilhas dos d, 222.

Denário: superioridade do número d., 97; o d. emana o septenário, 99; o d. emana o senário, 100; número d. de Noé, 113.

Destino: d. dos hebreus, tipificado pelo véu rasgado, 94; d. das formas, tipificado pela vitória de Moisés, 196.

Deus: *passim*, vide N. B. e também Criador, Divino, Eterno.

Dez: d. modelos do Messias, 89; um, dois, três, quatro e d., 98; d. espécies de culto, 170; Sinai contém 10, 218.

Diário: o cálculo d. e as quatro operações d., 155.

Dias: quarenta anos, quarenta d., 128; seis d. da criação, 227.

Diferentes: os habitantes dos d. mundos são d. entre si, 245.

Dilúvio: d., fim e começo de toda criação, 129; motivos do d., 114; d. e papel dos demônios, 115; sentido do d., 130; chineses ou noechitas ignoram o d., 160. Vide Flagelo, Punição.

Discursos: d. de Noé depois do dilúvio, 130, 131; grande d. de Moisés, 215-250; segundo d. de Moisés, 252-270.

Dispersão: confusão e d. das tribos de Israel, 269.

Dissuadir: a pitonisa tenta d. Saul, 281.

Divino: imensidade d., 1; quátripla essência d., 3; líderes espirituais d., 4; tripla e quátripla essência d., 50; vida d. no homem, 80; espírito d. e sua ação, 83; dez, primeira potência d., 97; a essência d. é quaternária, 101; culto d. ensinado por Seth a Enos, 105; misericórdia d. experimentada por Ismael, 121; aliança d. com os homens, tipificada por Abraão e Isaac, 172; culto d. instituído por Moisés para Israel, 205; quátripla essência d., tipificada por Moisés, Aarão, Ur e Josué, 206; a quátripla essência d. produz tudo o que há aqui, 225; puros espíritos na imensidade d., 232; lei d. e lei humana, 236; duas prevaricações,

duas mudanças na imensidade d., 237; imensidade d. e imensidade supraceleste, 247; espíritos d., 250.

Divisão: modelo da d. da terra em três, 137; importância da d. espiritual dos tempos, 147.

Dois: d., número de confusão, 63; d., três, quatro, 64; um, d., três, quatro e dez, 98; duas posteridades de Adão e de Noé, 140; Moisés se oferece duas vezes em sacrifício ao Criador, 190; d. auxiliares de Moisés, 192; d. líderes principais da vivificação corporal, mais Saturno, 226; duas prevaricações, duas mudanças na imensidade divina, 237.

Dons: d. e operações dos quatro primeiros filhos da segunda posteridade de Noé, 146; d. dos três últimos filhos da segunda posteridade de Noé, 148.

Duplo: o ser de d. potência age eternamente, 248; espírito duplamente forte, 246.

-E-

Eclipse: e. do sol, a morte do Cristo e fim dos tempos, 93.

Egípcio: Moisés mata um egípcio, 190; bens emprestados dos e. pelos hebreus, 199; crime e punição dos e., 211.

Egito: que é o E., 185; Moisés confrontado com os magos do E., 195, 197; E. punido com o empréstimo de seus bens, 209.

Eixo fogo central: e.f.c, um dos dois principais líderes da vivificação corporal, 226; Saturno age com o e.f.c. e o sol, 228; e.f.c, 229.

Eleição: e. entre os chineses, 159; e. real de Saul, 277.

Elizabete: E., modelo de Eva e de Maria, 56.

Emanação: e. e criação, 138; e. do homem, 233.

Emanados: primeiros espíritos e., 3.

Emancipação: e. dos espíritos do supraceleste, 243.

Emancipados: essências e formas corporais dos espíritos e. no mundo, 230.

Eminente: tradicional mas e., o culto operado pelo Cristo, 161. Vide Superioridade.

Emprestados: bens e. dos egípcios pelos hebreus, 199; Egito punido com seus bens e., 209.

Encarnação: a expulsão de Adão e a e. do Cristo, 91.

Enoque: "E." = seção IV; modelo feito por E., 83; culto de E., 84; o 6^a discípulo de E. se revolta, 85; E. transportado ao céu, 86; religião de E. retomada por Noé, 87; E., filho de Jared, 107; sentido do nome E., 107; sinal planetário no nascimento de E., 109; advento de E., profético, 112.

Enos: E. instruído do culto divino por Seth, 105; posteridade de Seth e de E. pervertida até Enoque, 106.

Enviado: Moisés, e. do Eterno, 220.

Enxofre: e., sal e mercúrio, 73.

Erro: e. dos homens do século sobre o parricídio de Booz, 77.

Esaú: E., modelo do menor, 173; falta, punições e arrependimento de E., 175; E. abençoado por Israel e a grande reconstrução futura, 176.

Escada: visão da e. por Jacó, 180.

Escravos: operação do Cristo morto em favor dos e. dos demônios, 37.

Espírito: primeiros e. emanados, 3; classes de e., 3, 238; prevaricação e

punição dos primeiros e., 5; e. maiores, modelo dos acontecimentos advindos a Abel e Caim, 68; Caim, modelo da sedução dos e. maus, 72; e. divino e sua ação, tipificados por Enoque, 83; planetas e e., 110; forma corporal dos homens e dos e. combatidos pelos demônios, 111; e. e, em particular, o e. bom companheiro, representado pela pomba, 135; Jacó, modelo dos e. maus, 173; potência dos e. maiores espirituais bons, 223; essências e formas corporais dos e. emancipados no mundo, 230; puros e. na imensidade divina, 231; mudança causada pela prevaricação dos e. perversos e intervenção do homem, 234; superioridade do homem sobre todas as classes de e., 238; emancipação dos e. do supraceleste, 243; e. duplamente forte, 246; estado atual dos e. divinos, menores e perversos, 250; o homem em seu corpo como os e. no tabernáculo, 267. Vide Ser.

Espiritual: líderes e. divinos, 4; divisão e. dos tempos, 147; vida e., tipificada pelo pão ázimo, 200; nuvens e. e nuvens materiais, 216; potência dos espíritos maiores e. bons, 223; Deus muda o nome e., 264; Israel sem líder e., 270; Israel privado de líder e. com Saul, 277.

Espirituosas: três essências e., tipificadas pelo ternário, 102.

Essência: quátripla e. divina, 3; e. divina e menor, 50; e. divina quaternária, 101; três e. espirituosas, tipificadas pelo ternário, 102; quátripla e. divina, tipificada por Moisés. Aarão,

Ur e Josué, 206; a quátripla e divina produz tudo neste mundo, 225; e. dos espíritos emancipados no mundo, 230.

Estado: e. atual dos espíritos divinos, menores e perversos, 250.

Eterno: Moisés, enviado do E., 220.

Eternamente: o ser de dupla potência age e., 248.

Eva: E., modelo de Elizabete e de Maria, 56; E. recebe do Eterno a explicação sobre Abel, 67. Vide, Mulher, Homaça, Huva.

Evoca: a pitonisa e. Samuel para Saul, 238.

Exceção: homens de e., 32. Vide Assinalados.

Êxodo: e. de Israel, 198; e., 214.

Explicação: e. do quadro universal, 224.

Expulsão: e. de Adão, 91.

Êxtase: e. de Adão, 13; e. de Moisés nasarça ardente e e. do Cristo supliciado, 191.

Extravio: e. de Jacó, 177.

-F-

Falta: f., punição e arrependimento de Esaú, 175.

Faraó: Moisés descoberto pelo f., 188; o f. e Moisés, 188-198; o f. deixa os hebreus partirem e depois os persegue, 198.

Figura: f. aparentes do Cristo para a reconciliação das duas posteridades de Adão, 33; f. das abominações do crime de Caim, 90; Abel e Abraão, f. do sangue do Cristo, 92; pomba, f. particular do bom companheiro, 135. Vide Modelo e correlatos.

Figura Universal: vide Quadro Universal.

Fim: f. dos tempos, 93, 214 [284]; f. e começo de toda criação, 129; f. da matéria, tipificada pela separação das tribos de Israel, 274.

Flagelo: f. das cidades, 142. Vide Dilúvio, Punição.

Flutuando: modelo de Noé f. sobre as águas, 122; Moisés f. sobre as águas, modelo da primeira virtude do Criador, 207.

Fogo: vide Eixo fogo central.

Forma: f. de matéria criada por Adão, 23; putrefação das f., 71; três princípios das f, 73; f. corporais dos homens e dos espíritos combatidas pelos demônios, 111; natureza e destino das f., tipificados pela vitória de Moisés, 196; f. corporais dos espíritos emancipados no mundo, 230.

Forte: espírito duplamente f., 246.

Fraqueza: f. inata no menor, 249.

Futuro: acontecimentos f., 93; patriarcas f., 187; grande reconciliação f., 112, 176; história f., 214, 284. Vide Tempo, Reconciliação.

-G-

Geral: operação de Adão sobre o g., 9.

Glorioso: segunda posteridade de Noé igual ao Adão g., 145.

Graças: Israel presta ação de g., após a saída do Egito, 204.

-H-

Habitantes: os h. dos diferentes mundos são diferentes entre si, 245.

Hebreu: o véu rasgado, modelo do destino dos h, 94; judeu, h., israelita, 151; o faraó deixa os h. partirem, 198; os h. emprestam bens dos egípcios, 199.

Hely: vide Índice de Pessoas e Introdução.

Herdeiro: Seth, h. de Abel, 95.

História: h. sagrada e vida de Moisés, 214; h. passada, tipificada por Saul,

Benjamim e a pitonisa, 284; h. futura, predita por Saul, Benjamin e a pitonisa, 284.

Hoje: homens relapsos e punidos ontem e h., 141; flagelo das cidades de h., 142.

Homaça: H. significa Huva, 44. Vide Eva, Huva, Mulher,

Homem: o h. e o demônio, 16; crime do primeiro h., 18; o h. abismado na terra, 24; mudança do culto devido pelo h., 26; h. de exceção, 32; quais h. o Cristo reconciliou?, 35; três círculos do curso do h., 39; plano traçado aos h. pelo Cristo, 40; necessária reconciliação dos h., 49; h. do século, 77; corpo dos h. atacado pelos demônios, 81; formas corporais dos h. e dos espíritos combatidas pelo demônio, 111; h. decaído e protegido por Deus, 116; provação e cegueira dos h. do século, 117; punição dos h. relapsos, ontem e hoje, 141; o 2º modelo de Abraão e de Israel é a aliança divina com os h., 172; emanção do h., 233; o h. intervém após a prevaricação dos espíritos perversos, 234; superioridade do h. sobre as classes de espíritos, 238; o h. contém quatro, 239; privilégios do h., 242; 3ª aliança do tabernáculo com o mundo particular ou corpo do h., 254; tabernáculo e corpo do h., 257; quatro portas do tabernáculo corporal do h., 258; nome do h. antes e depois de sua prevaricação, 261; alma passiva e impassiva do h., 263; o h. em seu corpo como os espíritos no tabernáculo, 267. Vide Adão, Homem-Deus, Menor.

Homem-Deus: Adão, h.D. da terra, 10. Vide Adão, Homem, Menor.

Humano: três partes do corpo h. e três operações da criação universal, 123; lei divina e lei h., 236.

Huva: fruto da prevaricação de Adão, 44. Vide Eva, Homaça, Mulher.

-I-

Ídolos: i. materiais, entre os bens emprestados dos egípcios, 199. Vide Sol, Bezerra de ouro.

Ignorância: i. do dilúvio pelos chineses ou noechitas, 160.

Igreja: culto da segunda posteridade de Noé, de Moisés e da I., 152.

Igual: segunda posteridade de Noé i. ao Adão glorioso, 145.

Imagem: Adão à i. de Deus, 47; a criação é apenas uma i., 116; a separação das tribos de Israel é a i. da morte natural, 273; a mesma é também a i. do fim da matéria, 274. Vide Modelo e correlatos.

Imensidade: i. divina, 1; puros espíritos na i. divina, 231; mistério da i. divina, 232; duas prevaricações, duas mudanças na i. divina, 237; utilidade da i. supraceleste, 241; i. divina e i. supraceleste, 247.

Impassiva: alma passiva e i. do homem, 263.

Impura: obra i. de Adão, 30.

Imutáveis: leis i. de todo o universo, 219.

Inata: fraqueza i. no homem, 249.

Inferioridade: i. da 1ª posteridade de Noé, 150.

Infernos: operação do Cristo nos infernos, 36.

Infidelidade: Reprimendas à i. de Israel, 221; Israel posto em guarda contra a i., 268.

Instituição: i. do culto divino por Moisés, 205.

Instrução: i. de Noé, 138.

Intelecto: comunicação do pensamento ou i., 28.

Intelectual: círculo i., 39.

Intenção: i. e verbo de criação, 48.

Intervenção: i. do homem após a prevaricação dos espíritos perversos, 234.

Investido: Moisés i., 192.

Irmã: Cani, i. de Caim, 52; Abac, i. de Caim, 53.

Isaac: "I." = seção VIII; I., segunda posteridade de Abraão em parte reconciliada, 167; sacrifício de I., 168; sacrifício de I. e sacrifício de Abel, 169; 1º modelo de I. e Abraão, 171; 2º modelo dos mesmos, 172; 3º modelo dos mesmos, 173; Esaú abençoado por I. e a grande reconciliação futura, 176; Abraão, I. e Jacó, Adão, Abel e Seth, 183.

Ismael: I. prova a misericórdia divina, 121; I. e Agar, 163; Abraão e Adão, I. e Caim, 164; Moisés confrontado com os sábios de I., 195, 197.

Israel: I. prevaricou, 120; Jacó arrependido torna-se I., 178; êxodo de I., 198-214; I. rende graças após a saída do Egito, 204; Moisés institui o culto divino em I., 205; reprimendas à infidelidade de I., 221; I. posto em guarda contra a infidelidade, 268; confusão e dispersão das tribos de I., 269; I. sem líder espiritual, 270; separação das tribos de I., 272; I. privado de líder espiritual com a eleição de Saul, 277.

Israelita: judeu, hebreu e i., 151; prevaricação das tribos i., 165.

-J-

Jacó: "J." = seção IX; J., modelo dos espíritos maus, 173; prevaricação de J., 174; J. se extravia e luta contra o anjo, 177; arrependimento de J., que se torna Israel, 178; nova ordenação e visão da escada, 180; J. opera culto e invocação, 181; Abraão, Isaac e J., Adão, Abel e Seth, 183.

Jared: Enoque, filho de J., 107.

Jezanias: retirada de Booz para o deserto de J., 78.

José: J., modelo de Adão e de Zacarias, 56.

Josué: Moisés, Aarão, Ur e J., modelo da quádrupla essência divina, 206.

Judeu: j., hebreu, israelita, 151.

Justiça: j. de Deus, 17; j. ao Criador, 19.

Justo: Deus é j., 17; os j. e a marca dos assinalados, 42; os j. repousam no círculo saturnário, 132.

-L-

Letra: regra da I. B, 179.

Lei: 1. cerimoniais, 46; 1. imutáveis de todo universo, 219; 1. transmitida por Moisés, 220; mudança das 1. da ação e da operação do menor após sua prevaricação, 235; 1. divina e 1. humana, 236.

Liberdade: 1. do homem em face dos demônios, 81.

Líder: prevaricação dos 1. espirituais divinos, 4; dois principais 1. da vivificação corporal, mais Saturno, 226; Israel sem 1. espiritual depois de Saul, 270, 277.

Livre: Adão, criatura 1., 11.

Luz: 1. e trevas, 124.

Lunar: cálculo 1. e cálculo solar, 158.

Luta: 1. de Jacó contra o anjo, 177.

-M-

Magos: Moisés confrontado com os m. do Egito, 195, 197.

Maiores: potência dos espíritos m. espirituais bons, 223.

Mal: origem do m., 15; não há m. possível em Deus, 17; bem e m., tipificados pelo duplo ternário, 60.

Maná: m., 203.

Manifestações: m. do Cristo antes do Cristo, 41.

Mar Vermelho: passagem do M. V, 202; esta passagem, modelo da 2ª virtude do Criador, 208.

Maria: M., modelo de Eva e de Elizabete, 56.

Marca: m. dos assinalados, 42.

Matéria: forma de m. criada por Adão, 23; separação das tribos de Israel, modelo do fim da m, 274.

Material: criação m., 6; ídolos m. dos egípcios, entre os bens emprestados pelos hebreus, 199; nuvens espirituais e nuvens m., 216.

Maus: espíritos m., tipificados por Jacó, 173.

Menor: operação do Cristo morto em favor dos m. presos em privação divina, 38; essência divina e m., 50; Esaú, modelo do m., 173; o m. opera em três círculos, 217; mudança das leis da ação e da operação do m. após sua prevaricação, 235; fraqueza inata no m., 249; estado atual dos espíritos divinos, m. e perversos, 250. Vide Adão, Homem, Homem-Deus.

Mercúrio: enxofre, sal e m., 73.

Mês: m. dos chineses ou noechitas, 157.

Messias: permanência do M., 88; dez modelos do M., 89.

Misericórdia: Seth, modelo da m. divina, 104; m. divina provada por Ismael, 121; m. de Deus para com o menor, 249.

Missão: m. os três últimos filhos da segunda posteridade de Noé, 153. Vide Apostolado.

Mistério: m. da imensidade divina, 232.

Modelo: *Passim* e, também, Moisés, m. de Adão, 43; m. do duplo ternário no cerimonial de Adão, Abel e Caim, 60; primeiro m. dos acontecimentos advindos a Abel e Caim, 68; Caim, m. da sedução dos espíritos maus, 72; m. de Abel, 82; m. feito por Enoque, 83; dez m. do Messias, 89; véu rasgado, m. do destino dos hebreus, 94; m. feito pelo ternário das três essências espirituosas, 102; Seth, m. da misericórdia divina, 104; m., símbolo, profecia, 118; m. de Noé fluando sobre as águas, 122; arca de Noé, m. do círculo saturnário, 132; m. do corvo de Noé, 134; m. do arco-íris, 137; m. de Abraão e Adão, de Ismael e Caim, 164; m. do Monte Mor-ia, 170; m. das dez espécies de culto, 170; primeiro m. de Abraão e Isaac, 171; 2º modelo dos mesmos, Jacó, m. dos espíritos maus, e Esaú, m. do menor, 173; m. de Abraão, Isaac e Jacó, de Adão, Abel e Seth, 183; m. feito por Moisés no universo, 184; m. do Egito, 185; Moisés, m. de Noé e dos patriarcas passados e futuros, 187; Moisés, m. do Cristo, 189; o êxtase de Moisés, m. do Cristo supliciado, 191; m. do cordeiro pascal, 194; m. da vitória de Moisés: natureza e destino das formas, 196;

m. do pão ázimo: a vida espiritual, 200; Moisés, Aarão, Ur e Josué, m. da quátripla essência divina, 206; m. da primeira virtude do Criador, 207; m. da 2ª virtude do Criador, 209; Saul, Benjamim e a pitonisa, m. da história passada e da história futura, 284. Vide Alusão, Correspondência, Figura, Imagem, Presidem, Profecia, Quadro, Sinal, Símbolo.

Moisés: "M." = seção X; M., modelo de Adão, 43; culto da segunda posteridade de Noé, de M. e da Igreja, 152; modelo feito por M. no universo, 184; nascimento e advento de M., 186; M. repete o modelo de Noé e dos patriarcas passados e futuros, 187; M. salvo das águas e depois descoberto pelo faraó, 188; M. mata um egípcio e se oferece duas vezes em sacrifício ao Criador, 190; êxtase de M. e êxtase do Cristo, 191; M. investido, Aarão e Ur, seus dois auxiliares, 192; M. confrontado com os magos do Egito e os sábios de Ismael, 195, 197; modelo da vitória de M. contra os magos do Egito e os sábios de Ismael, 196; M. exorta o povo a render graças, 204; M. institui o culto divino para Israel, 205; M., Aarão, Ur e Josué, modelo da quátripla essência divina, 206; M. explica a Israel vários modelos, 206-211; M. flutuando sobre as águas, modelo da 1ª virtude do Criador, 207; M. no Sinai, 212; grande discurso de M., 215-250; M. transmite a lei, 220; M. recebe ordem do Criador para a construção de um tabernáculo, 251; segundo discurso

de M., 252-270; realização das ameaças de M., 271.

Moria: o modelo do Monte M. e as espécies de culto, 170.

Morte: m. do Cristo e fim dos tempos, 93; a separação das tribos de Israel, imagem da m. natural, 273.

Morto: três operações do Cristo m., 36-38.

Mudança: m. do culto devido pelo homem, 26; m. das leis cerimoniais, 46; m. causada pela prevaricação dos espíritos perversos, 234; m. depois da prevaricação do menor, 235; duas prevaricações, duas m. na imensidade divina, 237; m. do nome espiritual por Deus, 264.

Mulher: Deus forçado a aceitar a m., 30. vide Eva, Homaça, Huva.

Mundo: espíritos emancipados no m., 230; operações do m. supraceleste, 244; os habitantes dos diferentes m. são diferentes entre si, 245; 1ª alusão do tabernáculo, ao m. supraceleste, 252; 2ª alusão do tabernáculo, ao m. celeste, 253; 3ª alusão do tabernáculo, ao particular ou corpo do homem, 254.

-N-

Nascimento: n. de Caim, 51; n. de Enoque, 109; n. e advento de Moisés, 186.

Natural: a separação das tribos de Israel, imagem da morte n., 273.

Natureza: n. e destino das formas, tipificados pela vitória de Moisés, 196.

Noáquidas: "Sábios N." = seção VI; homens relapsos e punidos depois dos sábios n. e hoje, 141; calendários dos segundos n., 143; segundos n. iguais ao Adão glorioso, 145; culto

dos segundos n., 152. Vide Noé, Noechitas, Posteridade de Noé.

Noé: "N." = seção V; o corvo de Noé, 34; Noé retoma a religião de Enoque, 87; N, de número denário, 113; modelo de N. fluando sobre as águas, 122; castigos de Adão, de N. e dos animais, 127; discurso de N. após o dilúvio, 130, 131; N. reconcilia a terra graças ao seu culto, 133; instrução de N., 138; segunda posteridade de N. restabelece o cerimonial, 139; duas posteridades de N., 140; os quatro primeiros filhos da segunda posteridade de N., 146, 149; dons dos três últimos filhos da segunda posteridade de N., 148; filhos da segunda posteridade de N., 149; a primeira posteridade de N., inferior, 150; culto dos quatro primeiros filhos e dos três últimos filhos da segunda posteridade de N., 152; culto da segunda posteridade de N., de Moisés e da Igreja, 152; missão dos três últimos filhos da segunda posteridade de N., 153; apostolado vitorioso dos mesmos, 154; Moisés repete o modelo de N. e o de vários patriarcas, 187; terra punida sob N., 210. Vide Noáquidas, Noechitas, Posteridades de Noé.

Noechitas: mês dos n. ou chineses, 157; os n. ou chineses ignoram o dilúvio, 160. Vide Noáquidas, Noé, Posteridades de Noé.

Nome: n. convencional de Bethzaleel, 259; n. temporais, 260; n. do homem antes e depois de sua prevaricação, 261; Deus muda o n. espiritual, 264; n. de Seth e n. de Bethzaleel, 266; n. de Benjamim, 278.

Nonário: número n., 74.

Número: virtude dos n., 65; n., 66; n. nonário, 74; n. ensinados a Seth por Hely, 96; superioridade do n. denário, 97; n. da arca (11), 136.

Números: (Os números cuja explicação é particularmente instrutiva são mencionados também no curso do índice, na ordem alfabética de seus nomes).

0:3,98,218.

1: 1-6, 10, 14, 16,18, 20-27, 29, 30, 31, 33, 36, 39, 41, 43, 46-54, 57-60, 62, 64, 66-69, 72, 75, 77, 80, 85, 91, 92, 97, 98, 100, 102, 111, 117, 119, 121-124, 126-129, 131-133, 141, 144, 146, 150, 152-154, 159, 161, 167, 168, 170-175, 180, 181, 184-187, 190, 191, 193, 195, 204, 208, 209, 213, 217, 218, 220, 224, 227, 229, 230, 231, 234, 235, 237-242, 246-248, 250, 252, 257-259, 261, 265, 266, 269, 273, 279, 282, 283. Aproximadamente 1, 60, 68.

2: 10, 16, 23, 33, 37-40, 43, 46, 48, 50, 53, 54, 56, 59, 60-64, 66, 68-77, 80, 83, 84, 91, 97, 99, 100, 103, 104, 114, 119, 121, 123, 128, 129, 132, 137, 139, 140, 143-146, 148-150, 152, 154, 156, 158, 159, 161, 162, 166-168, 170, 172-174, 176, 181, 184, 186, 187, 190, 191, 193, 195-197, 208, 212, 217, 220, 224-226, 229, 231, 237-241, 243, 244, 246, 248, 250, 252, 256, 257, 259, 263, 272,273,281,282.

3: 3, 7, 8, 10, 12, 14, 16, 27, 33, 36-39, 47, 48, 50, 53-55,57, 58, 60, 62, 64, 66, 69, 71-74, 79, 80, 84, 97, 100, 102, 103, 108, 110, 112, 123, 128-131, 137, 139, 140, 146, 148-150,

- 152-154, 156, 159, 160, 161, 163, 164, 170, 171, 173, 180-183, 186, 187, 191, 193, 196, 197, 203, 204, 206, 208, 209, 212, 213, 215, 217, 218, 223-225, 227-231, 233, 234, 237-244, 246, 250, 252, 254, 256, 258, 263, 281.
- 4: 3, 14, 16, 33, 39, 50, 54, 55, 57, 64, 66, 97, 98, 100-103, 108, 109, 123, 146, 149, 152, 154-159, 161, 170, 180-182, 186, 191-193, 196, 197, 205, 206, 208, 209, 215, 217, 223-225, 229-231, 238-242, 246, 252, 253, 257, 258, 261, 263, 265.
- 5: 16, 53, 66, 148, 170, 213, 217, 239, 240, 269, 271-273.
- 6: 22, 23, 48, 53, 60, 66, 97, 100, 101, 109, 146, 148, 153-157, 159, 161, 170, 177, 180, 181, 186, 190, 205, 217, 226, 227, 239, 240, 261.
- 7: 3, 22, 39, 55, 66, 74-76, 84, 94, 97-100, 109, 137, 139, 141, 144, 148, 152, 154, 156, 157, 159, 170, 180-182, 186, 190, 203, 215, 217, 218, 224, 226, 227, 231, 238-241, 246, 250, 263, 265, 269, 271-273, 281.
- 8: 3, 33, 39, 66, 150, 164, 170, 180, 200, 239, 240, 246.
- 9: 53, 66, 74, 75, 85, 117, 170, 180, 239, 240.
- 10: 3, 55, 66, 75, 76, 78, 84, 85, 89, 97-100, 113, 117, 133, 139, 170, 180-182, 186, 197, 216, 218, 224, 226, 229, 231, 238-241, 246, 250, 264.
- 11: 52, 75, 136.
- 12: 164, 227, 230, 231, 269, 271-273.
- 13: 157.
- 14: 159, 186, 193, 202.
- 15: 193, 202-204, 213, 214.
- 16: 231.
- 20: 43.
- 21: 159.
- 24: 146, 161.
- 27: 74.
- 28: 157.
- 30: 136, 168.
- 40: 126-128, 133, 180, 187, 190, 199, 212.
- 45: 59.
- 48: 186.
- 49: 109, 112, 205.
- 50: 136, 205.
- 55: 240.
- 61: 186.
- 63: 159.
- 64: 186.
- 66: 186.
- 70: 76, 88, 156.
- 79: 186.
- 82: 186.
- 100: 108.
- 130: 152.
- 141: 153.
- 300: 33, 136.
- 380: 136.
- 430: 185.
- 1000: 227.
- 4000: 112.
- 6000: 227.
- 7000: 156.
- 15000: 160.
- 20000: 160.
- 25000: 160.
- 1000000 (±): 199.
- 1200000 (±): 199.
- Nuvem: n. camufla o êxodo de Israel, 201; n. espirituais e n. materiais, 216.
- O-
- Obra: o. impura de Adão, 30. Oliveira: modelo do ramo de o. de Noé, 137.

Onze: o., número da arca, 136.
 Opera: o menor o. nos três círculos, 217.
 Operação: o. de Adão sobre o particular, 8; o. de Adão sobre o geral, 9; o. de Adão sobre o universal, 9; 4^a e criminosa o. de Adão, 14; 1^{aa} o. de Adão, 36; 2^a o. de Adão, 37; 3^a e dupla o. de Adão, 38; o. de Adão, Abel e Caim, 59; modelo da mesma, 60; o. diabólica de Caim contra Abel, 61; três o. do advento de Enoque e da reconciliação universal, 112; três o. da criação universal e três partes do corpo humano, 123; dons e o. dos quatro primeiros filhos da segunda posteridade de Noé, 146; o. dos quatro primeiros noáquidas, 149; o. dos três últimos noáquidas, 149; as quatro o. diárias e o cálculo diário, 155; recálculo do tempo das o. pelos chineses, 159; mudança das leis da ação e da o. do menor após sua prevaricação, 235; o. do mundo supraceleste, 244. Vide Culto, Invocação, Religião.
 Ordenação: nova o. de Jacó e sua visão da escada, 180.
 Ordem: o. do Criador para a construção de um tabernáculo, 251.

-P-

Paixão: Caim, nascido de uma p. desordenada, 51.
 Palavra: p. e verbo de criação, 48.
 Pão: modelo do p. ázimo, 200.
 Paraíso: p. terrestre, 22.
 Partes: três p. do corpo humano e três operações da criação universal, 123.
 Particular: operação de Adão sobre o p., 8; 3^a alusão do tabernáculo, ao mundo p. ou corpo do homem, 254.

Partida: p. dos hebreus do Egito, 198.
 Pascal: modelo do cordeiro p., 194.
 Páscoa: a p., 193.
 Passado: modelo da história p., feito por Saul, Benjamim e a pitonisa, 284; patriarcas p. e futuros, 187.
 Passagem: p. do Mar Vermelho, 202; p. do Mar Vermelho, modelo da 2^a virtude do Criador, 208.
 Passiva: vida p. no homem, 80; alma p. e impassiva do homem, 263.
 Patriarcas: seção I-IX; operação do Cristo morto em favor dos santos p., 37; Moisés, modelo dos p., 187.
 Pecado: p. de Adão, 13, 22; p. original, 45.
 Pensamento: p. e vontade, 27; comunicação do pensamento ou intelecto, 28.
 Pensante: Adão, de p., torna-se pensativo, 29; posteridade de Adão pensativa e p., 31.
 Pensativo: Adão, de pensante, torna-se p., 29; posteridade de Adão p. e pensante, 31.
 Persegue: o faraó p. os hebreus, 198.
 Perversão: p. da posteridade de Seth até Enoque, 106.
 Perverso: prevaricação dos espíritos p., 4, 5; mudança causada pela prevaricação dos espíritos p. e intervenção do homem, 234; estado atual dos espíritos p., etc, 250.
 Pitonisa: Saul pressente a p., 280; A p. tenta dissuadir Saul; 281; nova tentativa de Saul, nova advertência da p., 282; a p. evoca Samuel para Saul, 283; Saul, Benjamim e a p. = modelo da história passada e enunciação da história futura, 284.
 Planetário: sinal p. no nascimento de Enoque, 109; sinais p. em geral, 109; sete círculos p., 217.

Planetas: p. e espíritos, 110.

Plano: p. traçado pelo Cristo aos homens, 40.

Poder: p. de vegetação corporal de Adão, 70.

Pomba: p., figura do espírito, particularmente do bom companheiro, 135.

Portas: quatro p. do tabernáculo, quatro p. do corpo do homem, 258.

Posteridade: p. de Adão pensativa e pensante, 31; figuras aparentes do Cristo para a reconciliação das duas p. de Adão, 33; p. de Seth pervertida até Enoque, 106; uma segunda p. de Noé restabelece o cerimonial, 139; duas p. de Noé, 140; duas p. de Adão, 140; calendário da segunda p. de Noé, 144; segunda p. de Noé igual ao Adão glorioso, 145; dons e operações dos quatro primeiros filhos da segunda p. de Noé, 146; dons dos três últimos filhos da segunda p. de Noé, 148; operação da segunda p. de Noé, 149; primeira p. de Noé, inferior, 150; culto da segunda p. de Noé, de Moisés e da Igreja, 152; missão dos três últimos filhos da segunda p. de Noé, 153; apostolado vitorioso da mesma, 154; Isaac, segunda p. de Abraão, em parte reconciliada, 167.

Posteridade de Noé: vide Noáquidas, Noechitas.

Pressente: Saul p. a pitonisa, 280.

Prevaricação: consequências da p. dos líderes espirituais divinos, 4; p. dos primeiros espíritos e sua punição, 5; p. de Adão, p. de Moisés, 43; a p. de Adão produz Huva, 44; p. de Israel, 120; p. das tribos ismaelitas, 165; p. de Jacó, 174; mudança causada pela

p. dos espíritos perversos e intervenção do homem, 234; campos das leis da ação e da operação do menor depois de sua p., 235; duas p., duas mudanças na imensidade divina, 237; nome do homem antes e depois de sua p., 261; p. de Saul, 279.

Primeira: p. posteridade de Noé, inferior, 150.

Primitivo: crime do homem p., 18; Adão p., 103. Vide Glorioso.

Principais: dois líderes p. da vivificação corporal, mais Saturno, 226.

Princípios: três p. das formas, 73.

Prisão: forma de matéria criada por Adão, sua p., 23.

Privação: os menores encerrados em p. divina, 38; p. e cegueira dos homens do século, 117.

Privilégios: p. do homem, 242.

Profecia: advento de Enoque, p. da reconciliação universal, 112; modelo, símbolo, p., 118; p. da história sagrada, por Moisés, 214.

Profetizado: Cam p. pelo corvo de Noé, 34; a grande reconciliação futura p. pela bênção de Esaú por Isaac, 176.

Protegido: o homem decaído e p. por Deus, 116.

Potência: dez, primeira p. divina, 97; p. e armadilhas dos demônios, 222; p. dos espíritos maiores espirituais bons, 223; o ser de dupla p. age eternamente, 248.

Punição: traição e p. de Adão, 20; p. de Caim, 75; p. dos homens relapsos desde os sábios noáquidas e hoje, 141; falta, p. e arrependimento de Esaú, 175; p. da terra sob Adão e sob Noé, 210; crime e p. dos egípcios, 211. Vide Dilúvio, Flagelo.

Punido: Egito p. através de seus bens, 209.

Pureza: Abel concebido em pureza, 54.

Purificação: p. e reintegração, tipificadas pelo cordeiro pascal, 194.

Puros: p. espíritos na imensidade divina, 231.

Putrefação: p. das formas, 71.

-Q-

Quadro: Sinai, q. real do universo inteiro, 215. Vide Modelo e correlates.

Quadro Universal: explicação do mesmo, 224.

Quarenta: q. anos, q. dias, 128.

Quarta: q. e criminosa operação de Adão, 14.

Quaternário: o q. completa a quátripla essência divina, 101; o q., 240.

Quátripla: q. essência divina, 1,3; tripla e q. essência divina, 50; q. essência divina, 101; q. essência divina, tipificada por Moisés, Aarão, Ur e Josué, 206; q. essência divina produz tudo neste mundo, 225.

Quatro: q. classes de espíritos, 3; dois, três, q., 64; um, dois, três, q. e dez, 98; q. primeiros filhos da segunda posteridade de Noé, 146; q. operação dos mesmos, 149; as q. operações diárias e o cálculo diário, 155; o homem contém q., 239; q. portas do tabernáculo corporal do homem, 258.

-R-

Racional: círculo r., 39.

Real: eleição r. de Saul, 277.

Realização: r. das ameaças de Moisés, 271.

Recálculo: r. do tempo das operações pelos chineses, 159. Vide Cálculo.

Reconciliação: r. de Adão, 21; invocação

de Adão para sua r., 25; figuras aparentes do Cristo para a r. das duas posteridades de Adão, 33; r. de Adão, r. de Moisés, 43; necessária r. dos homens, 49; r. universal predita pelo advento de Enoque, 112; r. da terra pelo culto de Noé, 133; r. parcial de Isaac, 167; a grande r. futura, figurada pela bênção de Isaac a Esaú, 176. Vide Futuro, Tempo.

Reconciliou: quais homens o Cristo r.?, 35.

Regra: r. da letra B, 179.

Reintegração: purificação e r., tipificadas pelo cordeiro pascal, 194.

Relapsos: punição dos homens r. após os noechitas e hoje, 141.

Religião: r. de Enoque retomada por Noé, 87. Vide Culto, Invocação, Operação.

Repouso: r. dos justos no círculo saturnário, 132.

Reprimendas: r. à infidelidade de Israel, 221.

Resistência: r. vitoriosa do Cristo a Satã, 276.

Restabelecimento: r. do cerimonial pela segunda posteridade de Noé, 139.

Revolta: r. do 6^a discípulo de Enoque, 85.

Rivalidade: r. entre Abel e seus três irmãos mais velhos, 58.

-S-

Sábios: "Os S. Noáquidas" = seção VI; Moisés confrontado com os s. de Ismael, 195, 197.

Sacrifício: s. de Isaac, 168; s. de Isaac e de Abel, 169; Moisés se oferece duas vezes em s. ao Criador, 190.

- Sagrada: s. trindade, 182; história s., 214.
- Saída: o anjo na s. da arca, 125.
- Sal: enxofre, s.e mercúrio, 73.
- Salvo: Moisés s. das águas, 188.
- Samuel: a pitonisa evoca S. para Saul, 283.
- Sangue: s. do Cristo, de Abel e de Abraão, 92; virtudes do s. para a Páscoa, 193.
- Sarça: Moisés na s. ardente, 191.
- Satã: s. quis corromper o Cristo, corpo e alma, 275.
- Saturnário: círculos., 132.
- Saturno: s. age junto com o eixo fogo central e o sol, 228.
- Saul: "S." = seção XI; eleição real de Saul, 277; qual foi a prevaricação de Saul?, 279; S. pressente a pitonisa, 280; a pitonisa tenta dissuadir S., 281; nova tentativa de S., nova advertência da pitonisa, 282; a pitonisa evoca Samuel para S., 283; S., Benjamim e a pitonisa, modelo da história passada e predição da história futura, 284.
- Século: homens do s., 77; privação e cegueira dos homens do s., 117.
- Sedução: Caim, modelo da s. dos espíritos maus, 72.
- Segunda: a s. posteridade de Noé restabelece o cerimonial, 139; calendário da mesma, 143; culto da mesma, 144, 152; s. posteridade de Noé igual ao Adão glorioso, 145; dons e operações dos quatro primeiros filhos da mesma, 146; dons dos três últimos filhos da mesma, 148; operação da mesma, 149; culto da mesma, de Moisés e da Igreja, 152; missão dos três últimos filhos da mesma, 153; apostolado vitorioso dos mesmos, 154; Isaac, s. posteridade de Abraão, 167.
- Seis: s. dias da criação, 227.
- Senário: o s., 3ª potência divina, emana do denário, 100.
- Sensível: círculo s., 39.
- Sentido: s. do batismo, 265.
- Separação: s. das tribos de Israel, 272; s. das mesmas, imagem da morte natural, 273; s. das mesmas, imagem do fim da matéria, 274.
- Septenário: o s., 2ª potência divina, emana do denário; simbolismo múltiplo do s., 156.
- Ser: o s. de dupla potência age eternamente, 248. Vide Espírito.
- Servidão: 70 anos de s., 88.
- Sete: s. círculos planetários, 217.
- Seth: S., herdeiro de Abel, 95; S. instruído dos números por Hely, 96; S. igual ao Adão primitivo, 103; S., modelo da misericórdia divina, 104; S. instrui Enos do culto divino, 105; posteridade de S. e de Enos pervertida até Enoque, 106; Abraão, Isaac e Jacó, Adão, Abel e S., 183; nome de S. e nome de Bethzaleel, 266.
- Setenta: s. anos de servidão, 88.
- Simbolismo: s. múltiplo do septenário, 156.
- Símbolo: modelo, s., profecia, 118. Vide Modelo e correlatos.
- Sinai: Moisés no Monte S., 212; S., quadro real do universo inteiro, 215; S. contém dez, 218.
- Sinal: s. planetário no nascimento de Enoque, 109; s. planetários em geral, 109. Vide Modelo e correlatos.
- Sol: s. eclipsado na morte do Cristo e fim dos tempos, 93; S., um dos dois

líderes principais, mais Saturno, da vivificação corporal, 226; Saturno age com o eixo fogo central e o S., 228. Vide Ídolos, Bezerra de ouro.

Solar: cálculo lunar e cálculo s., 158.

Superior: vide Eminente.

Superioridade: s. do culto rendido pela segunda posteridade de Noé, 150; s. do homem sobre todas as classes de espíritos, 238.

Suplício: s. e êxtase do Cristo, 191.

Supraceleste: utilidade da imensidade s., 341; emanção dos espíritos do s., 243; operações do mundo s., 244; imensidade divina e imensidade s., 247; 1ª alusão do tabernáculo, ao mundo s., 252.

-T-

Tabernáculo: o Criador ordena a Moisés a construção de um t., 251; quatro alusões do t., 252-255; detalhes da correspondência ternária do t., 256; t. e corpo do homem, 257; quatro portas do t. corporal do homem, 258; o homem em seu corpo como os espíritos no t., 267.

Templo: modelo do véu do t. rasgado, 94.

Tempo: ante do t., 1; fim dos t., 93, 214; abominação no t. do Cristo e depois, 119; divisão espiritual dos t., 147; t. das operações recalculado pelos chineses, 159. Vide Futuro, Reconciliação.

Temporais: n. temporais, 260.

Tentação: t. de Adão, 12.

Tentativa: 1ª tentativa de Saul, advertência da pitonisa, 280; nova tentativa de Saul, nova advertência da pitonisa, 282.

Ternário: modelo do duplo t. no

cerimonial de Adão, Abel e Caim, 60; t., modelo das três essências espirituosas, 102; detalhes da construção t. do tabernáculo, 256.

Terra: Adão homem-Deus da t., 10; Adão abismado na t., 24; t. triangular, modelo de Abel e Caim, 69; tripartição da t. e da criação universal, 108; t. reconciliada pelo culto de Noé, 133; modelo da terra dividida em três, 137; missão dos três últimos filhos da segunda posteridade de Noé para toda a t., 153; t. punida sob Adão e sob Noé, 210.

Terrestre: paraíso t., 22.

Tipologia: t. permanente, 166.

Tradicional: t. mas eminente, o culto do Cristo, 161.

Traição: t. de Adão, 20.

Três: t. operações do Cristo morto, 36-38; t. círculos do curso do homem, 39; dois, t., quatro, 64; t. princípios das formas, 73; t. tipos de vida no homem, 80; um, dois, t., quatro e dez, 98; t. operações do advento de Enoque e da reconciliação universal, 112; t. partes do corpo humano e t. operações da criação universal, 123; modelo da terra dividida em t., 137; t. últimos filhos da segunda posteridade de Noé, 148; operação dos mesmos, 149; culto dos mesmos, 152; missão dos mesmos, 153; apostolado vitorioso dos mesmos, 154; t. círculos onde o menor opera, 217. Vide Tripartição.

Trevas: luz e t., 124.

Triangular: modelo da terra t., 69.

Tribos: prevaricação das t. ismaelitas, 165; confusão e dispersão das t. de Israel, 269; separação das t. de Israel, 272.

Tributários: auxílio aos t., primeiro modelo de Abraão e Isaac, 171.

Trindade: sagrada t., 182.

Tripartição: t. do universo, 7; t. da criação universal e da terra, 108.

Vide Três.

Tripla: t. e quátripla essência divina, 50.

Tudo: t. aqui provém da quátripla essência divina, 225.

-U-

Um: um, dois, três, quatro e dez, 98.

Universal: operação de Adão sobre ou., 9; tripartição da criação u. e tripartição da terra, 108; reconciliação u. predita por Enoque, 112; três operações da criação u. e três partes do corpo humano, 123; explicação do quadro u., 224; 4ª alusão do tabernáculo, ao círculo u., 255.

Universo: tripartição do u., 7; modelo feito por Moisés no u., 184; Sinai, quadro real do u. inteiro, 215; leis imutáveis do u., 219.

Ur: auxiliar, com Aarão, de Moisés investido, 192; Moisés, Aarão, Ur e Josué, modelo da quátripla essência divina, 206.

Utilidade: u. da imensidade supraceleste, 241.

-V-

Vegetação: poder de v. corporal de Adão, 70.

Verbo: v. de criação de Adão, que o usou mal, 22; v. de criação de Adão, 47; v. determinado, 48; a verdade e o v., 131.

Verdade: a v. e o verbo, 131.

Véu: modelo do v. do Templo rasgado, 94.

Vida: três tipos de v. no homem, 80; v. espiritual, tipificada pelo pão ázimo, 200.

Vinda: abominações depois da v. do Cristo, 119.

Virtude: v. dos números, 65; v. do sangue para a Páscoa, 193; modelo das três v. do Criador, 207-209.

Visão: v. da escada por Jacó, 180.

Vitória: modelo da v. de Moisés sobre os magos do Egito e os sábios de Ismael, 196.

Vitoriosa: resistência v. do Cristo a Satã, 276.

Vivificação: dois líderes principais da v. corporal, mais Saturno, 226.

Vontade: pensamento e v., 27; v. e verbo de criação, 48.

-Z-

Zacarias: Z., modelo de Adão e de José, 56.

ÍNDICE ANALÍTICO

I - ADÃO

1. Antes do tempo, a imensidade divina	71
2. Deus, criador de tudo	71
3. Uma quátripla essência divina, quatro classes de primeiros espíritos emanados	72
4. Consequências necessárias da prevaricação dos líderes espirituais divinos ...	73
5. Gênero da prevaricação dos primeiros espíritos e sua punição	73
6. A criação material	74
7. Tripartição do universo	75
8. Adão opera sobre o particular	76
9. Adão opera sobre o geral e o universal	76
10. Adão, homem-Deus da terra	76
11. Adão, criatura livre	77
12. Tentação de Adão	77
13. Adão sucumbe à tentação	78
14. Quarta e criminosa operação de Adão	78
15. Origem do mal	79
16. O homem e o demônio	80
17. Deus é justo, sem mal possível nele	81
18. Explicação do crime do homem original	82
19. Justiça, pois, ao Criador	83
20. Traição e punição de Adão	83
21. Adão arrependido e reconciliado	84
22. Adão, no paraíso terrestre, fez mau uso de seu verbo de criação	85
23. A forma de matéria criada por Adão torna-se sua própria prisão	87
24. O homem abismado na terra	88
25. Invocação de Adão para sua reconciliação	89
26. Mudança do culto devido pelo homem	89
27. Pensamento e vontade	90
28. A comunicação do pensamento ou intelecto	91
29. Adão, de pensante, torna-se pensativo	92
30. Deus forçado a coroar a obra impura de Adão	92
31. A posteridade de Adão pensativa e pensante	93
32. Os homens de exceção	94
33. Figuras aparentes do Cristo para a reconciliação das duas posteridades de Adão	95

34. Cam profetizado pelo corvo de Noé	96
35. Quais homens o Cristo reconciliou?	96
36. Primeira operação do Cristo morto: aos infernos.....	97
37. Segunda operação do Cristo morto: em favor dos santos patriarcas e dos escravos dos demônios	98
38. Terceira e dupla operação do Cristo morto: sobre os menores presos em privação divina	100
39. Os três círculos do curso do homem: sensível, intelectual e racional	101
40. Plano traçado pelo Cristo para os homens	102
41. As manifestações do Cristo antes do Cristo.....	102
42. Justos cooperaram na marca dos assinalados.....	103
43. Moisés, modelo da prevaricação e da reconciliação de Adão.....	104
44. Huva, ou "Homaça", fruto da prevaricação de Adão	105
45. O decreto chamado de pecado original	106
46. Mudança das leis cerimoniais.....	106
47. O verbo de criação posto em Adão pelo Eterno, à sua imagem.....	108
48. A intenção, a vontade e a palavra determinam o verbo de criação	110
49. Necessidade da reconciliação dos homens	111
50. A tripla e a quátripla essência divina, em relação com o menor.....	111

II - CAIM

51. Caim, nascido de uma paixão desordenada	113
52. Cani, irmã digna de Caim	114
53. Abac, irmã digna de Caim e Cani	115

III - ABEL

54. Abel e três outros filhos concebidos na pureza.....	116
55. Abel, filho da paz, ou ser elevado acima de todo sentido espiritual	116
56. Como Adão e Eva, enfim, Elizabete e Zacarias, Maria e José.....	117
57. Culto rendido por Abel, modelo do Cristo	117
58. Rivalidade entre Abel e seus três irmãos mais velhos	118
59. Adão opera com Abel e Caim	119
60. Modelo do duplo ternário, no cerimonial precedente: o bem e o mal.....	120
61. Caim, destituído, opera diabolicamente contra Abel	121
62. Assassinato de Abel por Caim.....	122
63. Dois, número de confusão	124
64. Dois, três, quatro	124
65. Virtude dos números	126

66. Números	126
67. Abel explicado pelo Eterno a Adão e Eva	127
68. Primeiro modelo dos acontecimentos precedentes: os espíritos maiores	128
69. Segundo modelo dos acontecimentos precedentes: a terra triangular	129
70. O poder de vegetação corporal de Adão	129
71. A putrefação das formas	130
72. Caim e o modelo da sedução dos espíritos maus	131
73. Os três princípios das formas: enxofre, sal e mercúrio	132
74. O número nonário	133
75. Punição de Caim	134
76. Caim assassinado por seu filho Booz	135
77. Erro dos homens do século sobre o parricídio precedente	138
78. Recolhimento de Booz no deserto de Jezanias	139
79. Por que os demônios atacam o corpo dos homens em vez do dos animais	140
80. Três espécies de vida no homem: passiva, demoníaca e divina	142
81. O homem é livre em face dos demônios	142
82. Modelos de Abel	143

IV - ENOQUE

83. Enoque, modelo do espírito divino e de sua ação	144
84. Exame do culto rendido por Enoque	144
85. Revolta do sexto discípulo de Enoque	147
86. Enoque transportado ao céu	148
87. Noé retomou a religião de Enoque	149
88. A permanência do Messias e os 70 anos de servidão	149
89. Os dez modelos do Messias	150
90. Abominações representadas pelo crime de Caim	150
91. A expulsão de Adão e a encarnação do Cristo	151
92. O sangue do Cristo prefigurado pelo de Abel e de Abraão	153
93. O sol eclipsado na morte do Cristo, como o será no fim dos tempos	153
94. O véu do Templo rasgado, modelo do destino dos hebreus	154
95. Seth, herdeiro de Abel	156
96. Seth instruído dos números por Hely	156
97. Superioridade do número denário, primeira potência divina	157
98. Um, dois, três, quatro e dez	158
99. O septenário emana do denário, segunda potência divina	159
100. O senário também emana do denário, terceira potência divina	160

101. O quaternário completa a quátripla essência divina	160
102. O ternário, modelo das três essências espirituosas	161
103. Seth, igual ao Adão primitivo	162
104. Seth, modelo também da misericórdia divina	163
105. Seth instrui seu filho Enos do culto divino	164
106. A posteridade de Seth e de Enos pervertida até Enoque.....	165
107. Enoque, ou dedicação, filho de Jared	165
108. Tripartição da criação universal e tripartição da terra	166
109. Do sinal planetário no nascimento de Enoque e dos sinais planetários em geral.....	167
110. Planetas e espíritos	169
111. Os demônios combatem as formas corporais dos homens e dos espíritos.....	171
112. O advento de Enoque prediz a reconciliação universal, em três operações	172

V - NOÉ

113. Noé, de número denário	174
114. Motivos do dilúvio	174
115. Lições a serem tiradas do dilúvio sobre o papel dos demônios	178
116. O Criador protege o homem decaído e sua criação é apenas uma imagem ...	178
117. Privação e cegueira dos homens do século.....	180
118. Modelo, símbolo, profecia	181
119. Abominações no tempo do Cristo e depois de sua vinda	182
120. Israel, em especial, prevaricou	184
121. Ismael prova a misericórdia divina	184
122. Modelo de Noé flutuando sobre as águas, como o Criador	185
123. As três partes do corpo humano e as três operações da criação universal	187
124. A luz e as trevas	188
125. O anjo na saída da arca.....	189
126. A arca misteriosa.....	189
127. Castigos de Adão, castigos de Noé e dos animais.....	190
128. Quarenta anos, quarenta dias.....	191
129. O dilúvio marca o fim e o início de toda criação.....	192
130. <i>Discurso de Noé</i> : sentido do dilúvio	192
131. Continuação e final do discurso de Noé: a verdade e o verbo	194

132.A arca, modelo do círculo saturnário onde repousam os justos	194
133.O culto rendido por Noé reconcilia a terra	195
134.O corvo lembra Caim e anuncia Cam	196
135.A pomba, figura do espírito e, particularmente, do espírito bom companheiro	197
136.O número da arca é 11	197
137.O arco-íris, o ramo de oliveira e a terra dividida em três, também modelos	197
138.Instrução de Noé aos habitantes da arca: a emanação e a criação	198

VI - Os SÁBIOS NOÁQUIDAS

139.Uma segunda posteridade de Noé restabelece o cerimonial	201
140.As duas posteridades de Noé e as duas posteridades de Adão	202
141.Os homens relapsos e sua punição, depois dos sábios noáquidas e hoje	203
142.Flagelos das cidades, ontem e hoje	204
143.O calendário observado pela segunda posteridade de Noé	205
144.Superioridade do culto rendido pela segunda posteridade de Noé	206
145.A segunda posteridade de Noé igual ao Adão glorioso	207
146.Dons e operações dos quatro primeiros filhos da segunda posteridade de Noé	207
147.Importância da divisão espiritual dos tempos	209
148.Dons dos três últimos filhos da segunda posteridade de Noé	209
149.A operação dos quatro primeiros sábios, filhos de Noé, e a dos três últimos	210
150.Inferioridade da primeira posteridade de Noé	211
151.Judeu, hebreu, israelita	211
152.Culto dos segundos noáquidas, culto de Moisés e culto da Igreja	213
153.Missão dos três últimos filhos da segunda posteridade de Noé, para toda a terra	214
154.O apostolado vitorioso dos três últimos filhos da segunda posteridade de Noé	215
155.O cálculo diário e as quatro operações diárias	217
156.O septenário aplicado e seu simbolismo múltiplo	218
157.Os meses dos noechitas ou chineses	220
158.Cálculo lunar e cálculo solar	221
159.Eleição entre os chineses e o recálculo do tempo das operações	221

160. Ignorância do dilúvio entre os noechitas, ou chineses, com tristes consequências	224
161. Tradicional mas eminente, o culto operado pelo Cristo	225

VIII - ABRAÃO

162. Modelo de Abrão-Abraão	227
163. Ismael e Agar	227
164. Abraão e Adão, Ismael e Caim	228
165. Prevaricação das tribos ismaelitas	229
166. A tipologia é permanente	229
167. Isaac, segunda posteridade de Abraão, parcialmente reconciliada	229

VIII - ISAAC

168. Sacrifício de Isaac	231
169. Sacrifício de Isaac e sacrifício de Abel	233
170. O modelo do monte Moria e as dez espécies de culto	233
171. Primeiro modelo de Abraão e Isaac: o auxílio aos tributários	234
172. Segundo modelo de Abraão e Isaac: a aliança divina com os homens	235

IX - JACÓ

173. Jacó, modelo dos espíritos maus, e Esaú, modelo do menor	237
174. Prevaricação de Jacó	238
175. Falta, punição e arrependimento de Esaú	238
176. Esaú abençoado por Isaac e a grande reconciliação futura	239
177. Jacó se extravia e luta contra o anjo	240
178. Arrependimento de Jacó, que se torna Israel	241
179. A regra da letra B	242
180. Nova ordenação de Jacó e sua visão da escada	242
181. Culto e invocação operados por Jacó	244
182. A Santíssima Trindade	246
183. Abraão, Isaac e Jacó; Adão, Abel e Seth	246

X - MOISÉS

184. Anunciação do modelo feito por Moisés no universo	248
185. Que é o Egito?	248
186. Nascimento e advento de Moisés	249
187. Moisés repete o modelo de Noé e dos patriarcas do passado e do futuro	251

188. Moisés salvo das águas e descoberto pelo faraó	252
189. Um modelo do advento do Cristo	254
190. Moisés mata um egípcio e se oferece duas vezes em sacrifício ao Criador	255
191. Êxtase de Moisés na sarça ardente e êxtase do Cristo supliciado	256
192. Moisés investido, Aarão e Ur seus auxiliares	258
193. A Páscoa, graças às virtudes do sangue	259
194. Modelo do cordeiro pascal: purificação e reintegração	261
195. Confronto de Moisés com os magos do Egito e os sábios de Ismael	261
196. Modelo da vitória de Moisés: natureza e destino das formas	263
197. Novo confronto	264
198. Faraó deixa partir os hebreus, depois os persegue	265
199. Os bens que os hebreus emprestaram dos egípcios, entre eles seus ídolos materiais	265
200. Modelo do pão ázimo: a vida espiritual	267
201. Uma nuvem camufla o êxodo de Israel	268
202. Passagem do Mar Vermelho	269
203. O maná	270
204. Moisés exorta o povo a render graças	271
205. Moisés institui o culto divino em Israel	272
206. <i>Explicação de Moisés</i> : Moisés, Aarão, Ur e Josué, modelo da quádrupla essência divina	273
207. Moisés flutua sobre as águas, modelo da primeira virtude do Criador	274
208. Os confrontos e a passagem do Mar Vermelho, modelo da segunda virtude do Criador	274
209. O Egito punido com os bens emprestados dele, modelo da terceira virtude do Criador	275
210. Diferentes punições da terra sob Adão e sob Noé	277
211. O crime e a punição dos egípcios. <i>Fim da explicação de Moisés</i>	278
212. Moisés no Monte Sinai	279
213. O bezerro de ouro e o castigo dos culpados	280
214. Relação dos acontecimentos precedentes com a história sagrada, de Adão ao Cristo e até o fim dos tempos	281
215. <i>Grande discurso de Moisés</i> : Sinai, quadro real do universo inteiro	282
216. Nuvens espirituais e nuvens materiais	284
217. Os três círculos onde o menor opera e os sete círculos planetários	286
218. O Sinai contém 10	287

219. As leis imutáveis de todo o universo	288
220. Moisés, enviado do Eterno, transmite a sua lei	289
221. Reprimendas à infidelidade de Israel	290
222. Potência e armadilhas dos demônios	291
223. Potência dos espíritos maiores espirituais bons	292
224. Explicação do quadro universal	294
225. Tudo neste mundo provém da quátripla essência divina	297
226. Os dois líderes principais da vivificação corporal, o eixo fogo central e o sol	298
227. Os seis dias da criação	299
228. Saturno age em harmonia com o eixo fogo central e o sol	300
229. O eixo fogo central	301
230. Essências e formas corporais próprias dos espíritos emancipados no mundo	302
231. Os puros espíritos na imensidade divina	304
232. Mistério da imensidade divina	306
233. Emissão do homem	306
234. Mudança causada pela prevaricação dos espíritos perversos e intervenção do homem	307
235. Mudança das leis da ação e da operação do menor após sua prevaricação ...	309
236. Lei divina e lei humana	311
237. Duas prevaricações, duas mudanças na imensidade divina	311
238. Superioridade do homem sobre todas as classes de espíritos	313
239. O homem contém 4	315
240. O quaternário	317
241. Utilidade da imensidade divina	319
242. Privilégios do homem	321
243. Emancipação dos espíritos do supraceleste	322
244. Operações do mundo supraceleste	323
245. Os habitantes dos diferentes mundos são diferentes entre si	325
246. O espírito duplamente forte	326
247. Imensidade divina e imensidade supraceleste	327
248. O ser de dupla potência age eternamente	328
249. Fraqueza inata no menor e misericórdia de Deus para com ele	329
250. Estado atual dos espíritos divinos, dos menores e dos espíritos perversos. <i>Fim do grande discurso de Moisés</i>	332
251. Moisés recebe ordem do Criador para a construção de um tabernáculo	335

252. <i>Segundo discurso de Moisés</i> : Primeira alusão do tabernáculo: ao mundo supraceleste	335
253. Segunda alusão do tabernáculo: ao mundo celeste	336
254. Terceira alusão do tabernáculo: ao mundo particular ou corpo do homem ..	337
255. Quarta alusão do tabernáculo: ao círculo universal	337
256. Detalhes da construção ternária do tabernáculo	338
257. O tabernáculo e o corpo do homem	339
258. As quatro portas do tabernáculo corporal do homem	341
259. O nome convencional de Bethzaleel	343
260. Nomes temporais	343
261. O nome do homem antes e depois de sua prevaricação.....	344
262. A circuncisão de Abraão	345
263. Alma passiva e alma impassiva do homem	345
264. É Deus que muda o nome espiritual.....	346
265. Sentido do batismo.....	346
266. O nome de Seth e o nome de Bethzaleel	347
267. O homem está em seu corpo como os espíritos no tabernáculo	348
268. Israel posto em guarda contra a infidelidade.....	348
269. Confusão e dispersão das tribos de Israel	350
270. Israel sem líder espiritual. <i>Fim do segundo discurso de Moisés</i>	351
271. Realização das ameaças de Moisés	351
272. Separação das tribos de Israel	352
273. Essa separação, imagem da morte natural.....	353
274. Essa separação, imagem também do fim prometido à matéria	353
275. Satã quis corromper o Cristo, corpo e alma	354
276. Resistência vitoriosa do Cristo	355

XI - SAUL

277. Desde a eleição real de Saul, Israel privado de líder espiritual	356
278. O nome de Benjamim	357
279. Qual foi a prevaricação de Saul?.....	357
280. Saul pressente a pitonisa	357
281. A pitonisa tenta dissuadir Saul	359
282. Nova tentativa de Saul, nova advertência da pitonisa	362
283. A pitonisa evoca Samuel para Saul	364
284. Saul, Benjamim e a pitonisa fazem o modelo de toda a história passada e predizem toda a história futura	365

Propósito da Ordem Rosacruz

A Ordem Rosacruz, AMORC é uma organização internacional, mística e Templária de caráter cultural, fraternal, não-sectário e não-dogmático, de homens e mulheres dedicados ao estudo e aplicação prática das leis naturais que regem o universo e a vida.

Seu objetivo é promover a evolução da humanidade através do desenvolvimento das potencialidades de cada indivíduo e propiciar uma vida harmoniosa com saúde, felicidade e paz.

A Ordem Rosacruz oferece um sistema eficaz e comprovado de instrução e orientação para o autoconhecimento e compreensão dos processos que determinam a mais alta realização humana. Essa profunda e prática sabedoria, cuidadosamente preservada e desenvolvida pelas Escolas de Mistérios esotéricos, está à disposição de toda pessoa sincera, de mente aberta e motivação positiva e construtiva.

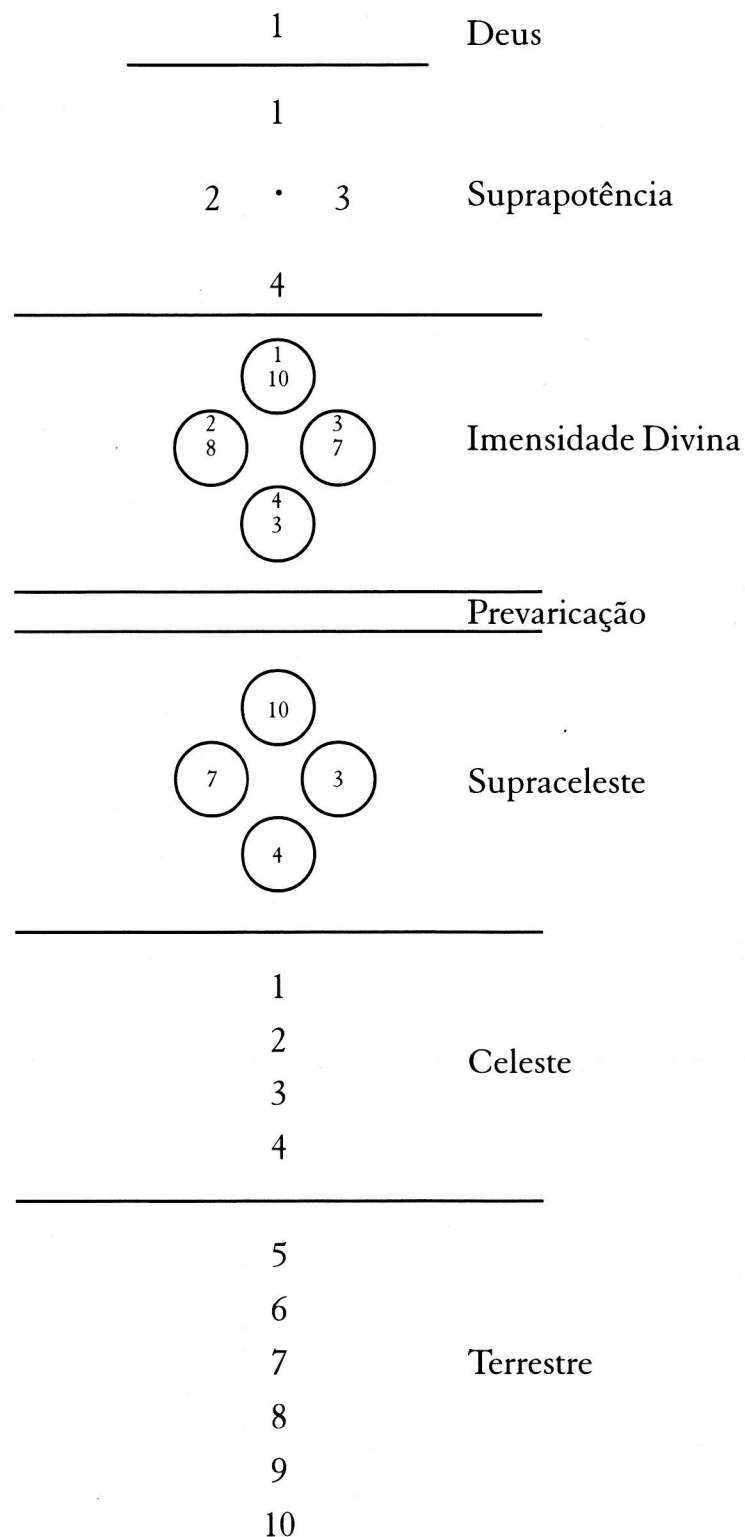
Para mais informações, solicite o informativo gratuito "O Domínio da Vida", escrevendo ou telefonando para:

Ordem Rosacruz, AMORC
Grande Loja da Jurisdição de Língua Portuguesa
Rua Nicarágua, 2620 - Bacacheri - 82515-260
Curitiba - PR - Brasil
Caixa Postal 4450-82501-970
Fone: (0xx41)3351-3000
Fax: (0xx41) 3351 -3065 e 3351-3020
www.amorc.org.br

Missão Rosacruz

*A Ordem Rosacruz, AMORC é uma
Organização Internacional de caráter
místico-filosófico, que tem por
MISSÃO despertar o potencial interior
do ser humano, auxiliando-o em
seu desenvolvimento, em espírito de
fraternidade, respeitando a liberdade
individual, dentro da Tradição e
da Cultura Rosacruz.*

DESENHO DE SAINT-MARTIN CORRIGIDO



O QUADRO UNIVERSAL

SEGUNDO UM MANUSCRITO DO FUNDO WILLERMOZ-L.A.

Na imensidade divina, a distribuição original dos espíritos emanados, com a correspondência entre cada classe de espíritos e o quaternário* e a quátripla essência divina; na imensidade supraceleste, consecutiva à prevaricação, bem como nas imensidades celestes e terrestres, o novo regime dos espíritos emanados e emancipados. Os números que exprimem a composição do celeste e do “terrestre” (a partir de Júpiter) estão ilustrados na figura desenhada por Saint-Martin, à qual se pode reportar.

* Composto de quatro unidades ou elementos

TRATADO DA REINTEGRAÇÃO DOS SERES

*em sua primeira propriedade, virtude
e potência espiritual divina*

O texto fundamental da Tradição Martinista

O *Tratado da Reintegração* constitui o texto fundador do Martinismo. É também um monumento do ocultismo e do esoterismo, da teosofia e da teurgia. Esta é a sua primeira edição autêntica e completa.

Todos os seres provêm de Deus: diretamente, os espíritos; pelo ministério dos anjos, os corpos materiais. A matéria, portanto, não possui realidade, ainda que se preste, no estado atual do mundo, tanto a um bom como a um mau uso; já o lugar normal dos espíritos é a corte divina. Entretanto, muitos espíritos, entre os quais o homem original, deixaram-se cegar pela glória de seus dons divinos, a ponto de terem a ambição de esquecer a glória de Deus.

A cada ser humano e a alguns em especial incumbe *agir*, na companhia dos anjos fiéis, com a graça de Deus e consoante suas instruções, a fim de serem reconciliados e auxiliarem na *reconciliação* da humanidade. No fim das contas, a matéria será reduzida a nada e todos os espíritos serão reintegrados. Como essa reconciliação e essa *reintegração* tornaram-se necessárias? Um raro mestre de iniciação, Martines de Pasqually, responde.



ISBN 978-85-317-0188-7

